



TINNA

Um lar
PARA
CECÍLIA



Um lar
PARA
CECÍLIA

Copyright ©
2020 M.C.S

Copyright © 2020 M.C.S

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Patrícia Suellen.

Diagramação digital: M.C.S - Tinna

Título: Um lar para Cecília.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº .9610. /98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Redes sociais:](#)

[Outras obras da autora:](#)

Capítulo 1

Bianca está sentada na beirada da piscina, com os pés dentro da água, ela era a menor entre as vinte e nove crianças. Aos três anos de idade ela não tem sequer noção do risco que corre. De estar tão perto da água sem um colete salva-vidas. Seus curtos fios castanhos caem em seu ombro, brilhando naquela ensolarada manhã.

Temendo um provável deslize, corro até ela, me agachando ao seu lado, enquanto, passo meus braços em volta dela. Pego-a no colo, com braços protetores e cheios de amor, afastando-a da beirada.

— Meu amor, o que as tias falaram para gente? — Ela estreita os olhos, tentando se recordar, então faz uma careta engraçada por não se lembrar. — Que ninguém deve se aproximar da piscina sem antes colocar o colete salva-vidas. Agora por favor, vá para aquela fila lá, com as suas irmãzinhas e espere. — A pequena assente, então a coloco no chão, que corre em direção a fila, já ansiosa pela sua vez.

Os olhos de tia Luciana se encontram com os meus, ela está preocupada com o que acontecerá daqui a dois dias. Já disse para ela relaxar e curtir esse clube maravilhoso, todos os anos no mês de janeiro temos a oportunidade de usufruir gratuitamente, uma doação do já tão idoso senhor Francisco para o orfanato Coração Nobre.

A diretora do orfanato, Giselda, está mais afastada, sentada em uma espreguiçadeira, deliciando-se com um suco de uva. Ela é um pouco esbelta, tem o cabelo num tom acaju, sempre amarrado em um coque, normalmente veste uma saia longa, uma camisa social, tudo na cor preta, mas hoje ela conseguiu deixar esse lado social de lado e se vestir adequadamente como o local pede, assim trajando um maiô na cor mostarda.

A diretora não é uma mulher ruim, mas depois de tantos anos cuidando do orfanato, muitas vezes abrindo mão da sua vida pessoal, fez dela uma mulher um tanto amarga. Bem, pelo menos é o que as pessoas contam, essas pessoas são as tias do orfanato, como vivo lá há muito tempo, sempre pego uma conversa o outra, mas a parte da mulher amarga nós, as órfãs, constatamos diariamente com as atitudes nadas gentis delas, mas nem todo mundo tem apenas um lado ruim, abrir mão de sua vida para se dedicar aos órfãos, é uma dádiva e tanto.

O lugar está agitado, pois, é temporada de verão, os barulhos das crianças parecem incomodar alguns, mas é difícil fazê-las ficarem em silêncio, já que não temos muitos momentos como esse, e quando essa raridade acontece, a única coisa que podemos fazer é explodir de felicidade.

Tia Luciana guia as crianças até a piscina infantil, terei que ficar aqui, sozinha entre desconhecidos, já que não sou mais

nenhuma *criancinha*, embora tudo o que quero nesses dias é ter de volta os meus oito anos, só assim eu teria mais dez anos pela frente, em consequência mais dez anos no lar temporário.

Às vezes penso que a piscina de adulto parece estar ali somente para dizer que há uma piscina, um enfeite caro sem proveito algum, já que a maioria dos hóspedes está mais preocupados em ficar deitados nas espreguiçadeiras de madeira, com uns óculos na face, e um drinque colorido sobre a mesinha ao seu lado.

Alguns parecem aproveitar melhor as suas férias, deliciando-se na água, bem, pelos menos têm três homens nadando, e mais uma mulher, então não me sinto tão intimidada assim a entrar na piscina. Digamos que vir de um lugar onde só se tem meninas, me deixou um pouco tímida em relação aos meninos, e junte ao fato de enquanto estivermos no orfanato não podemos nos envolver com eles, bem pelo menos de forma amorosa, só piorou ainda mais a minha situação em relação a eles.

Entro na água, que está quentinha devido ao sol mais quente do verão. Não sou uma excelente nadadora, mas sei me virar em uma piscina. Deitada na boia, deixo o meu corpo relaxar, enquanto tento esquecer dos próximos acontecimentos que estão por vir, mas eles estão gravados na minha mente, fincaram raízes e está difícil de esquecê-los.

As palavras de tia Fernanda me atingiram como um chicote nas mãos de um carrasco.

— Pense pelo lado positivo, Cecília, mais uma criança poderá sair da rua e ganhar um lar temporário.

— É claro, e agora uma garota de dezoito anos será colocada na rua no lugar dela. — Mas eu não disse isso, guardei meus pensamentos para mim, afinal a garota que tomaria o meu lugar não tem culpa do meu azar em não ter sido adotada.

E só de pensar que faltam apenas dois dias para esse dia fatídico chegar, sinto um frio sinistro em pleno sol quente de verão.

Se fadas madrinhas existissem como nos contos de fadas, eu pediria a ela que atrasasse o meu aniversário de dezoito anos por um longo período, quem sabe até eu arranjar um emprego?

O meu aniversário nesse ano será um pouco brutal. Tipo: pegue suas malas e dê o fora.

Sei que elas não podem me manter no orfanato depois que eu completar dezoito anos, embora seja o desejo de algumas tias. Nenhuma criança ficou lá por muito tempo, quando digo muito tempo, quero dizer desde seu primeiro mês de vida até atingir a maioridade.

Abandono esses pensamentos quando alguém nada de forma brusca ao meu lado, fazendo-me perder o equilíbrio, e assim virando a minha boia. Solto um grito, afundando, mas volto a superfície, agradecendo mentalmente a tia Luciana por ter conseguido aquelas aulas gratuitas de natação para mim.

O garoto que nadava para, seus olhos estão arregalados, acredito que por um momento pensou que eu morreria afogada e ele seria o culpado.

Ele é magro, suas sardas são bem visíveis ao sol, seu cabelo loiro está molhado, grudados em sua testa.

— Desculpe, não fiz de propósito, apenas me empolguei. — Sorriu, revelando um sorriso metálico.

— Sem problemas. — Respondo, corada, ao perceber que ele é bonitinho. Sardas salpicam o seu nariz, testa e bochechas.

Ele pega a minha boia e a vira, depois a empurra para mim.

— Acho que essa foi a pior maneira de se apresentar a alguém. — Diz e leva a mão até o pescoço.

— Você tem razão. — Concordo, um pouco tímida.

— Desculpe-me de novo. — Pede novamente e volta a nadar, me deixando a sós com os meus pensamentos.

Nado em direção a margem, decidida a deixar a piscina. Assim que faço um garçom surge, me oferecendo um drinque, que ele carrega em sua bandeja com uma única mão, assim como eu já vi em vários filmes.

— Não, obrigada. — Digo. Por saber que nós do orfanato somos extremamente proibidas de beber, e além do mais, bebidas alcoólicas não faz parte do pacote que o senhor Francisco fez para nós, não estou disposta a pagar a conta mais tarde só para matar a curiosidade de saber qual é o gosto desse drinque laranja. Mas sou surpreendida pelo que o garçom diz em seguida.

— O senhorzinho ali que pagou para você. — Diz, e eu noto um certo deboche em seu tom de voz, penso no que eu fiz ou disse de errado, mas sei que provavelmente nada. Talvez ele saiba que eu faço parte do orfanato. Olho na direção onde o garçom aponta e vejo o cara da piscina, ele sorri e acena. Envergonhada, não repito o gesto. Não estou acostumada a flertar.

— Diga a ele que eu agradeço a gentileza, mas eu não bebo. — O garçom assente e se retira, indo em direção ao jovem.

Dei apenas um passo, e paro quando escuto uma exaltação, olho de relance para trás, só para constatar se está vindo de onde

estou pensando. O cara da piscina está falando com o garçom, percebe que eu estou olhando para ele, acena novamente, então me viro para frente e continuo caminhando.

Entro no banheiro feminino. A diretora Giselda sai de um cubículo. Termina de ajeitar o maiô e não diz nada. Ela é uma pessoa silenciosa, respeito o silêncio dela, assim como respeito uma pessoa que fala muito.

Penso que é a oportunidade perfeita, já que estamos aqui, sozinhas, sem nenhuma tia e criança por perto. Penso em tia Luciana, ela disse que estava conversando com a diretora a respeito e que eu deveria ter paciência, mas não aguento, tenho que falar, é a minha vida que está em jogo, preciso me arriscar.

— Diretora Giselda! — Ela me olha com olhos arregalados, assim que a chamo de uma forma um tanto melodramática.

— O que foi, Cecília, está com alguma dor? — Pergunta, em um tom casual, como se não se importasse se de fato eu estivesse sentindo dor.

— Não. A tia Luciana conversou com a senhora?

— Sobre o que exatamente?

— Sobre eu ficar no orfanato trabalhando.

— Ah, sobre isso. — Responde, com um olhar de desdém, ela sempre olha assim para as pessoas. — Sinto muito, Cecília, as vagas estão todas ocupadas. Não posso mandar uma das minhas funcionárias embora para contratar você.

— Sei disso, e nem quero que a senhora faça isso. Só que eu não tenho para aonde ir. — Sem me dar conta, meus olhos se enchem de lágrimas, embora elas queiram cair, engulo o choro, sei que a diretora Giselda não se comove com lágrimas.

— Estamos vendo uma república em outra cidade para você. Poderá ficar lá até completar vinte e um anos. São três anos para você conseguir a sua independência financeira. Três anos para conseguir um emprego e assim alugar uma casa.

— Mas não quero me mudar, quero continuar visitando as crianças.

— Sinto muito, mas é isso, ou a rua. A escolha é sua. Já consegui as passagens para você. Ah, não se esqueça de agradecer o senhor Francisco depois, pois, ele que vai pagar. Para mostrar a consideração que eu tenho por você, permitirei que você fique conosco até o final dos quinze dias que ganhamos para passar aqui. Depois você vai.

— Aposto que isso foi ideia do senhor Francisco. Não consideração sua. — Murmuro.

— Como é que é, mocinha? — A senhora Giselda aperta os lábios em uma linha firme, insinuando que eu repetisse o que eu havia dito.

Giro o meu corpo, dando as costas para ela e sigo para o cubículo, abro a porta brutalmente, entro e a fecho.

— Desculpe, mas estou apertada! — Digo e ela resmunga algo, que não consigo entender, e acho melhor assim.

Ao sair do banheiro o garoto que me derrubou da boia está me esperando. Ele tem uma das mãos apoiada na parede, a outra está atrás do corpo, ele tem um sorriso no rosto. Veste uma bermuda floral e o seu peitoral magro está todo visível.

— Para você. — Diz e me entrega uma flor. Não a pego de imediato, é a primeira vez que um cara me dá uma. O sorriso do

garoto some e seu rosto branco fica corado. — Você não gosta de flores? — Pergunta, decepcionado com a minha reação.

— Sim, eu gosto. — Respondo, pegando a flor da mão dele. — Obrigada. — Digo, notando que eu já tinha visto em algum lugar. Talvez em um dos vasos que ficam em cima das mesas do refeitório. Não, ele não faria isso. Mas se fez, ainda acho um gesto bonitinho.

— Vamos!

— Para onde?

— Dar uma volta por aí. — Olho em volta, procurando uma das tias, todas elas estão ocupadas com as crianças, então não perceberiam que eu saí da nossa área para acompanhar o garoto, que até agora eu não sei o nome.

— Então, qual é o seu nome? — Pergunto, acompanhando-o, deixamos a área da piscina e vamos até o jardim. Aproveito o trajeto e coloco a flor em meu cabelo.

— É Henri. E o seu?

— Cecília.

— Então, Cecília, você está acompanhada de quem? Dos seus pais? — Essa pergunta poderia ser facilmente respondida por outras garotas, mas para mim, é complicado, muitas pessoas não gostam de órfãos. A maioria das pessoas da minha escola não gostava de órfãos. E aqui estamos, em um clube para ricos. O meu status financeiro mudaria o que está começando a acontecer entre nós? Por que tipo, está acontecendo alguma coisa?

— Sim. Com os meus pais. — Coro. Odeio mentiras. Odeio mentir. Mas às vezes uma mentirinha é necessária.

— Qual seria o nome deles? Talvez eu até os conheço.

— E por que você os conheceria? Quero dizer, eles se chamam... eles se chamam... — Quando a gente cresce parece que a nossa imaginação vai diminuindo ao invés de crescer também, quando eu era criança inventei milhares de nomes para os meus pais e agora os nomes favoritos fugiram da minha cabeça. Eu sonhava com o dia que eles viriam me buscar e me dar um lar, com um motivo bem plausível do porquê me abandonaram, isso se existe algum motivo justificável para abandonar uma criança. — Janete e Ângelo. Mas não estamos aqui para falarmos sobre eles.

— Sim, acho melhor falarmos sobre nós. Quanto tempo você vai ficar aqui? — Lembro da conversa com a diretora Giselda.

— Quinze dias.

— Uau, vai ser os melhores quinze dias da minha vida. — Ele diz, sua expressão se fecha de repente, quando um barulho vem da área da piscina, as crianças estão gritando, gargalhando. — Acho que alguém deveria mandar elas pararem.

— Elas estão apenas se divertindo. Pense como deve ser, viver em um lugar sem muitas regalias, e quando se tem a oportunidade de vir em um lugar como este, elas explodem de felicidades. Não podemos reprimi-las.

— É, mas é que os barulhos que elas fazem são irritantes. — A expressão do meu rosto se endurece com a declaração de Henri.

— Como é que é?

— Não precisa me olhar assim. Só estou dizendo a verdade.

— Você não gosta de crianças.

— Gosto. Mas não gosto de crianças barulhentas.

— Crianças barulhentas?

— Sim. Aquelas crianças estão aqui de forma gratuita. Deveriam pelo menos saberem como se comportarem.

— Elas estão apenas sendo crianças.

— Por que você parece tão incomodada com o assunto?

— Eu não estou. — Nervosa, coloco uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

— Sim. Você está.

— Acho que vou voltar para o meu quarto. — Digo já dando um passo à frente.

— O que foi que eu disse?

— Nada. Apenas estou me sentindo indisposta.

— Pelo menos posso te acompanhar? — Ele pede.

— Não precisa.

— Podemos jantar juntos hoje? — Henri faz o convite, e penso que isso só pode ser uma pegadinha. Eu, Cecília, sendo convidada para um jantar!

— Não sei se eu deveria.

— Por que não? — Lembro que o meu lugar é na mesa grande, que o senhor Francisco mantém no refeitório para quando as crianças de orfanatos vêm passar uma temporada aqui. A diretora jamais permitiria que eu saísse para jantar em outra mesa. Ela diz que por respeito ao senhor Francisco não deveremos nos misturar com a elite. Mas que mal tem em quebrar a regra de vez em quando? Daqui a alguns dias nem farei mais parte da família, Coração Nobre, e a diretora não se importa com isso, afinal.

— Tudo bem. Eu aceito jantar com você.

Capítulo 2

Tia Luciana entra no quarto onde estou hospedada, dividindo ele com mais cinco crianças. Ela tem as mãos na cintura, a testa formando vincos, e está muito séria por trás dos seus óculos de aro vermelho. Seu cabelo afro está desgrenhado, aposto que ela nem teve tempo de penteá-lo, já que teve que passar o dia todo de olho nas crianças.

— Te procurei o dia todo. — Ela diz, arfando, parece cansada e um tanto decepcionada com o meu sumiço.

— Não precisa ser tão dramática. Eu nem sumi o dia todo. Eu estava apenas andando por aí. — Deixo um sorriso despontar em meu rosto. — Com um rapaz lindo e legal que conheci. — Ajeito o meu cabelo com a mão, encarando o espelho que cobre toda a parede, um perigo evidente para tantas crianças reunidas aqui.

— Dramática! — Tia Luciana exclama, seriamente. — Você enlouqueceu? Namoros são proibidos.

— Não daqui a dois dias. Eu estive pensando sobre o assunto. Quem sabe ele não me convida para fugir com ele. Claro,

depois que eu tiver coragem de contar que sou órfã. — Murmuro essa última frase para mim mesma.

— Não acredito nisso, Cecília, vai se unir ao desespero e colocar seu futuro nas mãos de um cara que você conheceu, o quê?
— Tia Luciana faz uma cara como se estivesse pensando, ela sopra alguns fios de cabelo para longe dos olhos. — Alguns minutos atrás?

— Não. Não é nada disso. Tenho que pensar em todas as possibilidades.

— Quantos anos ele tem?

— O quê? — Tia Luciana ergue uma de suas sobrancelhas.
— Vinte. — Minto, essa parece uma idade boa para um cara ser responsável por mim.

— Mentirosa. — Essa é a desvantagem de uma pessoa te conhecer tão bem, você jamais vai conseguir mentir para ela.

— Não sou. — Digo e o meu rosto enrubesce, com um forte constrangimento se instalando nele, e em seguida não me controlo, entrego a mim mesma, jogo a cabeça para trás e explodo em uma gargalhada. Tia Luciana sorri também.

— Até que consigo entender o seu desespero. — Ela me encara, com um olhar piedoso.

— Não acredito que não perguntei a idade dele. — Coço o topo da cabeça. — Ele deve ter, sei lá, a minha idade. Talvez até menos. Ele parece ser bem novo. — Vou até uma das seis camas e me sento, afundando no colchão macio.

— Existem outras maneiras de resolver as coisas.

— Não estou com ele apenas por isso. O Henri é legal, me faz sentir especial. Ele me convidou para jantar com ele.

— Você sabe que não pode ir.

— Por favor, deixe eu ir, ninguém nunca me convidou antes.

— Junto as mãos, como se eu tivesse implorando, e, na verdade, estou mesmo. Afinal, não sei quando um rapaz vai me chamar para um encontro novamente.

— Você conhece as regras do orfanato.

— Ninguém precisa saber.

— Não posso compactuar com isso, posso ser prejudicada.

— Se eu for pega, não vou te denunciar. E de qualquer forma, ninguém vai notar a minha ausência.

— As crianças vão. Elas vão começar a perguntar por você. A diretora vai estar lá, eu vou estar lá. E você sabe como eu fico nervosa diante da diretora Giselda.

— *Poxaaa!* — Jogo-me na cama e suspiro, sentindo-me deprimida e derrotada. — É a primeira vez que um garoto se interessa por mim.

— Tenho certeza que depois dele, outros também irão. Não precisa ter pressa só porque está se sentindo carente.

— Eu não me sinto carente. — Alcanço o travesseiro, abraçando-o. Não acredito que estou passando essa impressão para tia Luciana. — Só queria conhecer o Henri um pouco melhor.

— Tudo bem. Eu deixo você ir.

— É sério? — Tia Luciana assente, dou um pulo da cama, corro para os braços dela, dando-lhe um abraço apertado e sincero.

— Muito obrigada mesmo.

— Mas, por favor, tenha cuidado. — Ela não pede, implora.

— Enquanto vocês tiverem no refeitório jantando, eu vou me encontrar com ele. Prometo que não vai demorar mais do que isso.



O ar-condicionado do quarto está ligado, deixando o ambiente em um clima agradável. Cada uma de nós trouxe uma mochila, a mesma que eu usava para estudar, dentro dela tem algumas roupas. Procuro algo que combine com o local, mas o orfanato não ganha muitas doações de roupas para pessoas da minha idade, já que pensam que a maioria dos órfãos são crianças. Acomodo-me no chão, enquanto procuro algo que sirva para o jantar com o Henri.

Tenho uma blusa regata floral e um short, um vestido, que o branquíssimo dele já se foi há muito tempo, está tudo um pouco velho para o meu primeiro encontro. Suspiro, decepcionada ao erguer o vestido no ar. Tia Luciana nota a minha frustração.

— Odeio ser órfã!

— Não fique assim, Cecília. Infelizmente não tenho nada para te emprestar. Queria muito ter algo, é uma pena não vestirmos o mesmo tamanho. — Tia Luciana lamenta.

— Não, tudo bem, é que estou no meio de uma crise existencial. Só faltam dois dias. E isso me assusta. Não sei para aonde ir. Não tenho família. Não tenho ninguém. É uma vida solitária. Só quero me apegar em alguém.

— Eu queria que você pudesse contar comigo mais um pouco. — Pobre tia Luciana, sempre disposta a ajudar os outros, mas quando é com ela, não tem ninguém para lhe estender a mão. Sei que ela vive uma vida conturbada ao lado do marido agressor. Muitas mulheres trabalhando juntas, rende fofocas, e eu vivendo

anos no orfanato, já escutei várias delas. Sei que se ela pudesse me levaria para casa dela.

— Você é ótima. — Levanto-me e tomo a mão dela. — Você sabe que é a melhor pessoa que eu já conheci em minha vida. Um dia quero retribuir tudo o que você fez por mim.

— Que tudo, Cecília? É o meu trabalho. — Ela diz, com olhos marejados.

— Não é só trabalho e a senhora sabe disso, na maior parte é amor. E fico muito grata em ter uma pessoa como a senhora na minha vida. Amo você! — Declaro com sinceridade, preciso dizer, tia Luciana está no orfanato muito anos antes de eu chegar. Convivi dezoito anos com ela, então se tem alguém que posso chamar de mãe em toda a minha vida, esse alguém é ela.

Enfio meus dedos entre as frestas da persiana, olho para fora. Já é noite. As crianças estão agitadas, e sei que permanecerão assim por um bom tempo. Vanusa, a de cabelo cacheado, olhos esbugalhados e a pele parda, está fazendo beicinho para chorar, sua pele está queimada, apressada para ir brincar na beira de piscina, mentiu falando que já havia passado o protetor solar, e passou o dia todo no sol sem proteção alguma, e agora está sofrendo as consequências da sua mentira.

Enquanto uma criança chora, as outras gritam, e eu só queria ficar um minuto em silêncio, mas sei que isso é impossível vivendo em um orfanato, a não ser que a diretora Giselda esteja por perto, aí todos ficam em silêncio.

Já perdi a conta de quantas crianças passaram pelo Coração Nobre, crianças trazidas de várias partes do Brasil, vindas de outro abrigo que estava superlotado. Algumas eu me apeguei mais, outras

eu nem tive tempo de conhecer direito, mas eu fui a que permaneci, com uma dose de culpa minha.

Opto por usar o vestido branco, que não é mais tão branco assim. Solto minhas madeixas loiras. Uso uma maquiagem leve, nada muito exagerado, para que não chame a atenção das outras tias. Depois de me aprontar ajudo tia Luciana a ajeitar às cinco crianças que estão no quarto, preparando-se para o jantar.

— Soube que você vai morar na rua. — Diz Vanusa.

— Não é bem assim.

— Brenda disse que vai acontecer o mesmo comigo. Que ninguém vai querer me adotar. E quando eu completar dezoito anos vou ter que morar na rua também.

— Brenda é uma menina malvada que merece uns corretivos.

— Cecília! — Tia Luciana chama meu nome, com aquele jeitinho que eu sei que vai vir bronca. — Não se deve falar assim de uma criança. Brenda não é uma menina malvada, só se expressa de forma equivocada.

— Mas alguém precisa ensinar uma lição a ela, assim para de se expressar equivocadamente. Só porque Brenda tem o padrão perfeito para ser adotada ela se acha no direito de ficar se desfazendo das outras crianças. Eu vou dar uma lição nela antes de ir embora, é uma promessa.

— Cecília, você não tem mais o que fazer, não? — Tia Luciana diz com uma certa ironia, ela odeia quando questiono, ainda mais me referindo a preferida da diretora Giselda, mas a verdade é que em um lugar como o que vivemos não deveria existir alguém preferido, as crianças já sofrem por não terem pais, elas não

deveriam sofrer mais porque não estão nos padrões de crianças perfeitas para serem adotadas.

Observo de longe todo o pessoal entrar no refeitório. As crianças estão em fila indiana. Elas passam por um corredor formado pelas tias. Observando-as em silêncio assim, tenho certeza que a diretora já está lá dentro.

Sigo em direção ao salão onde os outros hóspedes se reúnem para jantar. Fico no lado de fora, tenho medo de entrar, com certeza essa não é a minha área, e eu estaria muito mais à vontade no refeitório com as crianças.

— Para você. — Henri surge atrás de mim, entregando-me mais uma flor.

— Se continuar roubando as flores dos jarros das mesas, você vai acabar levando uma bronca. — Giro e fico de frente para ele.

— Eu não roubei nada. Vamos. — Diz, e eu o acompanho.

O salão ainda está vazio. As mesas estão arrumadas. Há cinco garçons, um deles vem até nós. Ele nos leva até a nossa mesa. Puxa uma cadeira, e eu me sento. Deixo as minhas mãos caírem em meu colo.

— Acho que esqueci de perguntar a sua idade. — Digo a Henri.

— Acho que sim. — Ele diz. — Tenho dezoito. Fiz no mês passado. E você?

— Vou fazer dezoito daqui a dois dias.

— Sério? — Faço que sim com a cabeça. — Que legal! Acho que podemos fazer uma comemoração. — Não consigo me animar

com a ideia, pois, nunca desejei que os meus dezoito anos chegassem, ainda mais na minha situação.

— Você parece triste.

— Não estou. É só impressão. — Respondo, mas tenho vontade de me jogar nos braços de Henri e chorar um rio de lágrimas, mas me lembro que o conheci há algumas horas, então me controlo.

Há um cardápio na mesa, que está forrada com uma toalha branquíssima, não pude deixar de compará-la ao meu vestido, que está mais para amarelo do que branco.

Olho ao redor, a parede do lado esquerdo é formada por um aquário gigante, com peixes de várias cores e formatos. A água é cristalina, têm algumas pedrinhas coloridas, e algas. Um sorriso se alarga em meu rosto ao ver aquela maravilha. Não resisto. Deixo a mesa e sigo em direção ao aquário praticamente correndo, paro em frente a ele.

— Que coisa mais linda! — Digo empolgada, meu coração bate forte. Viro em direção ao Henri.

Ele diz algo ao garçom, sua expressão está diferente, não transmite mais paz, não consigo escutar o que eles falam, mas parecem discutir sobre bebida. Escuto o meu nome. O garçom nega com a cabeça, diz sinto muito. Bebidas são proibidas para menores.

— Então chame outro garçom. De preferência a um que siga às minhas ordens. — Henri responde ríspido. Então finalmente olha para mim. Um sorriso instantâneo surge em seus lábios carnudos.

— Você não vem? — Pergunto, chamando-o com a mão.

— Não, estou bem aqui. — Responde, não mostrando interesse no aquário. — Mas você pode ficar aí até quando quiser.

Sinta-se à vontade. Vou continuar te esperando.

Depois de minutos ali, observando o aquário, decido retornar à mesa, eu já havia deixado Henri esperando por muito tempo, e eu não queria aborrecê-lo por isso.

— Coisas simples parecem te fascinar. — Ele diz, referindo-se ao aquário.

— É um aquário gigante no lugar da parede, não é uma coisa simples.

— Ok. Você tem razão. — Ele faz uma pausa. — Já fiz o pedido. Espero que você não se importe. — Henri diz, depois que me sento.

— Não precisa se preocupar, qualquer coisa para mim, está de bom tamanho.

— Você aceita uma taça de vinho? — Observo a garrafa sobre a mesa, antes ela não estava aqui. — Faço que não com a cabeça.

Um homem se aproxima, é o garçom, trazendo o nosso jantar. Ele é o mesmo que veio me trazer a bebida oferecida por Henri mais cedo. Ele conseguiu trocar de garçom, então me coloco no lugar do outro e sinto um certo desconforto. O que Henri fez não foi certo, acredito que esse tipo de atitude pode fazer o funcionário perder o emprego. Mas não o confronto em relação a isso, decepcionando o meu interior pelo meu silêncio.

— Você gosta de ravióli? — Faço uma careta engraçada, não sei *do* que se trata e nem do que é feito, assinto timidamente enquanto o garçom nos serve.

— Cecília! — Alguém grita, e sinto minhas mãos gelarem. — Cecília! — É uma voz de criança e está correndo para mim.

Não acredito nisso!

Congelo. Não sei o que fazer. Não sei como reagir. Henri me olha surpreso. O garçom faz uma reverência e nos deixa. Os passos estão mais perto, então ela para ao lado da minha cadeira.

— Ceci, não podemos jantar fora do refeitório. Você sabe das regras. — Bruna, uma das órfãs diz. — Eu segui você até aqui. — *É percebi*, penso. — Só estava esperando o momento certo para te chamar e te salvar da diretora Giselda.

Bem na hora que eu iria comer, obrigada, penso.

— Cecília, você conhece essa garota? — Henri questiona, e eu nego com a cabeça. — Então caia fora órfã imunda. — Meu estômago embrulha, eu não escutei isso, o doce e gentil Henri não diria esse tipo de coisa se referindo a uma criança.

— Órfã sim. Imunda não. — Bruna rebate e mostra a língua para Henri.

— Você nem deveria estar aqui, pirralha, há um refeitório esperando por pessoas como você. — Pessoas como você? O que Henri quer dizer com isso? Eu sou uma pessoa como Bruna. Meu coração sangra. Tem um nó em minha garganta.

— Garçom! — Henri grita e o homem do outro lado do salão vem até ele. — Leve está criatura irritante para longe daqui. Mostre-a o lugar dela. — O garçom estende a mão para Bruna, mas ela não a segura.

— Você é mau. — Diz ela, com os olhos marejados e então se vira para mim. — Ceci, você não vem?

— Você tem certeza que não a conhece? Pois, ela sabe o seu nome. — Ergo o meu queixo, disposta a respondê-lo, com a verdade.

— Sim, eu a conheço, porque também sou uma órfã imunda.
— Digo, pondo-me de pé, Henri faz uma careta de nojo, ele sente repulsa por mim.

— Você está com as órfãs. — Ele afirma, decepcionado. — Você mentiu para mim.

— E você mentiu para mim, se fingindo de bom moço.

— Você é nojenta! — Meu coração dói, assim que as palavras saem com perversidade naquele que eu acreditava que gostava de mim.

Sem pensar, pego a taça de vinho e despejo o líquido na face do Henri, ele me olha atônito. Bruna gargalha.

— Eu vou colocar você e toda a sua corja para fora do clube do meu avô. — Diz, pegando um guardanapo e limpando seu rosto molhado. Mas sua revelação me deixa ainda mais abismada, não consigo acreditar que ele é neto do senhor Francisco.

— Se você é neto do senhor Francisco, lamento por ele. Uma pessoa como ele não merece ter alguém como você na vida dele. Você sim é nojento! Vamos, Bruna.

Estendo a mão para a garota, que a pega.

Deixo o salão com passos largos. Assim que estou fora, solto a mão de Bruna. Corro, enquanto o vento ricocheteia o meu cabelo, desvio de algumas pessoas, deixo a área do refeitório, corro em direção a piscina, pulo na água, com roupa e tudo. Ninguém presenciaria às minhas lágrimas.

Capítulo 3

O fim não foi como eu esperava. Nem nos meus piores pesadelos eu poderia imaginar que a minha noite com Henri terminaria assim.

Estou secando o meu cabelo quando a diretora Giselda entra em meu quarto, sem antes bater na porta, um hábito que ela tem no orfanato e que resolveu trazer para cá também. Ela me olha de cima a baixo, um pensamento sombrio parece passar pelo seu rosto indecifrável.

— Acompanhe-me. — Manda, com a sua voz autoritária de sempre, mas com um tom um pouco diferente, isso revela que algo muito sério está acontecendo.

Sigo em direção ao banheiro para pendurar a toalha no box.

— Onde você pensa que vai?! — Indaga, gritando.

— Só vou guardar a toalha.

— Deixe em qualquer lugar. Não tenho tempo a perder.

Contrariando uma das regras ditadas pela diretora Giselda milhares de vezes, deixo a toalha molhada em cima da cama e a acompanho.

Ela segue na frente com o peitoral estufado, conheço essa postura dela, sei que vem bronca por aí. Tento não pensar no que houve com Henri, mas é inevitável. Será que ele me denunciou? Com o intuito de quê? Só porque eu não disse para ele que sou órfã? Só porque eu derramei vinho nele? Ou porque eu sou órfã?

Estou ficando paranoica.

Entramos em um corredor. Nunca estive nessa área antes. Há desenhos de peixes por toda a extensão da parede, que é pintada de azul-marinho.

Há uma porta aberta no final do corredor, Giselda está indo para lá. Ela entra. Faz sinal com a mão para que eu entre também, assim eu faço. As minhas mãos tremem, meus lábios tremem, não quero parecer fraca, mas quando me deparo com aquele monte de gente rica esperando por mim, meu coração parece que vai sair pela boca.

Abaixo a cabeça, quando a vergonha toma a minha face, amedrontada pelo olhar de Henri, pelo olhar da mulher e do homem que parecem ser os pais deles.

— Bem, aqui está ela. Esta é a Cecília. Confirmem o que ela fez. — Diz a diretora, olhando para Henri.

— Então essa é a órfã que atacou o meu filho. — A mulher de cabelo loiro brilhante diz. Levanto o olhar, não gosto da palavra que ela usou. Então encaro Henri, ele agora tem um olhar perverso.

— Paula, minha filha, quando for se referir a Cecília, chame-a pelo nome. — Diz o senhor Francisco, e fico feliz por ele ainda se lembrar do meu nome, embora eu acredite que o real motivo, seja porque ele foi pronunciado diversas vezes nesta sala, e não pelas dezessete vezes que estive aqui.

Senhor Francisco é um homem de idade, ele ainda tem alguns fios de cabelo branco em sua cabeça praticamente careca. É baixinho e tem uma barriga saliente. Usa uma bengala para o ajudar a se locomover, que está ao lado da cadeira de couro preta, onde ele está sentado do outro lado da mesa de madeira.

— Sim, papai. — A mulher responde. — Henri disse que você o atacou. — Paula suspira e faz uma cara de decepção. — Depois de tudo o que a minha família fez por vocês do orfanato.

— Explique-me, esse ‘atacou’. — Digo e ergo o queixo.

— Você agrediu fisicamente o meu filho na face e depois jogou vinho nele. Olha a situação da camisa dele. — Diz, apontando para a camisa de Henri. — E tudo isso porque ele recusou a te dar bebida, respeitando o fato de que você é menor de idade.

— Mentiroso! — Grito para Henri e para Paula. — Isso é mentira!

— Olha os modos, mocinha. — A diretora me repreende.

— Mas ele está mentindo.

— Agora eu sou o mentiroso, é? Você mentiu para mim o tempo todo.

— Eu não o agredi, não fisicamente, apenas joguei o vinho na cara dele. Ele me ofendeu depois que descobriu que eu sou órfã. Antes disso ofendeu a Bruna, uma das meninas do orfanato. E poxa, ela só tem seis anos. Ele disse coisas horríveis. Entre elas, órfã imunda.

— Isso é verdade? — O senhor Francisco pergunta para Henri.

— Claro que não, eu jamais faria isso. O senhor sabe que respeito todo mundo. Não importa a sua situação financeira.

— Diga isso ao garçom. — Desdenho.

— Ela não pode ficar acusando o meu filho dessa maneira.

— A mãe de Henri diz.

— Vou tomar as providências necessárias. — A diretora diz, com uma olhada mortal para mim, e depois se vira para o senhor Francisco. — Sinto muito causar todo esse aborrecimento ao senhor, depois de tudo que fez por nós. Suas doações nos ajudam muito. É uma pena que a Cecília tenha retribuído dessa forma.

— Senhor Francisco, — digo e me aproximo da mesa. Ponho as minhas mãos sobre o tampo. — Eu jamais faria algo para deixar o senhor ofendido ou triste, mas o seu neto me irritou muito com as palavras que ele disse, posso ter jogado vinho na face dele, mas não bati nele, de forma alguma. Se fiz alguma coisa que tenha te ofendido, peço perdão pelo aborrecimento. — Giro meu corpo, determinada a deixar a sala, então dou o primeiro passo que me levará para fora. A diretora grita atrás de mim.

— Volte aqui, Cecília, eu não mandei você sair! — Ela me alcança e segura o meu pulso, sou obrigada a parar. — Depois do seu aniversário, vou te desligar do orfanato Coração Nobre. Eu iria te ajudar depois que você fizesse aniversário, mas você não colabora. Não é digna de compaixão.

— O que a senhora quer dizer com isso? — Viro-me para ela.

— Daqui a dois dias terá que deixar o orfanato.

— Mas não estamos no orfanato. — Tento lembrar a ela. — Estamos em um clube no meio do nada. Não tenho dinheiro. Não tenho nada.

— Pensasse nisso antes de mexer com o neto do senhor Francisco.

— Eu não sabia que o Henri era neto dele.

— Então se fosse outra pessoa tudo bem?

— Eu não disse isso.

— Por favor, Cecília, deixe suas malas prontas. Até lá não quero ver você fora do quarto.

— A senhora não pode fazer isso. — Digo, as lágrimas já enchendo os meus olhos. — Não tenho para aonde ir.

— Você está sempre se metendo em problemas.

— Isso não é verdade. — Uma lágrima cai, limpo-a com uma certa brutalidade, então sem mais conseguir me controlar, um rio delas cai, mas a diretora não se importa, sou apenas mais uma criança chorona para ela, que deveria ter ido embora há muito tempo.

Escuto passos caminhado apressados sobre o piso de madeira, uma mulher passa por nós, mas antes ela esbarra em mim, não tenho nenhuma reação, apenas choro amargamente.

— Desculpe-me. — Ela diz e então se vira para mim. — Estou atrasada para uma reunião. — Passo a mão em meu rosto, querendo fazer as lágrimas irem embora, mas é inevitável, um soluço ameaça eclodir em meu peito, engulo-o e os meus ombros tremem. — *Oh*, desculpe. — A mulher me olha com um olhar piedoso e em seguida para a diretora.

— Cecília, vá para o seu quarto. — A diretora Giselda ordena.

— Ela está bem? — A mulher pergunta.

— Sim, ela apenas está fazendo drama. Cecília é mestra nisso.

— Mas não parece ser drama. — A mulher coloca a mão em meu ombro e o afaga, reprimo-me com o gesto de afeto da mulher desconhecida, então ela tira a mão de mim. — Vamos, querida, diga-me o que está acontecendo.

— Por favor, não se intrometa em assuntos alheios. — A diretora Giselda não se contém em ser grossa, aliás, grosseria é o sobrenome dela. A mulher não parece se incomodar, mas parece estar acostumada a lidar com pessoas assim.

— Vamos, querida. — A mulher toma a minha mão. — Pode confiar em mim. — Nego com a cabeça, depois do que Henri fez não sei se consigo confiar em alguém novamente.

— Ela tem que ir para o quarto, sou responsável por ela, portanto, me dê licença. — Diz a diretora e me pega pela mão, sinto-me obrigada a acompanhá-la.

As pessoas nos olham enquanto vamos para o quarto, ainda não consegui controlar as minhas lágrimas, elas rolam quentes e tristemente pelas minhas bochechas. Algumas pessoas tentam ser mais discretas e desviam o olhar.

Paramos em frente à porta do quarto. A diretora solta um longo suspiro. Ela tem um olhar raivoso, sei que se pudesse, se livraria de mim hoje mesmo. Abre a porta e aponta para dentro. Entro rapidamente, desejando que a diretora vá embora.

— Não saia daqui de forma alguma. — Ela fecha a porta, mas não a tranca.

Tiro minhas sandálias e as deixo perto da porta. Caminho com passos suaves em direção a cama, me aninho nela, pensando

que será a última vez que terei um lugar confortável para dormir. Puxo o cobertor, cobrindo o meu rosto. Penso em depois de amanhã, para aonde vou? O que será de mim? A situação ficou pior do que eu imaginava, e não há ninguém que eu possa recorrer. As lágrimas continuam caindo, não quero acordar ninguém, mas não consigo me controlar, tenho um aperto no peito e ele me sufoca. Como a diretora pôde ser tão cruel?

Depois de alguns minutos, escuto um barulho, alguém parece estar batendo na porta. Finjo não escutar, não vou abrir.

— Por favor, abra. — É a voz de uma mulher, mas não me parece familiar. Tenho medo. Há muitas crianças aqui, não seria estranho se tivesse algum sequestrador de crianças por aqui, talvez se interessou por alguma das meninas e está planejando sequestrá-la.

Penso na porta. Na chave. A diretora não trancou. Sei que fez isso porque tia Luciana ainda não estava aqui. Ela e as outras tias devem estar em reunião. Falando sobre mim. Penso em levantar da cama, mas não quero fazer barulho e chamar a atenção da pessoa do outro lado. Então penso em me rastejar, ir até à porta e girar a chave. Protegerei essas meninas com unhas e dentes. Nada vai acontecer com elas enquanto eu estiver aqui, afinal, são todas minhas irmãs de coração.

Crio coragem e deixo a cama, caminho com passos vagarosos até a porta, coloco meu ouvido nela, há um silêncio, e em seguida um suspiro, depois passos.

— Quem é você? E o que você está fazendo aqui? — É a tia Luciana. Meu desejo é abrir essa porta e chamá-la de minha heroína. Tia Luciana sempre chegando na hora certa.

— Oh, desculpe-me, meu nome é Vera. Quero falar com a mocinha que entrou neste quarto.

Mocinha? A única mocinha que tem aqui sou eu. Quem é essa mulher e o que ela pretende falar comigo? A curiosidade me consome, mas resisto, não posso sair do quarto, a diretora pode aparecer a qualquer momento e não quero deixá-la ainda mais zangada.

— Se você me disser de qual mocinha você está se referindo eu posso conversar com a diretora a respeito. As crianças deste quarto são todas de um orfanato, elas não costumam falar com estranhos. Você tem uma ordem da diretora para falar com ela?

— Não. Meu nome é Vera. Sou filha do senhor Francisco.

— Ah! Desculpe-me, eu não sabia.

— Está tudo bem, você tem razão de ter toda essa precaução, hoje em dia não dá para confiar em ninguém.

— Mas me diga o que você quer falar com ela? Provavelmente neste horário ela deve estar dormindo, mas posso falar para ela te procurar amanhã.

— Não pode ser hoje? Prometo que vai valer a pena.

— Sinto muito, mas tenho ordens da diretora para não deixar a Cecília sair do quarto, a diretora foi dormir, amanhã eu posso falar com ela, que uma das filhas do senhor Francisco quer falar com uma de nossas meninas.

— Ok. Certo. Mas por favor, não esquece.

— Pode deixar, eu não vou esquecer, boa noite.

— Boa noite.

Tento ser mais rápida que a tia Luciana, corro em direção a cama, não quero que ela pense que eu estava bisbilhotando, apesar

de claramente estar fazendo isso. Tia Luciana é mais rápida, e antes de conseguir subir na cama ela escancara a porta.

— Cecília! — Ela diz meu nome naquele tom de que acabou de me pegar no flagra. — Você não estava dormindo? — Giro meu corpo para ficar de frente para ela e me sento na cama.

— Desculpe, escutei aquela mulher me chamando, mas não fui atender. Fiquei com medo.

— E você está certa em ter medo. — Diz e vem até mim. — Você não sabia quem ela era.

— Mas agora eu sei. Mais uma filha do senhor Francisco, disposta a defender o inocente Henri.

— Eu sei o que houve.

— Na verdade, você sabe o que aconteceu na versão dele. Na minha é diferente.

— E eu acredito em você. — Tia Luciana pega as minhas mãos e me olha nos olhos, me transmitindo confiança. — Ei, pode ter certeza que farei a diretora mudar de ideia em relação a você.

— Ela me expulsou.

— Ela estava com raiva. Amanhã já deve ter mudado de ideia.

— Não quero mais a ajuda dela.

— O quê? Você não pode ir para rua. — Tia Luciana se exalta. — Você vai ter que aceitar a ajuda dela sim.

— Ela me humilhou.

— Ceci. — Ela coloca uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha. — A rua não é um lugar para você, aliás, não é para ninguém. Por favor, durma uma pouco, refresque a mente, amanhã a gente conversa.

— O que aquela mulher quer comigo?

— Não sei, Ceci.

— Estou cansada. — Digo.

— Então deite, amanhã é outro dia e vai ficar tudo bem.

Tudo vai se resolver você vai ver. — Não consigo deixar de sorrir, mas não é um sorriso de alegria.

— Você sabe que isso não é verdade.

Capítulo 4

A noite foi quente e longa. Foi longa porque eu não consegui dormir como eu pensei que faria, revivendo aquele meu terrível momento em frente à família do senhor Francisco e logo depois tendo que escutar a terrível sentença da diretora Giselda. E foi quente porque uma das meninas começou a tossir, portanto, tia Luciana levantou e desligou o ar-condicionado, deixando a gente à mercê do calor, que me fez livrar-me do cobertor.

Eu poderia fugir agora. Não faria diferença alguma nenhuma morar na rua hoje ou daqui a um dia, esse já seria meu destino mesmo. Eu poderia tentar conseguir um emprego, não importa qual, o importante era conseguir um pouco de grana e alugar pelo menos um quartinho até eu conseguir me estabilizar.

Com um sol quente e reconfortante entrando pela janela aberta para arejar o quarto, ajudo tia Luciana a dar banho e vestir às cinco crianças. Elas acordaram agitadas, pois, farão um passeio em uma trilha pela reserva que faz parte do clube, estão todas ansiosas e um tanto descontroláveis.

— Dizem que tem uma onça lá! — Digo empolgada, e os olhos de Bianca se arregalam, ela faz bico, ameaçando chorar.

— Cecília, você está bem grandinha, *hein*? — Diz tia Luciana, em um tom de reprovação.

— Desculpe, tia Lu, me empolguei. — Retorço os meus lábios, reprimindo um sorriso.

— É uma pena que você não vai poder ir. Vai ser tão legal. — Comenta Bianca, depois que termino de pentear seu cabelo, prendendo-o em um rabo de cavalo.

— Se divirta por mim. — Toco no nariz dela com a ponta do meu dedo indicador. — Próxima!

— A Bianca é a última. — Tia Luciana responde. — Crianças vamos tomar café. Cecília, daqui a pouco trago o seu café, vou aproveitar para conversar com a diretora para você ir falar com a filha do senhor Francisco.

— Tudo bem, eu espero, mas por favor não demore. Estou morrendo de fome.

Não demore, essa frase funcionou melhor do que eu esperava. Tia Luciana retornou quinze minutos depois. Com o meu café, e com um recado da filha do senhor Francisco. Ela nem precisou convencer à diretora Giselda em deixar a Vera falar comigo, pois, a mulher já tinha ido até a diretora e dado o seu recado. Algumas palavrinhas mágicas funcionam muito bem se tratando da diretora Giselda e algumas delas são: eu sou a filha do senhor Francisco. Não que eu ache ruim toda essa consideração que a diretora Giselda tem por pessoas ricas, mas se fosse outra pessoa ela não iria ceder de forma alguma.

A diretora dá muito valor a quem ajuda manter o orfanato, então se for para ela ficar do lado de um doador ou de uma órfã problemática, é claro que ela vai ficar do lado do doador, embora ela tenha um certo “grau familiar” com a órfã. Porque ela mesma vive ressaltando que somos uma família, apesar de não termos nenhum laço de sangue.

Pego a bandeja das mãos de tia Luciana, como um pouco depressa, ela me repreende com o olhar, finjo que não vejo, há coisas mais importantes do que isso, uma delas é matar a minha fome. Com todo o ocorrido com o Henri ontem à noite, esqueci de jantar, e agora meu estômago ronca em protesto.

Dou a primeira mordida no misto quente, o queijo está do jeito que eu gosto, derretendo. Dou um gole no suco, é o meu favorito, de manga, feito com polpa. Está tudo perfeito demais para ser verdade. Tia Luciana me olha com certa repulsa, estou comendo rápido demais, lambuzando todo o meu rosto com a gordura do queijo.

— Desculpe, mas estou faminta. — Comento, com a boca cheia.

Depois de terminar tudo que estava na bandeja, limpo o meu rosto com o guardanapo.

— Estava tudo maravilhoso. — Digo, pondo a mão em minha barriga.

— Por favor, agora vá se aprontar. Vera está te esperando na piscina.

— Ela está me esperando? Pensei que ela fosse marcar um horário. Não que ela tivesse me esperando todo esse tempo. Se você tivesse me falado antes eu teria ido lá falar com ela primeiro.

— Não se preocupe com isso. Vera disse que você poderia levar o tempo que fosse para tomar o seu café, ela não tem pressa. E está louca para falar com você.

— Se é assim, então, está tudo ok.

No espelho do banheiro, observo meu rosto, meus olhos estão inchados depois do choro de ontem à noite. Espremo um pouco da pasta na escova e a levo até boca, escovando os dentes. Observo o meu cabelo, não há muito o que fazer com ele, já que está sempre rebelde. Meus fios dourados estão desalinhados e ainda mais ressecados do que costumam ser. Passo o pente com cuidado nele, faço um coque bem no topo da cabeça, escondendo minhas madeixas, que hoje não estão cooperando comigo.

Eu queria ter dito não para Vera. Queria ter dito que eu não queria falar com ela, por que afinal o que eu teria para falar com ela, e ela comigo? Não nos conhecemos. Mas sempre sou vencida pela curiosidade, e às vezes esse meu jeito me prejudica, principalmente com as tias do orfanato. Lembro de uma que ficou por dois anos trabalhando lá que sempre dizia aquele famoso ditado para mim: *a curiosidade matou o gato*.

Mas Vera não parece ser uma pessoa má, certo? Tenho certeza que ela deve ter um coração enorme igual ao do senhor Francisco, ou não, Henri é neto dele e não tem um coração tão grande assim. Ele é cruel e manipula as pessoas para elas pensarem que ele é bom.

Balanço a cabeça negativamente em frente ao espelho. Como eu pude cair na dele? Carência. Ela só me mete em cilada.

Deixo o quarto e sigo até a área da piscina. Ainda é cedo e está vazia, a não ser para a mulher ocupando uma das mesas, ela

lê uma revista. Ao me aproximar, estreito os olhos, lendo o título, é uma revista de moda. Vera realmente tem cara de que gosta desse assunto, ela tem uma maneira de se vestir muito elegante. Em nosso primeiro encontro ela usava um vestido preto simples, mas com uma costura impecável, que encaixou perfeitamente em seu corpo curvilíneo para a idade que ela aparenta ter, espero que quando eu chegar na idade dela saiba me vestir assim como ela.

Ao perceber que estou ali, Vera fecha a revista e a põe em cima da mesa. Ajeita-se na cadeira e cruza as pernas, aponta para a cadeira vazia, convidando-me a sentar.

— Bom dia! — Diz com um sorriso no rosto. Ela usa um batom *nude* e está divinamente maquiada.

— Bom dia! — Respondo e puxo a cadeira, me acomodando nela. Sobre a mesa há duas xícaras, uma perto de Vera e outra perto da cadeira onde me sentei.

— Luciana me contou a sua história. — A surpresa passa pelos meus olhos, tia Luciana não me contou esse detalhe.

— Ah! Ela contou, é? — Tento parecer indiferente.

— Não foi por mal. Escutei boa parte da sua conversa com a diretora.

— Aquilo não foi exatamente uma conversa.

— Você vai fazer dezoito anos e vai ter que deixar o orfanato? — Pergunta, com um certo pesar na voz.

— Deixar não é bem a palavra. Vou ser enxotada de lá. — Esclareço sem rodeios.

— Deve ser uma sensação horrível. Turbilhões de pensamentos devem passar pela sua cabeça. — Assinto, fitando a

mesa, não quero chorar, aperto os olhos, evitando as lágrimas que sempre aparecem quando toco nesse assunto.

— Desculpe se eu vou ser indiscreta, mas ninguém nunca quis te adotar? — Levanto a cabeça, sorrio para ela, sem nenhum humor. — Ofendi você?

— Não. — Respondo seriamente. — Pego a xícara que estava sobre a mesa e bebo sem pedir permissão. Quase cuspo ao sentir o gosto de chá, odeio chá. Ainda mais aqueles que amargam.

— É chá-verde. É um pouco amargo.

— É, eu percebi.

— Eu deveria ter pedido outra coisa para você.

— Não tenho costume de falar sobre a minha vida para estranhos.

— Ok. Então você não gosta de se abrir.

— É complicado, pensar e falar sobre isso sempre me faz chorar. Sabe, sou uma garota bonita para ter sido tão desprezada. — Um sorriso surge nos cantos dos lábios de Vera. — Mas parece que tem pessoas que nascem para ser odiadas. É assim e pronto. Ninguém dá a chance de conhecê-las de verdade, é só olhar para cara dela, que já é odiada, então o desprezo vem. Infelizmente eu pareço ser uma dessas pessoas.

— Isso não é verdade. Gosto de você.

— Na verdade, você está com pena de mim. Vejo isso em seus olhos. — Dou mais uma golada no chá, faço uma careta.

— Pode até ser um pouco de pena, mas também gosto de você. E quem não teria ao ver uma situação como a sua?

— A diretora Giselda. — Vera crispa os lábios, parece refletir.

— Não, não estou falando mal dela, tenho muito o que agradecer a

ela, afinal, foram dezoito anos, ela me viu crescer, apesar dela se manter mais distante das crianças, a diretora tem um certo laço familiar por elas, apesar de não saber o que isso realmente significa. Mas ela poderia ter me deixado ficar. Um mês atrás uma das tias pediu demissão, tia Luciana pediu para guardar a vaga para mim, que logo eu faria dezoito, mas ela se recusou, dizendo que não poderia esperar muito tempo, já que as crianças dão trabalho, e elas realmente dão, mas o que custava para ela esperar trinta dias? Sempre ajudo com as crianças. Eu nem iria cobrar, só queria ter um teto para eu continuar dormindo, e sabe, comida na mesa.

Vera parece ser uma pessoa emotiva e eu me calo. Ela também se cala. Tem lágrimas nos olhos dela, e eu não sei o que fazer. Talvez eu não devesse ter falado com toda essa carga emocional. Olho para os lados, vendo se já tem pessoas ocupando a área da piscina. Vera passa a mãos nos olhos, limpando as lágrimas que ameaçaram cair. Ela descruza as pernas e se recosta na cadeira.

— A minha história é um pouco parecida com a sua. — Comenta, e um olhar surpreso passa pelo meu rosto.

— O que você quer dizer com isso? Você não tem cara de que um dia não teve um teto para morar e muito menos faltou comida na mesa.

— Sou adotada. — Surpresa, termino o resto do chá amargo. Encaro a mulher de olhos gentis.

— Você não é filha do senhor Francisco? — Pergunto, observando os traços da mulher, e lembrando da imagem do velho Francisco, buscando alguma semelhança entre os dois.

— Não, mas é como se ele realmente tivesse sido o meu pai.

— Ele é um homem muito bom.

— Sim, ele é. Se a vida não tivesse colocado ele e mamãe em meu caminho eu não sei o que seria de mim.

— Como vocês se conheceram? Eles estavam procurando alguma criança para adotar? — Questiono, curiosa.

— Minha história de vida é um pouco triste, mas prometo contá-la a você sem chorar.

— Prometa mesmo, senão eu vou chorar também. E convenhamos que não será uma cena bonita em plena área da piscina.

Capítulo 5

Vera

Era uma manhã conturbada de março há quarenta anos. Com nove anos eu sabia muito bem o que eu queria da vida naquele momento: fugir do orfanato onde vivia precariamente com mais de vinte e cinco crianças. O local tinha capacidade para dezoito crianças e já tinha passado do seu limite, e todo mundo sabia que se chegasse mais uma criança, a diretora iria colocá-la para dentro.

Fugir não era difícil, já que as tias raramente sentiam falta de alguma criança quando ela não estava na mesa ou quando exigiam todas em um mesmo ambiente.

A comida que nos davam eram precárias, mas esse não foi realmente o motivo que me levou a fugir. A diretora Maria era realmente uma mulher má com todas as crianças ali. Ela batia, dava castigos apavorantes. Temíamos só de escutar a voz dela.

Não sei o que levou a diretora a tomar a decisão de ser responsável por um orfanato, onde isso incluiria acolher crianças. Não há como você trabalhar em um ramo desses sem amor. Se você não gosta de crianças, é melhor não tomar conta delas, mesmo isso envolvendo dinheiro.

Uma das tias estava na porta, esperando passarmos em fila para fazer a contagem, era o horário de irmos à escola, e eu me atrasei, acordei tarde, fiquei sem café da manhã (porque se você perdesse o

horário do café você ficava sem ele) então descí a escada correndo e continuei correndo para alcançar as outras crianças. Um erro terrível que eu sabia que eu não deveria ter cometido.

— Vera! — A voz da diretora retumbou pela sala vazia. Estremeci. Minhas pernas pareciam gelatinas. — Já disse que não é para correr no orfanato. — Girei meu corpo para ficar de frente para ela e pedir desculpas, mas nesse movimento esbarrei a minha mochila, que estava em minhas costas no vaso que ficava em cima de uma mesa ao lado da porta. Só vi ele cair e se espatifar em alguns pedaços de porcelana no chão de tacos.

Engoli em seco. O medo fez um nó em minha garganta. As lágrimas encheram os meus olhos no mesmo instante. Abaixei a cabeça e cerrei os punhos, meus ombros tremiam.

— *Idiota!* Você viu o que você fez? — A diretora gritou e não consegui impedir as lágrimas de descerem, elas vieram em jorros quentes e constantes.

A diretora Maria se aproximou e segurou em meu braço com uma certa violência.

— Desculpe, desculpe, desculpe! — Pedi, no intuito que ela tivesse compaixão de mim, implorando para que ela me perdoasse.

— Desculpe não vai consertar o que você fez. Você não pode sair por aí destruindo tudo.

— Não fiz de propósito. — Expliquei, enquanto minhas lágrimas manchavam meu rosto.

— Quando você retornar da escola irá receber o castigo que merece. Agora vá! Antes que atrase todo mundo, *coisa imprestável*. — Ela me soltou e corri em direção ao portão, mas me deparei com ele fechado, eu não estava vendo mais o ônibus, não havia mais ninguém ali. Se a diretora descobrisse que perdi o ônibus, provavelmente me colocaria de castigo, aplicando-o duas vezes pior.

Olhei para trás, a diretora Maria já havia fechado a porta, ela não tinha me visto aqui, menos mal. Eu poderia ficar escondida em algum lugar do orfanato, esperando a van com as crianças retornarem e então me unir a elas sorrateiramente, mas eu correria o risco de ser pega por uma das tias, então uma ideia tomou forma em minha mente. Eu poderia fugir e não sofrer mais nas mãos da diretora. Era uma opção mais bonita, mais fantasiosa, era a que eu queria e tomei para mim.

Eu só tinha que escalar o portão e foi isso que eu fiz. Escalei cada centímetro dele entre lágrimas e soluços, querendo fugir dela, quando toquei o chão do outro lado meus ombros relaxaram, como se tivessem tirado um peso de cima deles.

A rua estava deserta, o sol forte de verão castigava os meus olhos, olhei para baixo, eu tinha uma mochila em minhas costas, nela continha um caderno, lápis e borracha. Eu vestia um vestido na cor azul-celeste com um babado na beirada, minhas sapatilhas eram velhas e desconfortáveis, já que eram menores que meu número.

Aos nove anos de idade eu tinha o mundo à minha frente. Eu pensei em como fugir milhares de vezes, mas daquela vez era sério. Iniciei uma caminhada sem rumo, não sabia para aonde ir, nem ao menos conhecia a cidade, só sabia que eu precisava me livrar da diretora.

Quando eu pensava em uma fuga nunca pensei no que poderia acontecer de ruim, sempre pensei que tudo seria mágico, uma família iria me resgatar, uma família amorosa e carinhosa me levaria para a sua casa, cuidaria de mim como seu eu realmente fosse parte deles, e eu nunca mais sofreria com a rejeição, mas não foi exatamente o que aconteceu naquele dia.

Depois de horas caminhando, o sapato apertado começou a fazer efeito, meus pés protestavam de dor, estavam cheios de bolhas. Eu precisava parar. Cheguei à praça da cidade e me sentei em um dos bancos, meu estômago roncou, estava faminta, e não tinha ideia de como conseguiria comida. Senti pânico. Olhei ao redor, tinha algumas pessoas

ali e senti medo delas, queria sair dali o mais rápido que eu conseguisse, mas os meus pés não estavam me ajudando. Tirei os sapatos e levei-os na mão.

Já era noite e eu ainda não havia comido nada. Estava próxima a um restaurante, o cheiro de comida invadiu as minhas narinas e eu quase desmaiei, a fome parecia ter triplicado.

Olhei pela vidraça, observando as pessoas se maravilharem com deliciosos pratos, minha boca salivou. Deixei as sapatilhas caírem e não me importei em abaixar para pegá-las, de qualquer forma não estavam me servindo mesmo, eu só queria matar a minha fome.

Inocente, segui em direção à porta, mas fui barrada ali mesmo.

— Onde você pensa que vai? — Perguntou um homem grande, trajando um terno preto. Nenhuma resposta saiu da minha boca, então me preparei para fugir. Atrapalhei-me quando comecei a correr, eu estava sem as sapatilhas, meus pés estavam protegidos apenas pelas meias, e elas não impediram que as pedras me machucassem.

Resmunguei, parei de correr e comecei a pular com um pé só. Não vi que o homem estava vindo atrás de mim, com pernas mais longas e mais disposição ele me alcançou.

— Não precisava ter fugido. Sei o que você quer. Aparecem muitos de você por aqui.

Muitos de você por aqui? Naquele momento eu não sabia o que isso significava, alguns dias depois eu descobriria da pior forma possível.

— Venha, vou te dar um prato de comida, mas não entre vocês costumam assustar os clientes. — Assenti e esperei do lado de fora. O homem trouxe algo embalado em uma embalagem de alumínio.

— Muito obrigada! — Eu disse, já tirando a tampa da embalagem, ansiosa para colocar algo no meu estômago.

— De nada, mas coma longe daqui.

— Certo.

Afastei-me do restaurante e sentei em frente à porta de uma loja. De longe avistei uma mulher, ela estava deitada em cima de um papelão, um cachorro a acompanhava, ela parecia estar olhando para mim, e ela realmente estava. Pensei que ela também não deveria ter comido nada o dia todo. Levantei e com passos vagarosos fui até ela.

A mulher não se levantou e não disse nada com a minha aproximação. Virei um pouco da comida na tampa e estendi para ela, seus olhos castanhos se arregalaram surpresos, então ela finalmente se sentou, pegou a tampa com às duas mãos, tirou uma porção e deu para o seu cachorro, que faminto abocanhou a comida rapidamente.

Comemos ali em um silêncio estranho e assustador, às vezes eu falava, mas ela não me respondia. Mesmo assim contei minha história para ela, que apontou para o papelão, me convidando a passar a noite ali com ela, e depois daquele dia passei cinco meses na companhia de Janaina, demorou um mês para ela falar comigo a primeira vez.

Janaina me protegia contra pessoas mal-intencionadas, ela me ensinou a malícia do mundo, principalmente a dos homens, com garotinhas da minha idade. No quinto mês na rua, eu adoeci. Meu corpo estava fraco, eu não tinha nem forças para me levantar.

Era uma noite fria, e eu queimava de febre. Era raro, mas às vezes pessoas bondosas iam servir sopas na rua, Janaina disse que era o meu dia de sorte, que a sopa poderia me curar, já que eu fiquei doente provavelmente por causa da fome. Ela me daria a sopa dela, assim deixando uma refeição para eu comer no dia seguinte.

Janaina tinha razão, aquela sopa salvaria a minha vida em todos os sentidos.

Ela era jovem, devia ter seus vinte e três anos, tinha o mais belo sorriso e a alegria transbordava em seu olhar ao servi os moradores de rua. Ela se aproximou de mim e de Janaina, empacou seu olhar em mim e seu sorriso sumiu, como se a tristeza e a compaixão tivessem tomado conta dela.

— Aqui! — Disse, entregando duas sopas para Janaina. — Para você e sua filha.

— Ela não é a minha filha.

— Ah! Não?

— Não. Estou apenas fazendo companhia para ela. Vera está muito doente. — Disse, eu nunca tinha visto Janaina falar tanto nesse tempo em que estive com ela. — Ela precisa de um médico, urgentemente.

Margarida, a minha futura mãe, esposa do Francisco, não hesitou em nenhum momento, mas eu não queria me separar de Janaina, minha companheira de dia e de noite.

— Não posso ficar sem você. — Eu disse para Janaina em meio as lágrimas.

— Você precisa de um hospital, em breve iremos nos ver de novo. — Essa foi a mentira mais dolorosa que eu já tinha escutado.

— Você promete? — Ela assentiu, mas não olhou em meus olhos e essa foi a última vez que eu a vi.

Margarida me levou ao hospital com o marido. No leito hospitalar escutei eles falando sobre mim, ela queria me adotar, me tirar das ruas, mas o conflito maior era a mãe dela.

— Se o que você quer é tirá-la das ruas, leve-a para um orfanato. Você nem sabe que tipo de doença essa *trombadinha* deve ter.

— Mãe! — A mãe de Margarida era o preconceito em pessoa, mas ela não desistiu de mim, lutou por mim até o fim, até que fui adotada por ela e o Francisco. Eles me deram o melhor que poderiam, principalmente a felicidade, que eu demorei nove anos para conhecer.



— Desculpe, mas a senhora está sugerindo que eu fuja, passe cinco meses na rua e depois quem sabe uma família me adote? — Cecília me interrompe em um tom sarcástico e nada gentil.

— Não é nada disso. — Respondi, um tanto triste com a atitude dela.

— Não tenho tempo para escutar historinhas, tenho que pensar em soluções para os próximos passos da minha vida. — Ela suspira, parece cansada, e agora tudo o eu quero, é tirar esse peso dos ombros dela, assim como Margarida tirou dos meus.

— Sei disso, por isso estou aqui. — Cecília se recosta na cadeira e me olha com um olhar sério, suas sobrancelhas se unem formando uma única linha.

— Vou adotar você.

Capítulo 6

Cecília

As palavras de Vera flutuam em um mar de confusão na minha mente. Não sei como interpretá-las, como uma bênção ou uma piada de muito mal gosto. Não escuto mais nada ao meu redor enquanto tento processar aquelas que parecem ser simples palavras, mas que tem o poder de mudar o meu destino. Acho que nesse momento não existe mais cor em meu rosto. Pego a xícara, já vazia de chá em minhas mãos, mantendo-as ocupadas, mas nem isso impede-as de tremerem. Vera a pega da minha mão, assim que nota o quanto estou nervosa. Ela pousa a xícara na mesa.

Meu coração de repente parece que vai despencar do meu peito. Não sei o que pensar. Não sei o que dizer. Há alguns minutos eu estava sem esperança e agora Vera me deu uma e não sei se devo acreditar nela. Já escutei lindas palavras em minha vida, e as que ela disse podem ser apenas mais uma. Vera está brincando com os meus sentimentos?

Então deito minha testa no tampo da mesa e explodo em lágrimas, um soluço ecoa do meu peito e as palavras ficam entaladas em minha garganta. Choro lágrimas de desespero, esperança, e de medo.

— Cecília, você está se sentindo bem? — Percebo preocupação na voz de Vera, mas não há voz em mim. — Por favor, fala comigo. — Ela implora, tocando em meu ombro. Arquejo meu peito e minha respiração se tornam ofegante. Vera está chamando por alguém, passos se aproximam e quando param, ela pede um copo de água.

A pessoa sai e retorna alguns minutos depois.

— Obrigada. — Responde Vera. — Tome, Cecília, beba, vai te fazer bem. — Ela pega a minha mão e a encosta no copo gelado, levanto o olhar, enxugo os olhos com as costas da mão. Pego o copo de água e bebo todo o líquido. — Você está melhor? — Balanço a cabeça negativamente. — O que eu disse de errado?

— Eu vou adotar você. — Sussurro as palavras, que ao invés de me alegrarem só me feriram.

— Mas por que seria errado eu dizer isso? — Pergunta, com tristeza na voz.

— Não se deve brincar com os sentimentos das pessoas! — Esbravejo e uma nova onda de lágrimas ameaça transbordar, mas as engulo.

— Eu não estou brincando, Cecília. Eu jamais seria capaz de fazer isso. — Pisco meus olhos, confusa, então encaro os de Vera, querendo ver algum traço de mentira nele, o mesmo que não percebi eufórica demais quando aquelas famílias me adotaram. Como me tornei tão sem esperança?

— Você não pode estar falando sério.

— Por que eu não estaria?

— Vou fazer dezoito anos amanhã, não se adota uma pessoa na minha idade.

— Sei que parece estranho, mas só quero te ajudar, é o mínimo que eu posso fazer ao ver a sua situação, não posso fechar meus olhos e fingir que eu não estou vendo.

— Você vai me adotar por pena, é isso?

— Não, vou fazer isso por amor.

— *Ah, tá.* — Desdenho.

— Sei que é difícil para você acreditar nas palavras de uma estranha, mas eu nasci para fazer o bem, enquanto eu tiver forças para fazê-lo, eu irei. Você só precisa dizer sim... — Ela faz uma pausa, estende a mão e coloca sobre a minha, que está sobre a mesa. — Ou não. De qualquer forma a escolha é sua, embora eu quisesse que fosse só minha, caso você dissesse não.

— O que você vai fazer comigo? Vou fazer dezoito, não tem lógica, não seria mais fácil a senhora adotar uma das meninas?

— Mas o meu coração escolheu você. — Olho para face de Vera, percebo algumas rugas situadas aqui e ali, ela tem o olhar doce e sincero, seus cabelos caem em ondas douradas em seu ombro. Pergunto-me se o meu coração a escolheu também? Quando uma adoção acontece há uma conexão de ambas as partes, é o que busco em Vera agora, então faço perguntas.

— Ok. Se eu aceitar o que vamos fazer depois de amanhã quando eu atingir a maioridade e for responsável por mim mesma? Você vai me levar para a sua casa?

— Sim. — Ela responde sem pestanejar, como se fosse normal para ela levar uma pessoa desconhecida para dentro de casa.

— E todo mundo vai aceitar? Seu marido? Seus filhos?

— O meu marido faleceu há um ano, e eu tenho um filho, ele trabalha na maior parte do tempo, ele vai para o Rio de Janeiro em junho para fazer faculdade, neste momento ele está em casa, porque está de férias.

— E ele não vai achar estranho você me levar para casa sem comunicar nada a ele?

— Querida, eu trabalho, sustento a casa, sou dona das minhas próprias escolhas e decisões, quanto a isso, não se preocupe.

— Ok. E o que eu vou fazer lá? Limpar a casa, lavar, passar? — Indago, esperando ansiosa por uma resposta.

— Não estou contratando uma empregada. — Responde Vera, unindo as sobrancelhas, formando rugas em sua testa. Ela parece ofendida com a minha pergunta, crispa os lábios e eu não sei se peço desculpas, mas não acredito mais em contos de fadas e muito menos em pessoas boas demais. Esta oferta está boa demais para ser verdade, tem que ter um erro, uma pequena fresta, algo que ela não esteja querendo me contar.

Ponho minhas mãos em meu colo, esfrego uma delas, no vestido, limpando o suor.

O local já conta com algumas famílias reunidas. Olho para uma delas. É perfeita. É um casal, acompanhando sua filha que aparenta ter cinco anos. O pai ensina a filha a nadar. Ele a coloca na água, seus braços estão debaixo da barriga dela, dando suporte.

A garota se deleita na água enquanto a mãe tira uma foto, provavelmente para postar no Instagram a maravilhosa manhã que estão passando em família.

Volto a minha atenção para Vera, pensando em que tipo de família seríamos. Penso no filho dela, em como ele aceitará essa ideia. Tipo: Filho, essa é a sua nova irmã. Será que ele vai reagir bem? Ou vai reagir muito mal? Eu sou uma estranha, e hoje em dia com tudo de ruim acontecendo no mundo não se leva uma pessoa que não conhece para dentro de casa.

Seguro na beirada da mesa e me coloco de pé.

— Preciso ir. — Digo, enquanto a brisa da manhã sopra em meu rosto, sinto-a profundamente, como um calmante natural. Semicerro os olhos ao observar novamente a família.

— É uma família bonita. — Vera acompanha o meu olhar. — Você está tendo a chance de ter uma também. Não desperdice a essa oportunidade por medo de ser amada.

— Medo de ser amada? — Uno as sobrancelhas e faço uma careta de desgosto.

— Sim. Você está tão acostumada a ser rejeitada, que tem medo de tentar novamente e ser rejeitada mais uma vez.

— E você deve saber muito sobre a minha vida, né? — Cruzo os braços.

— Sei que você sofreu muito com as famílias que tentaram te adotar. Sinto muito, Cecília, mas você tem que acreditar que não teve culpa de nada. Você não teve culpa. — Ela diz com ênfase. — Acredite, você pode ser feliz de novo. Venha morar comigo. Você vai ser muito bem-vinda lá em casa.

— Preciso pensar. Conversar com a tia Luciana.

— Se você acha que precisa conversar com ela, tudo bem, vá lá falar com ela. Mas tenho certeza que a opinião dela é mesma que a minha. — Respiro fundo.

— Só espera um momento. — Peço.

— Vou esperar o tempo que for. — Vera diz, com um sorriso.

Giro meu corpo e corro em direção onde penso que tia Luciana está.

Escuto os gritos das crianças na área da piscina própria para elas. Tia Luciana veste o colete salva-vidas em Caroline, me aproximo das duas, ao mesmo tempo que estou eufórica, estou cheia de medos e incertezas.

— Preciso falar com você. — Peço com a voz ofegante.

— Não está vendo que ela está ocupada! Ela está aqui para trabalhar, não para ficar batendo papo com órfãs. — A diretora exclama, deitada na espreguiçadeira. — E que eu saiba era para você estar em seu quarto.

— É sobre a filha do senhor Francisco. Ela me pediu para que eu viesse falar com a tia Luciana. — Explico. O semblante da diretora Giselda muda de raiva para calmo de repente.

— Ok. Como se trata da filha do nosso doador número um, não vejo problema nenhum, mas Luciana continue fazendo o seu trabalho ao mesmo tempo que conversa. Hoje ainda temos uma trilha para fazer. — Ela diz, apenas para manter a conversa bem próxima de seus ouvidos curiosos.

— Sim, senhora. — Tia Luciana responde.

— Ela quer me adotar. — Digo aos sussurros para tia Luciana, que dá um sorriso, como se já soubesse de tudo.

— Quem quer te adotar? — Pergunta Ana Belle, a outra garota que tia Luciana está colocando o colete. — Coloco a mão na boca dela para que pare de falar.

— *Shhh*, é segredo.

— Por que é segredo, se é uma coisa boa? — Ana Belle pergunta.

— Pois, não sei se eu vou aceitar ainda.

— Como não sabe? — Tia Luciana pergunta, com uma voz irritada.

— É um passo muito grande para se dar assim.

— Mas é o que você mais quis durante todos esses anos.

— Certo, até os meus quinze anos. Não faz sentido eu ser adotada agora. Quando eu era criança ansiava por uma família, queria muito ter uma mãe como todas as minhas amigas. Mas só tive decepções.

— A Vera é diferente. — Tia Luciana me explica.

— Você nem a conhece.

— Ela é filha do senhor Francisco.

— O Henri é neto dele e olha o ser maligno que ele revelou ser.

— Vera me contou a história dela, e entendo porque ela está fazendo isso por você. Se eu pudesse também faria o mesmo.

— Todo mundo querendo uma mãe e você dispensando. — Diz Ana Belle, cruzando os braços e fechando a cara.

— Ceci, vai ser feliz. Aceite a proposta dela. — Luciana me implora com o olhar.

— Sim, Ceci, aceita. — Ana Belle diz, com um sorriso de orelha a orelha.

Os olhares delas imploram que eu aceite, tento vencer o meu outro lado que é contra essa ideia, mas penso na chance que o destino está me dando e penso que me agarrar a ela, é a coisa mais sensata que posso fazer no momento.

— Tudo bem, acho que vou dizer sim, se der errado, abandono tudo e vou embora.

— Não vai dar errado. — Acrescenta tia Luciana, com seus olhos pretos dançando de felicidade.

— Pessoal, a Cecília vai ser adotada! — Ana Belle grita, anunciando para todos os que estão presentes.

Há uma comoção geral por parte das crianças, que não se contém em apenas arregalarem seus olhos de surpresa, mas sim pulam, batem palmas e dão gritinhos de alegrias, comemorando por mim, e percebo o quanto sou amada por elas e o quanto querem o meu bem.

A diretora dá um pulo da espreguiçadeira, vem até mim, tira os óculos escuros e os coloca no topo da cabeça.

— Silêncio! — Grita, e as crianças se calam. — Como isso aconteceu? Você já é quase maior de idade.

— A Vera vai me adotar.

— A filha do senhor Francisco? — Assinto. — Mas por quê?

— Ela quer me ajudar. Não quer que eu vá morar na rua.

— Cecília. — Tento acreditar no que estou vendo, mas a imagem é surreal, há lágrimas nos olhos da diretora. — Pode parecer que não, mas sempre torci por você, sempre torci para que você achasse uma família e que uma família te achasse. — Ela me puxa para um abraço, surpreendendo-me ainda mais, retribuo o gesto e um coral de “*oooh*” se forma, com risinhos. — Silêncio! —

Ela grita, e as crianças se calam novamente. — Tenho certeza que vai dar tudo certo. Todos da família, Coração Nobre estaremos torcendo por você. — Assinto, e as lágrimas hoje parecem não querer me abandonar. Deixo os braços da diretora e vou para os de Luciana.

— Muito obrigada por tudo. Nunca esquecerei o que você fez por mim. — Confidencio.

— Ainda não é uma despedida.

— Você tem razão. Agora tenho que ir, não quero deixar a Vera me esperando por mais tempo.

Dou o primeiro passo em direção a área dos adultos, sou surpreendida por um coral infantil que vem atrás de mim.

— Boa sorte, Cecília! — Olho para elas e aceno.

— Obrigada! — Agradeço.

A sensação é esquisita no meu peito. Ainda não aceitei a realidade, um futuro completamente diferente do que eu imaginei bem próximo a mim, ao alcance das minhas mãos. Eu vou ter uma família. Eu vou ser adotada. Respiro fundo, não vou chorar mais, lágrimas me deixam ainda mais ansiosa, e tudo o que preciso no momento é me acalmar, acreditar.

É real, é real, é real...

Depois de anos sonhando, imaginando, finalmente aconteceu, é de verdade.

Aproximo-me de Vera, ela ergue a mão no ar e acena para mim, aceno de volta.

Estou nervosa. Meus batimentos cardíacos se aceleram. Tenho medo de desabar a qualquer momento.

Então uno as mãos e relaxo, um sorriso surge em minha face, os olhos de Vera anseiam por uma resposta, e dou uma a ela.

— Sim, eu aceito ser adotada pela senhora.

Capítulo 7

Lá fora, as primeiras estrelas cintilam no céu escuro. Já é noite e ainda estou tentando acreditar nos últimos acontecimentos. Dobro a minha última peça de roupa e coloco dentro da mala. Um ponto interrogativo paira sobre a minha cabeça. Estou inquieta, quero ocupar as minhas mãos, ocupar a minha mente, mas nada do que eu faça consegue fazer ela parar de funcionar e deixar de girar com tudo o que aconteceu mais cedo.

Passei toda a tarde conversando na excelente companhia de Vera, que me falou o quanto pôde sobre ela. Ela mais do que eu estava ansiosa para que eu conhecesse um pouco mais dela e de sua família. E fiquei contente por ela estar tão disposta a falar, afinal eu preciso saber onde estou me metendo.

Vera é cirurgiã geral. Mora em um apartamento no Itaim Bibi em São Paulo há vários anos. Ela destacou a importância de seus plantões no hospital, o que leva ela a passar algumas noites fora, sendo assim não contaria com a presença dela em casa. Então eu sentiria um pouco de solidão durante alguns dias, mas eu estaria

livre para sair e aproveitar o que a cidade tem de bom quando eu quisesse.

Falou-me sobre o filho, que em breve vai cursar medicina no Rio de Janeiro, assim seguindo os passos da mãe. Ele tem vinte e um anos, e Vera prometeu que eu e ele nos daremos muito bem, e foi naquele momento que me lembrei da última irmã adotiva que eu tive, nós com certeza não nos demos bem, nenhum pouco. Mas espero realmente que seja como Vera disse, já que eu, já tenho o Henri como ovelha negra da família, e o fato que eu não posso mais mudar é que de agora em diante seremos “primos”, ele querendo ou não. Essa nova realidade me assusta. Há algumas horas eu não tinha nenhum laço familiar, já imaginei inúmeras datas comemorativas onde eu passaria sozinha depois que eu saísse do orfanato, e agora eu tenho uma família com quem comemorar, mais tem aquela dúvida que cresce eu meu peito: eu realmente serei bem-vinda por todos?

Encosto minha testa na vidraça, ainda está quente, apesar de ser noite, mas o sol forte deixou sua marca por algumas horinhas a mais, contemplo o céu, e agradeço pela bela dádiva que recebi hoje.



Em cada aniversário das crianças a diretora consegue arrecadações e faz uma festinha, lá mesmo no orfanato. Não têm convidados de fora, apenas as crianças e as tias. Nunca uma criança ficou sem uma festinha, e às vezes quando Giselda percebe que não vai conseguir a arrecadação necessária, ela junta as

crianças que fazem aniversário no mesmo mês e faz uma festa só. A diretora também tem seu lado bom, como qualquer ser humano, e essa preocupação em comemorar as datas de aniversários das crianças é uma coisa que admiro muito nela.

Eu não teria uma festa, já que estou de saída do orfanato e estamos de férias no clube do senhor Francisco. Mas Vera disse que conseguiria providenciar alguma coisa para mim, não só para o aniversário, mas também para comemorar a minha despedida do orfanato.

Espreguço-me na cama e não acredito que já chegou o grande dia. Tenho dezoito anos. Tenho um lar.

Jogo a coberta para o lado, feliz da vida, como eu não estive há algumas semanas. Tateio o chão com os pés a procura do meu chinelo.

Tenho muito o que fazer hoje. Ajudar a preparar a minha festa. Chorar muito. Despedir-me de quem eu amo.

Há dezoito anos conheço um único caminho. O caminho do orfanato. Ainda estou tentando acreditar que vou seguir outro. Sorrio ao pensar que nunca fui à São Paulo, e muito menos viajei de avião.

Um friozinho na barriga me incomoda. Vou para o banheiro tomar um banho e tentar relaxar. As crianças que estão dividindo o quarto comigo ainda estão dormindo. Tia Luciana não está mais aqui, deve ter ido se encontrar com a diretora para ela passar as tarefas do dia.

Olho para o espelho embaçado, após ter tomado um banho quente. Agora eu terei um sobrenome. Vera me prometeu isso também, ela me disse que não iria demorar a resolver isso.

Visto minha roupa, uma blusa de renda surrada e um short jeans desbotado. Meu chinelo já está em meus pés. Deixo meu cabelo secar ao natural e olho para a porta, a maçaneta gira, sei que é tia Luciana, então ela entra apressada.

— Você me ajuda com as crianças, há muita coisa para fazer. — Ela pede.

— Mas é claro! Como sempre! — Respondo, piscando para ela.

Eu e tia Luciana acordamos as crianças, que sonolentas protestam, mas nenhuma delas choram. Chorar é proibido, a não ser se você estiver sentindo dor. As crianças aprenderam isso muito rápido, já que sabem que não existe nenhum pai ou mãe para consolá-las, se o choro for apenas para fazer birra.

Sinto tristeza por elas, ainda são muito novas para entenderem o porquê foram abandonadas a própria sorte. Tento ensinar que elas não são as culpadas de terem sido abandonadas, mas às vezes me pergunto se elas entendem, principalmente aquelas que foram abandonadas depois de ter convivido um período com os pais, ou também aquelas que sofreram violência doméstica e até mesmo abuso sexual e foram tiradas dos pais abusadores pelos órgãos responsáveis.

Junto-me as crianças na enorme mesa de madeira, quero aproveitar esse momento com elas, cada minuto que eu puder passar ao lado delas antes de ir embora eu farei. Vera vai embora no domingo, portanto, ainda me restam alguns dias na companhia delas.

Levo um pedaço de brioche a boca e depois dou um gole no café. Tia Luciana está ao meu lado, depois de servir as crianças.

Todas estão em silêncio, assim como elas fazem todos os dias durante as refeições no orfanato.

— Podem conversar. — Todas as cabeças se viram na direção da diretora, mas não dizem nada, pois, sabem que ela está blefando, provavelmente deve estar esperando a primeira abrir a boca, só para proibir depois e fazer seu discurso do porquê não pode falar durante a refeição. — Podem abrir a matraca de vocês! Perguntem o que quiserem a Cecília, antes que ela vá embora.

Vanessa, a garota de cabelo ruivo e intensos olhos castanhos é a primeira a virar a cabeça em minha direção. Coloca o pão com presunto e queijo que estava segurando em cima do prato.

— Qual o nome da sua mãe? — Penso a respeito da palavra mãe.

— Bem, ela não é a minha mãe, e o nome dela é Vera.

— Como não é a sua mãe? Todas quando somos adotadas, é por uma mãe. — Pergunta Elisa, que está sentada ao lado de tia Luciana.

— É complicado. Mas estou bem velhinha para assimilar essa palavra a Vera agora, eu tenho uma visão diferente de você, que hoje tem apenas sete anos.

— Mas pessoas adultas também tem mãe.

— Eu não quis dizer isso. É complicado. — Suspiro. — Próxima pergunta.

— Você vai ter pai também? — Franciele pergunta.

— Não, infelizmente a Vera é viúva. O marido dela morreu há um ano. — As meninas que entendem o significado da morte fazem uma cara triste, algumas que já perderam os pais e não tiveram com quem ficar por isso vieram morar no orfanato — Que tal

uma pergunta mais legal? — Digo, querendo tirar o foco desse assunto tão pesado.

— Onde você vai morar? — Beatriz pergunta, para depois dar uma mordida no bolo de chocolate com recheio de coco.

— Em São Paulo.

— Tão longe? — Pergunta, com a boca cheia, parece decepcionada com a distância. Assinto com a cabeça. — Então isso significa que não iremos mais ver você.

— Isso é verdade? — Pergunta Natália, a mais velha delas, que tem dez anos.

— Sim, infelizmente não nos veremos mais. Mas quem sabe um dia eu terei dinheiro e farei uma viagem para o Espírito Santo somente para ver vocês, mas até lá espero que vocês todas sejam adotadas e estejam vivendo felizes com a sua própria família. — Um sorriso se alarga nos rostos delas, fazendo meu coração se aquecer de felicidade, e espero que as minhas palavras se tornem reais, o mais rápido possível.

Olho para cada rostinho presente na mesa. Meu maior sonho: é que todas elas encontrem seu lar.

Sei que cada uma delas vivem dias ansiosos, loucas para encontrar uma família, que as amem e deem todo o amor que elas merecem.

Não é fácil ser órfão, não é um conto de fadas como muitas histórias contam, é um sofrimento diário, principalmente porque sentimos a rejeição e imaginamos mil motivos para termos sido abandonadas. O Coração Nobre é um orfanato só para meninas. Foram tantas que passaram por lá desde a minha chegada que até

me esqueci, mas pretendo lembrar de cada gentileza delas comigo quando eu for embora.

Capítulo 8

Quando Vera entrou em meu quarto com uma caixa vermelha com um laço dourado em cima eu não fazia ideia que aquele presente era para mim, embora eu fosse a aniversariante. Ela me surpreendeu ainda mais quando disse que foi de carro até a cidade vizinha para comprar o presente para mim, uma viagem que durou mais de uma hora. Ela chegou ao clube de tarde, deixou algumas pessoas encarregadas de ajeitar uma pequena comemoração para o meu aniversário, além da tia Luciana. O gesto dela abriu uma pequena brecha de amor em meu coração em relação a ela, mas também veio um pouco de confusão, não posso ser comprada com presentes.

E agora estou em frente ao espelho, usando o presente que Vera me deu, um vestido com sobreposição rosa, que vai até o meu joelho. Meu primeiro vestido, quero dizer, não é o meu primeiro vestido exatamente, mas é o primeiro que ganho com uma etiqueta. Isso quer dizer que ninguém usou antes. Dou um sorriso para o espelho, surpresa com o meu reflexo elegante.

No salão de festa, está tudo arrumado. Mesas descoradas com vasos de flores e forradas com toalhas branquíssimas. Há alguns balões dourados e brancos aqui e ali. Um bolo de dois

andares está numa mesa mais afastada, com os docinhos e salgadinhos.

Tia Luciana me acompanha, já que pedi a Vera que convencesse a diretora que a deixasse participar da festa como a minha convidada e não como uma ajudante, assim ela não precisaria tomar conta das crianças, embora eu ache difícil ela não conseguir fazer isso. Tia Luciana foi importante para mim durante todos esses anos, e se esse é mais um momento para agradecê-la, é o que pretendo fazer mais uma vez.

— Você está linda! — Ela diz, acompanhando-me, enquanto vamos até Vera.

— E você está radiante! — Respondo, ao olhar com gentileza para aquela mulher trajando um vestindo floral e usando nem um pouco de maquiagem, deixando em evidência como a sua pele é linda ao natural.

Vera me recepciona com um abraço caloroso, ela me dá felicitações, embora já tenha feito isso quando me entregou o presente. Agradeço a ela pela festa e mais uma vez pelo que resolveu fazer por mim.

A festa se estende, as crianças estão à vontade, felizes. Conheço um pouco mais de Vera. Ela então me fala sobre o filho, sempre fazendo questão de elogiá-lo. Pergunto-me se todas as mães são assim e se algum dia ela também terá só coisas orgulhosas para falar sobre mim, vou dar o melhor de mim para que isso ocorra.

Vera tira o celular da sua bolsa de mão. Desliza o dedo na tela e vira para mim. Estreito os olhos para o aparelho, e então ela entrega o celular na minha mão. Olho para o rapaz abraçado a Vera

e meu rosto cora, sem motivo algum, na verdade, há motivos sim, ele é mais bonito do que eu esperava que fosse, e isso me incomoda terrivelmente, como um presságio.

— Esse é o Otto, o meu filho. — Comenta, com um sorriso no rosto e orgulho no olhar.

Assinto com a cabeça, tímida diante da beleza do rapaz da foto. Não sei o que dizer a ela, se elogiar a beleza dele é correto ou não, então prefiro manter o silêncio, e embora eu tente parecer racional, não consigo tirar os meus olhos daquela bendita foto.

Então Otto, eu já sei como é a sua aparência física e não vou te culpar quando nos conhecermos se você me provocar um pequeno ataque cardíaco. — Repreendo a mim mesma por ter esses tipos de pensamentos.

Otto tem o cabelo castanho ondulado, brilhante sobre a luz do lustre na foto. Suas sobrancelhas são grossas e bem definidas. Tem o queixo quadrado e o sorriso mais bonito que eu já vi na minha vida. *Não!* Meu interior grita como um alerta. Está tudo errado, não há nada bonito em Otto. NADA! Respiro fundo e massajeio a têmpora, suspiro, irritada comigo mesma.

— Cecília, você está bem? — Pergunta Vera ao perceber a minha mudança de humor. Entrego o celular na mão dela.

— Sim, estou. — Ela bloqueia a tela do celular e depois o guarda, e eu fico contente por isso, não quero que ela perceba que estou babando pelo filho dela, que a meu ver isso é muito errado, e eu nem deveria ter reparado na beleza dele, e muito menos na cicatriz que ele tem embaixo do olho esquerdo, dando a ele um charme a mais.

Deslizo para fora da cadeira e vou até à mesa de doces. Pego um brigadeiro e o engulo de uma vez. Tento não pensar no filho de Vera, mas ele está me incomodando muito antes mesmo que o conheça pessoalmente. Estou ficando maluca. *É só uma foto. É só mais um cara que você acha bonitinho!* Meu inconsciente grita.

Já tive alguns interesses “amorosos” na escola, já me apaixonei algumas vezes, e mais tarde descobri que nunca estive apaixonada de verdade. Já tive alguns amores platônicos, e nenhum relacionamento real. Meu coração é um campo minado, está pronto para explodir a qualquer momento de amores. Prova disso é o Henri, o quanto eu fiquei vulnerável perto dele. Não é fácil buscar ser amada o tempo todo, mas é o que eu faço desde sempre, embora na maioria das vezes eu não seja correspondida.

Meu coração é um campo minado, e ele gostou do que viu. Gostou do sorriso do filho de Vera, mas tento lembrar a ele que o que sempre almejei foi uma família e não um namorado, e isso parece bastar para mim.

Balanço a cabeça, abocanho mais um brigadeiro, nervosa por estar tendo esses tipos de fantasia. Vera não merece que eu tenha esses tipos de pensamentos, não quando ela me ajudou tanto. Se não fosse por ela onde eu estaria depois de hoje? Agarro-me a isso e tento apagar aquela foto da minha cabeça. Lembro de Henri, talvez Otto seja como ele. Um babaca. Espero que ele realmente seja um.

Alguém puxa o meu vestido, e encerro de vez minhas divagações. Olho para baixo e vejo Bianca, com um sorriso no rosto. Ofereço um brigadeiro a ela, que pega sem o menor cuidado, assim, sujando toda a mão.

— Vou sentir tanto a sua falta. — Diz e coloca o brigadeiro na boca.

— Tenho certeza que não vai dar tempo. Logo você vai ter uma família e eles te encheram de tanto amor, que você vai esquecer que um dia pensou que iria sentir a minha falta.

— Você sempre fala isso.

— Porque é a verdade.

— Mas você demorou muito a encontrar uma família.

— Sim, é verdade, mas isso não significa que vai acontecer o mesmo com você.

— Por que ninguém te quis? — Crispo os lábios, pela forma que ela faz a pergunta.

— Não é que ninguém me quis. Eu tive três famílias.

— E elas não eram legais?

— Não. — Respondo ao me lembrar delas.

Foi uma despedida, mesmo que eu não fosse embora no dia seguinte, mas aproveitamos o aniversário para fazer nossa festa de despedida. Seu Francisco apareceu, surpreendendo a mim. A surpresa maior foi quando Henri apareceu com os pais dele.

O que ele está fazendo aqui? Veio estragar a minha festa de aniversário? Desvio o olhar dele, assim que ele me nota. Há um olhar de descontentamento em sua maneira de me observar. Acredito que sei o motivo. Não está gostando de saber que agora eu faço parte da família. Conheço muito bem esse olhar, a única vantagem dessa vez é que eu vou ter que lidar com ele bem longe de mim. Fiquei contente quando Vera me disse que ele mora aqui mesmo, no Espírito Santo.

Serpenteio entre as crianças, sigo em direção ao banheiro, querendo fugir dele, daquele olhar podre. Aproveito para jogar uma água no cabelo, assim combatendo os *frizz*, que já se rebelaram.

Embora eu queira muito, não posso ficar aqui por muito tempo, escondida do Henri, as pessoas sentirão a minha falta, já que obviamente eu sou a aniversariante. Saio porta fora e dou de cara com Vera, que me segura pela mão e me leva para dentro de um círculo que antes de vir ao banheiro não estava ali. Paro no meio dele, uno as mãos, que já suam do nervosismo que parece sair das minhas entranhas. Engulo em seco, enquanto um calor sobe em meu peito, indo para a minha face, que agora está mais vermelha que o vestido que a diretora está usando, contrariando todo o seu guarda-roupa *dark*.

Odeio ser o centro das atenções, ainda mais com olhares perversos sobre mim. Otto e os pais deles tem o olhar de uma cobra, eu sou apenas o ratinho, esperando ser devorada por eles.

— Bem, chamei todos vocês aqui hoje, minha família tão querida, porque eu não poderia deixar de dizer a vocês que a nossa família a partir de hoje vai crescer. — A família de Vera olha para ela, surpresa.

— Você está grávida nessa idade? — A mãe de Henri pergunta, com um certo tom de ironia.

— Paula, querida, deixe-me terminar de falar, não precisa ter pressa — Vera faz uma pausa e prossegue. — A minha trajetória de vida foi linda, boa parte dela graças ao meu amado pai. — O senhor Francisco dá um sorriso tímido. — Sempre tive esse desejo em meu coração, guardei ele por muito tempo para mim, pois, eu sabia que o momento certo iria chegar, então a encontrei no corredor do clube,

escutei um pouco da sua história, e percebi naquele momento, que aquela era a hora, não precisei pensar duas vezes, eu já tinha tomado a minha decisão, decidi adotá-la...

— Vai adotar uma das crianças do orfanato? — Pergunta Paula, interrompendo Vera mais uma vez.

— Vou adotar a Cecília. — Aponta para mim e a família abre a boca em descrença. Então nem ele e, nem a família sabia. Henri tem um olhar perverso, como se não tivesse acreditando no que estava escutando, ele uniu as sobrancelhas, fazendo rugas na testa, sua boca se contorce de desgosto.

— Ela? — Paula indaga, com um tom de voz exaltado. — A garota que arranhou problemas com meu filho? Com o seu sobrinho? Vera, como você ousa fazer uma coisa dessas? — Uma nuvem de tensão cresce por todo o ambiente, meu estômago revira, me sinto impotente. Os olhares das tias do orfanato caem sobre mim, como um peso, o da diretora também. Quero gritar para todos que não foi bem assim, mas me contenho, sei que essa família também será minha, e a única coisa que preciso aprender é como lidar com ela.

Vera segura a minha mão, aperta de uma forma delicada, como se dissesse que está tudo bem, quero acreditar nela, mas tenho medo desses olhares insinuando que não sou bem-vinda.

— Cecília já me contou a versão dela e não foi exatamente desse jeito que aconteceu. Amo meu sobrinho, mas eu o conheço muito bem para saber que ele pode fazer quando se desentende com alguém.

A raiva consome o rosto de Paula, assim como o do marido e do filho, eles olham para ela assim como olha para mim, como um peso, mostrando que, na verdade, nunca farei parte da família,

então o senhor Francisco intervém, impedindo uma discussão, que poderia se estender.

— Silêncio de todos os lados! — Ele bate a bengala no chão, e Paula engole em seco. Ele vem até mim e Vera. — Sábia decisão, minha filha. — Ele diz com um sorriso, que deixam em evidências ainda mais as suas rugas. — Você não poderia ter me deixado mais feliz. Enquanto a você, Cecília, seja bem-vinda à família. Ele me toma para um abraço, retribuo o gesto com lágrimas nos olhos. E nesse gesto minha ficha cai. Eu tenho uma família. Sei que alguns, vão me odiar, mas outros vão me amar também.

A festa continua, Henri a todo o tempo desconfortável até que em determinado momento ele deixa o salão, alguns minutos depois os pais dele fizeram o mesmo.

Quando a festa terminou, passei o que restou da noite em claro. As emoções tomando conta de mim. Eu ainda tentando acreditar em tudo, o medo de acordar e ser tudo um sonho. O medo de quando chegasse o dia da viagem, Vera desistisse de mim.

Ajeito o travesseiro debaixo da minha cabeça e me forço a dormir.

Capítulo 9

Eu não queria chorar quando eu me despedisse do pessoal do orfanato, mas às vezes as lágrimas são inevitáveis, então, aqui estou eu, derramando várias delas enquanto abraço cada uma das crianças sem saber quando vou vê-las novamente, e se em algum dia isso irá acontecer.

A saudade cobre todo o espaço do meu peito, sou consumida pela tristeza, ao olhar para cada rosto tristonho. Algumas crianças choram também, aqueles que são mais apegadas a mim, e isso faz com que eu chore ainda mais.

Limpo as lágrimas ao me despedir da última criança. Agradeço todas as tias por tudo o que elas fizeram por mim, mas quando chega a vez de tia Luciana não quero soltar ela de forma nenhuma, é como se estivessem tirando um pedaço de mim. Eu nunca mais irei vê-la! Como posso aceitar isso? Fora tantos anos ao lado dela, que agora me parece injusto não poder mais conviver com ela.

— Cecília, acalme-se. — Tia Lucina pede, enquanto meus ombros tremem e um soluço eclode em meu peito.

— Vou sentir tanto a sua falta. — Minha voz saí falha. Não tenho palavras para descrever o quanto sentirei falta dela.

— Também vou sentir a sua, mas quem sabe, um dia poderemos nos reencontrar. — Diz e afaga o meu cabelo. — A Vera tem o meu

número, você vai poder falar comigo quando você quiser. Ela promete.

— Sêrio? — Digo e fungo. Limpo as lágrimas com as costas da mão, o meu rosto está medonho e daqui a algumas horas, estaremos no aeroporto.

— Sim, Ceci, não ficaremos sem nos falarmos. Agora por favor, acalme-se. — Ela me solta do seu abraço quente e toma meu rosto com as mãos. — Recomponha-se, você tem uma viagem para fazer, você vai ter um lar agora, uma família que vai te amar muito, não tem o porquê estar chorando, não tem o motivo para estar triste. Agora vai ser feliz, um novo mundo te espera, e tenho certeza que só terá coisas boas. — Ela me dá um último abraço, então sigo para o carro, que está me esperando ao lado de fora do clube.

Vera abre a porta para mim, me acomodo no banco de trás, e ela contorna o carro, entra, sentando-se ao meu lado. Encosto a minha cabeça na janela, o vidro está gelado, graças ao ar-condicionado. Vera pede ao motorista para irmos. O carro entra em movimento, e dou o que penso ser o último aceno para as crianças, enquanto uma nova onda de lágrimas vem. Um mar de pequenas mãos acena para mim em retorno, e sei que agora não tem mais volta, aceitei o meu destino.



Espero Vera fazer check-in, estou sentada em umas das cadeiras do aeroporto de Vitória. Tudo é novo para mim, e nunca imaginei que um dia eu estaria aqui, esperando um voo para São Paulo. Já me acalmei, embora a minha mente ainda não tenha me dado nenhuma trégua em relação às pessoas que deixei para trás.

Não quero deixar Vera chateada com isso, pensando que estou sendo ingrata, chorando o tempo todo. O problema é que apesar de sempre ter desejado uma família, eu tinha uma vida lá, e o orfanato Coração Nobre de alguma forma foi a minha família durante todos esses anos, embora estivesse sempre mudando, já que a criança que está mais tempo lá é a Gisele, de oito anos, que está lá desde cinco anos.

Vera retorna, tem um sorriso no rosto, parece querer me animar.

— Que tal tomarmos um expresso e comermos um pão de queijo?

— Ela pergunta.

— Acho que não estou sendo muito legal com você.

— Você está sendo ótima. Só está triste porque está saindo finalmente do seu lugar de conforto. Não se preocupe, temos todo o tempo do mundo para nos entrosarmos, enquanto isso, respeito a sua tristeza.

Observo Vera abrir seu pacotinho de açúcar e despejar dentro da sua xícara de café e depois mexer com a colherzinha de plástico. Repito o gesto dela, para depois levar a xícara até a boca e beber um pouco do líquido, que é mais forte do que o café que eles costumam servir no orfanato, levo um tempo para me acostumar com o gosto.

Semicerro os olhos, observando a fumaça do café quentinho se dissipar no ar gelado do aeroporto. Daqui a algumas horas, estarei em uma nova casa. Daqui a algumas horas não serão somente eu e Vera. Terá o Otto também. Se ele tiver a mesma opinião que Henri em relação aos órfãos, eu estou ferrada, e isso me assusta.

— Será que ele vai gostar de mim? — Pergunto sem processar direito a pergunta em minha mente e penso que eu deveria ter guardado ela em meus pensamentos.

— Ele quem? — Pergunta Vera, não sabendo de quem eu estou falando.

— O seu filho.

— Não se preocupe com isso, querida, meu filho vai te receber com muito carinho.

— Tenho minhas dúvidas. — Sussurro, mas tenho quase certeza que Vera me escutou. — A senhora já contou para ele?

— Sim.

— E como ele reagiu? — Dou o último gole no que restava do café.

— Ele ficou surpreso. O que não me surpreendeu. Qualquer um ficaria. Ele ainda precisa se acostumar com a ideia.

— Entendo, eu ainda estou me acostumando.

Penso na foto de Otto, no sorriso dele, na cumplicidade que ele parece ter com a mãe.

Seguimos para a plataforma de embarque, meu coração parece não se conter em meu peito a cada minuto que se passa. Ainda nos resta mais de uma hora de espera, porém, parece ser mais. Estou ansiosa, é um misto de emoções.

Quando anunciam o nosso voo, meu coração parece que vai saltar do meu peito. Na fila de embarque, olho ao redor, e o medo aumenta de uma forma, que não sei como explicar.

Quando sento na poltrona, percebo que não tem mais volta. Está na hora de recomeçar, deixar o passado para trás e abraçar o futuro que me espera.

A aeromoça dá as instruções, me atrapalho ao colocar o cinto, então Vera me ajuda gentilmente, e o frio na barriga aumenta, assim que a aeronave sai do chão.

— Relaxa. — Aconselha Vera e coloca a mão sobre a minha, que está no descanso de braço.

— Eu estou bem, é sério. — Tento convencer a mim mesma.

— É normal ficar nervosa no primeiro voo. — Acrescenta, mas sei que ela sabe que não é somente o meu primeiro voo que está me deixando nervosa.

Cochilo algumas vezes durante a viagem, acordando frequentemente a cada cinco minutos, e isso faz com que a minha cabeça pareça que vai explodir.

Uma hora depois, desembarcamos no aeroporto de Confins em Belo Horizonte. Como Vera comprou as passagens em cima da hora, ela não conseguiu um voo sem escala, então teríamos mais algumas horas de espera.

Pego a minha mochila no compartimento de bagagem, passo a alça pelos braços, ajeitando-a em minhas costas.

— Até hoje de manhã, eu não tinha conhecido cidade nenhuma além da minha, e agora vou conhecer duas simultaneamente. — Digo, um pouco empolgada com a ideia.

— Tecnicamente você vai só conhecer uma, já que permaneceremos dentro do aeroporto.

— Pensei que poderíamos dar uma escapadinha.

— Não mesmo. Agora vamos.

No restaurante do aeroporto, almoçamos enquanto ainda conhecemos uma, a outra. Vera é a mais empenhada em tentar arrancar algo de mim, estranhei que ela ainda não tenha perguntado sobre às três famílias das quais eu passei um tempo. Fiquei mal falada durante anos no orfanato por algumas tias, eu era conhecida como a garota que ninguém quis. Uma das garotas que dividia o quarto comigo naquela época ficou dois anos comigo depois do ocorrido, tempo suficiente para passar o apelido para as crianças que chegavam no orfanato, tornando isso um círculo vicioso.

Enrolo um pouco de couve refogada no garfo, que acompanha a feijoada e levo até a boca. Vera dá um gole em sua Coca super gelada.

— Já pensou em qual faculdade você irá fazer? — Paro o garfo em frente da minha boca e olho para Vera abismada. Eu poderia rir da cara dela agora, mas soaria muito grosseiro da minha parte. Mas em que

mundo ela vive que pensa que uma pessoa como eu poderia fazer faculdade?

Não que eu nunca tenha pensado a respeito. Até me matriculei no ENEM, mas não fui fazer a prova, desistir por milhares de motivos. Faculdade não é só pagar a mensalidade, tem outros gastos também, gastos esses, que eu não teria como arcar, se eu não conseguisse um emprego. Um bom emprego, porque eu teria que pagar o meu aluguel também.

— Não. — Respondo sem muito interesse.

— Nunca? — Continuo comendo, sem muito interesse no assunto.

— É um assunto que te incomoda?

— Não.

— Então você não gosta de estudar?

— Sim, eu gosto de estudar. Mas faculdade não é para todo mundo.

— Com um pouco de esforço e dedicação é sim.

— O que a senhora quer dizer com isso? Que eu não me esforço? Que eu não me dedico? — Questiono, com o tom mais elevado do que eu queria. Vera fica sem graça e me arrependo por ter soado tão grosseira. Se a diretora me visse agora, com certeza estaria em apuros. — Desculpe, acho que me expressei mal.

— Eu também me expressei mal, Cecília. Sei que as coisas para vocês no orfanato são mais difíceis, ainda mais para você, que não teve a chance de sair de lá antes, e passou o último ano pensando o que faria da vida. Só estou te perguntando isso porque quero pagar uma faculdade para você. — Vera me surpreende mais uma vez, mas não acredito em pessoas boas demais, então acabo duvidando da bondade dela, mas dessa vez sou mais cuidadosa, guardo os meus pensamentos para mim mesma.

Mas o que ela ganharia pagando uma faculdade para mim? Faculdade é um grande investimento financeiro.

— Não precisa me responder agora se não quiser.

— Desculpe, mas por que você apostaria tão alto em mim?

— Você quer dizer por que eu gastaria tanto dinheiro com você? —

Assinto. — Dinheiro não é tudo na vida.

— Nós do orfanato aprendemos isso bem cedo. Nunca tocamos em dinheiro, portanto, nunca brigamos por ele. — Digo sorrindo, e agora Vera que parece surpresa, embora ela já tenha vivido a mesma situação que eu. — Isso não é um problema para nós, nunca ter dinheiro em mãos. Aprendemos a dar valor às coisas mais importantes da vida, como ter uma família.

— É que às vezes eu me esqueço de certas coisas de quando fui órfã, a idade vai passando e muitas coisas são deixadas para trás.

— Espero que só as coisas ruins.

— Não quero te assustar, mas as coisas ruins são as que mais ficam.

— Infelizmente, mesmo sendo muito nova sei muito bem disso.

— Se você quiser falar sobre.

— Eu queria saber porque os meus pais me abandonaram. Qual a razão, o motivo.

— Você sabe que a chance de obter essa resposta é mínima.

— Sei.

— Então não pense muito neles. Eles não merecem que você perca o seu tempo pensando neles.

É um bom conselho, mas não muito fácil de seguir. É uma coisa que eu penso quase todos os dias, principalmente quando estou na frente ao espelho e tento adivinhar de quem eu puxei cada traço do meu rosto, as outras meninas também fazem isso, algumas dão gargalhadas, outras choram lágrimas de dor. Abandono é uma palavra dolorida.

Já dentro do voo, que nos levará ao nosso destino, me sinto relaxada ao lado de Vera. Ela me emprestou o celular dela para que eu ocupasse a minha mente, assistindo alguma série. Objeto esse que eu

tenho alguns conhecimentos na hora de manejar graças a tia Luciana, que sempre emprestava o seu, para mim e as crianças, é claro que tudo escondido das outras tias e principalmente da diretora. Às vezes eu sentia pena da tia Luciana, já que acabávamos rapidamente com os dados de internet dela.

Distraída com o filme, que estava assistindo, que por sinal não deu nem para terminar, até esqueci de um dos motivos que me deixou com receio de ir à casa de Vera, mas quando ela pegou o celular no saguão do aeroporto para ligar para o filho e avisar que nós havíamos chegado, quase tive um colapso.

Respiro fundo, mais de três vezes, tentando fazer essa tensão se esvaír. Mas é complicado, já tive irmãos adotivos, e nenhum deles foi legal comigo.

Como um sopro a imagem de Henri vem a minha mente. Se Otto tiver um pouquinho do primo em si? Fico imaginando e fico cada vez mais preocupada.

Vera me chama, me tirando do meu devaneio. Sigo-a, minhas mãos segurando com um pouco mais de força na alça da mochila.

Vera acena, vejo um homem mais à frente acenar de volta. É ele. Otto. De longe parece ainda mais bonito que na foto. Retraio-me, com seus olhos curiosos fixos em mim. Eu também ficaria curiosa se a minha mãe levasse um desconhecido para dentro de casa. Quando está mais perto e seus olhos conseguem uma visão completa de mim, parece me encarar com mais intensidade. Incomodado, ele vira levemente o rosto para o lado, mas consigo acompanhar os movimentos de sua boca, que não sai nenhum som.

— *Merda.* — Ele diz e eu não sei se isso é bom ou ruim.

Capítulo 10

Otto

Os raios de sol refletem na água da piscina, deixando-a com pontinhos brilhantes. Minhas férias desandaram desde que perdi o voo que me levaria à Irlanda no fim do ano passado. Sem conseguir uma nova passagem para o mesmo dia decidi ficar em casa e aproveitar o quanto eu pudesse o sol de janeiro na piscina da cobertura onde passei um longo período da minha vida. Venho aqui com menos frequência, já que estou sempre ocupado com a minha agência de turismo, ou quando viajo de supetão para o Rio de Janeiro, onde eu passarei um longo período da minha vida. Mamãe diz que a casa vai ficar vazia a partir do momento que for para Universidade, as férias, e os feriados prolongados não serão o suficiente para matar a saudade que ela sentirá de mim.

E eu até a entendo. Conversar com mamãe não será muito fácil depois que eu deixar a cidade. Ou estarei na faculdade, ou ela estará em plantão. Nossos horários livres parecem que não vão coincidir nunca.

Deixo o drinque na borda da piscina e nado, meus pensamentos estão focados na última ligação da minha mãe. Uma ligação que veio para abalar todo o núcleo familiar.

Lembro de ela falar pausadamente ao celular, como se ela não quisesse que eu perdesse nenhuma parte da conversa.

— Filho, peça para a Helena para preparar o quarto vazio.

— Teremos visita?

— Não exatamente. — Ela faz uma pausa, como se tivesse encontrando palavras para me dar a notícia. — Essa pessoa vai morar conosco a partir de amanhã. — Sou surpreendido pela notícia. Mamãe estaria namorando e não me contou? Ela poderia pelo menos ter me apresentado essa pessoa antes de decidir morar com ela, assim não me pegaria tão desprevenido.

— Ok. Mas quem seria essa pessoa?

— Você não conhece, Otto, mas terá a oportunidade de conhecê-la assim que chegarmos aí. — Sentei na cama, determinado a descobrir quem mamãe iria trazer para casa.

— Tá. Mas a senhora conhece essa pessoa? Sabe se ela é de confiança?

— Sim, ela é de confiança. Ela é uma das órfãs do orfanato que seu avô faz doações. — Minha cabeça deu um nó. Massageei a têmpora com as pontas do dedo.

— Uma órfã do orfanato que o vovô ajuda. — Afirmei, dando ênfase ao que ela falou. — A senhora adotou uma criança? — Pisquei os olhos, confuso, ela não me disse nada, sempre compartilhamos tudo, medo, insegurança, sonhos. — Por que não me disse que estava adotando uma criança?

— Ela não é exatamente uma criança.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Vou resumir a história dela para você. — Ela fez uma pausa antes de continuar, alguns segundos que pareceram horas.

— Cecília tem dezessete anos.

— Dezessete anos? — Perguntei, não entendendo o motivo de ela querer adotar uma adolescente a um passo da maioridade.

— Não me interrompa até eu concluir.

— Mãe, é complicado. É perigoso.

— Não, não é, ela é apenas uma menina que está precisando de ajuda.

— Ela tem dezessete anos, não seria mais fácil para a senhora adotar uma criança?

— É por causa de pensamentos como o seu que muitos desses órfãos com a idade já avançada não conseguem um lar. Agora deixe eu contar a história dela para você, quem sabe eu consiga derreter um pouco esse coração de gelo.

Cecília estava a dois dias de completar dezoito anos. Mamãe a adotou porque ela não tinha para aonde ir. Nenhum familiar, nenhum amigo para abrigá-la quando completasse a maioridade. Então como um anjo, mamãe apareceu na vida dela e fez a boa ação. Mas nem todas as boas ações trazem boas consequências. Se fosse uma criança até que eu teria aceitado melhor a ideia. Adolescentes são complicados, sei disso porque já fui um. E se ela não aceitar as regras? E se não conseguir um vínculo com a família já estando com essa idade? Mamãe vai simplesmente colocar ela para fora? *São muitos se.*

Tenho medo da história não ser exatamente como a mamãe me contou, embora ela não seja mentirosa, mas tenho medo que

essa tal de Cecília tenha se aproveitado do coração bondoso dela.

O dia está abafado, o sol brilha em um céu sem nuvens. Já são quase seis horas da tarde, mas o sol do verão deixa esses minutos finais da tarde iluminado. No som do carro, escuto *Money Make Her Smile* de Bruno Mars, em uma altura no mínimo aceitável, uma música agitada demais para o destino melancólico que estou indo. O trânsito está lento, mas não tenho pressa, embora eu saiba que mamãe odeia atrasos, o mínimo que eu tinha que ter feito era ter saído de casa duas horas antes para não desapontá-la.

Dedilho os dedos sobre o volante, o sinal abre, enquanto o celular toca no painel do carro, o nome mãe aparece na tela, junto a foto de mamãe. Agora sei que realmente estou atrasado, e ela não vai gostar nada disso. Eu deveria atender, explicar a situação do trânsito, embora ela já saiba como é o trânsito em São Paulo, já que vive aqui desde que casou com o meu pai. Mas fui irresponsável não saindo antes de casa, e conhecendo mamãe eu sei que ela vai dizer que me atrasei porque não aceitei bem a ideia de ter uma estranha dentro de casa.

Mais à frente o sinal fecha mais uma vez, uma fila gigantesca se forma, e estou bem atrás, o celular toca novamente, estico meus dedos, alcançando-o, clico no botão verde na tela e o levo a minha orelha.

— Otto, onde você está? — Mamãe pergunta, o tom de voz um pouco elevado.

— Mãe, estou no trânsito, desculpe pelo atraso, mas logo chego aí.

— Você não deveria ter se atrasado.

— Não fiz de propósito.

— Vou tentar acreditar em você. — Ela faz uma pausa, depois fala num tom de voz mais baixo, quase em um sussurro, como se não quisesse que alguém escutasse, e obvio que esse alguém é Cecília. — Seja legal com ela, ela já passou por muitas coisas na vida, pra agora ter que lidar com um irmão ciumento.

— Ciumento sim, mas irmão não dá né, mãe? Nem conheço essa garota. E mesmo se eu a conhecesse, não há ninguém que vai poder...

— Ok! — Ela esbraveja, me interrompendo. — Só diga que vai ser legal com ela?

— Sim, a senhora sabe que sempre sou legal com todo mundo, mas se eu desconfiar que ela está aprontando algo, prometo que não vou ser tão legal assim. E isso é um aviso.

— Otto, que tom é esse? Ela não vai aprontar nada, só quer um lar para morar. Tenta ser mais compreensível.

— Eu sou compreensível. — Olho para o sinal abrindo. — Mãe, o sinal abriu, tenho que desligar. Beijos, te amo. — Desligo o celular apressado e volto a atenção para a estrada.

Deixo o carro estacionado um pouco longe do aeroporto de Congonhas e sigo a pé até lá, o que deixará um pouco maior o meu atraso, embora eu mande várias mensagens para minha mãe com justificativas, ela não vai aceitar, ainda vai achar que estou fazendo birra, por causa da chegada da minha 'irmãzinha'. O que é ridículo, já que sou bem grandinho para agir assim, apenas estou preocupado com o bem-estar dela, não quero ver ela se decepcionando depois, já que ela não reage muito bem a traições, isso sempre a deixa arrasada.

Dentro do aeroporto, localizo mamãe, entre algumas pessoas. Uma menina caminha ao lado dela com a cabeça baixa. Seus cabelos loiros caem em seu ombro. Ela usa um jeans desbotado e uma camisa rosa. É magra, sem muitas curvas, é um pouco mais baixa que mamãe, o que não dá para ter certeza já que a minha mãe está usando salto. E é linda, confesso que a imagem dessa garota não foi bem a que imaginei em minha cabeça, imaginei-a de formas terríveis.

Mamãe acena para mim, assim que me vê. Um sorriso espontâneo surge em meu rosto, e deixo toda a marra de lado. Aceno de volta e caminho para ela. Estou mais perto de Cecília agora, e percebo que quanto mais me aproximo a beleza dela fica cada vez mais em evidência e espero que isso não seja um problema para mim, mas sei que vai ser, e ao olhar para aquele rosto sei que vou me meter em uma encrenca daquelas se eu não começar a olhá-la da forma que eu a imaginei.

Nossos passos se tornam mais curtos, então me aproximo finalmente, tomando a minha mãe para um abraço quente e reconfortante, mas meus olhos estão verdadeiramente presos na garota ao lado da minha mãe, que parece tímida diante de tudo a sua volta.

— Que saudades, Otto. — Diz mamãe, então me solto do calor de seu abraço. Ela toma meu rosto com as mãos e sorri, um pedido no olhar para que eu seja gentil. Assinto e olho nos olhos dela, para que confie em mim. — Otto, — ela me solta e olha para Cecília. — Essa é a Cecília, e como você sabe, ela vai fazer parte da família agora.

Um pouco mais de perto Cecília é radiante. Nem seu cabelo maltratado consegue deixá-la feia. Ela tem olhos castanhos carismáticos, seus cílios são grandes, sua boca é de um vermelho encantador, é pequena mais ao mesmo tempo, carnuda, seus ossos são proeminentes em suas bochechas levemente rosadas. O sorriso dela sai tímido, como se estivesse desconfortável, e consigo compreendê-la, já que é como me sinto ao vê-la, não zangado do jeito que pensei que ficaria, mas de um jeito estranho, um estranho bom e, ao mesmo tempo, perigoso.

— Oi. Prazer em conhecê-la. — Cumprimento, sendo o mais casual possível. Estendo a mão para ela, que a pega, as delas são pequenas e frágeis, é como se eu tivesse apertando uma pluma, tamanho a leveza.

— Oi. — Cecília só se limita a dizer essa palavra, então se retrai. Mamãe passa o braço pelo ombro dela.

— Está pronta? — Pergunta, com um olhar cheio de ternura.

— Acho que sim. — Cecília responde e parece mais à vontade com a minha mãe do que comigo. Pego a mala da mamãe e sigo na frente delas.

Caminhamos bastante antes de chegar ao carro, mamãe conversa com Cecília, mas a garota não responde muita coisa. Parece assustada, tem medo de tudo o que está acontecendo, e por um momento me coloco no lugar dela. Não deve ter sido fácil toda essa tensão que ela sentiu antes do seu aniversário de dezoito anos, se teria um lar ou não. Quando para outros completar dezoito anos é um sinal de liberdade, para Cecília dever ter sido uma bomba de ansiedade.

Coloco a mala no porta-malas do carro, fecho-o e abro a porta. A pedido de mamãe, Cecília entra primeiro se acomoda no banco de trás, e mamãe se senta o lado dela.

Ajeito o retrovisor do carro e depois giro a chave na ignição. Início o nosso percurso, Cecília parece curiosa com a cidade do lado de fora. Meu olhar só se foca nela, parece perdida em seu próprio mundo, e uma certa curiosidade de saber mais sobre a história dela cresce em meu peito, me pegando de guarda baixa, balanço a cabeça com leveza, negando isso para mim mesmo. Seria mais fácil se ela fosse exatamente do jeito que eu a imaginei? Acredito que sim.

Aproveito o trânsito fechado para dar uma espiadinha rápida em Cecília lá atrás, vislumbro mamãe no celular e a garota ainda olhando para fora.

— Pedi um jantar para gente. — Comento, tentando quebrar o silêncio, mamãe deixa o celular sobre o colo.

— É uma gentileza da sua parte, mas presta atenção no trânsito, o sinal abriu. — Diz mamãe, dando dois tapinhas em meu ombro. Volto a minha atenção para a estrada e a jornada se torna longa, e o trânsito não ajuda.

Quando chegamos, o céu já está escuro e as estrelas pontilham no céu.

Abro o portão da garagem do prédio e entro com o carro. Estaciono e me apresso em descer. Mamãe desce depois e Cecília parece travada onde está.

— Vamos, Cecília. — Mamãe diz, mas a garota parece estar em pânico. A respiração dela está descontrolada, seus olhos

perdidos em algum lugar que só ela consegue encontrar. — Não iremos fazer nada de mal a você.

— Fazer mal a ela, como essa garota pode pensar umas coisas dessas depois do que a senhora fez por ela? — Soltos as palavras sem antes pensar no efeito que elas podem causar. As sobrancelhas de mamãe se unem, formando rugas em sua testa, ela está zangada comigo, mas as minhas palavras parecem ter trazido Cecília de volta para a realidade.

— Otto, se não for para ajudar, fique calado. — Mamãe volta a atenção para Cecília. — Vamos, querida, vai ficar tudo bem. Não precisa ter medo.

Relutante, Cecília pega sua mochila, que ela havia deixado no chão do carro, mamãe estende a mão para que ela entregue a ela, assim a garota faz, e depois mamãe a entrega para mim, coloco-a em meu ombro, para depois ir até o porta-malas.

Observo às duas, enquanto pego a mala da mamãe.

Elas seguem em direção ao elevador, vou para lá também. Assim que a porta se abre, entramos, e acabo ao lado de Cecília, que encara o espelho, faço o mesmo e encontro com o olhar dela.

A porta se abre, mamãe sai primeiro, depois Cecília e eu. O último andar pertence a minha mãe, e a pequena sala é única que separa a porta do nosso apartamento.

Penso nos dias anteriores, onde não existia Cecília, onde nunca imaginei que outra pessoa faria parte de nossa família assim, tão de repente. Então quando mamãe gira a chave na fechadura e entra por ela, chamando Cecília, sinto que uma nova era nessa família está prestes a começar, e será um caminho sem volta.

Capítulo 11

Cecília

Olho para a cidade com seus enormes prédios e carros circulando e penso o que a vida reserva para mim agora em uma nova cidade. Quais surpresas o futuro tem destinado para mim? O silêncio no carro às vezes é preenchido por Vera, mas a atmosfera de incertezas e medos parecem atingir todos nós, mas principalmente eu e Otto, que mesmo demonstrando simpatia ao meu conhecer, não conseguiu esconder o quanto estava tenso ao levar uma desconhecida para a casa dele, e eu até consigo entendê-lo. Também ficaria assim se estivesse no lugar dele.

Ele dirige com cuidado, mas tenho a impressão que os olhares dele para trás não são direcionados para Vera, mas sim para mim. Ele tem olhos enigmáticos, e parece ser uma pessoa muito sensata, embora cada gesto feito por ele desde que me conheceu parece ser totalmente robótico, é como se ele calculasse cada movimento que fosse fazer e o que seria certo dizer.

A fachada luxuosa do prédio me assusta logo de cara. Palmeiras gigantescas estão fincadas na entrada. E os vidros brilhantes na cor preta

vão de baixo até o topo mais alto, que é onde o apartamento de Vera fica, bem na cobertura, estremeço, descobrirei hoje se tenho medo de altura.

Otto contorna o carro, dirigindo-o até a garagem. Pressiona o botão de sua chave, abrindo o portão, então segue para dentro. Suspiro fundo, um certo medo tomando cada célula do meu ser, demoro alguns minutos para finalmente tomar coragem e deixar o conforto do carro e enfrentar finalmente essa nova vida que me espera.

Assim que saímos do elevador, seguimos para a porta do apartamento de Vera, ele coloca a chave na fechadura, girando-a, a porta range ao abrir, revelando assim o meu novo lar, depois de anos sonhando com ele.

Vera põe a mão gentilmente em minhas costas, afagando-as. Ela me convida a entrar com o olhar, e assim eu faço. Otto é o último, ele fecha a porta atrás de si, empurra a mala de Vera em direção ao corredor e a minha mochila nas costas, quero pedir que ele me devolva, já que tudo que tenho está dentro dela, mas Vera quer me apresentar a casa, então me deixo ser guiada por ela.

A sala é grande e espaçosa, tem uma televisão gigante no painel, embaixo uma estante de cor clara, o sofá é branco, grande e espaçoso, bom para deitar e assistir um bom filme. Há uma estante com vários livros na quina da parede, um ar-condicionado em cima da janela.

Prosseguimos para a cozinha, Vera ansiosa demais para me mostrar tudo. E embora ela queira que eu realmente me sinta em casa, sei que vai demorar um bom tempo para que eu realmente reconheça este apartamento como um lar.

— Se você sentir fome a qualquer momento você pode vir até aqui e pegar o que quiser para comer, não se sinta envergonhada. — Assinto, apesar de eu saber que não terei coragem para invadir a cozinha dela.

Depois de me apresentar todo o apartamento ela me leva para o corredor e aponta para a primeira porta.

— Este aqui é o quarto do Otto. — Os outros quartos restantes são um pouco afastados deste, o que acho bom, não quero correr o risco de me confundir e acabar sem querer no quarto do Otto, que agora parece estar tomando banho, já que estou escutando o barulho da água do chuveiro caindo. Ela me leva até a próxima porta. — Bem, no final do corredor fica o meu quarto, mas prefiro que você conheça o seu primeiro.

Sou surpreendida com a revelação e deixo a surpresa transparecer em minha face, olho para Vera que para na porta à minha frente, tentando assimilar o que acabei de escutar. Um quarto para mim. Se estou sonhando é melhor acordar logo.

— Um quarto só para mim? — Pergunto, só para confirmar.

— Sim. Você precisa ter seu próprio espaço.

— Próprio espaço? Sabe quando eu sonhei em ter o meu próprio espaço? Nunca. Sempre dividi o quarto com mais cinco meninas. — Um sorriso explode em meu rosto de repente. — Isso é bom demais para ser verdade. Não que eu não gostasse de dividir o quarto com as meninas, mas quantas vezes eu queria chorar sozinha e não podia? Ou até mesmo ficar em silêncio. — Muito obrigada, Vera! — Agradeço e a abraço, pegando-a desprevenida, que demora um pouco para me abraçar de volta.

Entro primeiro, muito empolgada, e tudo parece perfeito e chique demais, para uma pessoa como eu, acostumada a dormir em uma cama de beliche, com lençóis simples. Tem tudo que no quarto do orfanato não tinha, entre eles TV, computador, um abajur em cima da mesa de cabeceira de madeira rústica. Um guarda-roupa embutido. A cama é de solteiro, está forrada com vários lençóis, do mais grosso ao mais fino.

— Assim que der, te levarei ao centro para você escolher os móveis do jeito que você quiser...

— Escolher do jeito que eu quiser?

— Sim.

— Não! Não precisa mudar nada, não preciso de móveis novos, está tudo perfeito. Sério, nem em meus melhores sonhos, imaginei um quarto como este. E para quer o desperdício? Está tudo novo, uma cama e um colchão para eu dormir já basta, já é mais que o suficiente para mim. Olha de onde vim, onde tínhamos que nos contentar com o que os outros nos davam. Aqui estou no paraíso.

— Você tem razão. E fico orgulhosa por você ter esse tipo de pensamento. — Acrescenta Vera e seus olhos passeiam pelo quarto, ela parece se lembrar de algo. Ela fica emocionada de repente. — Vou deixar você à vontade. Tome um banho e depois vá jantar com a gente. — Diz e deixa o quarto.

Sento na beirada da cama, passo as mãos pelo lençol, sentindo sua textura. Olho para o teto, depois para as paredes e todo o restante do cômodo, que a partir de hoje será um espaço particular meu.

Está acontecendo, é real, eu tenho um espaço só para mim. Uma vozinha diz na minha cabeça, e eu ainda tenho dificuldades em acreditar. Como é possível? Como sua vida pode mudar no momento em que você pensa que é o fim?

Sozinha, choro. Choro de felicidade e tristeza. De tristeza por saber que nem todas as meninas terão essa grande oportunidade assim como eu, porque nem todas as famílias adotivas serão tão boas como Vera foi comigo. E choro de saudades. Ontem eu dividia o quarto com cinco, hoje estarei aqui sozinha, não terá mais aquela barulheira antes de dormir, não terá ninguém para pedir que eu conte uma história, não terá mais briga para saber qual vai ser a história da vez. Alcanço o travesseiro, levo-o até a minha face e o aperto, abafando o meu choro.



Minha mochila está aos pés da cama, sento no chão e a abro, procurando algo para vestir para o meu primeiro jantar em família. Noto que o zíper do bolso da frente está aberto, me lembro que todos estavam fechados. Penso em Otto. Não, ele não faria isso. Pessoas educadas não fazem isso, e Otto parece ser uma pessoa educada. Mas, por que ele faria isso?

Talvez ele não confie em mim. Percebi isso pelos olhares que ele me lançou. Talvez pense que eu seja uma bandidinha, que está tentando enganar a mãe dele. A raiva preenche o meu peito. Quem ele pensa que é, *hein?*

Olho dentro do bolso aberto e vejo que tem algo dentro, me apresso em pegar, é um cartão, daqueles que se compra em papelarias para alguma data festiva.

Abro o cartão dourado, em um espaço em branco tem uma mensagem escrita em uma caligrafia perfeita.

Cecília,

Mamãe te escolheu, e espero de todo o coração, que eu, Otto, como filho dela, possa te escolher como irmão também.

Te desejo toda a sorte do mundo nessa nova virada em sua vida, espero que todo o amor que a minha mãe esteja depositando em você seja retribuído da sua parte também.

Escrevo isso antes de te conhecer pessoalmente para depois ver que os meus desejos se tornaram verdadeiros.

*Seja bem-vinda a família Cavalcante, meus sinceros cumprimentos,
Otto.*

Um cartão de boas-vindas, penso com o rosto corado, envergonhada por pensar que Otto mexeu na minha mochila por maldade.

Pego o caderninho que trouxe dentro da minha mochila, nele tem mensagens de despedida das meninas, algumas escritas pelas minhas próprias mãos, conforme elas iam ditando, já que muitas não sabiam escrever.

Penso em escrever um cartão resposta para Otto, mas no momento que peguei a caneta me faltam palavras, não sei o que dizer a ele, então deixo o caderno de lado e volto minha atenção para a escolha da minha roupa.

Jogo a peça que escolhi em cima da cama. O banheiro fica em meu quarto, e pela primeira vez não terei que o dividir com mais de trinta pessoas, nem precisarei usar o tempo determinado para cada banho, ou seja, sete minutos para ficar totalmente limpa, e se ultrapassasse o tempo seria descontado no dia seguinte.

Abro a porta do banheiro e me surpreendo com a banheira gigantesca que tem nele, sorrio sozinha e lembro das meninas, como elas ficariam felizes de saber tudo o que ganhei, e melhor ainda, como seria maravilhoso compartilhar tudo com elas, nem que eu precisasse me banhar em sete minutos, valeria a pena se fosse para dividir isso tudo com elas.

— Cecília, apresse-se! — Vera diz, sua voz saí abafada, graças a porta do banheiro, fechada. Faço o que ela me pediu.

Quero aproveitar ao máximo a água quentinha, mas não quero que eles fiquem me esperando para jantar, porque tenho certeza que todos devem estar famintos.

Visto um short e uma camiseta. Vou até o espelho do guarda-roupa e penteio o meu cabelo, que está cheirando a uma deliciosa fragrância de shampoo de coco que está no banheiro. Depois de pentear o meu cabelo, devolvo o pente para a penteadeira e vou para fora do quarto.

Passo pelo quarto de Otto, a luz passa por debaixo da porta, escuto uma música tocar baixinho. Sigo à procura de Vera. Ela não está na sala, vou para cozinha, e ela também não está. Volto para sala, pensando em ir até o quarto dela, mas decido esperar, então Otto me aparece, ele também está com o cabelo molhado, mas parece que não o penteou. Está usando bermuda e uma regata branca e está descalço.

— Mamãe saiu, — ele diz, dá a volta e senta no sofá. — Foi até a vizinha, o marido dela teve um mal-estar, mas logo ela estará de volta. Pode se sentar, se você quiser. — Ele aponta para o sofá, e eu timidamente me acomodo nele.

Um silêncio um tanto constrangedor se forma entre nós, de alguma forma Otto me intimida, e tudo tem a ver com Henri, pelo menos é nisso que eu tento acreditar.

— Se você pudesse não estaria aqui hoje? — Otto me pergunta, me pegando completamente desprevenida, levanto meu olhar para encontrar o dele.

— E o que você quer dizer com isso exatamente?

— Você só está aqui porque iria completar dezoito anos e não tinha para aonde ir, pelo menos foi isso que entendi. — Um sorriso presunçoso surge em meus lábios, deixando Otto intrigado. Ele está me testando, tem medo que eu machuque a mãe dele, e vai fazer de tudo para que isso não aconteça.

— Sim e não. Também estou aqui porque sempre quis ter uma família. Ou você acha que fiquei órfã por opção minha? — As palavras saem em um tom mais grosseiro do que eu gostaria. Otto se retrai no sofá, crispa os lábios, ele não gostou da forma que eu falei.

— Mas depois de ser órfã você dever ter tido uma família. Ninguém te adotou? — Ele está me sondando. — Você é bonita, deve ter tido várias famílias querendo te adotar. — Ok. Perdi-me na palavra bonita e não consigo esconder a vermelhidão em meu rosto.

— Agora ser bonita é pré-requisito para ser adotada? — Pergunto, fingindo uma ofensa. É claro que uma criança bonita tem mais chances de ser adotada.

— Eu e você sabemos que crianças claras tem mais chances de serem adotadas. Infelizmente é assim que funciona. E você deve ter sido um bebê muito bonito para ninguém te querer.

— Você deve me achar muito bonita para usar essa palavra toda hora para se referir a mim.

— Duas vezes. — Ele dobra os dedos e deixa dois deles à mostra.

— O quê?

— Eu usei a palavra bonita duas vezes para me referir a você. E realmente, você é muita bonita. Sim, eu estou te elogiando e não é para te deixar constrangida, portanto, não precisa ficar vermelha. — Se eu não tive um ataque do coração agora, acredito que eu não terei mais, mas Otto conseguiu me deixar sem reação. E eu não sabia o que fazer com esse elogio dele: se eu ignoro ou o tomo para mim. Considerando o grau parentesco que teremos, opto por ignorar.

Capítulo 12

O clima na sala ficou mais estranho do que já estava, não por parte de Otto, que parece agir normalmente, mas por mim. Espero que o elogio dele seja apenas isso, um elogio. E não que ele esteja dando em cima de mim, porque isso não faria nenhum sentido, não mesmo, e penso que ele ama a mãe o suficiente para que ideias desse tipo não passe em sua cabeça.

Ajeito-me no sofá e coloco minhas mãos sobre o colo, abaixo o olhar, não querendo encontrar com o de Otto. Ele pigarreia no outro sofá, não sei se quer chamar a minha atenção ou se foi algo natural, mas acredito na primeira opção, então continuo com a cabeça baixa, desejando que Vera entre e acabe com esse clima ruim.

— Algum problema? — Pergunta Otto, mas o ignoro. Gotículas de suor se formam em minha testa, embora o ar-condicionado esteja ligado, sinto uma quentura em minha face, que só sinto quando estou nervosa. — Não quer falar comigo?

— Não. — Digo e escuto uma gargalhada, levanto o olhar, encarando Otto, então ele para com a sua risada.

— O que eu te disse que te deixou assim tão irritadinha? — Ele coloca o braço em cima do encosto do sofá.

— Não estou irritadinha. — Explico, mas meu tom de voz me entrega. Estou muito irritada, e ele é o único culpado.

— Estou vendo. — Ele meneia a cabeça, depois corre os dedos pelo seu cabelo, olha para mim, o que parece ser uma eternidade, como se tivesse me analisando, em uma busca incessante de encontrar alguma falha em mim, algo que comprove que ele está certo ao meu respeito.

— Você não me quer aqui. — Afirmo. Otto solta um suspiro. — Você poderia ter sido mais claro no seu cartão.

— E isso mudaria alguma coisa?

— Talvez.

— Mas você não acha estranho, vir para uma família assim tão de repente?

— Sim, acho, mas se aconteceu agora, é porque era para ser agora. Você deveria me dar um voto de confiança.

— Já estou dando. — Um sorriso desponta em meus lábios ao escutar ele dizer isso.

— Sério?

— Por quê? Você acha que não?

— Com certeza não. — Coloco uma mecha do meu cabelo para trás da orelha, tentando ocupar as minhas mãos nervosas. — Você parece querer arrancar alguma coisa de mim.

— Ok, vamos lá, — ele diz e passa as mãos na bermuda. — O Henri falou de você. — Meu coração dispara, uma espécie de

raiva se espalha por todo o meu ser. O que aquela criatura inventou sobre mim para o primo parecer tão arredo a mim?

— E o que ele falou exatamente? — Pergunto, com a voz trêmula.

— Ele disse que te conheceu antes da minha mãe. — Concordo com a cabeça, mas a conversa é interrompida com o barulho da chave sendo girada na fechadura, olhamos instintivamente para ela, a porta se abre e Vera entra. Fecha a porta e olha para nós.

— Então os dois estão aí. Fico feliz em ver que vocês já estão se entrosando. — Otto me olha de soslaio, tem um vestígio de um sorriso nos cantos dos seus lábios, é como se ele tivesse se divertindo com a fala da mãe.

— Está tudo bem com o senhor Mário? — Ele pergunta.

— Sim, agora está. Vou tomar um banho rápido e assim poderemos jantar. — Vera responde.

— Meu pedido ainda não chegou.

— Bem, então acho que não preciso me apressar tanto assim.

Mas é claro que precisa, eu queria dizer a Vera, mas guardei para mim, e de qualquer forma não pretendo ficar nesta sala sozinha com o filho dela.

Inclino meu corpo para frente e observo Vera adentrar o quarto, Otto acompanha o meu olhar, mas não diz nada. Deixo o sofá e me direciono para o corredor.

— Você quer descer? — A voz de Otto me faz parar. — Podemos esperar o entregador lá embaixo e assim você pode conhecer mais o local.

A proposta dele é interessante. Nós não tínhamos o costume de ficar fora do orfanato depois das 18h00, aliás, o único horário que ficávamos fora do orfanato era quando íamos para escola ou participávamos de algum evento. Tínhamos um tempo estipulado para brincarmos no quintal do orfanato e depois todo mundo se acomodava dentro da casa, sem questionar.

Eu realmente queria descer, mas também tenho medo das mentiras que Henri inventou sobre mim, então a minha outra metade neste momento não quer nem um pouco ficar sozinha com o filho da Vera, então sigo para o meu quarto sem dizer sim ou não.

Há uma cortina enorme na parede, abro-a e vejo que não se trata exatamente de uma parede, mas sim de uma porta de correr. Através da vidraça vejo os prédios vizinhos, o céu noturno, com os brilhos das estrelas. Abro a porta e saio, me deparando com uma pequena varanda. Há uma mezinha de metal nela, com duas cadeiras.

Aproximo-me do parapeito e me debruço sobre ele, deixando a brisa noturna acariciar a minha pele, enquanto observo a imensidão da cidade do alto. Carros circulam lá embaixo, e alguns pedestres caminham apressados na calçada.

O mundo é diferente desse ângulo, e a minha visão tenta se acostumar aos poucos com o novo que me foi oferecido.

Fico ali por um bom tempo, só contemplando, até que Vera me chama, anunciando que o jantar chegou.

Na cozinha, Otto e Vera já estão em seus lugares, puxo uma cadeira e me sento também. Vera parece ainda mais radiante que antes, o cabelo de Otto já secou, ainda está bagunçado, dando a ele um ar rebelde, que se torna uma atração para os meus olhos, que

embora façam um enorme esforço para não o olhar, eles me traem o tempo todo.

— Não costumo fazer muito discurso em jantares, então vou ser breve, — comenta Vera, — espero que esse seja um dos vários jantares que teremos juntos. — Há um brilho no olhar dela, um brilho que realmente me fez sentir querida por ela.

— Obrigada, — digo, com a voz um pouco embargada — sei que pareço um pouco difícil em aceitar tudo, mas é que já recebi tantos não da vida, que fica difícil acreditar que uma pessoa tão boa apareceu na minha vida para mudar tudo. Então obrigada mais uma vez por tudo. Vou fazer o meu melhor para te agradar.

— Não quero que você me agrade, Cecília. Você tem de agradar a si mesma primeiro. Talvez o que possa me agradar não vai agradar a você, e fazer o contrário do que o seu coração manda só para me agradar pode vir a machucar você mais tarde. Seja feliz, é só isso que eu te peço.

— Eu já sou. Depois dos últimos dias, mais ainda.

— Acho que você deveria sorrir mais para ver se acreditamos na sua fala. — Otto dispara e os nossos olhares caem sobre ele. As sobrancelhas de Vera se estreitam em perplexidade e não estou diferente dela.

— Otto o que está acontecendo com você? — Ela pergunta, em um tom de voz mais alto, até então desconhecido por mim.

— Não está acontecendo nada. Só estou participando da conversa.

— Você está deixando a Cecília constrangida.

— Não, está tudo bem. Ele deve estar com ciúmes da senhora. — Digo e me sirvo com um pedaço de lasanha. Ponho o

prato sobre a mesa e lançou um olhar sombrio para Otto.

— Ciúmes? Não tenho idade para sentir ciúme da mamãe.

— Ele agora parece irritado, e eu gosto disso.

— Então por que está assim tão rebelde? — Vera o questiona.

— Não estou rebelde, mãe. Foi apenas uma brincadeira.

— Agora é uma brincadeira. Ok, vamos comer antes que esfrie.

Os ânimos se acalmaram e durante o jantar Otto não disse mais nada que pudesse ofender a mim. Ele falou sobre a faculdade que vai frequentar, o quão difícil é a carreira que ele decidiu seguir, e o quanto os estudos vão tomar o seu tempo. Vera disse que quando ele começasse a trabalhar na área seria ainda pior.

Contei para eles um pouco da minha história, é claro, só o que achei necessário eles saberem. A rotina que eu tinha no orfanato era uma delas, então que eles não achassem estranho quando eu seguisse horários para fazer certas coisas, como, por exemplo, neste horário eu já teria jantado. Assistiria um pouco de televisão e às 20h00 estaria na cama, conseguindo dormir ou não, eu estaria lá.

Então Otto me surpreendeu me convidando para assistir um filme com ele depois do jantar, eu queria dizer não, já que Vera não estaria presente, ela estava muito cansada da viagem e só queria dormir, mas eu não poderia decepcionar quem abriu as portas para mim nesta casa, já que o que ela mais quer é que eu e o filho tenha um bom relacionamento, e eu quero isso também, mas enquanto Otto não facilitar as coisas para que isso aconteça, eu não facilitarei

também. Sei que o convite para o filme é um pretexto para ele continuar me sondando.

— O que você gosta de assistir? — Pergunta Otto, com o controle em mãos. Ele navega pelo catálogo da Netflix, esperando uma resposta minha.

— Bem, no orfanato assistíamos mais filmes infantis. Desenhos animados...

— Nem um de terror ou ação?

— Considerando que o orfanato tem vinte e nove crianças, a maioria com menos de oito anos, não.

Otto deixa o sofá onde estava e vem para o meu, pegando-me de surpresa, senta bem próximo a mim. Quero me levantar, sair de perto dele, mas também não quero ser mal-educada, e dar mais um motivo para Otto não gostar de mim. Ele estende o controle para mim.

— Sabe usar? — Questiona debochado, olho para ele, só para lhe dar uma resposta malcriada, mas ele está sorrindo. — Estou brincando, não precisa me olhar com esse olhar de quem quer me matar.

— Eu não quero te matar, bem, ainda não. É só não me dar motivos.

— Vou tentar me empenhar.

Filmes de romances não são proibidos no orfanato, é claro, desde que não contenha nenhum conteúdo impróprio, mas achei que para assistir a um com Otto não seria legal, então optei por um *thriller*.

Ficamos quase duas horas, sozinhos na sala, não falamos nada durante o filme, mas às vezes eu sentia o olhar de Otto sobre

mim, e às vezes os meus iam para ele também. Fisicamente ele não tem nada a ver com o restante da família, e sei que o motivo é por Vera ser adotada. Ele tem uns leves traços da mãe, o sorriso bonito é um deles.

— Aposto que você nunca ficou acordada até tarde. — Disse Otto, depois que o filme terminou.

— Você deve pensar que eu sou uma boba, que nunca viu nada na vida.

— Essas palavras são suas, não minha. Quer assistir mais um? — Pergunta, mas me recuso, assim como Vera estou cansada da viagem.

Sigo para o meu quarto, deixando-o na sala.

Não durmo rápido como eu pensei que faria. A minha mente está um furacão. E apesar de o colchão ser macio e o lençol confortável, sinto falta da minha cama. Mergulhada no escuro do meu quarto, lembro de tia Luciana e de todas as outras crianças.

Estico meu braço e alcanço o outro travesseiro e coloco-o na minha face. Demoro a pegar no sono e quando acordo não me lembro em qual momento adormeci.

Capítulo 13

Acordei preguiçosa, o sol entrou radiante pela vidraça da porta que dá acesso à varanda, deixei a cortina aberta ontem à noite e agora estou pagando o preço por isso. Puxo o edredom, cobrindo toda a minha cabeça, quero ficar um pouco mais na cama, mas os raios de sol não estão permitindo que isso aconteça, então desisto. Jogo o edredom para o lado e me sento, tato o chão com os pés em busca dos meus chinelos. Assim que acho eles, calço-os.

Assim como todas as manhãs no orfanato, arrumo a minha cama, para só depois seguir para o banheiro e tomar um delicioso banho matinal.

Visto-me e ajeito meu cabelo em um rabo de cavalo. Olho de relance em direção a porta e vejo um papel no chão, não lembro de ele estar ali quando fui dormir.

Pego o papel, e fico feliz que não tenha sido Otto que o deixou ali, é um bilhete de Vera, avisando que foi correr, diz que a mesa do café está pronta e posso me servir à vontade. Não faço cerimônia como pensei que eu faria, por estar faminta a minha timidez é deixada de lado, então sigo para a cozinha. Apesar de estar sem um relógio a vista para me orientar, acredito que já tenha passado das seis da manhã, horário que tomamos café da manhã, talvez esse seja o motivo de o meu estômago estar tão agitado.

Na cozinha, me deparo com uma mulher lavando as louças. Ela olha para trás ao escutar minha aproximação, desliga a torneira e me recepciona com um sorriso.

— Oh, você deve ser a Cecília. — Diz e enxuga as mãos no avental do seu uniforme preto. — Meu nome é Helena, trabalho para a dona Vera.

— É um prazer conhecer a senhora.

— O café já está pronto. Pode se sentar e se servir. — Diz Helena. Ela tem olhos pretos gentis. A touca branca que usa não esconde por completo seus fios loiros. Ela é um pouco acima do peso, suas bochechas são proeminentes e em seu rosto há algumas manchas, provavelmente marcas de sol.

Puxo uma cadeira e me sento, alcanço um pedaço de bolo de fubá e me delicio com o sabor.

— A senhora não vai tomar café? — Pergunto, com a boca cheia, então Otto entra na cozinha, tocando seus dedos frios em minhas bochechas, quase me engasgo com o bolo. Desde quando dei esse tipo de intimidade a ele?

— É falta de educação falar de boca cheia. — Ele diz e vai até Helena, depositando um beijo na bochecha dela, mas ela lança um olhar nada amistoso para ele. — O que foi?

— Quando for ensinar algo a Cecília, não faça isso na frente de outras pessoas.

— Ah, então é isso? — Ele puxa uma cadeira e se acomoda nela. — Cecília não se importa com isso.

— Isso cabe a ela dizer. — Helena olha para mim.

— Não, tudo bem, penso que os meus modos não agradam ao Otto, aliás, acho que eu mesma não agrado nenhum pouquinho a ele. — As bochechas de Otto coram, comprovando que estou certa.

— Eu nunca disse isso.

— Eu vejo como você me olha.

— De que jeito? — Ele pergunta, debruçando-se sobre a mesa, olha dentro dos meus olhos, fazendo o meu estômago remexer de um jeito estranho e nada aceitável.

— Por favor, vocês dois. A dona Vera não vai ficar nada feliz em ver vocês brigando desse jeito. — Helena lava o último copo e coloca no escorredor.

— Não estamos brigando. — Otto diz.

— Espero realmente que não. Vou ajeitar as coisas. Vocês dois se comportem. — Helena deixa a cozinha e vai até a área de serviços, retorna com uma vassoura, flanela e um balde com produtos de limpeza.

Otto pega uma pera da fruteira e morde. Mastiga, com os olhos fixos em mim. Encho uma xícara com café e bebo, depois a coloco sobre a mesa.

— Já pensou no que vai fazer hoje? — Otto questiona.

— Não. Acho que vou ficar em meu quarto.

— É o que você costumava fazer?

— Na maioria das vezes sim, principalmente quando não tinha aula. Quando eu não estava no quarto, eu estava brincando com as meninas.

— Você brincava com elas? — Pergunta Otto, agora parecendo curioso.

— Eram vinte e nove meninas, era uma boa maneira de me manter ocupada.

— Você deveria pensar em alguma programação para fazer, ficar dentro de casa sem fazer nada o dia todo não é legal. Já pensou em fazer algum curso?

— Quando eu tiver o meu próprio dinheiro para bancá-lo, sim.

— Então você pretende trabalhar?

— Sim, em breve, não posso ficar nas costas da sua mãe pelo resto da vida.

— Mas ela quer te dar oportunidades, você não precisa trabalhar por agora.

— Como posso aceitar tudo do bom e do melhor sem poder contribuir com nada?

— Acho que você não está entendendo o lance da minha mãe. — Brinco com a pulseira de miçanga que tenho em meu braço. — Ela está realmente te enxergando como uma filha de verdade, e as mães querem sempre dar o melhor para os seus filhos. Tudo que ela está fazendo ou te dando é de coração. Se não fosse, eu faria questão de dizer a você.

— E por que você faria questão de me dizer?

— Porque eu sou sincero.

— Cheguei! — Vera grita lá da sala.

— Estamos na cozinha, mãe! — Diz Otto, e Vera vem até nós.

— Pensei em irmos ao shopping. Que tal comprarmos roupas novas? — Pergunta Vera, cheia de empolgação, olho para Otto, que dá um meio sorriso, ele quer que eu aceite o convite da mãe.

— Tudo bem. — É só o que consigo dizer.

— Otto, você vai com a gente, vai ser o nosso motorista.

— Sinto muito, mas já tenho compromisso com alguns amigos. — Otto protesta.

— E esse compromisso é tão urgente, que você não pode adiar?

— Sim. Vai ser um encontro só com amigos de infância.

— Adia. Tenho certeza que eles não vão se importar. Daqui a alguns meses você vai deixar a cidade, então pretendo construir uma relação entre nós e Cecília durante o tempo que ainda está aqui, seus amigos podem esperar. Marque um encontro com eles à noite e leve a Cecília junto...

— O quê? — Otto interrompe Vera, parecendo ultrajado.

— Apresente seus amigos a ela, Cecília precisa fazer amigos. Dentro do apartamento ela não vai conseguir fazer isso. Não quero que ela tenha uma vida solitária.

— Não sei se é necessário eu conhecer os amigos de Otto. — Digo. Se todos os amigos do Otto tiverem uma aversão a mim assim como ele, aí que não é necessário mesmo.

Vera se agacha atrás de mim e sussurra em meu ouvido:

— Não se limite ao Henri. Não pense que todos próximos à família são iguais a ele. — Depois ela volta a falar em voz alta. — Vá se divertir, querida. — Meus olhos vão para Otto, sei que ele não quer que eu vá, então um sorriso de escárnio surge em meu rosto, e o motivo de Otto não querer, é o que me faz dizer sim.



Otto não tinha o rosto mais amável enquanto dirigia para o shopping. Algumas horas atrás o escutei desmarcando o compromisso com seus amigos e remarcando para mais tarde. Não escutei ele falar de mim, portanto, acredito que eu serei uma surpresa a parte, não sei se boa ou ruim.

Ele liga o som do carro em um volume baixo, assim que parou no sinal vermelho, enquanto isso Vera lamenta por ainda lhe restar apenas uma semana de férias e outra parte está contente por finalmente voltar ao trabalho.

Há muitas coisas sobre mim que eles não conhecem, entre uma delas é que a única vez que fui ao shopping foi somente para ir ao cinema, cujos ingressos foram doados por uma grande empresa ao orfanato.

Da vitrine da loja, olho os preços das roupas e acho tudo caro demais, então me recuso a entrar para ver o restante, mas Vera é insistente. Otto puxa de leve a minha camiseta, fazendo com que eu

acompanhe seus passos até estarmos dentro da loja, ele tem um sorriso brincalhão nos lábios, mas assim que sorrio de volta para ele o sorriso dele some e volta toda a sua atenção para o celular, como se tivesse se arrependido de ter brincado comigo.

Eu e a moda não andamos de mão dadas, então deixo que Vera faça as combinações das roupas para mim.

Na loja seguinte, ela arrasta Otto para dentro, obrigando-o a entrar no corredor do provador, o que me deixou em um estado de nervos, eu não iria provar nenhuma roupa e mostrar como ficou em mim para ele, não mesmo. Mas Vera acreditava que realmente estava tudo bem entre nós.

Experimentei um vestido preto de frente única e permaneci dentro do provador por vários minutos, causando preocupação e aflição em Vera, que começou a me chamar.

— Estou bem. — Afirmei para ela.

— Então saia. Quero ver como você ficou.

— Só mais um minutinho. — Não quero que Otto me veja, mas não posso dizer isso em voz alta. Não posso dar nenhum sinal disso. Tenho que ser corajosa o suficiente para tratá-lo com indiferença, assim como ele me trata. Solto um pesaroso suspiro, destravo a porta do provador e saio, de cabeça baixa.

— Cecília, você está linda. Ficou perfeito em você.

— Obrigada. — Levanto o olhar para agradecê-la pelo elogio e me deparo com o olhar de Otto, que de repente tem os olhos brilhantes.

— Marque com seus amigos em um lugar que a Cecília possa usar esse vestido. — Diz Vera.

— Mãe, eu já marquei, e tenho certeza que ela poderá usar esse vestido. — Ele olha para mim através de seus cílios longos. — Você ficou incrível. — Meu coração dá uma martelada com a palavra incrível, aproveito para retornar para o provador, assim poderei remoer sozinha o

que sinto dentro de mim a cada elogio de Otto. Como eu queria dizer com convicção que eu o odeio, mas estaria mentindo para mim mesma.

Tiro com mais lentidão o vestido. Encaro meu reflexo no espelho, lembrando que Otto e Vera estão do outro lado. Visto a minha roupa e encosto minha testa no vidro, não gostando das sensações esquisitas que aquele ser irritante do outro lado está provocando em mim. Ele não pode vir a ser um problema para mim. E eu não posso vir a ser um problema para Vera.

Por que eu sou assim? Tão carente ao ponto de deixar sentimentos entrarem tão rápido dentro de mim?

Lembro de Henri, de como eu deixei me levar pela carência, assim não conseguindo enxergar a verdadeira face dele. E é em Henri que preciso me focar, quero conectá-lo de alguma forma ao Otto, transformando os dois em um, e assim arrancar todas essas sensações esquisitas que o filho de Vera está causando em mim. Henri é um babaca do mau, e é assim que pretendo ver Otto também, e espero sinceramente que ele facilite as coisas para mim para que eu o veja assim.

Encho o peito, estou determinada a odiar Otto. Deixo o provador.

— Vamos. — Digo.

Escolho apenas três peças de roupas, embora Vera insista que eu leve também as outras cinco que eu havia provado, mas não quero explorá-la, então digo que não gostei, e ela aceita.

Enquanto Vera está no caixa, a espero na porta, Otto se aproxima, bem, pelo visto ele não quer facilitar as coisas para mim.

— Meus amigos são legais. — Ele diz, tentando puxar assunto.

— Você já falou de mim para eles? — Pergunto, mas não o olho.

— Ainda não, vão querer entender tudo o que está acontecendo e nem eu consegui entender ainda. Ei! — Ele diz e puxa de leve o meu rabo de cavalo, quero bater na mão dele por isso. — Por que você não quer olhar para mim? — Ele pergunta e eu me viro de supetão para ele.

— Está melhor assim?

— Bem melhor. — Ele se recosta na porta, um pouco desajeitado.
— Você muda de humor facilmente.

— Olha quem fala. — Ele me encara de um jeito diferente, e aquela sensação esquisita no estômago retorna. — Sua mãe está vindo.
— Digo, como se fosse um aviso, tanto para ele quanto para mim.

Passamos a maior parte do dia no shopping, aproveitamos e almoçamos lá também. Quando chegamos em casa, estávamos todos cansados, aproveito para dormir algumas horas antes de sair com Otto para encontrar com os amigos dele.

A tensão me dominou logo depois que me vesti. Não sei o que esperar desse encontro. Tenho medo dos amigos dele. Tenho medo do Otto. Nossos mundos são diferentes. Meus amigos são diferentes. Eles têm um padrão de vida diferente, um que fiz parte uma vez, e não foi nada agradável. Tenho medo de ser excluída e ficar com aquela sensação de solidão no peito enquanto estou acompanhada.

Deixo esses pensamentos de lado quando alguém bate na porta do quarto, sei que é Otto. Tento parecer forte e destemida ao abrir a porta para ele.

Capítulo 14

— Você está pronta? — Pergunta Otto, recostando o cotovelo no batente da porta.

— Bem, acho que sim. — Digo, passando uma olhada para o meu próprio look.

— Você está ótima. — Otto diz e dá uma piscadela, ele parece ser o tipo de pessoa que parece não ter problemas em elogiar alguém, mas o problema é como reajo quando ele diz isso, agora o meu estômago está agitado. — Vamos. — Ele segue pelo corredor e vou atrás dele.

Vera está na sala, tem um livro em mãos. Assim que percebe a nossa chegada, coloca o marcador na página que ela estava lendo, fecha o livro e o coloca sobre o sofá. Ela tira os óculos e dobra as hastes.

— Uau, Cecília, você está linda! — Ela diz, com um sorriso radiante, e finalmente sou convencida que sim.

— Obrigada. — Agradeço.

— Espero que vocês se divirtam muito. — Acrescenta, é como se Vera estivesse torcendo para que isso aconteça, ela quer me entrosar com todos os envolvidos na família. — Otto, seja legal com ela, não deixe ela de fora.

— Pode ficar tranquila, vou cuidar dela. — Otto vai até à mãe e deposita um beijo em sua cabeça e depois segue para a porta.

— Tchau! — Digo e vou para fora, e Otto fecha a porta.

Acompanho ele até o elevador, e naqueles segundos dentro da caixa metálica, penso em muitas coisas, entre elas o fato de essa ser a primeira vez que saio à noite, e também a primeira vez que saio com os “meus amigos”. É tudo muito novo para mim, essa liberdade que Vera está me dando, os lugares que estou frequentando.

Otto está silencioso enquanto dirige, e eu queria realmente ter sentado no banco de trás, mas ele não permitiu, deixando a porta travada e não arredou o pé do lugar enquanto não fui para o banco ao seu lado.

— Você está com medo, Cecília? — Ele pergunta, mudando a marcha do carro.

— Do que exatamente?

— De tudo. Conhecer os meus amigos, é um deles.

— Tenho certeza que eles devem ser legais, e de qualquer maneira eu sei me entrosar quando o momento pede. — Tento convencer a mim mesma disso.

— Tenho certeza disso. — Ele diz e acelera um pouquinho. O olhar dele é um mistério, às vezes parece gostar da minha companhia, e às vezes parece ter vontade de parar o carro a

qualquer momento e me abandonar em uma rua qualquer, tenho medo que ele realmente faça isso.

Otto dirige o carro até um condomínio, para na guarita e mostra a carteira de motorista para o guarda, que libera a entrada dele. Tento localizar alguma boate ou qualquer outra coisa parecida, entre essas casas chiques, que parecem mais terem saído de alguma novela, mas não há nada, apenas casas luxuosas. Otto estaciona o carro em frente a uma delas, e no portão tem mais um segurança. Ele apresenta a carteira de motorista mais uma vez e sua entrada é finalmente liberada.

— Chegamos. — Diz e olha para mim.

— Pensei que iríamos em alguma boate, ou qualquer outra coisa do tipo para que eu usasse esse vestido de festa. Vai ter uma festa aqui, né?

— Não. Apenas uma reunião de velhos amigos. — Diz ele, com uma voz calma, parecendo não perceber a tensão que estou transmitindo.

— Você poderia ter me avisado antes, assim eu poderia ter colocado outra roupa. — O segurança dá uma batidinha na lateria do carro, para que Otto se apresse, então ele arranca com o carro.

— E perder você toda linda nesse vestido? Não mesmo. — Ele responde, e o meu coração dá uma martelada forte. Ele parece estar brincando comigo, mas também parece que está falando sério. Não sei em qual verdade acreditar, se isso é só um joguinho dele para me deixar confusa, está conseguindo.

Alguém acena, apesar da luz fraca vindo de um poste de jardim colonial, consigo visualizar uma mulher, seu cabelo se agita na brisa, com seu vestido chique de renda, ao vislumbrar a roupa

dessa mulher fico nitidamente mais relaxada em relação ao meu vestido.

Otto desce do carro e vai até ela, cumprimentando-a com um abraço apertado, que levanta a mulher do chão. Diz alguma coisa para ela, e depois de alguns minutos entre falas e sorriso parece se lembrar que me deixou no carro, então volta até o veículo e abre a porta.

Deixo o carro e me surpreendo com a mulher vindo até mim para me abraçar, não a abraço de volta, ela me dá dois beijinhos na bochecha, parece animada demais com a minha presença, seu sorriso é largo e amistoso.

— Cecília, essa é a Sophia, e essa é a Cecília, Sophia — Otto nos apresenta, colocando a mão em meu ombro, o sorriso de Sophia se alargar mais um pouquinho, retribuo com um sorriso tímido sem saber que forma Otto me apresentou a ela quando os dois estavam conversando longe dos meus ouvidos.

— O Thiago e o Pablo já estão lá dentro. — Ela diz e começa a caminhar, passa o braço pelo de Otto e os dois caminham assim, juntinhos, e eu atrás, observando a intimidade dos dois, e o quanto conversam tão próximos um do outro, quase boca com boca, e isso me irrita, de uma forma que eu não gosto. Eles são namorados? Algo parecido com isso?

Sophia não nos leva para dentro da casa, mas sim para um galpão ao lado dela, que tem as luzes acesas. Lá dentro, se encontram dois rapazes sentados em um sofá vermelho, que forma um círculo, no meio há uma mesa, com alguns quitutes, e duas latinhas de cerveja, então penso que eu não deveria ter vindo aqui.

Os dois rapazes se levantam ao avistar Otto, eles se cumprimentam e só depois parecem notar a minha presença do lado de fora do galpão. Um deles, o rapaz loiro, de barba e ombros largos me olha de uma forma mais intensa, quase que vejo um certo interesse em seu olhar, porque ele não parece fazer questão de disfarçar.

— Rapazes, essa é a Cecília. — Levanto a mão em forma de cumprimento e não dou nenhum passo, não quero que eles me cumprimentem da mesma forma que Sophia. — Cecília esse é o Thiago, — Otto aponta para o loiro — e esse é o Pablo. — Aponta para ao rapaz de pele escura e cabelo afro.

— Oi! — Eles dizem em uníssono. E estou esperando a parte que Otto diz que temos um lance familiar, mas parece que ele não quer dizer, mas como esconder isso do que parece serem os seus melhores amigos?

Nervoso, Otto me lança um olhar.

— Você está estranho. — Diz Thiago, ao notar a inquietude do amigo.

— Só preciso de uma cerveja para relaxar.

— Já vou buscar. — Diz Pablo e vai até um frigobar que está no canto da parede.

— Cecília, entre. — Ele diz para mim e assim eu faço. Então Sophia me encoraja mais um pouco, me pegando pela mão e me levando até o sofá. Otto e Thiago vão até o frigobar.

— Você é de onde? — Pergunta Sophia.

— Cariacica, Espírito Santo. — Ela parece surpresa.

— Veio passar um tempo em São Paulo?

— Não, vim para morar.

— Por causa do Otto? — A conversa vai para um rumo um tanto desconfortável para mim.

— Não, é claro que não. — Olho de relance para trás, só para espiar o que ele está fazendo, vejo-o com uma latinha na mão.

— Vocês não estão juntos? — Engasgo com a minha própria saliva ao escutar a pergunta de Sophia, pois, sei muito bem o significado “desses juntos”.

— Claro que não.

— Como não? Eu vi a forma que o Otto olhou para você.

— Você entendeu errado, o Otto me odeia.

— Conheço Otto há mais de vinte anos.

— Precisa conhecê-lo melhor. — Digo, na defensiva. — Eu pensei que vocês estivessem juntos, pela forma que vocês estavam conversando tão próximos um do outro.

— Vai se acostumando, é assim que conversamos, não precisa ter ciúmes. — Um sorriso desponta nos lábios de Sophia, e eu sorrio sem nenhum humor.

— Acho que você está entendendo errado, mas acredito que seja porque o Otto não falou sobre mim. — Sophia pega uma das latas de cerveja abertas de sobre a mesa e dá um gole.

— Ele só disse que traria uma pessoa com ele.

— Estou morando na casa dele. — Ela me lança um olhar, confuso.

— Pensei que vocês não estivessem juntos.

— Não dessa maneira, e nem de maneira nenhuma. Só o tolero por causa da mãe dele.

— E o que a dona Vera tem a ver com vocês dois?

— Ela me adotou. — Sophia engasga com a cerveja, ela tosse, tentando recuperar o fôlego, seu rosto está vermelho. Os meninos vêm até nós, querendo socorrer a amiga, mas ela logo recupera a compostura.

— Otto, seu *miserável*, por que você não contou que a sua mãe tinha adotado a Cecília? — Os olhos dos amigos de Otto se arregalam, estão tão surpresos quanto Sophia. Otto tem um olhar zangado, talvez não tenha gostado que tenha comentado sobre nosso elo familiar.

— Para não causar essa estranheza toda. — Ele responde.

— Cara, você trouxe uma garota menor de idade para beber com a gente? — Indaga Pablo.

— Ela tem dezoito anos, recém-completados.

— Pensei que vocês estivessem juntos. — Diz Thiago, que parece contente ao saber que não.

— Você acha mesmo? — Diz Otto e aponta para mim. — Em que parte eu dei a entender isso? — O clima parece tenso de repente, pelo tom elevado usado, então Sophia se coloca entre eles.

— Não era para você ter escondido isso da gente. — Lamenta Sophia.

Então me tornei o assunto principal. As perguntas foram todas direcionadas a mim, deixando Otto de fora, que parecia muito feliz em passar a bola para mim ao ter que dar explicações sobre a minha adoção.

— Uau! Que história de vida fascinante, é como fazer um gol nos últimos segundos do jogo. — Diz Thiago, fascinado com o que acabou de ouvir. Otto faz uma expressão de desdém com a comparação do amigo.

— Vera realmente é uma pessoa iluminada. — Diz Sophia.
— Então ontem foi o seu primeiro dia na casa do Otto. — Ela afaga o cabelo dele, e tenho a impressão que ela quer ver o quanto isso me afeta, não gosto desse tipo de brincadeira, pois, causa exatamente o efeito que ela queria que causasse em mim: ciúmes.

— Não exatamente o dia, mas a noite. Chegamos depois das seis.

— E você, Otto, como recebeu a notícia que teria uma nova irmãzinha? — Otto tem um sorriso de escárnio no rosto pela palavra usada pela amiga.

— Foi uma surpresa, ainda está sendo, estou tentando me acostumar com a ideia. — Ele encontra o meu olhar, para depois desviar rapidamente.

— Você nunca foi adotada antes? — Pergunta Pablo, inclinando-se para frente para pegar um salgadinho, o olhar de Otto vem até mim novamente, ele parece curioso com o assunto, como se os seus amigos fossem conseguir arrancar mais coisas de mim do que ele.

— Sim, três vezes.

— E não deu certo? — Sophia pergunta. A tensão toma conta do meu corpo, meu nervosismo é visível.

— Acho que ela não quer falar sobre isso. — Otto intervém.

— Tudo bem, fale-me sobre você. Quando você vai embora?
— Pablo pergunta a Otto e sinto a tensão se esvaír do meu corpo, meus ombros relaxam ao ver que agora estão prestando atenção nele.

— Não sei ainda, mamãe quer que eu fique mais um tempo.

Otto e Sophia estão no lado de fora, Pablo foi ao banheiro, e me deixaram sozinha no sofá com Thiago, que tem um olhar intrigante.

— Você não bebe? — Pergunta, ao perceber que não toquei em nenhuma bebida.

— Não.

— Você não está mais no orfanato. Pode beber se quiser.

— Não tem nada a ver com o orfanato, só não quero beber.

— Explico.

— Você não parece muito feliz. — Ele concluiu, sem antes me perguntar.

— Só estou me acostumando com o novo ainda, e sinto saudades do pessoal do orfanato.

— Qual quer dia desses poderíamos sair, só nós dois, isso se você quiser? — Ele vai direto ao ponto, e não sou pega de surpresa, já que cada olhar que ele lançava para mim era de puro interesse.

Otto retorna, e Thiago não tira o olhar de mim, esperando a minha resposta. Otto divide o olhar entre mim e Thiago.

— Algum problema? — Ele pergunta.

— Só estamos conversando. — Thiago responde, não parece ter gostado da chegada do amigo. Ele ainda está esperando a minha resposta. — Então, Cecília?

— Sinto muito, mas não tenho interesse. — Respondo, e o semblante de Thiago se fecha.

— Interesse em quê? — Otto pergunta, curioso.

— Sair comigo um dia desses, mas parece que eu não faço o tipo dela.

— Você a convidou para sair? — Otto parece irritado.

— Sim. Por que isso está parecendo um problema para você?

— Porque você é um problema. — Otto diz seriamente, e Thiago sorri.

— Se eu quero sair com ela o problema é meu.

— Meu também. — Coloco-me de pé. — Porque cabe a mim, dizer sim ou não. E eu já disse não, para que ficar prologando o assunto? E você, Otto, cuida da sua vida que eu cuido da minha. Se eu tivesse dito sim, você não poderia ter feito nada para me impedir.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunta Sophia, que entra com o Pablo.

— Nada. — Thiago responde.

— Otto? — Sophia chama, na esperança que ele diga a verdade

— Já estamos de saída. — Otto sai pela porta, e sigo atrás dele.

— Só para te avisar, sou bem, grandinha e sei me defender.

— Eu nunca disse o contrário.

Ele abre a porta do carro, mas nenhum de nós entramos, já que Sophia corre até nós.

— Não acredito que vocês nem iriam se despedir. — Diz com a voz entrecortada. — O Thiago quando bebe fica muito chato, com certeza amanhã ele vai estar melhor, perdoa ele por qualquer coisa que ele tenha dito enquanto estava bêbado. — Ela me pede.

— Ele não me disse nada de mais, Otto que se estressou à toa.

— Eu me estressei à toa? O cara estava dando em cima de você. — Sophia sorri.

— E qual o problema? Você não é o meu dono e não tem que se intrometer nisso.

— Só estava fazendo o papel de irmão mais velho.

— Só que você não é o meu irmão, e nem se fosse, não deveria se intrometer na minha vida! — Esbravejo e Sophia continua sorrindo.

— Vocês dois são tão fofos discutindo.

— Não estamos discutindo. — Otto diz e entra no carro, parecendo ainda mais irritado.

— Cuide dele. — Sophia diz para mim, com um certo tom irônico.

— Não seja ridícula e tire esse sorrisinho da cara. — Digo irritada, abro a porta do carona de trás e me apresso em entrar.

— Não vou dirigir com você aí atrás. — Otto diz.

— Então vamos ficar aqui a noite toda. Não sou obrigada a ir ao seu lado. — Respondo.

— Ótimo, espero que você esteja acostumada a passar a noite fora.

Droga! Não posso fazer isso, Vera não irá gostar de não me ver em meu quarto pela manhã, porque Otto parece determinado a fazer isso. Seguro no encosto dos dois bancos da frente e salto para a poltrona ao lado dele, que sorri triunfante. Ele gira a chave na ignição, passa a primeira marcha e dirige.

— Até logo! — Sophia grita. — Foi um prazer conhecer você, Cecília! — Abaixo a janela, coloco a mão para fora e aceno para ela.

Hoje eu tive certeza que a viagem ao lado de Otto sempre será silenciosa. Ele dirigiu tão rápido que o caminho durou menos tempo que na ida.

No estacionamento do apartamento, saio do carro, vou até à porta do elevador, querendo me livrar de Otto quanto antes, mas me lembro que ele está com a chave.

— Thiago não é o cara certo para você. — Ele diz ao se aproximar de mim.

— Quem decidi isso sou eu, e eu já disse que não estou interessada.

— Só estou te avisando caso você venha a mudar de ideia.

— Eu não vou.

— Só não quero que você se machuque. — Seu olhar agora é gentil, e quero me perder nele.

— Eu sei me cuidar.

— Ótimo, assim eu posso dormir mais tranquilo. Quando entrarmos pela porta da sala podemos fingir que está tudo bem? Que ocorreu tudo bem?

— Pela Vera sim.

— Por mim não. — Ele dá um meio sorriso. — Ok. Posso dormir com isso. — Otto estende a mão para mim, seguro-a e selamos uma trégua com um aperto gentil.

Capítulo 15

A quem eu estou tentando enganar? Os únicos exercícios físicos que eu estava acostumada a fazer era os que a professora passava na aula de educação física, e agora aqui estou eu, correndo com a Vera e Otto, tentando bancar a fitness, mas a verdade é que eu só queria sair um pouco, conhecer a vizinhança, respirar o ar fresco da manhã, enquanto um sol ainda tímido toca a minha face. É o meu terceiro dia correndo e parece que a qualquer momento os meus pulmões vão ser arrancados de dentro do meu corpo.

— Esperem! — Grito, com o que me resta de fôlego, então inclino meu corpo para frente, ponho as mãos no joelho e luto para recuperar o fôlego.

— Cecília, você está bem? — Vera pergunta, depois de retornar para mim. Otto está na frente, mas para, quando percebe que ninguém o acompanha.

— Desculpe, nunca corri tanto em minha vida. — Digo, com a voz entrecortada.

— Você quer voltar para casa? — Ela pergunta, preocupada pelo estado que me encontro. Tiro o elástico que prende o meu cabelo, para refazer o meu rabo de cavalo.

— Não é necessário, só preciso ir em um ritmo mais lento. Não quero atrapalhar vocês.

— Você não atrapalha. — Vera fica pensativa por um momento. — Acho que podemos ir caminhando. — Ela sugere, e suspiro, aliviada.

Otto está bem à frente de nós, enquanto caminhamos, Vera segue o meu ritmo, porque ela já percebeu que eu nunca conseguiria seguir o dela. Como alguém da idade dela pode ter mais disposição do que uma garota de dezoito anos?

No percurso, Vera continua me sondando sobre os meus estudos, ainda não tenho uma resposta para ela, e nem para mim mesma. Então do nada ela começa a me falar sobre Otto, e embora eu tente disfarçar que esse assunto me deixa completamente desconfortável, não sei se está funcionando muito bem.

Descobri que ele é muito protetor com a família, uma pessoa muito leal, talvez esse seja o motivo dele cultivar a amizade com os amigos de infância até hoje. Ele tem uma paixão por surf, e esse é um dos motivos por ter decidido fazer faculdade no Rio de Janeiro. O mais interessante foi saber que quando ele completar cinquenta anos tem planos de se aposentar e dar a volta ao mundo. Imaginei embarcar nessa com ele.

Vera tem um sorriso no rosto ao falar sobre o filho, como se tivesse muito orgulho dele. Ele parou de correr e está nos esperando, quando o alcançamos, decidimos retornar. Ele tem o rosto rosado, seu cabelo suado está grudado na testa, os músculos

de seus braços são bem torneados, deixando uma bela visão na regata que ele veste. Neste momento ele me pega no flagra o observando, mas ignora. Arrependo-me de ter reparado tanto, então o silêncio me consome durante todo o trajeto.

Não dá para olhar Otto e simplesmente achá-lo feio. Ele é lindo demais para um coração tão carente e traiçoeiro como o meu não ficar pelo menos um pouco balançado. Sei que estou ferrada enquanto ele estiver morando aqui. Então mais do que nunca, desejo que esses meses que estão por vir, passem logo.

Na entrada do prédio, nos deparamos com uma das moradoras. Vera me apresenta a ela como membro da família, surpreendendo-me. Enquanto conversamos, observo Otto entrar. Ele fecha a porta, mas tenho a impressão que ele me olha, parece confuso, em sua testa há vincos de preocupação.

Vera e a moradora do prédio, Adriana, entram em um papo que nada tem a ver comigo, aproveito para escapar e entrar também. Agora tenho as minhas próprias chaves, Vera me deu semana passada. Ela confia em mim, e isso me aproximou mais um pouquinho dela desde então. Nós, duas saímos juntas durante a semana, mas o meu relacionamento com Otto parece ter regredido ainda mais.

Entro no apartamento e sigo direto para a cozinha para matar a minha sede, a água que levei na garrafinha já tinha acabado.

Sou surpreendida com a presença de Otto tomando um copo de água, ele está sem camisa, percebo que colocou a camisa e a toalhinha em seu ombro. Ao perceber a minha presença, vira de supetão para trás e me pega no flagra observando-o, mais uma vez.

— Só vim beber um pouco de água. — Digo, querendo dar uma explicação do porquê estou ali.

— Você é livre para entrar na cozinha quando quiser. Não precisa dizer o que veio fazer nela. — Ele responde.

Otto abre o armário e pega um copo, enche-o com água e o estende para mim. Aproximo-me mais, pegando o copo, meus dedos longos e finos entram em contato com a mão gelada dele. Retraio-me, e me apresso em beber a água e sair, o mais rápido possível.

— Você pode dizer a mamãe que você não gosta de correr, ela não vai ficar chateada com você. — Otto diz, e me direciono até a pia, ele sai um pouco do caminho para que eu passe, mas não o suficiente, e assim ficamos praticamente colados um, no outro, enquanto lavo o copo que sujei, aproveito para lavar o dele também.

— Ainda estou insistindo nisso porque acredito que o meu corpo ainda pode se acostumar.

— Franzina assim, acho impossível.

— Como é que é? — Olho para ele, cética.

— Relaxe, estou brincando, você é uma magrela bonita.

— E você é irritante sabia.

— Você foi convidada para uma festa no próximo final de semana. — Ele diz, mudando de assunto, assim ignorando a pequena ofensa que fiz a ele.

— Que festa? — Pergunto, enquanto meus olhos passeiam pela pele bronzeada do seu peitoral.

— Que o Thiago vai dar na casa dele, ele quer a sua presença lá.

— Pensei que o Thiago não fosse o cara certo para mim. O que foi? Mudou de ideia em relação a isso?

— Não. Eu também estarei lá caso a donzela indefesa precise de um herói para salvá-la.

— Sou a minha própria heroína.

— Que seja, de qualquer forma eu estarei lá. — Ele diz, então o telefone toca.

Otto me abandona na cozinha para ir atender o telefone e pela primeira vez quero dizer que ele fique, confusa, bebo mais um pouco de água, sabendo que estou alimentando certos sentimentos dentro de mim, quando eu deveria arrancar para sempre.

— Cecília! — Ele me chama. Vou até à sala. — Tem uma mulher chamada Luciana querendo falar com você? Você a conhece?

Não consigo acreditar no que acabei de escutar, meu rosto se ilumina de alegria, saio apressada e praticamente arranco o telefone da mão de Otto.

— Bem, acho que isso responde a minha pergunta. — Ele diz e deixa a sala, indo para o quarto.

Mesmo suada, deito no sofá com o telefone em mão. Coloco-o na orelha, não acreditando que finalmente vou falar com a tia Luciana.

— Não acredito que é a senhora! — Comento surpresa.

— Oi, Cecília! — Ela diz, e pelo seu tom de voz sei que ela está sorrindo. — Como vão às coisas aí? Está tudo bem com você?

— Sim, eles são ótimos. Estão sendo maravilhosos comigo.

— Que bom, Ceci, eu estava muito preocupada com você. Eu estava muito atarefada, por isso não te liguei antes.

— Não precisa se explicar, sei que as meninas dão muito trabalho. — Fiz uma pausa antes de prosseguir, eu queria saber das crianças de como elas estavam. — Como estão as meninas?

— Estão todas bem, ainda sentem a sua falta. Nós vamos embora no final de semana. Vai ser estranho não te ver mais no orfanato. Sério, você deixou um buraco de saudade em meu peito.

— Não diz isso, tia Luciana. Não quero chorar. Morro de saudades de vocês, a minha vontade é deixar tudo e retornar para o orfanato, não me preocupando se a diretora me quer lá ou não.

— Nem pense nisso, a vida te deu uma chance, não pense em desperdiçá-la assim, e você sabe que não pode mais voltar para lá.

— Sei. — Respondo, enquanto estou criando coragem para fazer uma pergunta a ela, não sei se tia Luciana irá entender os motivos por trás da minha pergunta. — Você tem visto o Henri?

— Cecília, fala sério!

— Não estou perguntando porque gosto dele, mas a senhora sabe, agora ele é o meu primo.

— Eles foram embora, logo depois de você.

— Por quê? Ele tinha me dito que iria ficar o mês todo.

— Não sei os motivos.

— Tenho a impressão que a senhora sabe sim. — Deixo o sofá e vou para a janela. Inclino-me sobre o parapeito.

— São só boatos.

— Foi por minha causa, não foi?

— Do que você está falando?

— Ele me odeia, tenho medo de nos encontrarmos em alguma reunião de família. Ele já contou a versão dele para o filho da Vera. — Digo com uma certa tensão na voz, um erro grave que cometi, e agora eu teria que dar explicações a tia Luciana.

— Você está tendo problemas com o filho da Vera? — Essa é a desvantagem da pessoa te conhecer muito bem, que consegue te decifrar até por uma simples ligação.

— Claro que não. Nós nos demos muito bem.

— Mentirosa! — Ela cantarola, e às vezes sou mesmo, mas só quando o momento convém.

— Vamos, me diga o que está acontecendo.

— Acho que ele não gosta de mim.

— Por que você acha isso?

— A forma que ele me trata às vezes.

— Tem certeza que isso não é coisa da sua cabeça?

— Não, acho que o Henri inventou um monte de coisas sobre mim para ele.

— Mostre a ele que você não é nada disso. Tem certeza que é só isso? — Deixo a janela e vou para o corredor, verifico a porta do quarto de Otto, está fechada. Volto para sala e falo mais baixo ao telefone.

— Às vezes ele parece fugir de mim pelos cantos da casa e eu dele.

— Cecília! — Tia Luciana diz o meu nome de forma dramática. — O que você quer dizer com isso? *Ah*, não. Você não pode fazer isso, Cecília. Nem pense em fazer isso. Vai ser a maior burrada da sua vida, depois do Henri, é claro.

— Do que a senhora está falando?

— Você está começando a gostar dele?
— É uma piada, né?
— Não, Cecília, você é assim, tão carente ao ponto de se apaixonar pelo cara apenas porque ele sorriu para você.
— A senhora está me ofendendo.
— O que você acha dele? — A imagem de Otto vem a minha cabeça enquanto penso na resposta.
— Alto. Forte. Lindo. E chato, só para constatar.
— Sei. Por favor, não destrua o que você está construindo com Vera por causa de um cara, que, aliás, é o filho dela.
— Eu jamais faria uma coisa dessa. — Digo e Vera entra. — É a tia Luciana. — Digo a ela e aponto para o telefone.
— Quem está aí? — Tia Luciana pergunta.
— É a Vera.
— Deixa eu falar com ela. — Vera pede.
— Vou passar para a Vera, beijos, amo você. Falamos mais depois.
— Não esqueça do que eu te disse. Beijos, te amo também.
— Passo o telefone para Vera e vou para o meu quarto.

Encho a banheira de água e entro nela. A conversa que tive com tia Luciana dá voltas em minha cabeça. Do quarto de Otto um som baixinho atravessa as paredes do meu quarto e do banheiro. Normalmente ele costuma escutar músicas mais agitadas, mas hoje ele optou por uma mais romântica, e na minha imaginação fértil penso que ele talvez a esteja escutando por minha causa. *Não, Cecília!*

Talvez o problema todo seja eu. Realmente tenho que admitir que sou uma pessoa carente, e esse é um grande problema para as

meninas do orfanato, nos apegamos fácil demais as pessoas, por isso estamos sempre nos decepcionando com mais facilidade.

Penso que será mais fácil para mim quando Otto começar a estudar. Ele vai para o Rio de Janeiro, portanto, ficarei um longo período sem vê-lo, sem contato nenhum. Com ele em casa, as coisas ficam mais difíceis. Encontrar com ele pela casa é um incômodo muito grande, e isso só faz com que o meu coração palpite de uma forma completamente diferente.

Brinco com a água na banheira, pensando na confusão que estou fazendo com os meus sentimentos.

Capítulo 16

Osom de alguém batendo na porta me tira de um sono profundo. Desde que cheguei aqui virei uma preguiçosa, e me esqueci facilmente das regras que eu seguia à risca no orfanato, entre elas, acordar cedo. Olho para o despertador antigo sobre a espreguiçadeira, em luz vermelha vejo as horas: são 09h30 da manhã. Não acredito que dormi tanto, acho que é a primeira vez que sei o que é acordar tarde, e nem as longas horas de sono tirou o meu cansaço.

— Ceci, sou eu, Helena. Sophia está te esperando na sala. — Esperando-me? Pergunto para mim mesma. Por que Sophia estaria me esperando?

— Tem certeza que ela não está esperando pelo Otto? — Pergunto, um tanto confusa.

— Não, é você mesma.

— Ok. Diga a ela que já estou indo.

Acendo a lâmpada do abajur e meus olhos tentam se acostumar com a luz. Depois da minha primeira manhã aqui, cujo sol invadiu todo o quarto, aprendi a fechar todas as cortinas.

Tento ser rápida ao me levantar, nem tomo banho. Visto uma roupa qualquer, uma daquelas que eu usava no orfanato. Vou para o banheiro e

escovo os dentes rapidamente e sigo até a sala, curiosa pela visita de Sophia.

Ela realmente está aqui. Está mexendo no celular e só para quando nota a minha presença, que sorri para mim, de maneira delicada. Se coloca de pé, vem até mim e deposita dois beijinhos estalados em minha bochecha. Sophia parece ser uma pessoa muito calorosa, bem diferente de mim.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto, e espero que ela não pense que eu estou sendo rude.

— Não posso vir visitar uma amiga? — Ela coloca as mãos na cintura.

— Uma amiga? Acho que o Otto ainda está dormindo.

— Eu disse amiga. — Sophia diz e me pega pela mão, ela se acomoda no sofá, obrigando-me a me sentar com ela.

— Desculpe pela minha sinceridade, mas não somos amigas. — Tento explicar e espero que ela realmente entenda, só nos vimos uma vez.

— Sim, mas podemos ser.

— Foi Otto que te mandou aqui?

— Otto, Otto, Otto, quantas vezes você vai falar o nome do Otto em nossas conversas? — Sinto a vermelhidão tomar conta da minha face, Sophia parece ter uma imaginação muito fértil, e não duvido nada que ela esteja insinuando coisas entre mim e Otto.

Estico meu pescoço e olho em direção ao corredor, penso que a qualquer momento Vera pode surgir por ele e escutar as insinuações de Sophia.

— Só falei o nome dele porque vocês são melhores amigos, o que não faz nenhum sentido você vir aqui me ver.

— Escuta, sou uma pessoa sociável.

— Já percebi. — Deixo escapar um sorriso de escárnio.

— Achei você um tanto perdida e solitária quando estive em minha casa.

— Eu tinha acabado de chegar na cidade. — Lembro a ela.

— E já fez quantos amigos desde que chegou aqui? — Como Sophia é insistente, qual a razão de ela querer ser tanto a minha amiga? Caridade? Porque tenho a impressão é que ela está com peninha de mim. — Não precisa me responder, já sei a resposta. Que tal irmos ao shopping e darmos início a nossa amizade? — Penso na resposta, será legal ter uma amiga, as amigas que eu tinha eram tudo da escola, nós só éramos amigas do portão para dentro, nos momentos que tínhamos livres dentro do ambiente escolar. O fato de morar no orfanato dificultava em fazer amizades fixas.

— Se você não se importar em me esperar enquanto eu tomo banho.

— Não tenho pressa.

Depois do banho, jogo minhas roupas novas sobre a cama, escolhendo qual seria a perfeita para acompanhar Sophia que usa um vestido perfeito, de um rosa-clarinho.

Assim que me visto, penteio o meu cabelo, que melhorou visivelmente desde que comecei a usar os produtos que Vera comprou para mim, nem parece mais aquele meu cabelo ressecado de antes, agora é de um liso macio e sedoso.

Olho a hora no despertador, Sophia está me esperando há um tempinho, então me olho uma última vez no espelho e deixo o quarto. Quando chego na sala, ela não está mais lá. Vou para cozinha, procurando-a, mas não encontro. Vou ao banheiro, que fica no final do corredor e só encontro a Helena, limpando-o.

— Você viu a Sophia? — Pergunto.

— Ela subiu. Está na cobertura.

— Obrigada.

Vou até à escada que dá acesso à cobertura, ela fica na sala. Nunca estive na cobertura antes, sei que lá tem uma piscina. Otto passa a maior parte do seu tempo lá, talvez esse seja o motivo de eu ainda não ter ido.

Uso a parede como apoio e subo a escada, a porta de metal está fechada, abro-a e o sol vem com força sobre os meus olhos, fecho-os, para depois voltar a abri-los com cautela.

Saio para cobertura e me deparo com uma gigantesca piscina, há uma área coberta, com uma churrasqueira, uma mesa grande de madeira, com dois bancos. Perto da piscina tem duas espreguiçadeiras e uma mesa com um guarda-sol fincada nela. Em uma das espreguiçadeiras está Sophia, dentro da piscina está Otto. Penso em retornar, mas já fui vista pelos dois. Sophia me chama com a mão, vou até ela a contragosto.

— Às vezes penso que o Otto é um peixe. Passa mais tempo na água do que em terra firme. O que você acha? — Ela pergunta, induzindo-me a olhá-lo, daquele jeitinho, todo molhado, o cabelo grudado na testa, a proeminência do seu peitoral super trabalhado.

— Acho que deveríamos ir. — Digo, não respondendo à pergunta dela.

— Onde vocês vão? — Questiona Otto, curioso.

— Ao shopping. — Sophia responde, e Otto nada até a beirada, coloca as mãos na borda e deixa a piscina, ele veste apenas uma sunga, caminha até a espreguiçadeira e pega a toalha que estava pendura nela, Sophia o acompanha com o olhar, ela olha para mim, com um sorriso divertido no rosto. — É uma pena que eu conheci todas as fases dele, senão eu pegaria. — Não gosto do que Sophia diz, aliás, não gosto nem um pouco. E eu não sei se ela está falando a verdade ou se está dizendo isso para me provocar. Eu a odeio e não quero ir mais ao shopping com ela.

— Sou muito areia para o seu caminhãozinho. — Otto diz, e apesar de estar sério sei que ele está brincando. Sophia é linda.

— Convenhamos, se eu fosse loira você me pegava. — Isso é uma piada. Sophia está jogando, jogando comigo, jogando com Otto, então os olhos dele vêm para mim, e ela capta a olhada dele, como se ela já esperasse que isso acontecesse.

— Você sabe que eu não tenho preferências. Mas eu já vi você acordar, e a sua visão pela manhã sem toda essa maquiagem, não é nada agradável. — Camufo o sorriso que ameaçou se espalhar pelo meu rosto, mas sou surpreendida pela risada de Sophia.

— Otto, querido, ainda não vi a sua mãe hoje, ela é uma mulher tão boa, que pena que em breve poderá se decepcionar. — Sophia dispara, e Otto abaixa a cabeça, mas vislumbrei uma certa tristeza em seus olhos.

— Sophia, você não sabe quando parar? — Digo, com a voz elevada, não gosto de ser provocada.

— Mas o que eu disse demais?

Otto caminha em direção a porta, sua testa está franzida, ele está irritado com Sophia, e eu o entendo, abro passagem para ele, já que não me pede licença, ele passa pela porta sem dizer nada. Quero ir até ele, pedir que ele não fique com raiva de Sophia, porque ela não sabe o que diz. Não existe nada entre nós dois, não mesmo, e se for necessário dizer isso para Sophia em voz alta ao invés de ficar jogando indiretas, eu direi.

Antes de deixar o apartamento, sou surpreendida por Vera com mais um de seus presentes, dessa vez em dinheiro vivo.

— Não posso aceitar isso. — Digo, depois de contar a quantia de mil e quinhentos reais que ela me deu para comprar um celular.

— Por favor, você precisa de um celular. — Ela diz, como se aquele valor não fosse nada para ela.

— Mas não preciso de um celular de mil e quinhentos reais.

— Compre um mais barato e fique com o troco, faça o que quiser com ele.

Sophia pega o dinheiro da mão de Vera, puxa a alça da minha bolsa, abre o zíper, jogando o valor dentro.

— Pronto, problema resolvido, agora vamos. — Ela diz, triunfante.

— Você tem sérios problemas. — Acrescento.

— Se acostume, Cecília, ela já foi bem pior. — Vera comenta, e penso se Sophia poderia ser pior que já é.



Sophia revira os olhos assim que pago pelo celular mais barato da loja, ela bem que tentou me convencer a pegar um dos mais caros, mas eu tinha outras intenções com o restante do que iria sobrar do dinheiro.

— Você vai o quê? — Ela pergunta, um pouco chocada com a minha decisão sobre o que eu vou fazer com o restante do dinheiro, só contei porque ela insistiu muito. — Gastar esse monte de dinheiro para que as crianças do seu antigo orfanato tomem sorvete? Cara, depois sou eu que tenho problemas.

— Para você que nasceu em berço de ouro, um sorvete não pode ser nada, mas para aquelas crianças, pode ser tudo.

— Tá, desculpe, por parecer tão egoísta, mas vivo em um mundo paralelo ao seu, e só para te avisar, não tenho culpa por ter nascido em berço de ouro. — Diz e deixamos a escada rolante.

Na mesa da praça de alimentação, Sophia bebe seu suco diet enquanto eu tomo meu milk-shake de chocolate. Ela tenta arrancar algumas coisas da minha vida e também configura o meu celular.

— Então, você já teve namorado? — Pergunta e aponta o celular para mim, aponta para os lábios sorridentes, insinuando que eu devesse sorrir, assim eu faço e ela tira uma foto minha.

— Você deve pensar que não, senão não teria perguntado isso do nada. — Seu sorrisinho sarcástico é a resposta. — No orfanato é proibido namoros.

— É proibido se apaixonar também?

— Se a diretora Giselda pudesse fazer isso, acho que ela faria. E respondendo a perguntinha que você deve ter feito em sua cabeça, eu nunca me apaixonei. — Minto, ao lembrar de todas as minhas paixões da escola.

— Sério? — Afirmo com a cabeça. — Então a festa do Thiago vai ser ótima para você, quem sabe você não encontra lá o seu príncipe encantado.

— Não estou procurando. — Explico e dou um gole no milk-shake. — E não vou à festa.

— Por que não? Até pensei em passar em sua casa para irmos juntas. E o Thiago ficaria bem feliz com a sua presença lá, embora eu acho que você não deva se envolver com ele.

— E eu nem pensei nisso.

— Ótimo! Thiago é meu amigo, mas não é um bom namorado.

— Enquanto ao Otto? — Tento parecer desinteressada

— O que tem ele? Quer saber se ele é um bom namorado? — Sophia tamborila os dedos sobre o tampo da mesa.

— Claro que não. Só quero entender essa relação de vocês.

— Não temos nada, acho que já te falei isso. Minha mãe e Vera são melhores amigas, elas engravidaram na mesma época, por isso somos tão ligados, crescemos juntos. Um dia você vai conhecer a minha mãe, então eu te aconselho, não a deixe te tirar do sério.

— Vou seguir o seu conselho e o usar contra você.

Sophia não foi embora depois que cheguei em casa, mas não foi comigo que ela ficou, ela disse que queria falar com Otto a sós. E eu tentei não escutar a conversa deles, mas quando os ânimos estão

exaltados uma camada grossa de cimento não é suficiente para as palavras ficarem presas unicamente em um quarto.

Abracei o travesseiro e escutei o meu nome algumas vezes sendo desferido por um Otto furioso.

— Não gosto quando você fica insinuando sentimentos meus em relação à Cecília!

— Mas eu não disse nada de mais. — Sophia tenta se defender, mas é claro que ela havia dito.

— Se a minha mãe escutar uma dessas mentiras em relação a mim e Cecília, ela vai ficar furiosa, e com razão. Ela acolheu a garota nesta casa como um membro da família.

— Só que ela não é uma garota, caro Otto! A quem você está querendo enganar? — Não escutei mais nada depois disso, os ânimos pareceram se acalmar, eles abaixaram o tom de voz.

Otto. Otto. Esse nome não sai da minha cabeça, e às vezes me pego suspirando por ele. Quero me afastar, mas não tenho para onde correr.

À noite, Vera veio até meu quarto, conversamos um pouco e mostrei o celular a ela e também compartilhei com ela sobre a ideia do que farei com o restante do dinheiro. Amanhã ela me prometeu que iremos ligar para a diretora Giselda, e isso me deixou animada, é a primeira vez que farei uma doação para o orfanato, e depois dessa pretendo fazer mais vezes.

Capítulo 17

Otto está muito elegante, vestindo uma camisa social preta, cujo, os dois primeiros botões ele não fechou, deixando um pouco da pele do seu peitoral bronzeado à mostra. Ele passou os últimos dias na cobertura, e sua pele ganhou um bronzeado belíssimo, realçando seus olhos castanhos.

Ele está dirigindo até a casa de Sophia, iremos pegá-la, e juntos vamos até à casa do Thiago. Depois de cem mensagens de Sophia, ela conseguiu me convencer a ir, e não estou exagerando quando eu disse cem mensagens, porque ela teve essa audácia.

Nesses dias convivendo e conhecendo Sophia pude notar o quanto ela é exagerada em relação a certas coisas, principalmente para conseguir o que quer.

Ela passou uma noite aqui em casa, cuja razão era uma maratona de filmes na Netflix, e uma aposta, o perdedor seria quem dormisse primeiro durante o filme, e é claro que perdi essa, o segundo foi Otto, e agora estou esperando para ver o que terei que

pagar para Sophia, e esse é um medo que venho carregando comigo desde então. Penso na festa, no que Sophia pode estar preparando para mim lá.

Ela entra no carro, tem um espelhinho em mãos e um batom na outra, ela passa-o nos lábios.

— Eu ainda não tinha terminado de me maquiar. — Ela diz, seriamente.

— O combinado era passar aqui às 20h00, não foi? — Otto responde, apesar de parecer estar acostumado com os atrasos de Sophia.

— Sim, mas um atraso não faz mal a ninguém. Você deveria se permitir fazer isso de vez em quando. Otto odeia atrasos, Cecília, ele é o senhor perfeitinho.

— Eu não odeio atrasos, acontece que você está sempre atrasada. — Ele acrescenta.

— Está pronta para a sua primeira festa? — Pergunta Sophia para mim, os olhos negros me sondando.

— Por que vocês agem sempre como se eu fosse uma alienígena que nunca foi em lugar algum? Está parecendo que estou em alguma experiência científica e que os dois são os cientistas, querendo saber dos resultados.

— Mas você já foi em alguma festa que não envolvesse as comemorações do orfanato? — Questiona Otto, com um certo tom de deboche.

— Sim. — Minto, estou cansada de eles agirem como se eu fosse um ser de outro mundo. Sophia gargalha lá atrás.

— Ela é tão bonitinha mentindo. — Ela diz.

— Eu não estou mentindo. — Afirmo, com a voz já em um tom elevado e o rosto em um rosado que só aparece quando estou nervosa.

— Cecília, não precisa mentir para nós, conhecemos sua história, muitas coisas são novas para você, e não iremos te zoar por causa disso. — Otto explica.

A casa de Thiago não é tão grande como a de Sophia. É um sobradinho, onde ele mora em cima e a irmã dele embaixo, com seus dois filhos.

Subimos a escada e vejo uma mulher fechando a janela, com o semblante fechado. Sophia disse que ela é a irmã de Thiago, e que odeia com todas as forças as festas dadas pelo irmão, mas que não pode fazer nada a respeito, a não ser ficar de cara feia, porque o sobradinho pertence ao irmão, e ela está morando de favor, desde que foi abandonada pelo marido, com dois filhos para criar. Compadeço-me da situação dela, ao mesmo tempo que sinto orgulho, ela ficou com os filhos, apesar de tudo.

A sala minúscula parece estar comportando uma quantidade maior de pessoas que deveria comportar, não sei o porquê, mas não gosto desse ambiente, e embora eu esteja aqui, sei que não pertenço a esse lugar e muito menos meus dois acompanhantes, que acredito que estejam aqui somente porque são amigos do Thiago.

Sinto um cheiro forte misturado a bebidas e o meu estômago embrulha. Odeio cigarros e o seu cheiro fedido!

Dois rapazes me encaram, de uma forma nada natural, então por instinto, querendo um ombro protetor, pego a mão de Otto, que se surpreende, mas não solta a minha mão. Sophia vai até

uma das geladeiras, que está encostada na parede, com a porta cheia de marcas de mão e gordura, ela abre e pega uma cerveja. Volta até onde estamos e me oferece.

— Sophia, por favor, né! — Otto diz, irritado.

— Deixe-a tomar as suas próprias decisões. — Sophia responde e então repara em nossas mãos, arqueia as sobrancelhas e abre a latinha e dá o primeiro gole, oferece a Otto, que pega com a mão livre e bebe também.

— Preciso entregar ela sóbria para a minha mãe, em um futuro próximo ela poderá tomar as suas decisões. — Otto diz, e alguém aumenta o som, em um volume insuportável, então consigo entender a irmã do Thiago

— Como você me obriga a vir em um lugar desses? — Pergunto a Sophia e levo a minha mão livre no ouvido.

— O que faremos com ela? — Sophia diz e gargalha com o Otto.

— Vocês estão aí? — Thiago surge, ele está aparentemente bêbado, seu olhar vai para minha mão e de Otto unidas, ele agora tem um olhar acusador. — Acho que já sei o motivo de você não apoiar a nossa relação.

Otto solta a minha mão imediatamente e já sinto falta do calor da mão dele, na minha.

— Primeiro, não existe nenhuma relação entre vocês. Segundo você está bêbado, não crie caso. — Otto coloca a mão no ombro de Thiago. Sophia aproveita a situação e pega a latinha da mão de Otto, bebendo o restante do líquido.

— Pensei que você ficaria feliz em nos ver aqui. — Ela diz para Thiago.

— E quem disse que eu não estou? — Thiago responde, puxando Otto para um abraço, depois o solta do aperto de urso. — E você, Cecília? Como está sendo a sua estadia na casa do meu amigo? — Ele dá um tapa de leve nas costas de Otto.

— Está melhorando a cada dia. — Respondo e o olhar dele me queima, mas não de um jeito bom, incomoda-me, ele parece ser o tipo de cara que não aceita levar um não, que não sabe quando parar.

— O Otto é uma excelente companhia. — Thiago diz, com um certo tom de ironia, assim como Sophia, ele está insinuando coisas entre nós.

— O Otto passa a maior parte na piscina. — Digo na defensiva. — E eu passo a maior parte do tempo com a Vera. — Tento me explicar, ao mesmo tempo, pensando que eu não devo nenhuma explicação a ele.

Um homem vem até nós, diz algo no ouvido de Thiago, e ele nos deixa, sinto meus ombros relaxando quando isso acontece, não posso continuar tensa assim, se não acabarei tendo um ataque do coração.

Sophia localiza alguém, ela acena, diz o nome da pessoa e vai até ele, e me dou conta de que agora está somente eu e Otto, meu coração martela, assustado.

— Não liga para as insinuações do Thiago de que está rolando algo entre nós. Às vezes ele é um idiota. — Otto diz, me pegando desprevenida, não quero conversar sobre esse assunto com ele, pois, meu coração dispara só de olhá-lo, traindo todos os meus esforços para não sentir nada por ele.

— Eu não me importo. Respeito a sua mãe e tenho certeza que você também.

— Mas é claro. — Ele diz, correndo os dedos pelo cabelo, desvia o olhar de mim. — Acho que foi um erro ter vindo aqui.

— Acredito que podemos mudar isso, ficar longe do Thiago é uma boa ideia.

— É, às vezes ele tem o dom de estragar o dia das pessoas, mas ele é legal, se você der uma quinta chance para conhecê-lo. — Otto dá uma piscadela.

— Uma quinta chance?

— Essa já foi a segunda.

Sophia vem até nós, já está com outra latinha em mãos, ela dança nesse curto trajeto, dá uma paradinha e então rebola, então quando nos alcança me puxa.

— Vamos, Ceci, você sabe dançar, né? — Ela me gira, gargalha, e penso como ela estará depois que beber a quinta cerveja.

— Sou péssima como dançarina. — Digo, mas arrisco um passo, causando mais risadas nela.

— Você acha que em qual momento o Otto e o Thiago vão cair na porrada por sua causa? — Sophia pergunta, ela sabe como tirar alguém do sério, paro de dançar e coloco minhas mãos na cintura.

— Não sei, mas em qual momento você vai calar a boca e parar de falar demais? — Disparo e Sophia se retrai.

— Estou brincando.

— Não brinque mais com isso.

— Pensei que nós poderíamos conversar sobre esses assuntos.

— Não há nada para falarmos sobre isso.

— Você é tão retraída para o amor.

— Você é louca, Sophia, por favor me deixe em paz.

Irritada, deixo Sophia, me embrenho entre as pessoas, querendo fugir dela. A raiva cresce em meu peito, borbulha em minha mente. Por que ela é tão insistente? Entro em um cômodo, estou na cozinha. Há um fogão engordurado próximo à pilha cheia de copos sujos, mais algumas garrafas de bebidas vazias. Percebo um casal discutindo aqui, eles param assim que me notam, a garota parece irritada ao me olhar, então eles saem. Há mais uma porta, vou em direção a ela e saio, na varanda, a brisa fresca agita o meu cabelo.

Noto um banquinho perto do muro, é para lá que eu vou. Olho para o céu, as estrelas cintilam, fecho os olhos e sinto a brisa em minha pele. Procuro o celular no bolso do meu jeans, não o encontro, provavelmente deixei dentro do carro ou em casa, não sei exatamente, ainda não me acostumei a ter um celular, agora ele me ajudaria a passar o tempo, pois, não pretendo voltar para aquela festa de gente esquisita, mas talvez a esquisita aqui seja eu, que ainda não consegui me enturmar, e muito menos estou tentando quando o que quero, é apenas me isolar.

Estou há alguns minutos aqui, sozinha, mas ouço vozes, vindo para cá, não quero sair daqui, então permaneço onde estou, enquanto a festa acontece lá dentro. Escuto uma voz feminina, está meio mole, choraminga, enquanto arrasta seus passos, implorando que o seu companheiro a acompanhe, então reconheço a voz do

homem, paraliso, olho para os lados, querendo achar uma saída, mas não há nenhuma, apenas aquela que o casal vem. A luz aqui é fraca, é a mesma que vem da cozinha, fecho os olhos e massajeio a têmpora.

Ele tem as mãos na cintura dela, está de frente para mim, mas parece que ainda não me viu em meio a escuridão. Ela então segura em seu rosto, se inclina sobre o salto, querendo alcançar a boca dele, as mãos dele deixam a cintura dela e segura o pulso dela.

— Paola, pare com isso, você está bêbada.

— Não estou não, Otto. — O nome dele sendo anunciado por ela faz uma raiva explodir em meu peito. — Que tal irmos para outro lugar. — Ela sugere.

— Hoje não estou a fim.

Hoje? Então eles têm algo, essa constatação provoca sentimentos em mim que não gosto, o ciúme me invade e deixo que bagunce meu raciocínio, levanto de supetão e sigo em direção a porta da cozinha, Otto finalmente me nota, solta a mulher e espera que eu vá até ele, mas vou para dentro.

— Cecília! — Ele grita. Ignoro-o, só quero tirar todo esse incômodo de mim.

Vou para a escada, desço-a e só lá fora lembro que não tenho para aonde ir, não tenho como chegar em casa sem o Otto, o cara que está causando todos esses sentimentos confusos em mim.

— Cecília! — Alguém me chama, olho para trás, mas não é o Otto.

— Tem como você me levar para casa? — Pergunto a Thiago.

— Tem muita coisa para rolar na festa ainda. — Ele diz, como se fosse uma coisa impossível para se fazer a essa hora.

— Por favor. — Seguro no punho dele.

— Tudo bem, vou pegar a chave do meu carro.

Agir de cabeça quente nunca é a melhor decisão. Não estou gostando da forma que Thiago está dirigindo e como ele xinga os outros motoristas. Ele está bêbado e não está dirigindo muito bem, aliás, ele é um péssimo motorista.

— Dá para dirigir mais devagar? — Peço a ele.

— Está com medo?

— Você está indo rápido demais. Não gosto de alta velocidade.

— Tudo bem, acho que o Otto me mataria se acontecer alguma coisa com você. — Ele diz e diminui.

— E por favor, não fale no Otto.

— O que ele te fez?

— Nada. Só não quero falar dele.

— Tudo bem, isso para mim não vai ser nenhum problema.

— Ele faz uma pausa. — Você curtiu a festa?

— Sua seleção de músicas é horrível.

— Na próxima lembrarei disso. Quem sabe você não me envie uma lista das músicas que você vai querer escutar na próxima festa.

— Isso é um convite para uma próxima festa?

— Sim. — Ele diz e estaciona em frente ao prédio.

— Muito obrigada. — Digo, pegando a maçaneta da porta.

— Espere. — Ele diz e segura em meu punho. Olho para a mão dele, mas ele não a tira de mim. — Não vai me dar nenhum

beijinho como agradecimento.

— Você deveria ter me informado primeiro que cobra pela carona. — Tento abrir a porta, mas ela está travada. — Se você não abrir a porta agora, eu vou gritar e acordar toda a vizinhança.

— Por que você gosta de se fazer de difícil?

— Abre agora. — Minha voz sai firme, mas o medo surge em meu coração. Com receio da minha ameaça se tornar realidade, ele finalmente abre a porta, assustada, apresso-me em sair. Não olho para trás, não olho para ele, só corro em direção ao portão, alcançando o interfone, aperto o botão do meu apartamento, como eu fui com Otto, pensei que eu não precisaria da minha chave.

Aperto de novo, Vera está demorando a me atender, Thiago ainda está aqui, aperto de novo, e finalmente ela me atende, anuncio que sou eu, ela abre o portão e vou para dentro. Bato o portão com força, e então Thiago saí com o carro cantando pneu.

Vera tem o cabelo desgrehado ao abrir a porta para mim, ela tem os olhos cheios de preocupação, e só piora pela forma bruta que eu entro.

— Cecília está tudo bem?

— Sim. — Confirmo, mas estou mentindo.

— Onde está o Otto que não te trouxe?

— Ele ficou, como eu não gostei da festa vim embora.

— Sozinha?

— Não, o Thiago me trouxe. — Digo e sigo para o corredor. — Desculpe por ter te acordado. Vou dormir, estou cansada. Boa noite. — Apresso-me em entrar no quarto, querendo me livrar de Vera, não queria que ela notasse o medo estampado em minha face.

Jogo-me na cama, estou cheirando a cigarro, mas não tenho forças para tirar essa roupa, tomar um banho e vestir outra limpa. Tenho raiva dentro de mim. Eu não deveria sentir ciúme de Otto, e principalmente, eu não deveria ter pedido carona a Thiago, ainda mais depois de ter sido alertada sobre ele.

Mergulho na escuridão do meu quarto, e depois de um tempo adormeço, mas sou acordada com batidas na porta. Acordo sobressaltada, esfrego os olhos, talvez tivesse sido um sonho, mas a batida fraca retorna.

Deixo a cama e vou verificar quem é. Pego a maçaneta, abro-a e sou surpreendida pela presença de Otto.

Capítulo 18

Parece que ele está querendo deixar as coisas ainda mais difíceis para mim, essa é a sensação que tenho ao vê-lo em frente ao meu quarto a essa hora da noite.

Passo as mãos nos olhos, tentando levar o sono embora e assim confirmando se eu não estou ficando maluca, Otto está na porta do meu quarto, com olhos enigmáticos. Ele dá uma olhadinha para trás, para confirmar se não acordou a mãe com as batidas em minha porta, o que ela estranharia muito, já que é bem tarde.

Não me sinto confortável com a presença dele, ainda mais depois da minha cena ridícula digna de novela. Ainda estou me perguntando por que deixei a casa de Thiago daquela forma tão melodramática apenas porque vi Otto com uma garota. Ele é solteiro e tem o direito de estar com a garota que ele quiser. Não temos nada um com o outro para que eu venha a sentir ciúme.

Quero bater à porta na cara dele agora, voltar para o meu ninho, enrolar-me na coberta e terminar esse sono profundo que eu estava tendo antes dele bater na porta.

Qual o problema com ele, será que não sabe que horas são? Então resolvo perguntar:

— Você sabe que horas são para bater na porta do meu quarto? — Tento parecer um pouco indignada, embora uma parte de mim, esteja gostando muito disso.

— Você deixou a casa de Thiago que nem uma... — Ele não completa a frase, mas sei muito bem o que ele iria dizer, e nesse momento me sinto no mínimo ridícula por ele pensar isso de mim, mas, por outro lado fico feliz por ele não ter percebido que deixei a varanda daquela maneira porque senti ciúmes dele com aquela garota, e eu não estava sabendo como lidar com isso.

— Maluca, pode dizer. — Digo, me permitindo sorrir.

— Por que você foi embora? — Enfio a cabeça no corredor, olho em direção ao quarto de Vera, quero ver algum sinal de que ela possa estar acordada. Otto percebe a minha inquietude. — Não precisamos ter medo de nada, certo? — Olho-o, confusa, será que ele está pensando que eu tenho medo de que Vera nos veja juntos? Mas nesse momento é realmente isso que eu sinto, um medo enorme de estragar tudo o que construímos até aqui.

— Depende do que você está falando.

— Posso entrar, talvez assim você fique mais relaxada? — Quero dizer a ele que a única forma de ficar relaxada é quando não estou perto dele.

— Tudo bem, acho melhor assim. — Saio do caminho, dando espaço para ele entrar, depois fecha a porta e observa em silêncio a nova decoração do meu quarto, essa é a primeira vez que ele entra aqui desde que me mudei para o apartamento e para uma parte da vida dele.

Na semana passada, eu e Vera passamos um dia no centro, comprando coisas para decorar o meu quarto, Otto não foi com a gente. Modifiquei algumas coisas entre eles coloquei um papel de parede bege, com flores de cerejeiras. Agora também tenho uma televisão no quarto, as cortinas são de um rosa-salmão, e o principal, comprei uma estante para colocar os livros que pretendo comprar, neste momento só tenho três.

Cruzo os braços e espero Otto falar, e ele também parece esperar eu falar, como percebe que não vai sair nada de mim, ele inicia:

— A garota que você viu é uma amiga minha.

— Acho que eu não tenho nada a ver com isso.

— Por que eu penso que sim? Você parecia irritada quando nos viu juntos, saiu sem falar comigo.

— Eu só queria deixar vocês a sós. Eu não queria atrapalhar.

— Tento me justificar, apesar de ter certeza que não está funcionando.

— Ela é só uma amiga.

— Ela não parecia só uma amiga. — Insisto pausadamente.

— Nós nos relacionamos no passado, acabou, há mais de um ano, nos encontramos e ela queria conversar. E você? — Arqueio uma de minhas sobrancelhas. — Por que pediu carona ao Thiago? — Ele pergunta, carrancudo, sabendo que essa foi uma péssima ideia.

— Eu queria vir embora.

— Era só ter me chamado que eu te trazia para casa.

— Eu não queria te atrapalhar.

— Você não iria me atrapalhar. — Ele diz, com a voz firme.
— Eu teria trazido você. Você se arriscou saindo por aí com o Thiago bêbado.

— Você também bebeu. — Lembro a ele.

— Entretanto, eu não estou bêbado e não me descontrolo quando bebo. Sophia ficou preocupada com você.

— Amanhã eu ligo para ela. — Olho para o chão e depois novamente para ele. — O que você veio fazer aqui realmente?

— Verificar se você chegou inteira depois da sua pequena aventura pegando carona com o Thiago. — Analiso as palavras dele, se ele realmente veio aqui por esse motivo, talvez não seja somente eu que esteja com ciúmes.

— Você realmente ficou preocupado. — Afirmo.

— Você faz parte da família agora. — Ele tenta se justificar.
— Mamãe deve ter estranhado que você tenha chegado sem mim.

— Um pouco. — Neste momento meu telefone vibra na mesinha de centro, deixei ele no silencioso de propósito, pois, eu não queria falar com ninguém.

— Não vai atender? — Ele pergunta e olha para o celular.

Ele continua no quarto quando vou pegar o celular e não faz nem um sinal de que vai sair, e eu não peço que ele faça isso. Olho para tela, é uma chamada de Sophia, não sei se é uma boa ideia atendê-la, mas sei o quanto ela é insistente, então atender uma chamada dela não é uma opção, mas sim uma obrigação.

— Onde você estava? Te liguei um monte de vezes e você não atendeu. — Diz, e a música tocando no fundo, indica que ela ainda está na festa.

— Eu estava dormindo, deixei o celular no silencioso, por isso não escutei.

— Poderia ter me avisado que iria embora, o Otto ficou doido te procurando. — Olho para Otto assim que Sophia diz o nome dele, quero encerrar essa ligação logo, antes que ela diga alguma besteira referente a mim e ao meu irmão postigo, sei que ele está escutando, o quarto está fechado, com isso eliminando qualquer ruído que vem do lado de fora, deixando a ligação mais alta, e com uma Sophia bêbada só piora ainda mais a situação.

— Será que podemos conversar amanhã, é que agora estou ocupada?

— Pensei que você estivesse dormindo. — Ela diz.

— Então, é o que pretendo continuar fazendo agora, se eu estivesse dormindo não estaria falando com você, tipo, neste exato momento.

— Credo! Grossa! Por acaso o Otto está em seu quarto, por que o Thiago está aqui?

— Qual o problema com você? — Questiono, irritada, ela nunca iria desistir. — Não precisa responder. Conversamos amanhã. Tchau! — Não espero pela resposta dela, desligo o celular, e percebo que há algumas chamadas perdidas nele, entre elas algumas de Otto, na verdade, oito somente dele, meu coração se aquece com a preocupação dele. Bloqueio a tela do aparelho e o deixo sobre a mesinha de cabeceira.

Acomodo-me na cama e Otto se aproxima.

— Posso? — Ele pede e aponta para a cama. Assinto, e não gosto quando ele se senta tão perto, encostando seu braço no meu. Olho para o meu colo, não querendo encará-lo.

Ele está pensativo, algo parece remoar em seu íntimo e quando ele finalmente cria coragem pergunta:

— Você sabe o nome dos seus pais verdadeiros? — A pergunta me pega de surpresa, não costumo mais falar sobre esse assunto, mas decido me abrir com ele, se vamos conviver sobre o mesmo teto, precisamos saber pelo menos o mínimo.

— Não, não faço ideia de quem eles sejam.

— E isso te incomoda?

— No começo sim, logo quando comecei a compreender as coisas, mais precisamente quando comecei a estudar. Era difícil saber que todas as crianças tinham pais e eu não. Foram tempos turbulentos, onde eu nunca aprendi a lidar com esse buraco enorme que eu carregava em meu peito. Eles poderiam pelo menos ter deixado uma carta quando me abandonaram em um saco de lixo dentro de um terreno baldio.

Não olho para o rosto do Otto, para ver a reação dele diante da minha revelação, mas ele solta um suspiro pesaroso.

— Eu não sabia disso.

— Sua mãe não te contou?

— O que vocês conversam fica entre vocês. Você pode confiar plenamente nela.

— E você? Eu posso confiar em você também?

— No quesito, confiança eu sou igual a ela. — Ele responde.
— Você foi levada direto para o orfanato depois que te encontraram?

— Tia Luciana me contou que me levaram para o hospital e depois para o orfanato.

— Você sempre fala na tia Luciana, ela deve ter sido uma pessoa muito boa para você.

— A melhor. — Digo e compartilhamos alguns segundos de silêncio, e querendo saber mais de Otto, não deixo que ele faça a próxima pergunta. — O real motivo de você fazer faculdade em outro estado são realmente as praias ou existem outras razões por trás disso? Por que você poderia ficar aqui, perto da sua mãe. — Completo.

— Por que, você quer que eu fique por perto? — Sou pega desprevenida pela pergunta dele, tenho duas repostas para ela, a que eu vou dizer não é a verdadeira.

— Você está enganado, eu não quero que você fique por perto. Fique onde você achar melhor. Só que eu não entendo, se você e sua mãe se dão bem por que se afastar?

— Não iremos nos afastar. Iremos conversar todos os dias, não teremos nenhum contato físico nesse período, mas conseguiremos nos comunicar tão bem quanto antes. Você vai entender quando eu estiver longe.

— Você está me dizendo que eu vou receber chamadas de vídeo sua, assim que você estiver no Rio? — Levanto o olhar, encarando-o, depois de tomar uma dose de coragem. Os lábios dele estão comprimidos, seu cabelo daquele jeito rebelde que eu amo.

— Se você quiser. — Diz e pega uma mecha do meu cabelo, colocando-a para trás da minha orelha. — Você é a melhor coisa que aconteceu para a minha mãe nesses últimos dias. — Ele confessa. — Desculpe se às vezes não sou tão amigável com você, mas pretendo mudar isso a partir de agora, isso se você quiser.

— Nós sempre acabamos dizendo a mesma coisa, mas nunca cumprimos. Às vezes tenho a impressão que estamos sempre fugindo um do outro. — Suspiro. — Por que estamos tentando fugir um do outro? — Pergunto a Otto e tenho uma leve impressão que seus olhos estão em meus lábios, engulo em seco com a intensidade do seu olhar, então me coloco em pé de supetão.

— Você deve saber o seu motivo, eu sei o meu, Cecília.

— Então por que você não me diz qual é o seu.

— Se um dia for necessário, eu te direi. — Ele faz uma pausa, joga seu corpo para trás, deitando em minha cama, coloca um dos seus braços embaixo de sua cabeça e o outro sobre a barriga. — Para mudarmos de assunto, que tal você me contar a sua versão sobre o seu curto relacionamento com o Henri. Estou curioso para saber o que você tem a me dizer sobre ele.

Depois de contar toda a minha versão em relação a Henri para Otto, foi a vez dele de contar tudo o que o priminho dele falou sobre mim e a lista de apelidos ruins foram vários.

Na versão de Henri, eu dei em cima dele. Eu me fingi de rica para conquistar ele porque eu sabia que ele era um dos netos do senhor Francisco. E quando ele descobriu tudo e me deu o fora, eu me revoltei, agredi-o fisicamente para depois despejar uma taça de vinho sobre ele.

— Isso é mentira! — Digo estupefata. — Henri é um mentiroso!

— Continue gritando e logo você acordara a mamãe.

— E você acreditou nele. — Afirmo e Otto dá de ombros.

— Ele é o meu primo e você eu nem conhecia.

— Mas será que você conhece o seu primo de verdade?

— Henri apronta às vezes, mas como eu disse, eu não te conhecia.

— Mas agora você acredita em mim, não é?

— Sim, você não tem jeito que faria uma coisa dessas. Quero ver vocês se encontrarem em uma reunião de família.

— Vou passar bem longe dele — Digo e me jogo na cama, deitando ao lado de Otto, assim como eu fazia com as meninas do orfanato.

Otto me deu liberdade para falar, e quando começo demoro um pouco a parar, então falei muito naquela madrugada, até o ponto dele adormecer ao meu lado. Olho para aquela situação e estou indecisa se o acordo, ou deixo assim como está.

Não estamos fazendo nada que não deveríamos, ele só está dormindo, é isso.

A respiração dele é tranquila enquanto dorme, olho no despertador na mesinha de cabeceira, já se passou das 02h00 da madrugada, então o deixo como está. Viro para o lado, me afasto um pouco dele e adormeço também.

Capítulo 19

Otto ainda está dormindo quando acordo, penso se estou sonhando e o quanto ele estar aqui ao meu lado é errado, mas não quero mandá-lo embora depois que ele acordar, e essa é a parte que me machuca, pois, eu deveria mandá-lo embora para sempre, não posso deixar esses sentimentos tomarem forma dentro de mim, e é em Vera que eu penso quando eles surgem com mais intensidade, é no que ela fez e está fazendo por mim que eu penso enquanto tento sufocar essas sensações. Me apaixonar pelo filho dela não será a melhor forma de agradecê-la, e mesmo com todos esses pensamentos contra girando em minha mente como um eterno carrossel, eu ainda o quero ao meu lado por algum tempo.

Otto se mexe, toma um bom espaço na cama, fazendo com que eu chegue cada vez mais para o lado e assim ficando bem na beirada. Observo-o em silêncio, como se eu tivesse contemplando a mais bela paisagem.

Eu devo estar louca.

As pálpebras de Otto se mexem de leve, como se ele estivesse prestes a acordar, então me viro para o lado, fecho os olhos e finjo que estou dormindo, não quero que ele me pegue no flagra, observando-o.

Depois de alguns segundos, o colchão se afunda, escuto um barulho, como se ele tivesse acabado de sentar, mas não diz nada, então

sinto uma mão em meu ombro.

— Cecília. — Sussurra pelo meu nome, me espreguiço, viro-me para ele e esfrego os olhos, como se eu tivesse acabado de acordar. — O que eu estou fazendo aqui? — *Ah*, ele não se lembra.

— Não sei, acho que peguei no sono primeiro que você. — Ele me olha, confuso. — Você não deveria ter dormido aqui.

— Desculpe, eu não deveria ter dormido mesmo. Não sei o que deu em mim, mas acho que foi a bebida.

— Você bebeu, mas não estava bêbado. — Digo, cortando a desculpa que ele iria colocar na bebida, ele dormiu aqui porque quis, em momento nenhum que conversamos fez menção que iria sair.

— Certo. — Ele diz e olha para o despertador, ainda é cedo, nem 07h00 é ainda. — Acho que vou para o meu quarto.

— Não seria melhor verificar se a Vera está por perto, não quero que ela te veja saindo do meu quarto

— Acho que ela não gostaria de me ver saindo daqui. — Ele diz e pisca, para depois correr os dedos pelo cabelo. — E então? — Ele aponta para porta.

— *Oh*, é claro. — Deixo a cama e vou até à porta. — Se você quiser ir para o banheiro enquanto eu faço isso, vai que ela surge e te vê.

Otto faz o que eu peço, e então abro a porta. A porta do quarto de Vera está fechada e não há nenhum sinal de luz lá, o que quer dizer que ela ainda está dormindo.

— Acho que a área está limpa. — Digo a ele, que se apressa em ir para a porta.

— Vamos manter a promessa de não fugir um do outro. — Ele diz e fecha a porta.

Fecho os olhos e suspiro. Vou até à janela e abro a cortina, o céu está com um tom de azul sem nuvens, indicando que não irá chover. Vou para a varanda, puxo uma cadeira e me sento, contemplando um pouco do sol em minha face.

Tiro o elástico e solto o meu cabelo, pensando em como fugirei dessa situação com Otto.



À noite, saio com Vera para um jantar com a mãe de Sophia, ela também estava lá. Com sua alegria de sempre e pronta para me provocar em relação ao Otto, mas estou preparada para ela.

Franciele, a mãe de Sophia, é uma mulher elegante na casa de seus cinquenta anos. Ela tem o cabelo curtinho, pintando em um preto forte, suas rugas estão escondidas por trás de seu *Botox* visível, deixando a sua face um pouco paralisada. Ela usa joias de brilhantes em seu pescoço, orelhas e dedos, como se gostasse de mostrar para o mundo toda a sua riqueza.

— Neste ano, a Sophia vai finalmente tomar um rumo na vida dela e entrar em uma faculdade. — Diz Franciele, e Sophia cutuca seu brinco, ela parece nervosa é a primeira vez que eu a vejo assim.

— Já escolheu a faculdade que vai fazer? — Vera pergunta.

— Não exatamente. — Sophia responde, e Franciele a repreende com o olhar, como se não tivesse gostado da resposta da filha.

— Não foi isso que você me disse alguns dias atrás.

— A senhora sabe que eu gosto de ser blogueira. — Sophia pega a taça e bebe um pouco do vinho.

— Isso não é uma profissão. — A mãe rebate, com puro desgosto.

— Claro que é, quantas pessoas se sustentam fazendo vídeos para a internet? — Sophia tenta argumentar.

— Você tem quantos seguidores mesmo, minha filha? — Há uma certa ironia na pergunta de Franciele, o rosto de Sophia cora, e agora sei

o que a deixa constrangida, o jeito da mãe lidar com ela.

— Franciele sei que você quer o melhor para a Sophia, mas não cabe a nós decidirmos o futuro dos filhos quando eles crescem. — Franciele fecha a cara, ela não gostou *do* que ouviu.

— Obrigada, tia Vera. — Sophia diz.

— O que você faz na internet? — Pergunto para Sophia.

— Faço postagens e vídeos sobre maquiagem. — Ela responde, com um certo orgulho na voz. — Qualquer dia desses posso ir em sua casa e gravar um vídeo enquanto maquio você. — Sophia parece empolgada com a ideia.

— Claro, vai ser ótimo. — Digo, para incentivá-la e recebo um olhar de desaprovação de Franciele.

— E você, Cecília? Pretende fazer faculdade? — Franciele pergunta. Finalmente tenho uma resposta, não somente para dar para ela, mas a Vera também, que além de mim, é a mais interessada nesse assunto.

— Sim, mas pretendo entrar em julho. Depois que eu arrumar um emprego. — Completo, para os olhares de indignação caírem sobre mim, como se trabalhar para pagar a sua faculdade fosse um crime.

— Cecília, você não precisa trabalhar. — Vera afirma.

— Então provavelmente eu também não preciso fazer faculdade, já que eu vou me especializar em uma área, onde não precisarei trabalhar futuramente.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer. Você não precisa trabalhar agora, enquanto estuda. Pensa nas pessoas que queriam ter a mesma oportunidade que você, em ter o tempo livre apenas para estudar.

— Mas eu quero me sentir útil em algo. Pretendo trabalhar pelo menos meio período.

— Você não precisa trabalhar para se sentir útil, querida. — Vera insiste, mas sei o que quero, e semana que vem já pretendo sair em busca de emprego.

— E você pretende fazer faculdade de quê? — Pergunta Franciele, mudando de assunto referente a trabalhar ou não, e pela primeira vez gosto dela.

— Pedagogia. — Ela abre a boca em descrença, olha para Vera.

— Franciele, a escolha é dela. — Diz Vera, conhecendo bem a amiga para entender o significado daquele olhar.

— Mas não quando ela quer trabalhar. Francamente, tantas áreas boas para seguir, e ela escolhe a pior de todas. Dar aula para crianças muitas vezes insuportáveis, e receber uma merreca de salário.

— Mamãe, por favor, a senhora não pode falar essas coisas. Toda profissão é digna.

— Não entendo porque a senhora está incomodada, sendo que quem vai dar aula sou eu e não a senhora. — Digo, franzindo o cenho.

— Faça o que você achar melhor, querida. — Vera dá duas batidinhas de leve em minha mão, que está embaixo da mesa, sobre a minha perna.

Querendo fugir de Franciele e suas olhadas nada amistosas, sigo para o banheiro, usando a desculpa que estou apertada. Essa mulherzinha conseguiu me surpreender ao extremo, agora consigo entender um pouco Sophia, por ela agir tão impulsivamente às vezes, não sabendo se vai magoar ou não a pessoa com seus comentários sem fundamentos. Franciele é uma pessoa difícil de lidar, e me pergunto como Vera conseguiu levar essa amizade por vários anos, já que elas são completamente diferentes uma da outra.

Passo os dedos pelo meu cabelo, encaro meu reflexo no espelho, já ganhei alguns quilos extra desde que comecei a morar na casa da Vera, os ossos bem visíveis de minha face, agora estão escondidos por um pouco a mais de carne em minhas bochechas. Meus braços também engordaram um pouquinho, são mudanças boas, que me deixaram mais bonita, então me agrado ao ver o meu reflexo.

Sophia entra no banheiro, não tem mais o semblante alegre da noite passada, como se a mãe dela fosse responsável por tirar toda a sua alegria.

— Desculpe, às vezes mamãe passa do limite do bom senso. — Ela diz e se une a mim no espelho.

— Você não deveria pedir desculpas por ela.

— Mas ela nunca vai te pedir, nem a mim e, nem a ninguém, então cabe a mim, fazer isso para que eu não perca todos os meus amigos.

— Eu jamais iria desfazer a minha amizade com você por causa da sua mãe. — Confirmo, tentando tranquilizá-la.

— Ela não me deixa viver da minha maneira. — Ela solta um suspiro pesaroso e seu olhar cai sobre mim. — Tenho tanto orgulho de você.

— De mim? — Pergunto, não entendendo o motivo do orgulho.

— Sim, você vai fazer a faculdade que quer, tem uma médica na família e um futuro médico, sem se importar com o que os outros vão dizer.

— Você acha que eu deveria fazer medicina, quero dizer, para agradar a Vera? Você acha que, no fundo, ela queria que eu fizesse, mas não tem coragem de dizer?

— Não mesmo. Olha o ramo do pai dela, ele é empresário, acho que se fosse para agradar ele, ela não teria feito medicina. Então não se preocupe com isso.

— Por que você não enfrenta a sua mãe e segue o seu sonho?

— Eu vou fazer isso. — Sophia diz, pega um batom na bolsa de mão e passa nos lábios. — Mas só quando eu realmente começar a ganhar dinheiro. Ainda dependo do dinheiro dela, quero dizer, do papai, ele que banca tudo, mas meu pai é muito influenciável, então tenho que seguir as regras.

Retornar à mesa foi uma das coisas mais difíceis que tive que fazer naquela noite, mas o clima estava diferente quando retornei.

Franciele estava com a cara emburrada e me pergunto se Vera disse umas verdades que ela estava precisando escutar.

Sophia tinha relaxado e voltado a ser aquela Sophia que eu conheci há alguns dias, e eu, ainda estou aprendendo a como usar todos os talheres disponíveis na mesa.

Vera entra na garagem, ela está contente, cantarola e sorri sem motivo aparente, penso se é devido às taças de vinho que ela tomou. Ela me conta quando conheceu o pai de Otto, que foi em uma viagem que ela fez à Irlanda pela agência de turismo dele, que estava no início da sua carreira. Alguns minutos depois no sofá da sala ela chorou, assim que relembrou da morte do seu querido Joaquim.

Ele enfartou em uma viagem que fizeram ao Rio de Janeiro, tentaram o possível para reanimá-lo, mas não teve jeito e ele veio a falecer, deixando uma mágoa profunda no coração tanto de Vera como de Otto.

Deixo-a contar sua história, desabafar em lágrimas, sua tristeza é profunda, consigo senti-la em suas palavras. Eles conviveram por longos anos, cresceram juntos e perderam muitas coisas juntos, também.

Levo Vera até o quarto, deixo ela em sua cama. Tiro os sapatos dela e os coloco no chão, próximo à cama. Ajeito um travesseiro para que ela encoste a cabeça, depois a cubro com o cobertor. Lágrimas parecem fazer as pessoas adormecerem mais rápido e é isso que acontece com ela. Deixo o quarto e sigo em direção ao meu, estou exausta, ainda não me acostumei com o ritmo dessa nova vida, saídas à noite nunca aconteceram antes na minha vida.

Já tomada banho, me deito na cama, deslizo o dedo sobre a tela do celular, tem uma mensagem de Otto perguntando como foi o jantar, respondo-o e me surpreendo por ele ainda estar acordado.

“Foi ótimo,
”Respondo. “Mas você já conheceu a mãe da Sophia? ”

“Você sabe que eu a conheço há anos. Ela deve ter sido uma surpresa para você.”

“Uma surpresa muito desagradável.”

Arrependo-me de ter enviado a mensagem, não se fala mal de uma pessoa a qual a outra conhece há anos.

“Acho que eu não deveria ter escrito isso.”

“Sem problemas, cada um tem a sua opinião, Franciele é apenas a melhor amiga da minha mãe e mãe da Sophia, sei que às vezes ela pode difícil, mas ela também tem o seu lado bom, isso se você tiver disposta a conhecê-la.”

“Acho que vou ter bastante tempo para isso.”

Digo, convicta disso.

Ficamos uma boa parte da noite trocando mensagens e Otto foi o primeiro a se despedir, assim eu fiz também, para depois me entregar a um sono tranquilo.

Capítulo 20

O prédio comercial parece uma galeria, com várias lojas, tanto de roupas como ervas medicinais, algumas lanchonetes e também clínicas. A loja de turismo da família Cavalcante fica nesse prédio, e fui convidada por Otto a conhecê-la, essa agência ele herdou do pai. Ele segue pelo pátio, onde há uma belíssima fonte. Sigo ao lado dele, admirada pela arquitetura do local.

Otto segue e bem no final do corredor vejo uma loja, com adesivos da Disney, Torre Eiffel e outros símbolos de países famosos, e desejados por muitos como ponto de turismo, e ele nem precisa me dizer que ali é a loja dele.

Otto empurra a porta de vidro, sou a primeira a entrar, ele vem depois. Aqui dentro está gelado, graças ao ar-condicionado, o local tem um cheiro agradável. As cadeiras de espera têm um tom de azul-claro, estão arrumadas em fileiras. Há quatro mesas em pontos estratégicos, cada uma delas tem uma moça atendendo clientes, que mesmo, ocupadas levantam o olhar para ver Otto chegando. Há também um balcão, onde fica a senhas, uma moça

digita algo no computador e parece surpresa ao ver seu chefe que aparentemente estava de férias.

— Boa tarde! — Mirella diz para ele, sei o nome dela, pois, li no crachá.

— Boa tarde! — Otto responde. — O Pablo está aí?

— Sim, ele está na sala dele.

— Certo, obrigado.

— De nada. — A moça responde, com um sorriso gentil.

Para manter o ramo do turismo na família e, ao mesmo tempo cursar a faculdade que Otto ama, que é a medicina, ele optou por contratar Pablo como gerente da sua loja principal, que é essa aqui. Confia no amigo cegamente e desde que o contratou, não teve nenhum problema.

Uma pequena escada de madeira nos leva até outra sala. Otto bate na porta e anuncia seu nome, Pablo manda entrar.

Esse Pablo parece diferente do que eu conheci, ele usa terno e gravata e parece muito mais sério, concentrado em seu trabalho.

— E ai, irmão! — Pablo diz, se levanta, dá uma volta pela mesa até se encontrar com Otto. Os dois se abraçam amigavelmente. Ele nota a minha presença e entende a mão para mim, aperto-a. — Tudo bem com você, Cecília? Soube que você estava na festa do Thiago, mas nem tive a oportunidade de falar com você.

— Fui embora mais cedo. — Respondo, lembrando da festa que eu não curti.

— Você não estava gostando da festa? — Pablo pergunta, olho para Otto e me sinto envergonhada, ele é o motivo por eu ter

ido embora.

— Não faz o meu estilo.

— O Thiago é meio doido. E então a que devo a visita do meu ilustre amigo e chefe? — Pablo pergunta a Otto.

— Trouxe a Cecília para conhecer a agência e também para dar a ela um pacote de viagem com direito a um acompanhante. — Não consigo esconder o espanto que passa pelo meu rosto, estreito meus olhos como uma fenda.

— Você não me contou essa última parte. — Digo.

— Eu só estava esperando a hora certa. — Ele comenta e leva a mão ao pescoço, parece pensar se foi uma boa ideia esconder isso de mim ou não.

— Mas por que eu ganharia um presente desse? — Pergunto, e Pablo se recosta na mesa, cruzando os braços, ele divide o olhar entre mim e Otto.

— Só queria te dar um presente de boas-vindas, assim como a minha mãe. — Otto responde, e não gosto do meio sorriso que surge na face de Pablo, que balança a cabeça negativamente algumas vezes, como se captasse algo que eu não captei.

— Então é um presente de boas-vindas? — Pergunto e Otto assente, e eu realmente tento ver o pacote de viagem como um presente de boas-vindas.

— Você pode escolher o destino que quiser. Não precisa ser exatamente no nosso país. Se seu sonho é conhecer algum país, a oportunidade é agora.

— Mas uma viagem para outro país custaria muito caro.

— Acho que você ainda não entendeu, Cecília, dinheiro para o Otto não é um problema — Pablo aperta de leve o ombro do

amigo — o problema dele é outro. — Ele gargalha, mas Otto não o acompanha, ele parece irritado.

— Cala a boca! — Vocifera, sua testa formando vincos.

Otto está na janela, enquanto estou sentada na cadeira ao lado do Pablo, que me mostra os pacotes de turismo na tela do computador. Tento imaginar qual seria o destino perfeito para uma viagem, mas a outro, porém, nisso: quem eu levaria como acompanhante? Meus olhos vacilam para Otto, assim que me faço essa pergunta mentalmente. Lembro a mim mesma que ele está fora de cogitação, eu jamais, em hipótese alguma viajaria sozinha com ele. Penso nas meninas do orfanato, mas sei que não dá para escolher uma entre elas. Tem a tia Luciana, ela seria uma excelente companhia, mas também sei que o marido dela não deixaria. Tem Sophia. Mas Sophia não precisa de um pacote de viagem grátis.

Deixo essa escolha para depois e volto minha atenção ao que Pablo me explica, com toda a paciência do mundo, eu queria ser assim como ele.

— Já pensou em conhecer a Inglaterra?

— Parece ser um país legal, como toda a família real e tudo mais, mas nunca me interessei por conhecer esse país, talvez seja por causa do frio.

— Mas, Cecília, a maioria desses países são frios, mas você pode conhecê-los no verão.

— Não sei onde quero ir ainda. — Então meus pensamentos voam para o orfanato. — Acho que uma viagem para o Espírito Santo seria legal. — Digo, entusiasmada, mas Pablo não parece se agradar com a minha escolha, como se um pacote de viagem grátis deveria ser gastado em um lugar onde muitos desejam ir.

— Você não precisa gastar seu pacote de viagem para ir visitar as crianças do orfanato, existem outras maneiras de se fazer isso. — Otto sai da janela e vem até nós. Penso em como ele adivinhou que era exatamente isso que eu estava pensando. E agora penso o quanto ele já conhece de mim e o quanto eu não conseguiria esconder algo dele.

— Mas seria legal gastar com isso, até porque não tenho muitas sugestões de lugares para ir.

— Sugestões tem várias, você tem que apenas se abrir para elas. — Otto diz.

Pablo vasculha algumas revistas que estão sobre a mesa, escolhe uma e me entrega.

— Leve para casa, leve o tempo que for necessário para você escolher o seu destino. Folheio algumas folhas e já de cara vejo imagens de lugares maravilhosos.

— Então, já que você é o gerente e toma a maior parte das decisões, queria te pedir uma coisa. — Otto e Pablo olham para mim intrigados, sem fazerem ideia do que eu vou pedir. — Estou à procura de um emprego. E gostaria de te perguntar se há alguma vaga. — Pablo olha para Otto, esperando uma resposta dele. — Que foi? O Otto é quem decidi? — Pergunto, com um leve tom de deboche.

— Não, ele diz, a escolha dos funcionários são decisões minhas, mas no momento estamos com todas as vagas preenchidas. — Faço uma cara triste.

— Eu não sabia que você estava procurando um emprego. — Otto diz do outro lado da mesa.

— A sua mãe não te contou?

— Não.

— Não me leve a mal, mas por que você precisa de um emprego? — Pergunta Pablo.

— Porque eu não preciso? — Respondo à pergunta dele com outra pergunta.

— Acredito que a Vera te dá tudo. — Pablo responde, sem pestanejar.

— Sim, isso é verdade, e sou muito grata a ela por isso, mas quero ter o meu próprio dinheiro.

— Infelizmente, eu não poderei te ajudar, mas assim que eu souber de alguma coisa eu te falo, mas sugiro que você comece a trabalhar depois da viagem.

O horário do expediente se encerrou às 18h00. Estamos do lado de fora da agência, esperando Pablo fechar tudo, iremos em uma cafeteria, no prédio comercial mesmo comer alguma coisa.

Noto que sou deixada para trás, os dois pararam um pouco atrás de mim, conversam aos sussurros, como se não quisessem que eu escutasse a conversa, respeito-os, sei onde fica a cafeteria, pois, passamos por ela, antes de chegar na agência, pretendo esperar pelos dois lá, enquanto sinto uma certa apreensão crescer em meu peito, tenho a impressão que é sobre mim que eles falam, mas não terei coragem de perguntar isso a nenhum deles.

Puxo uma cadeira do lado de fora da cafeteria, me acomodo nela, enquanto espero. A garçonete, vestida com uma calça marrom, blusa de mangueira de babado bege, vem até mim. Ela tem um avental amarrado em sua cintura, seu cabelo é escondido por uma touca preta.

— Boa noite. — Me cumprimenta, com um sorriso. Ela tem uma comanda e uma caneta em mãos.

— Boa noite! — Respondo.

— Gostaria de fazer o seu pedido?

— No momento não, estou esperando os meus amigos. — Digo, sem saber se eles realmente são os meus amigos.

— Certo, assim que quiser fazer o seu pedido é só me chamar.

— Pode deixar. — Ela me deixa a sós com os meus pensamentos, que estão curiosos com Otto e Pablo conversando em segredo.

Olho para a fonte, já estou aqui há alguns minutos, se eu conhecesse o caminho de casa ou tivesse algum centavo no bolso, deixaria este lugar e iria embora.

Otto e Pablo aparecem meia hora depois e não consigo esconder meu descontentamento. Tenho um semblante fechado e não pretendo melhorá-lo. Eles se sentam e percebem o meu mau-humor.

— Desculpe, Ceci, estávamos conversando. — Otto é o primeiro a se justificar.

— E eu não poderia escutar. Ótimo, vocês poderiam ter me deixado em casa e conversado depois.

— Você se estressa muito fácil. — Diz Otto, um sorriso despontando em sua face.

— Porque não é você que ficou esperando. — Acrescento, irritada.

— Cecília, a culpa foi minha. — Se justifica Pablo. — Eu precisava falar em segredo com o Otto por isso o parei, só não

sabia que iria demorar tanto.

— O assunto estava interessante. — Murmuro.

— Oh, você nem imagina! — Diz Pablo, e Otto leva a mão ao ombro do amigo, apertando-o até ele dizer para parar.

A garçonete chega com os nossos pedidos, deixando-os na mesa. Pego a xícara de café fumegante, sopro e dou o primeiro gole, insatisfeita por não ter conseguido tirar nada deles sobre a conversa em particular que tiveram.

— Você tem visto a Sophia? — Pergunta Pablo para mim. — Eu soube que você se tornou mais amiga dela que o Otto. — Meu olhar vai para Otto, pensando se ele comentou isso com Pablo, seu sorriso diz que sim.

— Sim, você não tem falado com ela?

— Não, ela se afastou um pouco de mim, desde a festa.

— Mas por quê?

— Ela descobriu algumas coisas ao meu respeito, coisas em relação a sentimentos.

— O Pablo sempre foi apaixonado pela Sophia. — Otto dispara, causando a ira do amigo.

— Seu revelasse por quem você é apaixonado ultimamente você iria gostar? — É a primeira que vejo Otto enrubescer, ele não tem reação, e fico curiosa para saber por quem ele é apaixonado.

— Nem brinca com uma coisa dessa, babaca. — Otto diz, pega seu copo com cappuccino e dá um gole.

— A Sophia já falou alguma coisa de mim para você? — Pablo pergunta para mim. — Fico pensativa por um momento, tentando relembrar.

— Acho que ela nunca falou de você. — Otto gargalha, e Pablo fica sem graça. — Isso seria uma ofensa para você?

— Um pouco. — Ele diz e suspira. — Sophia não mistura amizade com romance, eu já sabia disso, mas o amor é inevitável.

— Sei disso. — E como sei, a pessoa responsável por causar sentimentos que eu não deveria sentir também está sentado nesta mesa. — Já tentou falar com ela sobre o assunto?

— Sim, na festa do Thiago.

— E o que ela disse?

— Que eu estava bêbado por isso eu estava dizendo aquelas coisas. Que no outro dia era para eu fingir que eu não disse nada, pois, ela faria o mesmo.

— E você fez o que ela pediu? — Pablo assente. — O que você faria, Otto, se tivesse no lugar do seu amigo?

— Eu nunca estaria no lugar dele. Eu não me apaixonaria pela Sophia.

— Não precisa ser a Sophia, — encaro nos olhos dele, — pode ser outra amiga. — Pablo está dividindo o olhar entre mim e Otto novamente.

— Acho que eu tentaria uma última vez no dia seguinte. — Ele responde, os olhos ainda fixos em mim, há ternura neles e algo a mais que eu desconheço, Pablo pigarreia, chamando a nossa atenção de volta a ele, a contragosto, viramos na direção dele.

Capítulo 21

Passei uma boa parte da noite concentrada na revista que Pablo me entregou à procura do destino da viagem grátis que ganhei de presente do Otto. A porta estava semiaberta quando Vera bateu, dei permissão para que entrasse e assim ela fez.

Vera tem os olhos fixos na revista em minhas mãos. Estou sentada no chão, recostada na cama, já vestindo o meu pijama. Ela passou o dia todo no hospital onde trabalha, chegou há uma hora. Ela tem duas xícaras nas mãos, entrega uma para mim e fica com a outra. Pego-a e cheiro o líquido rosado meio avermelhado dentro.

— É chá de hibisco. — Não consigo controlar a minha careta de desgosto.

— Relaxe, não tem o mesmo gosto amargo que o chá-preto que você tomou naquele dia. — Dou uma golada e surpreendo a mim mesma, até então a garota que não gostava de chá tinha gostado.

— Até que, é bom. — Digo e coloco a xícara no chão, Vera se senta na beirada da cama.

— O que você está fazendo? — Pergunta, encarando a revista na minha mão.

— Escolhendo a viagem que o Otto me deu de presente. — Não consigo entender a cara de surpresa que Vera faz ao escutar isso. — O Otto não te contou? — Pergunto, querendo entender o motivo de ele não ter feito isso.

— Não. — Ela responde. — Só não entendi o motivo de ele não ter me contado isso. Não ter segredos é importante para a família.

— Não acredito que essa viagem seja um segredo, talvez ele tenha apenas esquecido de te falar. — Digo, tentando aliviar o clima ruim que ficou no ar. Espero realmente que Otto tenha esquecido de avisá-la.

— E qual o motivo de ele ter de dado essa viagem?

— É um presente, disse que não tinha me dado nenhum presente de boas-vindas, acho que ele só está querendo mudar o clima ruim do primeiro dia que ficou entre a gente.

— Pensei que vocês já tivessem se acertado.

— Sim, mesmo assim ele quis me dar. Eu não deveria ter aceitado?

— Acho que qualquer um que recusasse uma oferta dessas poderia ser considerado louco. *Hmm*, Otto te falou que para alguns países desses que estão no catálogo você precisa de visto?

— Ele não disse nada a respeito, mas eu já imaginava. Se a senhora quiser escolher o meu destino, vou ficar muito grata, tenho certeza que a senhora já conheceu a maioria desses países.

— Com certeza, eu e Joaquim viajavamos pelo menos duas vezes por ano. — Ela diz, então entrego a revista na mão dela.

França, para ser exata: Paris. Vera me garantiu que esse é um dos melhores para eu conhecer, e eu não precisaria de visto, simplificando um pouco a minha viagem.

Vera desliza o dedo na tela do seu celular, me mostrando alguns hotéis perfeitos para que eu pudesse me hospedar. Ela é uma pessoa prática, não demora muito a tomar uma decisão, então reservou para julho sete dias de hospedagem, tudo dentro do site da agência da família, então finalizou, comprando as passagens, me deixando confusa.

— Pensei que as despesas ficariam por conta do Otto. — Digo.

— Não se preocupe, depois ele me estorna esse valor, só estou facilitando as coisas para você e para ele. — Ela suspira e tira o elástico do cabelo, desfaz o coque com cuidado. — Então, já decidiu quem você vai levar com você? — Fico pensativa, a verdade é que eu não tenho muitas opções, então optei pela única e óbvia.

— Acho que a Sophia vai ser uma boa companhia, isso se ela quiser ir comigo.

— Tenho certeza que ela vai. Sophia ama viajar.

Uma sombra se faz no quarto, eu e Vera olhamos instintivamente para trás, e Otto está parado na porta, há um leve rubor em seu rosto, lança um olhar rápido para a mãe, e tenho a impressão que ele não esperava encontrar ela aqui.

— Não sabia que a senhora estava aqui. — Ele diz, confirmando as minhas suspeitas.

— Só vim fazer uma visita para a Cecília, não quero que ela pense que eu a abandonei.

— Eu jamais pensaria isso, sei que o seu trabalho ocupa muito o seu tempo. — Digo, apertando de leve a mão dela.

— Na verdade, eu estava ajudando a Cecília com a viagem dela. — Vera pega a revista do chão, mostrando para ele. — Não entendi porque você não me contou que daria uma viagem de presente para a Cecília.

— Tem certeza que eu não comentei nada a respeito com a senhora? — Pergunta Otto, com um jeito sério, porém, parece ter medo também, ele conhece a mãe mais do que eu e deve saber quase o que ela está pensando, pelo menos é assim que eu penso que os relacionamentos entre mães e filhos são.

— Não, você não falou nada a respeito. — Ela confirma. — Eu poderia ter ajudado você.

— Mas o presente é meu, mãe, se a senhora ajudasse, não seria a mesma coisa. Eu só queria fazer algo para a Cecília, pelo bem que ela está fazendo a senhora, que está muito feliz ultimamente. — Fico confusa, Vera não me pareceu ser uma pessoa triste desde que nos conhecemos, talvez a tristeza que Otto esteja se referindo tenha relação ao pai dele.

— Mas avisando que eu já paguei a hospedagem e o avião. — Há uma certa raiva no olhar de Otto.

— Então acho que o presente vai ser seu afinal. — Ele diz, um pouco chateado.

— Não, depois você poderá me ressarcir.

— Não tem lógica, a Cecília só teria que escolher o pacote que ela queria e eu cuidava do resto.

— Por que você fazer isso por ela é tão importante? — Sinto o meu coração na garganta, ao que parece não é somente eu que

me sinto assim, Otto está pálido, dedilha os dedos no batente da porta, e eu não me surpreenderia se ele desmaiasse agora.

— Ei, só estou tentando ser um irmão legal. — Um sorriso de felicidade se alarga no rosto de Vera ao escutar a palavra irmão, mas não causa o mesmo efeito em mim, não mesmo.

— Tudo bem, então. Você já sabe que a Cecília escolheu a Sophia para ir com ela na viagem? — Otto franze a testa, deixando que a frustração transpareça em seu rosto.

Ele não quer que eu a leve para a viagem? Não foi ele que disse que eu poderia escolher um acompanhante. *Ah*, não! Ele queria que eu o escolhesse? Eu devo estar ficando maluca e já estou fantasiando coisas.

Se ele for mais claro com o motivo que ele me deu essa viagem, eu até posso levar ele comigo, assim correndo o risco de perder Vera de uma vez, simplesmente porque sou tola demais por ter me apaixonado muito fácil.

Abaixo meu olhar, não quero olhar mais para aquela cara de frustração por não ter entendido o que ele realmente queria de mim. Será que ele sabe que não podemos?

— Você vai amar viajar com a Sophia. — Ele diz depois de alguns segundos em silêncio. — Qual o destino você escolheu? — Ele me pergunta.

— Paris. — Vera responde por mim, Otto parece incomodado. — Quem sabe ela não acha um parisiense e se apaixona por ele.

— Não estou à procura de ninguém. — Tento dizer, com a voz mais suave possível, porém, falho.

— Desculpe, Cecília, se parece que te ofendi de alguma maneira. — Vera diz, mas suas desculpas não me parecem ser sinceras. — Bem, acho que por hoje já deu, amanhã tenho que levantar cedo.

Vera deposita um beijo de boa noite no topo da minha cabeça, antes de se colocar de pé e seguir para porta, ela então para na frente do filho.

— Você não vem? — Pergunta, e Otto assente, me abandonando à mercê da solidão.

Guardo a revista dentro da gaveta da minha mesinha de cabeceira. Estou sentada na cama, as mãos juntas em meu colo. Penso se eu devo ou não ligar para Sophia. Ela é confiável ao ponto de guardar segredos? Se eu não contasse tudo que se passa na minha cabecinha a ela, eu nunca irei descobrir, mas ela é amiga da Vera, tenho medo que ela entregue o meu segredinho para ela. Mas preciso desabafar, tia Luciana seria perfeita, é claro, se eu não fosse contar para ela que estou tendo uma quedinha por um certo Otto da cicatriz bonitinha.

O celular chama algumas vezes, caindo na caixa postal, mas sou persistente, se ela não me atender agora, amanhã já terei perdido toda a coragem que juntei em mim, e quanto ela finalmente atende, despejo tudo de uma vez, sem nem dar tempo de ela respirar.

— Eu sabia! Eu sabia! — Diz Sophia, toda eufórica. Até posso imaginar ela dando pulinhos de alegria. — Vocês dois nunca me enganaram. O olhar de vocês já diz tudo.

— Também não é assim.

— Tá! — Sophia gargalha do outro lado da linha, e já me arrependi de ter contado tudo para ela. — Então você acha que ele gostaria que você o chamasse para à viagem?

— Tenho quase certeza disso.

— Isso é simples de resolver. Eu não vou aceitar o seu convite. Sem companhia e com medo de viajar sozinha, você o convida a ir na viagem. — Mais uma gargalhada de Sophia.

— Em nenhum momento você está pensando na Vera.

— Ela não precisa saber o que está rolando entre você e o Otto.

— Não está rolando nada entre a gente.

— Isso você só vai descobrir na viagem que vai fazer a Paris com ele. Se não der certo e não for nada disso que vocês estão pensando, terminam lá mesmo. Fingem que nada aconteceu, essa vai ser a pior parte. O bom de tudo que você só vai ver ele nas férias e no natal em família, pensa no climão que vai ser.

— Obrigada pela sua ajuda.

— De nada, amigas estão aqui para isso. O Otto é um ótimo partido.

— Então por que você não fica com ele? — Pergunto, irritada com ela.

— Não misturo amizade com romance. Não quero estragar a amizade que eu construí há anos com ele por causa de um romance que não sei se vai dar certo.

— Então isso quer dizer que se você tivesse conhecido o Otto hoje você ficaria com ele? — Questiono, enciumada.

— Quem não ficaria com ele?

— Quem realmente é aquela mulher da festa?

— Uma ex dele, que queria pegar ele novamente. É melhor você se apressar, se você não der nenhum sinal que você também o quer, ele vai sair, como um bom cavalheiro, palavra de quem o conhece há anos.

— O que você sugere? Que eu vá bater na porta do quarto dele agora?

— Eu, no seu lugar faria exatamente isso.

— Mas você não está no meu lugar.

— É uma pena.

— Sophia, você é tão... tão...

— Só estou brincando com você. Agora vá!

E eu fui... correndo o risco de encontrar outra pessoa no corredor que dá acesso aos quartos.

Com dedos ágeis, digito uma mensagem e envio para Otto:

“Abre a porta para mim, estou indo aí.”

Fecho a porta do meu quarto, com mãos leves e sigo para o quarto de Otto, a porta se abre o mais rápido que eu esperava então eu entro.

Está escuro, só há um feixe de luz que vem da tela do celular, que está sobre a cama. Otto alcança o interruptor e acende a luz. Ele veste apenas a calça de seu pijama, deixando amostra o seu peitoral bronzeado. Sinto meu coração esmagar o meu peito enquanto eu o observo em um silêncio cheio de significados, meu peito sobe e desce em uma respiração descontrolada, ainda sinto uma certa adrenalina, mesmo tendo percorrido um curto espaço para chegar aqui.

Ele está a alguns centímetros de mim, parece diferente do Otto dessa tarde. Encho meu peito de coragem e quebro a barreira

da distância que nos separavam, indo para o calor de sua pele, levo as minhas mãos até o rosto dele, fico nas pontas do pé e deixo todos os contras para trás e tomo a boca dele para um beijo.

Capítulo 22

Eu já beijei um carinha uma vez, não foi o melhor primeiro beijo do mundo por alguns fatores. Um deles é que a tia Martha estava me esperando no lado de fora da casa, onde eu fazia um trabalho escolar em grupo. Gabriel, o menino que eu gostava fazia parte desse grupo, e Priscila, dona da casa disse que ele também estava interessado em mim, aproveitei a única oportunidade que eu sabia que teria, mas eu estava tensa, além de ter alguém me esperando, seria o meu primeiro beijo.

Então eu sei que para um beijo funcionar, mesmo que depois a pessoa ache ruim, às duas bocas têm que se unirem e fazerem movimentos simultâneos, e não é exatamente o que está acontecendo neste quarto.

Droga! Ele não retribuiu, penso ao constatar que o beijo não estava funcionando para os dois envolvidos.

Abro os olhos, frustrada por não ter sido correspondida, os olhos de Otto já estão abertos, parece confuso, desinteressado, então a vergonha enche o meu peito, olho em direção a porta, penso em correr, fugir por ela, em uma cena bem dramática de rejeição, mas me contenho, afinal minhas pernas estão bambas, portanto, correr não é uma opção.

Pisco os olhos, não há palavras que me livre desse momento embaraçoso. Por que eu fui dar ouvidos a Sophia?

Afasto uns fios de cabelo que caíram sobre o meu rosto, ainda não sei o que fazer, pois, isso não era o que eu esperava que acontecesse. Então ele é o primeiro a falar.

— O que foi isso? — Questiona totalmente confuso.

— Pensei que você quisesse também. — Explico, com uma coragem que não sei de onde tirei, mas a vergonha ainda não foi embora. — Tudo indicava que você queria. — Digo para ele, mas é para mim mesma que tento buscar uma explicação.

— Cecília, não sei, do que você está falando. — Otto diz de forma natural. — Desculpe se passei essa impressão para você. — Impressão? Ele só pode estar brincando com a minha cara. Sinto as lágrimas encherem os meus olhos, mas não as deixarei cair, não mesmo.

— Você me enganou. — Concluo.

— É claro que não. — Ele põe a mão em meu ombro, dou um passo para trás, não quero ser tocada por ele.

— A viagem...

— É um presente de boas-vindas. Eu te falei. — Não sinto verdade nas palavras dele.

— Você queria que eu escolhesse você para fazer a viagem junto comigo.

— Não sei, do que você está falando e nem como chegou a essa conclusão. — Sorrio sem nenhum humor, lembro-me de Henri. Os dois estão juntos nessa? Estão tentando me enganar?

— Não sabe, do que estou falando? Por que você pareceu chateado quando eu disse que levaria a Sophia comigo?

— Acho que você está enganada mais uma vez. A Sophia é a melhor escolha que você poderia ter feito.

— Mas não é a que você queria. Por que está mentindo para mim?

— Não estou mentindo. — Suas sobrancelhas grossas estão reunidas em uma linha acima dos olhos. Olhamo-nos em silêncio, então há um toque suave na porta.

Otto se assusta, e eu fico em alerta, ele aponta para a porta do banheiro, ando em passos leves para lá, fecho a porta e escuto ele abrir a do quarto, ouço um burburinho, é Vera, parece estar se desculpando com o filho.

Curiosa, coloco meu ouvido na porta e escuto algumas frases.

— Desculpe, Otto, por eu ter te acusado daquela forma. — Ela diz, sua voz parece triste.

— Não se preocupe com isso, espero que a senhora tenha entendido que não é nada disso, agora preciso realmente dormir. — Otto diz, parece querer se livrar de Vera para finalmente se livrar de mim.

— Sim, meu filho, boa noite.

— Boa noite, mãe. — Diz, e escuto a porta abrir suavemente, depois a fecha com a mesma suavidade. Continuo no banheiro de Otto, só sairei quando ele mandar.

A chave parece ser girada na fechadura, escuto passos vindo para cá.

— Pode sair. — Assim, eu faço, vou direto para a porta, não quero conversar com Otto, não quando eu me sinto enganada por ele, assim como fui enganada por Henri. — Acho que mamãe foi para a sala. — Ele diz, assim que eu pego a maçaneta da porta.

— Por que eu estaria me escondendo dela mesmo? — É a vez dele de corar, ele está mentindo em relação a nós. — Como você disse, eu apenas entendi errado. Não temos nada a temer.

— Tudo bem. Então saia do meu quarto a essa hora da noite, o que ela vai pensar ao seu respeito, vai ser um problema entre você e ela.

— Como ela vai pensar alguma coisa, se alguma coisa só está acontecendo na minha cabeça?

— Você está sendo infantil.

— Não fui eu que fingiu estar interessado em uma pessoa para depois fazer ela passar por papel de ridícula.

— Escute, se for sobre o beijo não correspondido, não fiz isso para te envergonhar ou tirar chacota da sua cara mais tarde. Eu não vou contar sobre ele para ninguém. A única coisa que precisamos fazer é esquecer que ele aconteceu.

— Ótimo, vou começar fazendo isso agora. — Digo e giro a chave na fechadura.

— Cecília! — Meu nome em sua boca tem um tom de desespero. — Mamãe pode te pegar.

— Vou contar com a sorte. — Digo e saio do seu quarto.

Quero tomar algo para a dor que eu estou sentindo, mas sei que o remédio para coração partido ainda não foi inventado. Aperto o travesseiro com força rente ao meu peito assim que me jogo na cama, a dor que eu sinto não é a mesma que senti quando fui enganada por Henri, é diferente, é mais dolorido, é um sentimento verdadeiro, bem, pelo que parece, apenas da minha parte.

Não acredito que deixei me iludirem em menos de um mês, e ainda por cima eu iria trair a confiança da pessoa que me estendeu a mão no momento em que eu mais precisei.

Deixo as lágrimas que eu segurei rolarem como ondas furiosas em minha face, sei que a minha noite não será fácil e que o peso dessa dor vai demorar a passar, e o que me conforta é saber que um dia vai passar. Só terei que aturar o Otto por alguns meses e depois ele vai para o Rio de Janeiro, então ficara tudo bem. Não precisarei encarar ele no café da manhã, assim lembrando que ele me enganou ao fingir que estava interessado em mim.

Demoro a pegar no sono e quando ele vem, é um conforto para essa noite tão difícil.



O céu é de um azul sem nuvens quando me sento na cadeira da varanda do meu quarto. A essa hora eu deveria estar na mesa, reunida com Otto e Vera para tomarmos café, juntos, assim como eu faço todas as manhãs, mas estou querendo evitá-lo.

Meus olhos estão inchados, devido às lágrimas que derramei ontem.

Helena me chama, me arrasto até a porta para atendê-la e ela não consigo esconder o meu desanimo ao abrir a porta.

— Cecília, a dona Vera está te esperando para o café da manhã.
— Suspiro. — O que foi? Algum problema? Helena pergunta em tom de preocupação.

— Só não estou com fome. — Digo, mas decido ir, se eu não mudar de ânimo logo, Vera vai desconfiar que algo está errado e vai me fazer perguntas. — O Otto está na mesa? — Pergunto, e Helena não parece entender o motivo da minha pergunta. — Quero tratar os últimos detalhes da minha viagem com ele.

— Ele está sim. Agora vá! O café da manhã em família é muito importante para a dona Vera.

Sigo com passos arrastados em direção a cozinha, não tenho ânimo nem para comer, mas serei forçada a fazer isso.

Ele está lá. Conversava com a mãe, com um sorriso no rosto, como se o que aconteceu ontem não tenha o afetado nenhum pouco, como se a única que saiu ferida daquele quarto tivesse sido eu. Respiro fundo, dou bom dia e puxo uma cadeira, determinada a colocar um sorriso no rosto e deixar essa conversa mais animada do que Otto está fazendo.

Ele engole em seco ao responder ao meu bom dia, abaixa a cabeça e começa a se servir, comendo sua batata-doce , que ele come praticamente todas as manhãs, um esforço que acredito que ele faça para manter esse corpinho maravilhoso que mesmo eu tentando evitar não olhar, simplesmente não consigo. Sou fraca e burra quando o assunto é Otto.

— Eu estive pensando — Comento enquanto passo a manteiga no pão, os olhares dos ocupantes da mesa vêm para mim, — como a Sophia recusou o meu convite para a viagem para Paris...

— Ela recusou? — Pergunta Vera, me interrompendo.

— Infelizmente sim. — Respondo, deixando um semblante triste tomar conta da minha face. — Como ela recusou, pensei em convidar o Thiago. — Eu não esperava esta reação dos ocupantes da mesa assim que eu revelasse quem seria o substituto de Sophia na minha viagem. Vera não conseguiu esconder o desgosto que sentiu pela minha escolha, Otto, bem, neste momento está engasgando com o seu suco de manga adoçado com adoçante que ele estava bebendo.

— Otto, querido, você está bem? — Pergunta, Vera, preocupada com o filho.

— Sim, apenas engasguei. — Ele tem olhos furiosos ao olhar para mim, sua boca é uma linha dura, quer me confrontar pela escolha, mas não tem coragem, infelizmente ele e Vera parecem ter o mesmo comportamento em relação ao Thiago.

— O Thiago não é uma opção. — Ela é seca em suas palavras.

— Por que não? — Pergunto, determinada a levar isso adiante, somente para eu ver a reação de Otto, que nem consegue esconder o quanto isso o incomoda. Bingo! Estou indo pelo caminho certo.

— Thiago não é um cara muito responsável. — Vera diz e pega uma uva da fruteira. — Você não vai com ele e ponto final. — A intenção era mexer com a cabecinha do Otto, mas fiz mais que isso, ultrapassei a barreira e atingi Vera, consigo ver nela o que vi muitas vezes em filme, o

instinto protetor de mãe sendo ativado, e isso preenche uma parte do buraco que Otto havia deixado em mim ontem à noite. Há um amor maior que vale a pena lutar nesta casa.

— Tudo bem. — Digo, como a pessoa que sempre foi programada a obedecer, assim como eu fazia com as tias do orfanato. — Mas a senhora poderia dizer por que o Thiago é tão ruim assim.

— O Thiago não é tão ruim. — Ela diz.

— Mas é o que parece quando vocês reagem assim.

— Ele tem um comportamento abusivo com as mulheres que ele namora. Presenciei muitas vezes esse comportamento dele quando ele vinha aqui em casa com as namoradas. Não quero que você sofra, então se você estiver gostando dele, sugiro que você se afaste antes que se apaixone e seja tarde demais.

— Não estou gostando dele e provavelmente não me apaixonarei por ele. — Digo e examino a reação de Otto, com olhos semicerrados, ele continua bebendo seu suco, mas parece tenso.

— Então por que queria escolher ele?

— Só achei que ele seria uma boa companhia. Como amigo.

— Certo. — Vera diz e se coloca de pé. — Vou escovar meus dentes e ir trabalhar antes que eu me atrase.

Otto não saiu em seguida como eu pensei que ele faria. Continuou tomando seu café, com o rosto sério e indecifrável, até o momento eu só consegui dar uma mordida no pão e tomei um gole de café com leite para fazê-lo descer pela minha garganta.

— Essa é a forma que você arranjou para se vingar de mim? — Indaga Otto, colocando o copo vazio sobre a mesa.

— Não sei, do que você está falando. — Faço-me de desentendida, enquanto por dentro estou radiante após meu plano ter funcionado.

— Falar que vai convidar o Thiago para viajar com você. — Otto é mais específico com suas palavras.

— Por que você acha que tudo que eu faço gira em torno de você? Você sabe que ainda não conheço quase ninguém, tenho que pensar em todas as pessoas que conheço aqui, ou seja, Sophia e Thiago, já que você não conta. — A expressão vazia de Otto sumiu instantaneamente, sendo substituída por um sorriso.

— Você queria que eu ficasse com ciúmes. — Ele conclui.

— Não. Eu só queria analisar sua reação. Se tudo que estava acontecendo era apenas imaginação da minha cabeça. — Coloco-me de pé, dou uma volta pela mesa, paro ao lado de Otto, agacho, deixando a minha boca perto da dele, que engole em seco, pela minha aproximação. — Você falhou no teste. — Sussurro contra os lábios dele.

Capítulo 23

Saio e me deparo com o sol forte da manhã em uma segunda de verão, assim que desço do Uber. O café está lotado e demoro a localizar a mesa onde Sophia está sentada. Ela usa um lenço floral na cabeça, veste uma regata preta e short jeans. Acena assim que me vê, tem um sorriso largo no rosto. Depois iremos gravar o vídeo dela me maquiando. Isso depois que ela me enviou cinquenta mensagens, convidando-me a ser a cobaia dela, e eu não poderia dizer não depois dela se empenhar tanto.

Puxo a cadeira de metal e me acomodo nela, Sophia já está com uma xícara sobre a mesa, não a crítico por não ter me esperado para fazer seu pedido, afinal me atrasei um pouquinho, me atrapalhei um pouco na hora de chamar o Uber.

Depois de longos minutos olhando o cardápio e com o auxílio de Sophia, que já experimentou todos os cafés da lista, opto por um, mocha, acompanhado com pão de queijo.

Sophia tem os olhos fixos em mim e eu já a conheço o suficiente para saber o porquê ela tem esse olhar tão curioso. Ela quer saber como vai às coisas entre mim e Otto, eu não disse nada

a respeito sobre o que aconteceu depois que ela me ligou naquele fático dia que Otto recusou o meu beijo, mas agora estou pronta para falar, sei que agora posso confiar em Sophia.

— Fui ao quarto dele depois que te liguei e o beijei. — Sophia arregala os olhos, isso não parece ser o que ela esperava ouvir, exatamente porque não parece ser uma coisa que eu faria. — E ele não me beijou de volta. — Ela abre a boca em total descrença.

— O quê? Como? Otto surtou? Isso é uma pegadinha, né? Você está brincando com a minha cara?

— Eu pareço estar brincando? — Aponto para a minha cara séria e decepcionada. Suspiro, lembrando da cena vergonhosa.

— Mas, por que ele fez isso? Eu tinha certeza que ele estava interessado em você. Conheço o Otto muito bem para saber quando ele está afim de uma garota, e poxa... ele tinha um olhar diferente quando olhava para você.

— Tão diferente que nem mexeu a boca quando eu o beijei, e ainda disse que entendi tudo errado. Ele nunca foi interessado em mim! — Digo, com uma carga dramática em minha voz. A garçonete chega com o meu pedido nesse momento, olhando para mim, intrigada. Agradeço a ela, que nos deixa a sós.

Sophia pega seu celular de cima da mesa e estreita os olhos como uma fenda ao olhar para ele, tem as sobrancelhas unidas, está tão séria, que me pergunto se essa é realmente a Sophia que eu conheço.

— Vou ligar para ele e perguntar o que aconteceu. — Antes que ela faça esse absurdo, tiro o celular da mão dela, que me olha assustada, após minha atitude tão brusca.

— Desculpe, mas não posso deixar você fazer isso.

— Por que não?

— Ele não precisa saber que eu te contei.

— Claro que ele precisa saber, ele vai ter que me dar uma explicação decente do porquê deu um fora em uma gata como você. Cecília, você não quer uma explicação?

Tiro um pedaço de pão de queijo com a mão e levo a boca. Acho que Otto já me explicou, apesar de achar que ele estava blefando. Não tenho que ficar mendigando que ele venha me dar uma explicação melhor, não quando essa explicação não é a que eu quero ouvir.

— Acho melhor deixarmos isso para lá. — Aconselho.

— Desculpe, Ceci, mas não sou do tipo que deixa para lá.

— Mas é a minha vida que está em jogo.

— Sua vida? Otto não representa cem por cento da sua vida. Quem sabe uns três por cento?

— Só foi uma maneira de dizer. — Dou uma golada em meu, mocha. — Tente arrancar a verdade dele, mas não diga que conversamos, banque a desentendida. Se você realmente o conhece, vai conseguir fazer isso.

— Isso é um desafio? — Ela se recosta na cadeira. — Amo um desafio. — Diz e pisca para mim.

Fazer o vídeo em minha casa não era bem o que eu esperava quando Sophia disse que iria fazê-lo hoje, mas sei que o que ela quer mesmo é confrontar Otto, confirmei isso quando ela entrou e seu olhar foi parar no corredor, esperando ver algum sinal dele. Sophia parece ser uma pessoa persistente quando quer algo, e o que ela mais quer agora, além de ser uma blogueira famosa é

ver eu e Otto juntos, não importa quantos prós existem contra. Ela não parece se importar com eles.

— Acho que o vídeo ficará melhor com a luz natural da cobertura, teremos uma piscina, a vista é linda, vai ficar ótimo. — Sophia sugere.

— Não acho uma boa ideia, Otto sempre está lá pela manhã.

— Eu sei disso. — Sophia tomba a cabeça para trás e gargalha, não a acompanho.

— Você ainda vai me arranjar problemas. — Alerta-a, mas ela parece não se preocupar, e sim se divertir ainda mais.

— Então vamos? — Ela me implora com as mãos juntas. — Penso que vai ser divertido, e que não posso deixar o Otto me intimidar, não mesmo.

— Vamos, vou precisar usar biquíni? — Pergunto.

— Só se depois você quiser cair na água.

Sophia vai à frente, com a mochila pendurada em uma só alça em seu braço. Ela abre a porta e o sol quente me aquece, deixando para trás o ar gélido do ar-condicionado. Paro no último degrau assim que escuto ela cumprimentar Otto, que pelo seu tom de voz parece surpresa pela presença da amiga na casa.

Por mais que eu tente demonstrar certa coragem para enfrentar essa situação, permaneço no mesmo lugar, minhas pernas travam, não consigo mover mais nenhum passo enquanto o medo se espalha por cada célula do meu corpo, me mostrando o quanto eu sou covarde.

— Eu e a Cecília, vamos gravar um vídeo. — Comenta, dando um jeito do meu nome ficar em evidência. — Cecília? — Ela me chama, quero pedir a ela que retorne, que me dê a mão e me

ajude a enfrentar essa situação constrangedora que eu mesma criei com o Otto.

Então ela retorna, coloca as mãos nos joelhos, inclinando seu corpo para baixo.

— Por que não subiu ainda?

— Só parei para responder uma mensagem. — Minto, pensando no que tia Luciana faria comigo por estar mentindo tanto nesses últimos dias.

— Então cadê o celular? — Ela pergunta, de modo que o som das palavras não saí de sua boca, e assim Otto não perceba que eu travei por causa dele. Olho para as minhas mãos vazias, então tiro o celular do meu bolso.

É difícil fazer a perna funcionar direito quando o medo te paralisa, mas consegui dar o último passo que me levaria até a cobertura, para a presença de Otto.

Ele não está na piscina como pensei que ele estaria, mas sim sentado na espreguiçadeira, lendo um livro. Está usando bermuda e uma camisa, polo na cor vinho, destacando ainda mais seu bronzeado. Não levanta o olhar quando entro na cobertura, mas sei que ele sabe que eu estou aqui, e apenas está fingindo que não está me vendo.

— Otto está estudando em plenas férias? — Pergunta Sophia, então noto que o livro é de empreendedorismo, com o subtítulo de algo relacionado com turismo.

— Só para não enferrujar. — Ele responde, ainda sem tirar os olhos do livro, como se tivesse com medo de me encarar.

Sophia vai até Otto, pega o livro da mão dele e fecha com cuidado, colocando-o sobre a mesinha.

— Preciso da sua ajuda. — Otto ergue uma de suas sobrancelhas, parece ter medo da ajuda que Sophia vai pedir a ele, eu teria medo também estando no lugar dele, ainda mais se tratando de Sophia. — Credo! Relaxe! Só quero que você filme o meu vídeo que agora postarei com mais profissionalismo no Instagram.

— E vai querer que um amador grave para você? O seu profissionalismo se encerra em qual parte? — Ele brinca.

— Então isso é um sim? — Ele assente, sem ainda saber que eu farei parte do vídeo, será que ele vai desistir quando souber?

— Então, cadê a sua câmera profissional? — Ele pergunta.

— Aqui! — Sophia estende a mão, e entrega o celular para Otto. — Por enquanto é o que temos. — Ela diz seriamente, mas tenho certeza que a câmera do celular dela deve ser perfeita ao ponto de não precisar de uma câmera profissional.

Sophia arrasta a cadeira ainda mais para perto da piscina, logo depois a mesa. Tira da bolsa, dois copos com sombrinhas, eles parecem cheios de bebidas, mas é apenas algum líquido, sua borda está fechada com uma tampa. Ela os coloca em cima da mesa e depois dois ramos de flores artificiais. Espalha sua maleta de maquiagem sobre a mesa e me chama. Aponta para a cadeira e eu me sento.

— Ajeita essa coluna. — Diz, de um jeito tão sério, que a única opção que eu tenho é sorrir, percebo que Otto sorri também, não sei se é de Sophia, ou de algo comprometedor que ele achou no celular dela. — Pode começar a gravar. — Ordena e começa a preparar a minha pele para receber a maquiagem.

Sophia parece ser uma pessoa tímida em frente da câmera, e não foi o fato dela errar na maquiagem que fez ela cortar o vídeo várias vezes, mas sim porque estava gaguejando muito. Ela estava parecendo um cachorrinho assustado, e eu não estou reconhecendo-a.

— Sophia, respire. — Digo, mas ela não parece me escutar.

— Otto, pare de gravar! — Ela diz e vejo lágrimas nos olhos dela.

Irritada, Sophia joga uma paleta de sombra, que imagino ser caríssima dentro da piscina, e ela não parece nem um pouco arrependida de fazer isso.

— Sophia, acalme-se. — Pede Otto, mas Sophia não se controla, pega mais uma paleta e joga na água.

Levanto-me e me coloco entre Sophia e a mesa, para que ela não destrua todo o resto e venha se arrepender depois.

— Dê-me licença, — diz ela, nego com a cabeça. — Essas coisas são minhas, posso destruí-las quando eu quiser. — Olho para ela em choque, ela não pode estar falando sério.

— Enquanto você está destruindo suas paletas caríssimas, apenas porque não conseguiu gravar seu vídeo, você deveria pensar nas pessoas que não tem dinheiro para comprar uma simples paleta de cinco reais. Não seja egoísta. — Sophia parece envergonhada.

— Desculpe, eu sempre acabo me descontrolando e acabo destruindo tudo.

— Sempre? — Pergunto, abismada.

— Odeio quando as coisas fogem do meu controle.

— Você deveria aprender a lidar com isso.

— Vou ao psicólogo uma vez por semana. — Diz ela.

— Acho que você está faltando. — Diz Otto, que parece conhecer muito bem esse lado destruidor dela.

— Não é da sua conta. — Sophia diz, estende a mão e Otto entrega o celular a ela. — Vamos ver se dar para aproveitar alguma coisa.

Sophia dá play no vídeo e parece ainda mais irritada ao se ver ali, gaguejando. Mas a surpresa está no fato do Otto ter concentrado toda a gravação focada em meu rosto. Levanto meu olhar, e ele abaixa a cabeça. Sophia coloca a mão na frente da boca e dá risada, pela primeira vez depois que o vídeo começou a ser gravado, e o motivo é pelo Otto não ter escondido em nenhum momento que só prestou atenção em meu rosto.

— Otto, a blogueira sou eu. — Diz Sophia, se fazendo de enciumada.

— Não entendi. — Ele diz, correndo os dedos entre os cabelos.

— Você só gravou a Cecília.

— Pensei que era para gravar a maquiagem que você estava fazendo nela. — Ele responde, um pouco tímido, como se tivesse sido pego em flagrante.

— Cara, você sabe que o certo era gravar nós, duas. Você deu zoom na cara da Cecília. — Sophia vira o celular na direção de Otto, mas ele não encara o vídeo sendo transmitido.

— Na próxima contrata um profissional. — Ele desdenha e segue em direção à porta.

— Eu ainda não terminei. — Diz Sophia.

— Mas eu já. — Ele acena para ela, e escuto os passos dele descendo a escada.

— Ele está caidinho por você, só não vai admitir. — Diz Sophia, triunfante.

Sophia voltou aqui em casa durante o restante da semana. Fez a mesma cena patética durante dois dias em seguida, jogando as paletas de maquiagens na piscina. Sophia é uma pessoa legal, mas quando ela está com raiva, nada a segura, e sei que essa é uma característica dela que demorarei um pouco a me acostumar, na verdade, acredito que eu nunca vou me acostumar com esse lado violento dela.

Na sexta-feira, ela trouxe um profissional para gravar o vídeo, ela alugou alguns equipamentos. Foi ao psicólogo no dia anterior, e voltou mais animada, como se uma conversa com um profissional fosse o que ela estivesse precisando para tirar a ansiedade em cima de seus ombros e parar de gaguejar enquanto gravava. Não dá para ser perfeita o tempo todo, e essa era a razão de Sophia não estar conseguindo gravar o vídeo sem gaguejar. Ela estava se cobrando demais, e falhar, só mostraria que a mãe tinha razão em relação à profissão que ela iria seguir.

No sábado, Sophia postou o vídeo. Conseguiu alguns engajamentos, mas não o suficiente para deixá-la feliz, já que a maioria dos amigos delas são do sexo masculino e nenhum deles se interessam por maquiagem, a não ser Otto, que até curtiu o vídeo, por alguns motivos que Sophia acredita:

Primeiro: Otto é amigo dela. Segundo: Otto está apaixonado por mim, e não perderia por nada um vídeo meu feito por um profissional. Eu realmente quero acreditar que ele é apaixonado por

mim, mas não é o que ele está demonstrando, apenas parece querer ser o irmãozinho perfeito, que a mãe dele gostaria que ele fosse.

Capítulo 24

As caixas chegaram depois o meio-dia e eu estava com os nervos à flor da pele, mas de um jeito bom, muito bom. Olho para todas elas, empilhadas sobre a mesa da cozinha. No total são trinta. Trinta presentes para as meninas do orfanato, inclusive para aquela que já entrou em meu lugar e que ainda não tive a oportunidade de conhecer.

Tenho lágrimas nos olhos ao vislumbrar todas aquelas caixas contendo um tablet novinho.

Dois dias atrás Vera veio até mim mais uma vez querendo me presentear, sei que pareço mal-agradecida quando recuso, mas são presentes caros, que para ela não pode parecer nada, mas para mim, é como se fosse tudo. Um presente normal para mim, seria uma camiseta, mas para Vera pode ser uma moto.

Vera me matriculou em uma autoescola, começarei as aulas na semana que vem, e ela já estava se antecipando em me dar uma moto, recusei prontamente, mas ela é uma pessoa persistente, e admiro muito essa qualidade nela. Como recusei a moto ela

resolveu me dar um cheque, com o mesmo valor do veículo, recusei mais uma vez, o que a deixou muito chateada.

— Por que tudo que eu faço por você parece não te agradar? — Lembro dela ter perguntado, deixando-me um pouco atordoada, isso não era verdade. Será que ela não consegue entender a diferença dos nossos mundos?

— Não é isso. É que isso é dinheiro demais para mim. — Eu disse, tentando fazê-la entender o motivo da minha recusa.

— Para mim isso é só papel, mas esse papel pode fazer uma grande diferença na vida das pessoas. Estou te dando de coração, você pode fazer o que quiser com ele. — Ela disse e estendeu o cheque para mim. Peguei-o, observando o valor novamente.

Naquele momento lembrei das meninas. Da única televisão que tem na sala. Na falta de passatempo. Nos dias entediantes, onde o tempo parecia passar mais devagar, o quanto ansiávamos por um telefone, um grande meio de passar o tempo hoje em dia. O tablet não será somente para diversão, será um grande aliado para as meninas que estudam, assim não precisando contar com o único computador velho que está na sala da diretoria.

— Eu realmente posso fazer o que eu quiser com ele? — Perguntei, olhando para o cheque na mão de Vera, que ainda estava estendida.

— Sim. — Ela disse.

— Posso presentear as crianças do orfanato com ele? — Perguntei, já imaginando a reação delas quando eu chegasse com os tablets.

— Cecília, a decisão é sua. Você me deixa muito feliz por estar sempre pensando nas crianças, mais que em si mesma. Você não sabe como é a sensação de saber que eu tomei a decisão certa, depois que eu vi você no corredor do clube do meu pai. — Ela me tomou para um abraço quente e reconfortante. — Você não me decepcionou nem um pouco desde que chegou aqui.

A vergonha tomou conta do meu rosto, assim que Vera disse as palavras. Se ela soubesse que a maior decepção que estou causando nela, é me apaixonar pelo filho dela.

Deixo essas lembranças de lado e corro até meu quarto, pego o meu celular, que estava sobre a cama e retorno, no corredor, me deparo com Otto, que ergue as sobrancelhas, parece curioso por eu estar tão apressada.

— Algum problema? — Pergunta, e eu paro para respondê-lo.

— Os tablets chegaram! — Digo e minha voz transmite felicidade.

Retorno para a mesa da cozinha, onde eles estão. Otto vem atrás de mim. Ele pega uma caixa na mão e analisa com os olhos semicerrados.

— As crianças vão ficar muito feliz. — Diz ele. — Quer ajuda para embrulhar? — Pergunta ao ver uma pilha de papel de presente sobre a mesa. Penso na proposta dele, eu deveria me afastar, mas ele só vai me ajudar a embrulhar, certo?

— Se não for problema para você.

— Eu só iria à agência assinar alguns documentos, mas posso fazer isso mais tarde. — Ele diz e alcança o primeiro papel.

— E você sabe fazer isso? — Ele me olha com uma cara engraçada, como se tivesse indignado com o que eu acabei de dizer.

— Já fiz muito isso na infância. Em um projeto da igreja que eu participava com a Olivia. — Otto pega um papel, abre-o sobre a mesa e coloca o tablet em cima, faz a primeira dobra e segue com o restante, até que um dos tablets está completamente embrulhado. De uma caixinha, tiro um laço já pronto para ele, que coloca sobre o presente, colando-o com fita adesiva.

— Vocês não vão fazer isso aqui? — Diz Helena ao entrar na cozinha. — Tenho que preparar o almoço.

— Sem problemas, dona Helena, já estamos de saída. — Diz Otto e pega uma das pilhas de caixa de tablet e segue para a sala. — Vamos, Cecília! Dona Helena não gosta de falar duas vezes.

— Ainda bem que você me conhece. — Ela responde, e eu pego uma das pilhas.

Estamos em silêncio na sala, Otto é mais especialista em fazer embrulhos do que eu, mas talvez o motivo de ter embrulhado só uma caixa, seja pelo fato de ficar admirando-o descaradamente, é claro que abaixo a minha cabeça quando ele percebe, mas ele já me pegou no flagra duas vezes, nessas duas vezes, vi um sorriso se formar nos cantos de seus lábios, mas ele impediu que o sorriso saísse por completo, talvez ele já saiba o quanto viro uma bobona quando ele sorri para mim.

Ele é tão prestativo, tão bom no que faz, que me pergunto se em todas as outras coisas que ele faz, faz com tanta perfeição assim.

— Desistiu, é? — Pergunta ele, ao notar que eu parei de embrulhar. Será que ele percebeu que eu parei para ficar olhando para ele?

— É que os seus estão saindo tão perfeitos, que tenho até vergonha de prosseguir.

— Depois de muitas horas fazendo isso com a Olivia, virei um profissional. — *De novo esse nome*, penso e baixo o olhar, eles estão gritando ciúmes, ciúmes de quem não é meu, e que provavelmente não vai ser. — Tenta embrulhar mais um, tenho certeza que o próximo vai sair muito melhor. — Otto me encoraja.

— Estou só gastando papel. — Muitos papeis, aliás. Olho para a pilha de papel amassado que se formou ao meu lado no tapete da sala. — Daqui a alguns meses você vai realmente morar no Rio? — Pergunto e sinto uma pontada de amargura em meu estômago, embora eu saiba que, no fundo, vai ser a melhor coisa que vai acontecer, porque eu terei mais chances de esquecê-lo, mas, no fundo, só fiz a pergunta com a esperança que ele mude de ideia.

— Se tudo der certo, sim. Você vai sentir a minha falta? — Pergunta ele, deixando o papel que iria pegar onde estava. Sinto seus olhos me queimando e tenho medo de levantar os meus.

— Pelo menos vou ter a piscina livre. — Meu rosto relaxa em um sorriso suave, então levanto o meu olhar, que encontra o dele.

Otto está me olhando daquela forma de novo. Só para depois dizer que não está interessado em mim. Por que ele tem que ser tão complicado? Por que eu tinha que deixar o meu coração se afeiçoar por um cara tão complicado?

— Não há problema em compartilharmos a piscina. — Otto diz, e um lampejo de um sorriso travesso passa pelo seu rosto, mas ele se retrai mais uma vez. — Você não precisa ter medo de ir lá quando eu estiver. Não vou te tratar mal se você for lá, pelo contrário. — Otto pende a cabeça de leve para o lado. — Quero ser seu amigo, Cecília. — Diz, mas algo em meu interior grita fortemente que ele quer ser mais que o meu amigo, mas não vai admitir. — Você está linda naquele vídeo. — Sinto as borboletas se agitarem em meu estômago cada vez mais.

— Você assistiu? — Pergunto, mesmo sabendo que sim, mesmo sabendo que ele deixou a curtidinha dele lá.

— Assisti pela minha amizade com Sophia e, porque quando sinto saudades de você, tenho outra forma de te olhar, sem precisar me aproximar, sem precisar machucar ninguém. — Droga! Acho que vou desmaiar. Ele está confessando o que sente por mim? Fico sem reação.

— Você me deixa confusa. — Comento, na defensiva.

— Em qual parte eu faço isso? — Ele pergunta de um jeito cínico.

— Uma hora você não me quer e em outras fica me dizendo essas coisas.

— Desculpe, eu já estava guardando-as muito tempo comigo. Não quero que você se sinta confusa, e também não quero que você se prejudique por minha causa. Foi apenas um desabafo. Só quero que você encontre alguém e seja feliz longe de toda essa confusão que eu estou quase te enfiando se continuar morando com você.

— Eu não estou procurando ninguém. — Afirmo, me sentindo ofendida, como se eu não pudesse ser solteira e ser feliz ao mesmo tempo, como se a minha felicidade dependesse de um homem, embora esse homem na minha frente faça parte de uma parte da minha felicidade. — Posso ser solteira e feliz. Fui muito feliz esses anos que estive sozinha. — *E com o coração vazio*, eu queria ter completado. Por que o amor machuca tanto?

— E não é mais feliz? — Pergunta, parecendo ter muito interesse em obter uma resposta.

— Sim, sou.

— Você não parece muita animada em dizer isso.

— E você parece me conhecer muito bem? — Desdenho.

— Estou tentando. — Ele volta a embrulhar. — Já decidiu quem você vai levar para viajar com você? — Essa minha escolha parece o atormentar muito. Será que Otto realmente pensa que estou interessada no Thiago, quando, na verdade, estou babando por ele na cara dele?

— A Sophia voltou atrás na decisão dela e vai comigo. — Otto suspira, sorri timidamente, como se essa fosse a melhor escolha que eu poderia fazer.

Depois de tudo embrulhado, colocamos os presentes sobre o sofá. Tiro algumas fotos e as envio para Vera, anunciando que os tablets já chegaram e, que já estava tudo pronto para ser entregue. E agora estou em um impasse, quero ser a entregadora desses presentes, não quero perder as carinhas de felicidade das meninas por nada, mas não sei como irei fazer isso.

Sento no sofá, desanimada, cruzo os braços, tentando pensar em uma solução.

— Por que o seu humor parece ter mudado de repente? — Pergunta Otto e se agacha na minha frente, me encarando com aquele seu olhar turbulento, ele apoia suas mãos em meu joelho, me retraio com seu toque, mas ele não percebe como ele mexe comigo só por estar tão perto.

— Eu queria entregar esses presentes, eu mesma, mas não tem como fazer isso.

— Por que não?

— Não é como se elas morassem na esquina.

— É só viajar até lá.

— Você e sua mãe faz as coisas parecerem tão simples de serem resolvidas.

— Mas é quando você tem oportunidade. — Ele diz com um sorriso no rosto. Se coloca de pé, e senta ao meu lado, se espremendo entre os presentes, coloca o braço no encosto do sofá, ele está tão colado a mim, que penso em me levantar e fugir dele. Então seus dedos brincam com alguns fios do meu cabelo. — Posso te levar até lá. — Ele diz.

— Não entendi.

— Neste final de semana. Posso te levar até lá de carro, você entrega seus presentes e retornamos. Simples assim. Sou um ótimo companheiro de viagem.

Penso em viajar com o Otto, no que poderia acontecer nesta viagem que colocaria tudo em risco? É um perigo eminente, nós dois sozinhos.

— Não sei se a sua mãe vai concordar com isso.

— Dona Vera é legal. Tenho certeza que ela vai ficar muito feliz, principalmente pelas crianças que vão poder receber os

presentes. E você deve estar morrendo de saudades delas. É uma ótima proposta. Você não quer, vê-las?

— Isso é golpe baixo.

— Por quê? Eu já disse que quero ser seu amigo. E estou cansado de não fazer nada durante essas férias. Gosto de ser útil.

— Tudo bem! — Digo com uma carga emocional a mais em meu tom de voz. — Estou fazendo tantas coisas diferentes nesse curto período, que nem sei o que pensar. Eu jamais imaginei que poderia visitar o orfanato de novo, ainda mais tão rápido assim. Muito obrigada!

— Não precisa me agradecer. Estou louco para conhecer o lugar que foi o seu lar durante tantos anos.

— Você tem que conhecer a tia Luciana, mas acho que é a semana dela de folga, me perdi na contagem. Eu ficava louca para chegar à semana dela de trabalhar. Você não precisa contar para as outras tias para elas não se sentirem ofendidas, mas a tia Luciana é a melhor de todas.

Capítulo 25

Acordamos bem cedo na manhã de sábado, o sol ainda não tinha nascido, mas em breve os primeiros raios iriam surgir, iluminando a estrada para nós.

Vera nos acompanha até a garagem, ajudando-nos com as caixas de presente, que foram todas colocadas no porta-malas.

Ela protestou no início em viajarmos de carro, falou sobre irmos de avião, mas Otto estava disposto a fazê-la mudar de ideia, e no fim ela não disse mais nada, pois, ela mesma reconheceu que eu e Otto somos maiores de idade, portanto, podemos tomar nossas próprias decisões, embora podemos sempre aceitar os seus conselhos de bom grado, sabemos que eles são sempre para nos ajudar, jamais prejudicar.

O abraço de Vera é sempre caloroso e de proteção, me sinto segura em seus braços, como nunca estive antes. Ela segura a minha face com às duas mãos, tem um olhar gentil e, ao mesmo tempo, cheio de preocupação.

— Por favor, se cuide e nem pense em ficar lá de vez. — Diz ela, com um sorriso genuíno, embora ela tenha falado em um tom de brincadeira, sei que, no fundo, é sério, ela realmente parece ter medo que eu fique lá, não exatamente no orfanato, mas na cidade, onde eu possa manter as crianças bem perto de mim.

— Pode ficar tranquila, no domingo estarei aqui. — Afirmo, tentando tranquilizá-la.

Vera segue até Otto, tem uma expressão séria ao olhar para ele, parece recordá-lo de alguma conversa particular que eles tiveram, um segredinho entre os dois que eu não poderia saber.

— Otto, seja cuidadoso na estrada, nada de correr. — Vera o aconselha.

— Pode ficar tranquila, mãe, a senhora sabe que sempre sou cuidadoso. — Ele deixa um beijo na bochecha da mãe e ela retribui. Os dois se despedem, e Otto entra no carro, faço o mesmo.

Ele abre o portão da garagem e sai com o carro. Abaixo o vidro e aceno para Vera, que repete o meu gesto. Ajeito-me no banco e afivelo o cinto.

Sei que a viagem vai durar algumas horas, então quero torná-la o mais agradável possível, e Otto também está se empenhando o máximo para que isso aconteça, ele até deixou que eu escolhesse as músicas, que tocaria durante o trajeto, mas se arrependera logo depois que descobriu que o meu gosto musical é praticamente o mesmo de Sophia, já que ela me deu um pendrive com mais de mil músicas alguns dias atrás.

— Vejo que Sophia fez um péssimo trabalho apresentando as músicas que ela gosta para você. — Acrescenta, Otto, com os olhos fixos na estrada.

— Acho que você que não está escutando direito. Vou mudar, quem sabe a próxima você goste. — Digo, ainda não decorando a lista das músicas, a próxima, seria uma surpresa para mim e para ele.

Inclino-me para o lado, aperto o botão e mudo a música, me arrependendo logo depois pelo toque romântico que se iniciou. Não estou preparada para ouvir uma música romântica ao lado do Otto, ainda mais em um ambiente em que envolve apenas nós dois e mais ninguém.

Eu poderia fechar os meus olhos agora, recostar a minha cabeça na janela e fingir que estou dormindo, afinal acordei cedo demais, talvez

ele acreditaria nessa minha pequena farsa.

— Soube que você conseguiu uma entrevista de emprego. — Otto diz, parecendo não se importar muito com a música que estava tocando, ao invés de mim, que só ficava imaginando cenas românticas com ele, enquanto eu a escuto.

— Sim, em uma loja de sapatos que vai inaugurar no mês que vem. — Fiquei feliz quando uma mulher me ligou há dois dias, para marcar a minha entrevista. Se eu realmente conseguir o emprego isso vai ser bom em todos os sentidos, ganharei o meu próprio dinheiro e manterei a minha mente ocupada, não pensando tanto em Otto, bem, pelo menos espero que seja assim.

— Espero que realmente você consiga. É o que você mais deseja.

— Sim! — Respondo, empolgada. — Tenho grandes planos sobre o fazer com esse dinheiro. Desisti de fazer faculdade. — Otto não parece surpreso, eu nunca demonstrei um verdadeiro interesse nisso mesmo.

— Mamãe já sabe?

— Não. Mas ela sempre diz para eu fazer o que o meu coração mandar. E é exatamente isso que eu vou fazer. Tenho certeza que ela vai apoiar a minha decisão.

— Que seria? — Pergunta Otto, um tanto curioso.

— Ainda não posso contar. Só quando tudo der certo, e ainda vai demorar muito para tudo acontecer, vou ter que trabalhar durante vários anos.

— Vou ter que esperar tanto assim para saber?

— Sim. — Respondo, já imaginando meus planos se tornando realidade em minha mente.

Depois de duas horas na estrada, deixei que o balançar do carro durante o trajeto me embalasse em um sono suave. Eu estava cansada, acordei cedo demais e ontem à noite, demorei a pegar no sono, eu estava ansiosa demais para a viagem.



Uma mão suave toca em meu ombro, uma voz doce sussurra o meu nome algumas vezes. Remexo-me no banco, ajeito meu braço embaixo da minha cabeça, não querendo deixar para trás esse sono revigorante, mas a voz doce continua me chamando até que grita, me acordando sobressaltada.

— Cecília!

— O que foi? — Pergunto e olho através do vidro do carro, o sol está forte e estamos em uma estrada pouco habitada, a não ser por um posto de gasolina, com algumas pessoas circulando nele. O carro está estacionado próximo a ele. Otto está com a mão em meu ombro, mas tira assim que olha para ela.

— Desculpe, eu não deveria ter gritado, mas você não estava acordando.

— Não, sem problema, só me assustei. — Explico, me ajeitando no banco e passando a mão em meu queixo, limpando a baba que havia escorrido, não posso acreditar que eu estava babando enquanto dormia, e principalmente ao lado de Otto.

— Pensei em pararmos para irmos ao banheiro e fazermos um lanche.

— Você fez certo. Estou faminta.

Deixamos o carro e seguimos até onde tem uma placa indicando o banheiro. Otto me segue até o banheiro feminino. Então paro na porta e ergo as minhas sobancelhas, me perguntando mentalmente o que ele pensa que está fazendo.

— O lugar é deserto, só vou sair daqui e ir para o meu depois que você sair. — Diz ele, explicando-se antes que eu fizesse a pergunta.

Assinto e entro, para me deparar com um banheiro um tanto imundo.

Apresso-me no banheiro, o mau cheiro me sufoca, então prendo a respiração até quando dá. Sigo para a pia e tenho medo do que sairá da torneira quando eu a abrir, já que nem ela escapou da imundice do local, relaxo meus ombros, assim que a água cai limpa.

Quando saio Otto está conversando com uma mulher.

— Tive que me ausentar por alguns minutos. Mas a ida ao banheiro é três reais. — Otto não reclama, apenas paga o valor dito por ela.

— Pelo preço, a senhora deveria pelo menos mantê-lo limpo. — Digo ao me aproximar dos dois. A mulher baixinha fecha a cara e Otto faz o mesmo para mim. Ele caminha e sigo atrás dele. — Algumas verdades têm que ser ditas.

— A mulher só está ganhando o dinheiro dela.

— E eu respeito isso, mas se estamos pagando, deveríamos pelo menos poder usar o lugar limpo. Você só está dizendo isso porque não foi ao banheiro. Aliás, por que você não foi ao banheiro?

— Eu vou, no posto.

— Aquele não era o banheiro do posto?

— Não.

— E descobriu isso depois de quase eu pegar uma doença naquela imundice?

— Sim.

— Ótimo, porque eu não lancharia em uma lanchonete que tem um banheiro naquele estado. Tinha merda na parede.

— Cecília, me poupe dos detalhes, ainda pretendo tomar o meu café da manhã.

— Aqueles detalhes estão gravados em minha cabeça.

Entramos na lanchonete do posto, Otto me deixa em uma das mesas, segue para um banheiro, provavelmente limpo. No meu celular há algumas mensagens de Vera, perguntando como está sendo a viagem.

Respondo que dormi durante um bom tempo e que agora estamos em uma lanchonete de um posto que fica em uma estrada pouco habitável. Vera já está indo para o seu plantão. Despeço-me dela e espero pelo retorno de Otto.

Assim que ele retorna, faz os nossos pedidos.

— Até que estou me acostumando com essa vida boa. — Digo a ele, depois de dar um gole no meu café expresso.

— A gente se acostuma rápido com o que é bom.

— Você já experimentou o ruim na sua vida algum dia? — Otto parece incomodado com a pergunta. — Não estou perguntando isso porque te acho um riquinho mimado, acho que você está fazendo um ótimo trabalho mantendo o trabalho de seu pai ao mesmo tempo que vai fazer faculdade, mas só por curiosidade mesmo, você parece ter tudo.

— Não tenho tudo, e já passei por algo muito ruim sim, algo que aposto que você nunca passou. — A voz de Otto está carregada de tristeza e me arrependo muito por ter perguntado.

— Eu não queria ter lhe deixado triste. — Confesso, inclinando-me sobre a mesa, querendo alcançá-lo, em meio a tristeza que virou seus olhos.

— Não estou. — Ele responde e come um pedaço do seu brioche.

— Que bom. — Respondo, mesmo sabendo que não é verdade. — Estou me sentindo uma rainha sendo paparicada nesses últimos dias. — Digo, mudando de assunto. — Tenho tantas coisas boas para contar para as crianças. Elas vão amar te conhecer. Você leva jeito com crianças? — Agora Otto parece assustado, só agora que ele percebeu que teria que lidar com crianças.

— Não sei a resposta para isso. — Comenta ele. — Como elas são?

— Não tem como explicar. São muitas, cada uma com sua característica particular. Mas são todas incríveis. São como irmãs para mim.

— Assim como eu e você? — Ele pergunta, e sinto um certo tãõ de ironia em sua pergunta.

— Não. — Afirmo com sinceridade, entrando no jogo dele. — Com elas eu realmente tenho esse sentimento familiar. Com você é diferente, mas acredito que com o tempo e com o convívio, posso sentir o mesmo por você. Otto, você realmente é um cara legal, só que às vezes eu queria que você não fosse, você poderia por favor, não ser um cara legal às vezes, só para eu poder te odiar?

— Por que você quer me odiar? — Ele faz uma cara engraçada, como se tivesse se sentido ofendido.

— Porque eu não quero te amar. — As palavras surpreendem a Otto, e a mim mesma. E agora para onde fugir quando eu já disse tamanha atrocidade? Por que às vezes eu tenho uma boca tão grande? — Eu não quis dizer isso. — Digo e deito a minha testa na mesa, me escondendo de vergonha do Otto, de mim mesma. Por que eu disse isso, afinal?

— Você não precisa ficar com vergonha.

— Não preciso é? Não foi você que disse esse absurdo. Não estou apaixonada por você.

— Em algum momento eu disse que estava?

— Mas eu não quero que pense isso, após eu ter dito isso. — Ele não me responde, é claro que depois do beijo que tentei dar nele e dessa minha quase declaração ele pensa que eu estou apaixonada por ele. — Estraguei a viagem, não foi? — Finalmente tomo coragem e ergo a cabeça.

— Não, sou bom em fingir que certas coisas não aconteceram e que eu não escutei certas coisas.

— Então você já pode começar por agora?

— Sim. — Ele responde. — Cecília, tome seu café se não vai terminar de esfriar. — Pego a alça da xícara.

— Por que o café das lanchonetes é tão concentrado? — Pergunto depois de um gole, e por causa do café, mudamos de assunto, ou pelo menos fingimos que mudamos, mas a expressão do nosso rosto, a conversa baixa entrega um certo nervosismo de ambas as partes.

Quando entro no carro, estou convicta que irei calcular cada ato que farei com Otto a partir de agora e também o que vou dizer. Quero realmente ser amiga dele, e ficar fazendo declaração sem sentido não contribuirá para que isso aconteça.

Abro o pacotinho de *M&M's* que comprei, levo uma quantidade de chocolate a boca e despejo um pouco na mão de Otto, que come também.

— Saindo da dieta? — Pergunto, já que ele é muito adepto a comidas saudáveis.

— Da para fazer isso de vez em quando. — Responde e gira a chave na ignição. Enquanto ele dirige levo a minha mão com uma pequena quantidade do chocolate a boca dele.

— Minha mão está limpa. — Digo e ele me deixa despejar o chocolate na boca dele.

— Você tem medo de querer não voltar? — Otto questiona, e eu sei que foi a mãe dele que o mandou fazer a pergunta, ela está com muito medo de que eu a abandone.

— Sim, Otto. Sua mãe me deu dinheiro suficiente para que eu faça isso. Mas não sou esse tipo de pessoa. — Respondo, sabendo que a cada segundo que as rodas deste carro giram está me levando para mais perto do que foi o meu lar durante dezoito anos.

Capítulo 26

Com algumas paradas para descansar durante o trajeto, chegamos ao nosso destino depois do meio-dia. Otto já estava cansado de dirigir, e embora não tenha dito era nítido e claro em sua face. Eu, como guia não era a mais especialista, acabei indicando o caminho errado para ele, mas graças ao GPS, Otto conseguiu se localizar, e lá estava ele: O orfanato Coração Nobre, meu coração dispara, parece que a qualquer momento vai despencar do meu peito. Só se passaram algumas semanas, mas a saudade que eu sinto daquele lugar é imensa, parece não caber em mim.

Inclino meu corpo mais para frente, só para verificar se é realmente real, se estou chegando ao meu lar, bem no finalzinho da rua, escuto as vozes das meninas, provavelmente estão no pátio brincando. Tenho quase certeza que a diretora não deve estar, porque se estivesse as meninas estariam mais contidas.

Quero me soltar deste cinto e correr para lá, para o prédio de dois andares que fica no final da rua. A estrutura é velha, precisa de uma pintura nova, a última fora feita há dois anos, o branco das paredes já está sujo, descascando. Uma leve brisa sopra as folhas

do pé de laranjeira, que fica na calçada. A grama parece que foi recentemente aparada.

Agora que o carro está mais perto, localizo as crianças, elas realmente estão no pátio, que é uma cobertura de telhas, apoiadas por vigas de madeira, ligadas ao orfanato.

Assim que Otto estaciona, não espero, me apresso em me soltar do cinto, pego a maçaneta da porta, abro-a e salto para fora. Corro para o portão gigante e grito por elas...

— Ei! — Digo e levanto a minha mão o mais alto que posso, acenando para elas.

— Cecília?! — Um coral desacreditado grita o meu nome, então elas correm para o portão, se amontoando nele.

— Não acredito que é você! — Bianca diz, com um sorriso de orelha a orelha, e eu não estou diferente delas.

— Você vai voltar a morar aqui? — Pergunta Vanusa e mais uma sucessão de perguntas são feitas.

— Esperem! — Digo. — Vamos com calma! Eu não vou voltar a morar aqui, só vim fazer uma visita. — Comento, e uma das tias vem em minha direção, é a tia Margarida.

— Cecília?! — Diz ela, também desacreditada na minha presença ali.

— Parece que ninguém está feliz com a minha presença aqui. — Acrescento.

— É claro que estamos! — As crianças dizem em uníssonos.

— Que bom! Assim eu não precisarei voltar para casa, me sentindo destroçada! — Levo a minha mão ao coração e suspiro. — Então, tia Margarida, pretendo entrar e passar uma tarde maravilhosa com essas garotinhas.

— Você marcou horário, Cecília? — A frustração caí em meus ombros, não consigo nem disfarçar o quanto estou decepcionada.

— Não consigo acreditar que a senhora está me fazendo essa pergunta.

— Mas no orfanato existem regras, e você sabe disso. Para visitar as crianças só com horário marcado. — As crianças fazem umas caras tristes, algumas têm lágrimas nos olhos.

— A diretora está aí? Tenho certeza que ela deixará eu entrar. Não sou nenhuma estranha.

— Hoje é o dia de folga dela. — Tia Margarida responde.

— Mas ela mora no orfanato. — Tento lembrá-la, caso tenha se esquecido. — Ela raramente sai, só me lembro de um sábado que ela deixou o orfanato. Diga-me o número dela. — Peço, olhando bem nos fundos dos olhos de Margarida, implorando para que ela tenha compaixão por mim. — Sabia que está muito quente aqui, sem nem uma sombra, nesse sol pós meio-dia. — Tia Margarida olha de relance para o pé de laranjeira e depois para enorme sombra que ele propõe. Ela não vai ceder, e conhecendo a diretora muito bem eu também não cederia.

Depois de alguns minutos pensando, e eu respeitei o tempo dela, tia Margarida pega o celular do bolso do seu avental. Disca o número na tela, leva a unha do dedo mindinho à boca, roendo-a. Os segundos parecem ser angustiantes enquanto passam em câmera lenta. Recosto-me na grade, cruzo os braços e suspiro, ansiosa, não acredito que viajei tão longe para uma das tias me barrar na entrada.

— Algum problema com o orfanato? — É a primeira coisa que escuto a diretora dizer, que não se importa nenhum pouquinho em falar baixo. — Já te disse que é só para me ligar quando eu estiver de folga se tiver algum problema com o orfanato.

— Não há nenhum problema com o orfanato. — Tia Margarida responde, com a cabeça baixa.

— Então por que me ligou?

— A Cecília está aqui.

— Cecília? Que Cecília? — Abro a minha boca em choque, tia Margarida me olha do mesmo jeito, desacreditada. Como ela pode não se lembrar de mim? Como pôde ter se esquecido tão rápido?

— A Cecília, diretora, a que foi adotada com dezoito anos.

— E que diabos ela está fazendo aí? Quer voltar a ser órfã?

— A raiva sobe pelo meu rosto, eu tinha me esquecido como a diretora é uma pessoa desalmada.

Otto buzina, estou demorando mais do que eu deveria. Faço sinal para que ele venha até mim, demora alguns instantes para ele descer do carro.

— Ela veio fazer uma visita para as crianças.

— Precisa ter horário marcado.

— Mas é a Cecília, senhora.

— Regras são regras.

Passo meu braço pelas barras do portão e tomo o celular da mão da tia Margarida, que se assusta com o meu gesto repentino.

— Eu trouxe presentes, ou se a senhora preferir, eu posso chamar de doações. — Digo, sabendo o quanto a palavra doação é importante para ela. Otto já está aqui, as crianças se penduram na

grade, curiosas com o meu companheiro de viagem, e ele parece estar todo tímido.

— Cecília, que bom escutar a sua voz. — O tom de voz da diretora muda drasticamente, vai de irritado para calmo, como em um passe de mágica. — Que doações seriam essas? — Afasto-me do portão, não quero que as crianças escutem a minha resposta, pois, pretendo fazer uma surpresa.

— São trinta tablets e um computador novinho para a sala da senhora, esse último foi presente do Otto, filho da Vera.

— Um computador novinho para a minha sala! — Ela parece não acreditar no que escutou. — Diga a Margarida que dei permissão para você entrar. Estarei aí em uma hora, por favor, não vá embora antes disso.

— Pretendo ficar aqui por algumas horinhas ainda.

— Sinta-se à vontade. — Cantarola e então desliga o celular.

Retorno para tia Margarida e entrego o celular a ela. Otto me espera um pouco afastado do portão, parece estar com medo de ver tantas crianças juntas, como se não soubesse como reagir.

— Ela liberou a minha entrada. — Digo a tia Margarida.

— E a dele? — Pergunta tia Margarida e aponta para Otto.

— Nós estamos juntos.

— Certo, espere um momento, vou buscar a chave.

— *Ebaaaa!* — As crianças gritam em um coral.

— Estou tremendo. — Digo a Otto, mostro minhas mãos a ele. — Você não parece muito confortável.

— Elas estão me olhando de um jeito estranho.

— Elas devem estar pensando em quem você vai querer adotar. Que seja eu! Bem, é assim todas às vezes que elas veem

um visitante, a esperança renasce, tio Otto. — Respondo, já sabendo que é assim que elas vão chamá-lo, eu também o chamaria assim se tivesse do outro lado do portão.

Bianca estica o braço, atravessando as barras e puxa a minha camiseta.

— Cecília, quem é o tio?

— Ele é o Otto.

— Ele é o seu namorado? — Pergunta Thelma e o meu rosto cora. Otto parece ainda mais travado ao meu lado.

— Não, é claro que não. O Otto é filho da tia Vera, vocês lembram dela, né?

— Ela é a mulher que te adotou. — Responde Bianca. — Então ele é o seu irmão.

— Vão com calma, e não, ele não é o meu irmão.

— Então ele é o que seu então? — Bianca pergunta.

— O que ele é meu? — Levanto o meu olhar, encontrando com o de Otto.

— Amigos. — Ele responde por mim.

— E você quer adotar uma criança igual a sua mãe? — Isabelle pergunta.

— Acho que não estou pronto para ser pai ainda. — Otto responde todo tímido, e isso deixa ele ainda mais charmoso, e lembro que eu não deveria ter reparado nesse detalhe.

Margarida retorna com o molho de chaves nas mãos. São tantas chaves, que não consigo entender como ela consegue achar a chave certa tão rápido, eu demoraria no máximo meia hora para achar.

Tia Margarida abre o cadeado e depois o portão, as crianças correm para me abraçar, sobre os protestos dela, gritando a plenos pulmões que elas não deveriam ter saído, mas não há nada que ela possa fazer, sou abraçada coletivamente por elas, é questão de segundos para eu me desmanchar em lágrimas. Que saudade que eu estava delas!

— Crianças, para dentro! — Tia Margarida grita e todas se calam, Otto está com os olhos arregalados, pelo que já conheci de Vera, ela não é do tipo que grita, então ele não deve estar acostumado com isso, ao contrário de mim, isso faz parte da rotina do orfanato, às vezes para as tias serem ouvidas elas precisam gritar.

Uma por uma das crianças entram.

— Para o pátio! — Cabisbaixas elas obedecem.

Não espero pela ordem de tia Margarida e entro também. Viro-me para trás.

— Vem Otto! — Chamo-o, e ele segue tímido ao meu lado.

— É uma família e tanto. — Diz ele.

— Você ainda não viu nada. — Digo. — Você vai ser sugado por elas nesta tarde. E nada de fazer cerimônia. Tem tintas suficientes para você se sujar, pinturas para fazer e algumas bonecas para você ajudar a cuidar. — Pisco para ele.

— Bonecas?

— Sim, já disse, nada de cerimônia.

Seguimos até o pátio. Brinquedos estão espalhados pelo chão. Uma tinta guache manchando o piso, tia Aurora está abaixada com um pano, tentando removê-la, ela demora a notar a nossa presença.

— Ei! — Digo.

— Cecília, mal saiu e já está de volta. Está querendo voltar a morar aqui, é? Dezoito anos não foram o suficiente?

— É claro que foram, eu só estava com saudades, como a senhora disse, foram dezoito anos, ainda estou me acostumando com o novo.

— Você quer conhecer o orfanato? — Pergunta Bianca a Otto, tomando-o pela mão. Ele olha para mim, pedindo ajuda com o olhar.

— Sem cerimônia. — Então ele toma a minha mão, me arrastando com ele, uma porção de crianças seguem atrás de nós.

A porta da sala está aberta, entramos por ela, não tem um sofá, apenas uma cadeira de couro, onde a diretora se senta, as crianças assistem televisão no chão. Seguimos para a escada de madeira, ela range debaixo dos nossos pés. O corredor está próximo, junto com todos os quartos, o meu é o primeiro, tenho medo de entrar nele, mas sou encorajada pelas crianças. Nada mudou. Às três camas de beliche estão lá, com às três cômodas. Vou até a que me pertencia, está arrumada, há um urso sobre ela, então uma garota que nunca vi no orfanato surge. Ela tem olhos grandes, pele escura e nariz arrebitado.

— Qual o seu nome? — Agacho-me e pergunto a ela.

— Melinda. A Bianca disse que essa cama era sua.

— Sim, eu também já morei aqui.

Otto está pensativo ao olhar para o local, a realidade que ele cresceu é diferente da nossa, até os moveis da casa dele parecem ter vindos de outra realidade, onde pessoas como nós, não conseguem alcançar. Aqui no orfanato tudo é muito simples, e isso o

choca, como se ele tivesse realmente deixado o mundinho perfeito em que ele vive e visto outra realidade.

Otto apalpa a cama, ele quer constatar o quanto esses colchões são desconfortáveis, e são mesmo, eu nunca reclamei, pois, estava acostumada, mas depois que experimentei o colchão da casa de Vera, minha perspectiva de como é dormir bem, mudou completamente.

— Esse era o meu quarto. — Confidencio a ele.

— Você dividia o quarto com tantas crianças, é tão minúsculo, deve ser difícil não ter o mínimo conforto para viver.

— Eu não vejo tudo pelo lado ruim. Pelo menos eu tinha um teto para morar, e os que não tem? É complicado. Então o que faço é agradecer.

— Eu queria poder fazer algo. — Diz e vai até à janela.

— Você já fez, estando aqui hoje.

Capítulo 27

Um tímido Otto brinca com as crianças no pátio, ele está desenhando Bianca, surpreendendo-me com seus traços perfeitos, e eu nem sabia dessa habilidade dele. Ainda existem muitas coisas que eu não sei sobre ele, e uma parte grita dentro de mim que anseia conhecê-lo por completo.

As crianças já se acostumaram com Otto, é sempre assim quando uma pessoa vem visitá-las, elas se apegam fácil, e é uma disputa enorme pela atenção do visitante, tudo porque anseiam no interior delas que ele, as escolha numa futura adoção.

Junto-me a Otto e as crianças no chão, aproveito para fazer uns rabiscos, só para depois ele debochar da minha arte, por não ter ficado nem um pouco bonito. O chão parece uma aquarela de cores, que tem um olhar de desaprovação das tias, já que elas terão que limpar depois, não dizem nada porque não querem acabar com a diversão das crianças, ou simplesmente não querem assustar o visitante, que com certeza não sou eu, elas não se importariam em gritar com as crianças comigo por perto, afinal um dia eu fui uma delas.

Depois dali seguimos para a horta, que fica atrás da casa, todas as plantas ali foram cultivadas com as nossas mãos.

Aponto para o pé de tomate.

— Aquele ali, foi eu que plantei. — Digo, querendo que Otto conhecesse um pouquinho de mim, nem que fosse ele saber que eu plantei um pé de tomate e ele não morreu. Não há coisas mirabolantes para contar sobre a minha pacata vida de órfã, a não ser a própria história da minha vida, então é o que posso dizer por enquanto.

— A Cecília não é maravilhosa! — Diz Bianca e olha para Otto, que desvia o olhar, seu rosto está corado. — Era tão bom quando ela morava aqui com a gente.

— Então veio uma tia malvada e tirou ela da gente. — Bruna completa, deixando Otto irritado, essas meninas não sabem que não pode falar da mãe dos outros, nem que seja de brincadeira. Então ela explode em uma gargalhada gostosa. — Estou brincando, sua mãe deve ser uma mulher muito boa.

— A melhor de todas. — Otto responde, um pouco convencido, e é claro que não posso discordar dele, Vera é uma mulher muito boa, e também a melhor de todas.

— Será que ela não quer adotar mais uma menina, tipo, pequeninha como eu? A Cecília é muito grande. — Diz Bianca, e sei que ela não está brincando, embora Otto pense que sim.

— Está tentando roubar o meu lugar, danadinha? — Agachome próxima a Bianca, fazendo cosquinha nela.

— Não, você pode continuar morando lá. — Bianca responde, com um olhar brilhante e cheio de esperança. — Então Otto? — Ele olha para Bianca, os olhos cheios de emoção, um

pedido desse é de partir qualquer coração, é claro que a resposta para isso não pertence a ele, mas ele tem que responder. Otto engole em seco, está sem resposta.

— Prometo que vou falar com a minha mãe a respeito.

— Promete mesmo, ou está mentindo para mim? — Otto fica sem graça e muda de tática.

— Não sei se eu realmente vou falar com a minha mãe a respeito, mas se ela não for a pessoa certa para te adotar, quem sabe a sua mãe adotiva não esteja por aí, e o destino só está esperando o momento certo para unir às duas, minha mãe não pode te privar de conhecê-la, será que você consegue esperar mais um pouquinho para ter essa conexão, assim como mamãe teve com a Cecília?

— Não quero esperar tanto tempo como a Cecília.

— Eu não quis dizer tanto tempo.

— Que tal fazermos um lanche? Estou faminta e com muitas saudades da comida do orfanato. Lembro que o café da tarde no sábado é cachorro-quente. — Comento, mudando de assunto, antes que muitas lágrimas rolem.

Assim que Otto entra na cozinha, tia Rafaela, a mais nova entre elas, ela tem apenas vinte e quatro anos, olha de uma forma que faz todo o meu sistema ficar em alerta, e eu não gostei nem um pouco de sentir, ciúmes dele, ainda mais depois que ela entrou na frente da tia Pilar para servi-lo. E tenho certeza que Otto não deixou passar despercebido a beleza da mulher de cabelos longos e liso na cor preta. Os olhos dela são verdes e sua pele é tão clara como uma boneca de porcelana.

— Obrigado. — Ele diz, pegando o prato da mão dela.

— Então você é o irmão adotivo da Cecília? — Pergunta ela, colocando a mão na cintura e inclinando seu corpo levemente para o lado. Quero gritar para ela que ele não é o meu irmão, mas o jeito que isso sairia da minha boca, só demonstraria o quanto eu estava irritada e enciumada.

— Vou começar a acreditar que sim. — Ele brinca, e um sorriso toma-lhe os lábios, e eu quero arrancá-lo a força.

— Cecília teve sorte da Vera ter a encontrado. Eu queria muito conhecê-la. Eu estava de folga durante a viagem que eles fizeram para o clube. Mas no ano que vem, será a minha vez. Você vai estar lá... quero dizer, você e a Cecília vão estar lá?

— Sim, tia Rafaela, nós estaremos lá. — Respondo por Otto, mesmo não sabendo se estaremos lá.

— Cecília, você não precisa mais me chamar de tia. Eu já achava estranho você me chamar de tia antes, agora só ficou mais esquisito. Só temos alguns anos de diferença. — Dou uma mordida no meu cachorro-quente e reviro os olhos, sem que ela veja, já que ela está babando por Otto. — E você, tem quantos anos? — A mão de Rafaela vai parar no ombro de Otto, que o aperta levemente, não acredito que ela vai começar a flertar com ele na frente das crianças.

— Rafaela, olha os modos. — Tia Pilar bate na mão dela, com o pano de prato, ela resmunga e tira a mão do Otto.

— O que foi que eu fiz? — Pergunta, fingindo inocência.

— Tia Rafaela apanhou. — Diz Bruna e dá uma risadinha.

— Quer ficar de castigo, Bruna? — Rafaela pergunta, irritada.

Na cozinha tem duas pias, então me disponibilizei em ajudar Pilar e Rafaela na limpeza, às duas são responsáveis pelas refeições durante quinze dias do mês, os outros quinze dias outras duas cozinheiras que ficam responsáveis.

Rafaela está ao meu lado, esfregando um prato, sinto seu olhar cair sobre mim algumas vezes, mas ela não diz nada. Lavo um copo e o coloco sobre a bancada.

Olho para Rafaela de relance, então ela diz:

— Otto tem namorada? — Esfrego o copo com um pouquinho mais de força, querendo digerir a pergunta. — Cecília, estou falando com você.

— Oi, não escutei a sua pergunta. — Me faço de desentendida

— O Otto, ele tem namorada? — Ela repete a pergunta.

— Sim. Ele tem. E ela é uma mulher muito bonita e gente boa também.

— É uma pena. — Diz Rafaela e suspira, decepcionada com a minha resposta, que por sinal é muito mentirosa.

— Por que é uma pena?

— Cecília, você é cega? — Rafaela olha para trás, Pilar havia saído um há um tempinho e poderia voltar a qualquer momento. — Acho que eu não deveria falar sobre isso com você, mas que se dane, você não faz mais parte do orfanato mesmo. O Otto é lindo demais. — Tento intervir na raiva que se espalha dentro de mim, mas é inevitável, aperto meus lábios em uma linha rígida. — O que você acha dele? — Como ela é insistente.

— Ele é legal.

— Estou falando no sentido físico.

— Ainda não tive a oportunidade de reparar nele.

— Sêrio? Ou será que você está com vergonha de admitir que ele é lindo e tudo mais.

— Cecília. — Otto me chama. Ele está aqui? Há quanto tempo ele está aqui? Será que ele escutou a nossa conversa?

— Que foi? — Pergunto, mas não me viro em direção a ele.

— A diretora chegou.

— Já estou indo. — Enxágua o copo e coloco junto com os outros. — Termina para mim. — Digo para Rafaela e vou até Otto.

— Ela não é tão ruim como você me contou. Sorriu várias vezes para mim. — Otto diz.

— Quem não sorri para você, *né*? — Indago, mal-humorada.

— Que tal você?

— Isso não é verdade. — Digo e vislumbro a diretora, que está vindo em minha direção com os braços abertos. Recuo um passo, assustada.

Ela vai me abraçar? Não acredito nisso! Para onde eu devo correr? Desde quando a diretora abraça as pessoas? Isso vai ser constrangedor.

A diretora Giselda me dá um abraço desajeitado, arrancando gargalhadas nas crianças.

— Que saudades, Cecília! Onde estão as doações? — Ela poderia ter disfarçado melhor.

— Está no carro. — Otto responde. — Vamos lá pegar, Cecília? — Assinto.

— Vou ajudar vocês. — A diretora diz. — Margarida, venha também.

Estou sorrindo com um monte de caixas nas mãos. É inacreditável, que um dia eu estaria fazendo doações para o orfanato Coração Nobre, é inacreditável que um dia a diretora iria me tratar como se eu não fosse apenas mais uma órfã, apesar de seu interesse claro nas doações.

Coloco as caixas junto com as outras, em cima da mesa de madeira que fica no pátio. As crianças estão sentadas em um enorme círculo no chão, assim como foi ordenado pela diretora. Otto está trazendo a caixa maior, que é o presente para o escritório da diretora. Os olhos dela brilham, esse é o dia que eu a vi mais feliz em todos os anos que convivi ao lado dela.

Giselda une as mãos, ela tem um sorriso largo no rosto, Otto põe a caixa com o computador em cima da mesa.

— Obrigada! — Ela diz a Otto, visivelmente emocionada.

— Não precisa agradecer. — Ele responde, ainda tímido.

— E agora os meus presentes para as melhores irmãs do mundo! — Digo, entusiasmada.

— Presente para nós? — Pergunta Bianca, surpresa.

— Sim, para todas vocês. Estou tão feliz por esse momento. Só não quero chorar. Otto me ajuda distribuir, e por favor, meninas, só desembulhem quando terminarmos de distribuir tudo. Sem trapaças!

Iniciamos a distribuição dos presentes, e assim que entrego a caixa para a última órfã, as crianças se apressam em rasgar o embrulho. Elas olham admiradas para o que seguram em mãos, seus olhinhos brilham, e um sorriso despontou nos lábios de cada uma delas, um sorriso bem demorado, que me alegra por dentro e por fora.

— Isso é meu mesmo? — Pergunta Bruna, que entende melhor de tecnologia que as demais.

— Sim. — A diretora responde. — Mas terá um horário específico para usar.

— *Ahhhh!* — Elas reclamam.

— E sem reclamar ou eu confisco tudo. — A diretora se vira para mim. — Agora agradeçam a Cecília.

— Obrigada, Cecília! — Elas dizem em uníssono.

— Cecília, me ensina a usar. — Pede Bianca, e eu vou até ela.

Otto me ajuda a digitar a senha do *Wi-fi* do orfanato em todos os tablets, as crianças se distraem logo, deixando-nos de lado, e eu até as entendo, pois, fiz o mesmo com Otto e Vera logo quando ganhei o celular.

Rafaela e Pilar, entram ao pátio, surpresas com os tablets nas mãos das crianças.

— Foi a Cecília que nos deu. — Bianca aponta para mim, e Rafaela muda a forma que me olhava, é como se ela tivesse com inveja de mim, como se tivesse com inveja por eu ter dado os presentes para as crianças, e essa é a primeira vez que alguém me olha assim, e o sentimento não é nada bom.

— Vejo que a Cecília se deu bem mesmo. Quanto custou tudo isso?

— Rafaela, não se pergunta o preço das doações para o doador! — A diretora reaprende-a.

— Desculpe, senhora. É que realmente fiquei muito surpresa. São muitos tablets. Desculpe, acho que a Cecília passou de nível agora. — Rafaela tem um sorriso malicioso nos lábios.

— Você está querendo me dizer alguma coisa? — A diretora pergunta, e o clima de alegria vai se dissipando aos poucos.

— Não, senhora. — Rafaela abaixa a cabeça e vai até Otto, que está sentado próximo à mesa, ajudando uma das crianças com o tablet. Viro a cara, querendo esconder o meu ciúme.

A diretora vem até mim.

— Cecília, talvez você pense que eu estou feliz com a sua presença aqui apenas pelos presentes, mas acredite em mim, estou feliz principalmente por você, afinal foram dezoito anos. É muito tempo para eu te ver apenas como apenas mais uma garota que viveu por um tempo aqui.

— Acredito na senhora. — Os olhos da diretora passeiam até Rafaela.

— Mais tarde terei uma conversinha com a Rafaela.

— Não precisa.

As crianças realmente estão ocupadas, se divertindo com o tablet. Rafaela ainda está ao lado de Otto, me aproximo devagar e pego uma parte da conversa dela.

— A Cecília fez certo, se escondendo das pessoas que viam aqui adotá-la. — O olhar de Otto cai sobre mim, mas a minha presença não detém a conversa dos dois. Estou sem reação.

— Haviam pessoas querendo adotá-la? — Otto pergunta, não se preocupando se eu estava escutando ou não.

— Pelas histórias que elas contam, sim, havia muitas. Cecília é loira, tem a pele clara, um ótimo pré-requisito para a adoção, mas ela não queria ser adotada, se escondia toda vez que um candidato a adoção vinha vê-la, sempre em lugares diferentes, até que ela foi ficando velha e viu a burrada que havia feito na vida

dela, e que não tinha mais chance nenhuma de ser adotada, já que a idade não a favorecia mais.

— Quem te deu o direito de ficar falando sobre a minha vida? — Pergunto a Rafaela, de uma forma ríspida, ela se vira para mim.

— Eu não sabia que era um segredo.

— Da minha vida, cuido eu, você não tem que se intrometer.

— Por que você está falando desse jeito comigo? Você ainda me deve respeito, garota! — Rafaela diz, com o tom de voz elevado.

— Não grite com ela. — Otto diz, me defendendo.

— E ela pode gritar comigo?

— O que está acontecendo aqui? — A diretora pergunta.

— Rafaela está fazendo fuxico sobre a minha vida. — Respondo, zangada.

— Qual o problema em falar que ela se escondia para não ser adotada?

— Isso causa uma cadeia de reações. — A diretora diz. — Se a Cecília não quer falar sobre isso, você não tem que falar por ela.

— Eu só estava conversando com o Otto. Eu não disse nada por maldade.

— Com licença. — Digo e saio apressada em direção ao portão.

Está fechado, mas preciso sair daqui e deixar as lembranças ruins de lado, e ignorar a pessoa que as fizeram vir à tona. Então grito por tia Margarida, exigindo que ela abra o portão para mim. Ela corre em minha direção e o abre, saio apressada, irritada com a fofoca de Rafaela. Irritada com Otto, porque sei que ela só estava

respondendo o que ele havia perguntado. Ele não tinha e não tem o direito de ficar querendo obter detalhes sobre o meu passado, parece que ainda não confia em mim.

— Cecília! — Otto me chama. Olho para trás, ele deixa o orfanato também, me apresso, corro para fugir dele, desço a rua e sei que ele está em meu encalço.

Não sou veloz o suficiente para escapar de Otto, então ele me alcança.

Capítulo 28

Existem coisas que preferimos guardar para nós mesmos, bem na caixa das lembranças, no fundo da nossa mente. Rafaela atravessou uma certa barreira em relação a mim hoje, que as outras tias nunca ousaram ultrapassar.

Ainda continuo correndo, e embora Otto peça, cansado, que eu pare, não dou ouvidos a ele, nem que eu me perca dentro do bairro onde eu cresci, é nesse momento que eu percebo o quanto eu conheço tão pouco da vida, o quanto a minha vida era limitada apenas ao orfanato. Como eu poderia me perder no bairro que vivi durante dezoito anos? Então eu paro. Giro meu corpo, decidida a retornar para o caminho de onde eu vim, Otto me olha confuso, mas vem atrás de mim.

— Ei! O que você está fazendo? — Pergunta. — Cecília, fale comigo, o que deu em você?

— Às vezes eu gosto de ser um pouquinho dramática. — Respondo.

— Não me pareceu drama. Você me pareceu muito irritada, como se estivesse fugindo de algo. — É claro que ele não está

mentindo, estou fugindo de uma parte do meu passado que eu não consigo esquecer. Por que a vida sempre nos faz esquecer das coisas boas e as ruins parecem permanecer para sempre?

— Rafaela me irrita. Não gosto que fiquem falando da minha vida sem permissão. E você também me irrita. Não te dei permissão para ficar tirando informações sobre a minha vida passada com ela. Você foi muito intrometido, sabia?

— Desculpe. — Otto pede, mas não ousa olhar para ele. — Eu só queria saber um pouco mais sobre você.

— Deveria ter perguntado para mim, não para ela.

— Você não iria me responder.

Otto dá um passo mais largo e para na minha frente, não parece querer sair para que eu passe, então desvio dele e prossigo, mas sou impedida por ele, que fecha a mão delicadamente em meu punho, então sou obrigada a parar, deixo um pouco do meu cabelo cair em minha face, uma cortina dourada para me proteger do olhar dele, que está buscando uma resposta, buscando conhecer um pouco mais de mim. Não sou um livro aberto, mas decido confiar nele, então falo um pouco sobre o meu passado, como permaneci no orfanato durante tanto tempo.

— Rafaela não mentiu. — Digo, um pouco irritada por ter que admitir isso. — Eu me escondia das pessoas que viam me conhecer para me adotarem, e quando eu não conseguia me esconder sempre fazia coisas estúpidas nas frentes deles, assim fazendo-os desistirem de mim.

— Por que você não queria se separar das outras crianças?
— Otto pergunta em um tom de voz tão baixo, que sua pergunta sai

quase como um sussurro, mas foi o suficiente para que eu escutasse.

— Não.

— Então você não queria ser adotada? Por quê?

— As minhas experiências anteriores foram muito ruins.

— Se você quiser se abrir comigo.

— Não, só quero voltar para o orfanato, as crianças devem estar preocupadas comigo, e quero pedir desculpas à diretora por eu ter saído daquela forma, posso ter incentivado as crianças a fazerem o mesmo. — Otto concorda comigo enquanto ele deseja que eu continue me abrindo, mas esse foi o máximo onde conseguir chegar.

Ok, foi o trajeto mais curto que eu já fiz para chegar a um lugar, porém, pareceu o mais longo. Otto estava desconfortável, porque dentro da sua cabecinha deve estar passando milhões de coisas e ele não pode me perguntar, além do que já deve ter percebido o quanto isso mexe comigo, por isso pretende respeitar o meu silêncio.

A diretora está do outro lado do portão, mais carrancuda do que o habitual. As crianças estão sentadas nos bancos, que acompanha a mesa. Giselda tem os lábios crispados, cruza os braços e espera que eu comece a falar, ela está com um molho de chaves na mão.

— Desculpe, não foi minha intenção sair daquela maneira quando a senhora decidiu abrir as portas para mim mesmo eu não tendo marcado horário.

— Tudo bem, Cecília. Rafaela que deveria guardar um pouco a língua dela. Aquela garota ainda vai me arranjar problemas.

— Ainda posso entrar e continuar de onde eu parei? —
Pergunto, com um leve constrangimento.

— Você veio de longe e foi muito gentil com as crianças, não posso deixar você do lado de fora só porque resolveu ir embora e depois voltou com a sua decisão.

A diretora abre o portão, eu e Otto caminhamos em passos lentos para dentro. Rafaela ainda está no pátio e me olha de uma maneira nada gentil. Tudo era mais fácil quando eu era órfã, nós nunca tivemos nenhum atrito.

— A Cecília voltou! — Bianca diz, em um tom de voz alegre.

Começo com um discurso de desculpa, por ter ido embora sem nem ter me despedido delas, mas é com Otto que elas decidem zoar, fazendo-o ficar vermelho como um pimentão. Então Julia, uma das crianças, começa a encenar um Otto ao meu encalço:

— Foi tão bonitinho quando você foi atrás dela. — Ela diz. —
Oh, Cecília, não me deixe, não me abandone! — Julia leva a mão no coração e suspira, as crianças sorriem, deixando nós dois sem graça, e o olhar de Rafaela cai mais uma vez sobre mim e ela entende tudo. Rafaela sabe que eu não estava só zangada por ela ter falado do meu passado para Otto, mas eu estava com ciúmes dele com ela. Espero que ela mantenha isso para ela.

Nossa despedida foi um rio de lágrimas, mas se tivesse um concurso de quem chora mais, com certeza eu seria a ganhadora. Não sei quando as verei novamente e isso me quebra. Não é fácil ver aqueles rostinhos tristonhos ao partir, se eu pudesse, levaria todas para casa.

No horizonte, o sol estava se pondo, aumentando as sombras dos prédios e árvores, começando a pintar de dourado e

laranja o céu antes azul, indicando que nós realmente deveríamos ir.

— Quando você vai voltar? — Pergunta Bianca, me envolvendo em um abraço caloroso.

— Em breve, mas espero que você não esteja mais aqui.

Dou um abraço apertado em cada uma das trinta crianças, faço mesmo com as tias e choro ainda mais quando é a vez de Rafaela, ela chora também, apesar de tudo, o Coração Nobre sempre foi uma família, não posso ir embora cheia de rancor.

— Desculpe-me! — Peço.

— Tudo bem, Ceci, só seja feliz. — Ela acaricia a minha face, com olhos arrependidos.

É a vez da diretora. Ela tem os braços para frente, as mãos unidas, o peito estufado.

— Obrigada pelos presentes. — Ela diz, ao invés de dizer doações. — Otto, você me poupou vários momentos de raivas me livrando daquele computador. Muito obrigada.

— De nada, espero que você faça um bom uso.

Seguimos para o carro, as crianças não cansando de dizerem tchau, até que as suas vozes se calam e sei que já estamos longe o suficiente para eu sentir saudades novamente.

Com o celular em mãos, verifico quem me ligou. É uma chamada da tia Luciana, não acredito que não atendi. Apreço-me em retornar, e ela atende rápido do outro lado.

— Tia Luciana, desculpe por eu não ter atendido antes, mas a senhora não vai acreditar onde estou.

— No orfanato.

— Como a senhora sabe?

— A Pilar me ligou. Quero te ver.

— Mas agora estou indo embora. — Olho para Otto.
— Pede para ela marcar em um lugar que vamos até lá.
— Eu já disse para você parar de ser legal comigo. — Digo a ele.

— O que você disse, Cecília? — Tia Luciana pergunta.
— Não foi com a senhora.

Eu pensei que ficaríamos perdidos, mas Otto é bom em usar o GPS. Ele entra com o carro no bairro onde tia Luciana mora, segue as instruções do GPS e estaciona em frente a lanchonete onde ela pediu para encontrá-la.

Tia Luciana já está lá. Ela está com um vestido jeans, com uma camisa branca por baixo, seu cabelo está amarrado em um curto rabo de cavalo. Ela se levanta e empurra os óculos para a ponte do nariz. Sou mais apressada e corro até ela ao deixar o carro. Dou-lhe um abraço caloroso e cheio de significado.

— Não posso acreditar nisso! — Confesso, com a voz carregada de emoção.

— Cecília, você está linda! — Ela corre os dedos pelo meu cabelo. Otto se aproxima de nós.

— Este é o Otto, meu motorista particular. — Acrescento com uma certa animação.

— Desculpe, mas ele não parece ser o seu motorista. — Tia Luciana responde.

— Sou filho da Vera. — Otto diz e estende a mão para tia Luciana, que a aperta em um gesto amigável.

— Você é neto do senhor Francisco. — Tia Luciana afirma.

— Um deles.

Acomodamo-nos em uma mesa. Pedimos salgados e sucos. Já é noite, mas não tenho nenhuma pressa de ir embora, só quero matar a saudade de tia Luciana, isso é, o quanto ela puder ficar.

— A Cecília está se comportando? — Tia Luciana pergunta para Otto.

— Por que a senhora está perguntando isso para ele? Poderia perguntar para mim. Não confia mais em mim?

— Ela é um pouquinho dramática. — Otto diz sério, mas um sorriso se forma nos cantos dos seus lábios. — Acho que a senhora deve saber disso. Fora isso, a Cecília tem sido uma companhia maravilhosa. — Otto crava o olhar em mim e me olha com um olhar cheio de ternura, me derreto por ele neste momento, os segundos se passam e tia Luciana pigarreia. Otto vira seu corpo para frente e se apressa em beber um gole do seu suco de graviola. Aproveito para virar para frente também e tia Luciana me encara duramente, como se eu tivesse aprontado algo, e que ela não está gostando nem um pouquinho disso.

— Vocês parecem bem próximos. — Ela diz.

— Cecília é muito solitária, ainda não fez muitos amigos, então estou aproveitando esse tempo que me resta na casa da minha mãe para me aproximar, em breve eu irei embora. — Otto completa, como se quisesse se justificar.

— Cecília, pensei que já tínhamos conversado sobre isso. — Tia Luciana diz, e Otto nos olha, confuso.

— Não sei, do que a senhora está falando. — Respondo, sem graça.

— Você quer que eu te recorde. — Ela diz, erguendo o queixo. Ela não faria isso comigo, não na frente de Otto. — Não

quero estragar o clima, mas tem coisas que tem que ser ditas. Parem de se olhar assim. — Ela aponta para nós dois, que sorrimos sem graça.

— A senhora poderia ser mais específica. — Otto diz, com a voz séria. Ele fecha o punho sobre a mesa, está claramente desconfortável.

— Estou sentindo um clima romântico entre os dois. — Eu e Otto nos recostamos na cadeira, fomos pegos desprevenidos pela sinceridade de tia Luciana, é, realmente eu não deveria ter atendido aquele telefonema.

— A senhora está enganada. — Otto a tenta convencer do contrário, mas falha.

— Já tenho idade o suficiente para enxergar além dos gestos, além do olhar. Conheço a Cecília muito bem, embora eu não te conheça, vejo a forma que você a olha, e vamos parar por aqui, vocês não podem se envolver amorosamente.

— Acho que quem decidi isso somos eu e a Cecília.

— Mas não há nada para decidir, não é, Cecília?

— Poxa, era para ser um encontro divertido. — Digo, desconfortável pela conversa.

— Teremos outros encontros para nos divertirmos. — Tia Luciana diz. — Mas nesse quero salvar uma família, que mal se iniciou. Amores vão e vem, mas a família é para sempre, vocês ainda encontrarão o seu parceiro ideal, não se apressem como eu fiz, sei que o meu relacionamento é diferente dos seus, sei que Otto parece ser um cara legal, mas existem outros caras legais por aí, não deixe a sua carência te vencer, Cecília.

— A senhora não precisava dizer isso na frente dele.

— Tudo bem, Cecília, você não precisa ficar envergonhada.
— Otto diz, querendo me reconfortar.

— Você — tia Luciana aponta para Otto — como o mais velho não vai permitir que isso aconteça, e você — ela aponta para ele de novo, — como o filho que ama a mãe, não vai permitir que isso aconteça.

— Não se intrometa nos assuntos da minha família. — Otto diz, irritado, de um jeito que eu nunca o vi antes.

— Sei que estou parecendo intrometida, mas eu estou preocupada com a Cecília.

— Sei que a senhora gosta muito dela e ela de você, mas Cecília não é mais criança, ela sabe o que está fazendo.

— Eu também pensava que sabia quando eu tinha dezoito.
— Tia Luciana responde.

O nosso reencontro não foi como o esperado, mas tia Luciana nos acompanhou até o carro, Otto entrou primeiro e não fez questão de se despedir dela, ele ainda estava digerindo aquela estranha conversa, apesar de também estar, não pude negar um abraço a ela.

Um pouco triste, entro no carro e tia Luciana acena, aceno de volta e afivelo o cinto, então Otto da partida no carro, apressado para sair daqui.

O clima está mais uma vez estranho entre a gente. Vera me enviou uma mensagem, está preocupada já que anoiteceu, expliquei que chegaremos algumas horas mais tarde do que o combinado.

— Ela é legal. — Tento convencer Otto e aperto em enviar a mensagem.

— Sei disso. Só estou com raiva agora, depois passa. — Ele responde. — Pensei em procurarmos um hotel para passarmos a noite, estou cansado, não sei se conseguirei dirigir durante todo o trajeto se eu não dormir um pouco.

— Por mim, tudo bem. — Respondo.

— Foi uma conversa estranha.

— Sim, foi, mas, ao mesmo tempo, foi a conversa mais sensata em relação ao que está acontecendo nesses últimos dias.

— E realmente está acontecendo alguma coisa? — Ele solta uma mão do volante por alguns segundos, levando até o meu rosto e acariciando-o.

— Da minha parte sim, da sua, eu não sei, mas tenho a sensação que você mente quando diz que não. — Digo, ignorando toda a conversa que tia Luciana teve conosco.

Capítulo 29

Estou recostada no balcão da recepção do hotel, enquanto Otto acerta todos os detalhes sobre a nossa hospedagem. Enquanto isso a minha mente divaga em pensamentos relacionados a ele, que acabo não percebendo de imediato que ele está me perguntando algo, até que me chama pelo nome, no que parece ser mais de uma vez.

— O que foi? — Pisco meus olhos algumas vezes, lembrando a mim mesma que eu deveria manter os meus pensamentos onde estou agora.

— Você vai querer um quarto separado? — Otto pergunta. Bem, essa é uma pergunta um tanto confusa para mim, talvez nem tanto, quanto mais distância eu manter dele, será melhor. — Podemos pegar um quarto com duas camas. O que for melhor para você. — O que for melhor para mim? Então acho melhor eu não responder essa pergunta, porque se eu for sincera, com certeza escolherei apenas um quarto, e é isso que eu faço, mas com uma das ressalvas sugerida por ele.

— Acho que podemos pegar um quarto com duas camas. — Digo.

— Se não tiver nenhum problema para você.

— Não, não tem. — Tento soar o mais natural possível, mas por dentro estou desconfortável com a situação, porque ao invés de fazer de tudo para me afastar de Otto, estou fazendo de tudo para o manter perto de mim.

Sigo Otto até o elevador, ele aperta o número do nosso andar e ficamos em silêncio durante o tempo que passamos dentro da caixa metálica. A porta se abre e deslizamos para fora. Otto procura pelo nosso quarto, quando acha, usa o cartão para abrir a porta. Ele abre o braço para que eu entre primeiro, assim eu faço. O quarto cheira bem, o aroma lembra lavanda.

No quarto tem duas camas de solteiro, uma TV de tela plana, uma mesinha, com alguns papéis em branco, empilhados sobre ela, duas canetas ao lado deles, um frigobar e um closet, o banheiro fica próximo à porta de entrada. Vou até à janela e abro a cortina. Através da vidraça, vejo os prédios ao redor de onde estamos, mas é mais para o alto que eu olho, contemplando o infinito, as estrelas cintilam no céu noturno, é uma bela noite.

— Qual das camas você vai querer? — Otto pergunta, tentando puxar assunto.

— Tanto faz.

— Você vai tomar banho primeiro?

— Não trouxemos roupas. — Lembro a ele. O intuito era para retornarmos para casa hoje mesmo.

— Se nos apressarmos, podemos dar um pulinho no shopping que fica aqui perto e comprar uma peça, ele fecha às 22h00.

Aceito a ideia de Otto.

Com um pouquinho de agilidade conseguimos chegar ao shopping antes que fechasse. Apressada, escolhi uma peça de roupa e quanto retornamos para o hotel, fui a primeira a tomar banho.

Liguei o chuveiro no quente e deixei a água cair em meu corpo cansado. Tomei um banho demorado. Depois de vestida e com a toalha enrolada no cabelo encarei o meu reflexo no espelho, querendo ver a diferença entre a Cecília do orfanato e a Cecília de agora. Cresci um pouco mentalmente nesses últimos dias.

Deixo o banheiro, secando o meu cabelo com a toalha. Otto está sentado no chão, com o celular nas mãos e a sacola da roupa nova ao seu lado, ele levanta o olhar assim que percebe a minha presença.

— Já está liberado. — Digo, e ele se levanta, pegando a sacola e seguindo para o banheiro.

Depois de pentear o meu cabelo, sento-me na beirada da cama, com o controle da TV em mãos, zapeio os canais em busca de algo para me distrair, mas nada parece atrativo para a minha mente, quando ela está focada no cara que está tomando banho no banheiro agora.

O que eu faço? O que eu faço? O que eu faço? Pergunto para mim mesma.

Cruzo as pernas, descruzo as pernas, troco de canal mais uma vez, volto a trocar novamente, desisto e acabo deixando em um noticiário qualquer, eu nem mesmo estou prestando atenção nas notícias.

Suspiro, brinco com uma mecha do meu cabelo e olho para a porta do banheiro, desejando que Otto saia logo.

Ele vai embora em breve. Tento me agarrar a isso, na esperança de esquecê-lo, mas sei que vai ser difícil.

Então Otto abre a porta, deixando o banheiro. Ele tem o cabelo molhado, veste uma camiseta branca, quase transparente e uma bermuda, está descalço. Vem até mim e para na minha frente, me retraio, para depois relaxar. Ele não diz nada, e isso me intriga, ele tem um olhar enigmático, mas algo nele diz em silêncio que ele me quer, eu o quero também, e estou decidida a enfrentar todos que decidirem ficar contra o nosso relacionamento.

Otto inclina seu corpo para frente, e sinto a fragrância do sabonete pós-banho, é tão bom, que suspiro, e ele ainda nem me tocou e já estou derretendo só por ele estar na minha frente. Ele se inclina mais um pouco, encaixando sua perna na minha, envolve a minha nuca com sua mão, a outra usa como apoio na cama, a minha eu levo para o seu cabelo, enterrando meus dedos nele, engulo em seco enquanto seu olhar me queima. Então Otto fecha os olhos e leva seus lábios ao meu, um beijo tímido se inicia, então relaxo e fecho meus olhos também, nossas bocas seguem o ritmo e o beijo se intensifica. Aproximo-me ainda mais do calor do seu toque, enquanto sinto sua língua entrelaçar na minha, em um ritmo constante e apaixonante.

Desajeitada caio na cama, e Otto deixa meus lábios, afastando meu cabelo da nuca, de modo que seus lábios possam tocar o espaço abaixo da minha orelha, me causando milhares de sensações. Ele volta a beijar a minha boca e esqueço de todos os motivos contra.

Quando paramos, ele encosta sua testa na minha, e eu repouso minhas mãos no seu peitoral, nos encaramos sem fôlego.

— Eu deveria ter feito isso há muito tempo. — Otto confessa, sai de cima de mim e se deita ao meu lado, encarando o teto branco.

— Por que não fez antes? — Pergunto, levando a minha mão até a face dele, acariciando-a, ele suspira ao meu toque.

— Minha mãe me encostou contra a parede. — Um misto de surpresa e confusão passa pelo meu rosto. — Não se preocupe, ela não desconfia de você, apenas de mim. Acha que eu estou começando a ter sentimentos equivocados por você.

— Por isso você negou o meu beijo aquele dia?

— Sim, mas me arrependi amargamente após ter feito aquilo.

— E agora?

— Já disse, eu deveria ter feito antes. — Viro-me para ele, me deitando de lado.

— Depois de tudo que a tia Luciana disse, como podemos ser tão rebeldes? O que faremos de agora em diante?

— Não precisamos pensar muito nisso, um passo de cada vez. — Ele toma a minha mão, depositando um beijo sobre ela. — Você me incomodou de um jeito muito estranho, antes que eu te conhecesse, desde que mamãe me mostrou a sua foto. — Penso a respeito, pois, eu senti o mesmo referente a ele.

— De um jeito bom ou ruim?

— Dos dois jeitos. — Otto passa o braço pelo meu ombro, descanso minha cabeça no peito dele.

— Quero ficar com você, Otto, eu realmente quero ficar com você, mas também não quero perder o amor da sua mãe.

— Com o tempo ela vai entender, mas por enquanto prefiro manter as coisas como estão, ela não precisa saber por agora. — Assinto, principalmente porque não estou preparada para dizer a Vera que estou apaixonada pelo filho dela.

Otto deixa a cama e vai para o frigobar, abrindo-o, em busca de algo para beber, ele tira de lá uma garrafinha de cerveja e me oferece, nego com a cabeça, ainda não estou preparada para beber. Ele abre a garrafa e dá o primeiro gole, tira uma caixinha de *Toddyinho* de dentro do frigobar e estende para mim pego-a de imediato, e ele sorri.

— Pelo menos isso não vai me deixar bêbada. — Ele me puxa pela cintura e me beija.

— Quero te conhecer um pouquinho melhor. — Otto diz. Solto-me dele, coloco o *Toddynho* de volta no frigobar e pego uma lata de Gim, Otto arregala os olhos, surpreso, então abro a lata e dou o primeiro gole, a bebida desce quente pela minha garganta, penso em desistir, mas prossigo. Preciso de combustível para falar sobre certas coisas.

Sobre o efeito do álcool, começo a falar sobre o meu passado. O passado que eu gosto de manter trancado na minha caixinha de lembranças ruins.

Fui adotada três vezes. Quando eu era recém-nascida o conselho tutelar me achou tão machucada e desnutrida, que passei dois meses no hospital. Soube disso por tia Luciana, que depois de muita insistência da minha parte, me contou sobre a minha primeira família adotiva.

Aos seis anos fui adotada por uma família que já tinha seis crianças adotadas, eu me lembro bem, elas tinham o olhar mais

triste da face da terra. Eles eram uma família de classe média alta, a maior parte do dinheiro vinha de doações de pessoas que se comoviam com a “boa ação” do casal. Quando um dos filhos do casal cometeu suicídio aos quatorze anos e deixou uma carta de despedida, contando todos os podres do casal, fora dos holofotes uma investigação foi iniciada.

Eles eram negligentes, nos deixavam sem comer, várias vezes, nos deixavam sozinhos em casa, nos aplicavam vários castigos doentios caso nós fizéssemos algo errado. Mas ninguém acreditaria em simples crianças, na frente das câmeras eles eram os exemplos de pais perfeitos.

E tem a terceira família. Eles não eram pais ruins, pelo contrário, tentaram de tudo para ser bons pais, mas tinha a Natália, a filha deles, que morria de ciúmes de mim, na cabeça dela, eu estava lá para roubar os pais dela, que eu estava desviando a atenção que eles davam a ela para mim, e naquela época só fazia seis meses que eu havia deixado a família anterior, eu carregava traumas graves e precisava não só de um acompanhamento psicológico, mas de muito amor também.

Janaína e Diogo tinham amor de sobra para me dar, enquanto para Natália faltava.

O ciúme levou-a a aprontar várias vezes comigo, tudo que ela fazia de errado na casa, inclusive quebrar a pata do cachorro, ela colocava a culpa em mim, traumatizada com os castigos da minha família anterior, eu não ousava desmenti-la e silenciosamente me declarava culpada. Eu sentia que o olhar de Diogo e Janaina mudava em relação a mim, o amor deles estava esfriando, eles não

me suportavam mais, graças a Natália, até que um dia resolvi reagir, não da melhor forma possível.

Quando você machuca fisicamente ou verbalmente alguém da família o sangue fala mais alto, e foi quando agredi Natália que descobri, que embora eu fosse adotada eu nunca seria realmente parte da família. Depois que deixei Natália com o olho roxo, Janaína me mandou ir embora, não uma, mas ela gritou isso várias vezes. Liguei para o orfanato e disse que queria me devolver, e embora a diretora dissesse que eles não poderiam fazer nada naquele momento, ela continuou gritando que não me queria mais.

Naquele momento percebi que ter uma família não era para mim. Se fosse para sofrer apenas para ter uma família, eu não queria ter uma. Muitas famílias se interessaram por mim até uma certa idade, conforme o tempo foi passando, os interesses foram diminuindo.

Comecei a me esconder no orfanato, assim que as famílias viam me conhecer, quando eu não conseguia sempre agir como uma menina má, eu não queria passar por tudo aquilo novamente. Mas a maioria começou a pesar em meu ombro, e eu sabia que não havia mais nada que eu pudesse fazer, era tarde demais, até que, conheci a sua mãe.

Otto está sentado sobre a cama, os braços sobre os joelhos, parece refletir sobre o que eu o acabei de contar.

— Você parece ter tido uma infância muito triste. — Ele diz.
— Sinto muito por você.

— Sabe, eu só queria arrancar essas lembranças de mim, e embora tenha passado dez anos, elas continuam aqui, — aponto para a minha cabeça, — e só o que consigo lembrar, são as

lembranças ruins. Você tem algum trauma ruim que não consegue esquecer?

— Sim. — Otto responde, com olhos tristes. — Mas ainda não estou preparado para falar sobre isso.

— Tudo bem. — Digo, puxando-o para um beijo apaixonado. — Esse é o lado mais feio da minha história, bem, acho que isso é tudo, não tenho mais nada que esconder de você.

— Só quero que você supere isso.

— Só o tempo vai dizer, mas parece que ele não está a meu favor.

Capítulo 30

Assim que deixamos o elevador, seguimos para o espaço que nos separa da porta de entrada. Otto está com o molho de chaves em mãos, ele coloca uma delas, na fechadura, mas antes de abrir a porta me puxa para ele, me dando um beijo apaixonado, me derreto facilmente em seus braços fortes e reconfortantes. Então ele me solta para finalmente abrir a porta.

Vera está no sofá, que se levanta e deixa o livro que estava lendo sobre o braço do sofá. Ela vai primeiro para Otto, dando-lhe um abraço e um beijo de recepção, faz o mesmo comigo, e me sinto uma traidora por ela ser tão perfeitamente carinhosa e gentil.

— Como foi a viagem? — Vera pergunta, com um interesse genuíno.

— Foi ótima! — Digo, empolgada, não preciso contar a ela sobre as partes ruins.

— Pensei que você não ia voltar mais. — Ela diz e segura as minhas mãos. Observo enquanto Otto deixa a sala, seguindo para o corredor, ele deixará na minha responsabilidade contar a Vera tudo o que ocorreu durante a viagem, é claro escondendo alguns detalhes.

Fiquei na sala por mais de uma hora, respondi a Vera cada pergunta pacientemente, dando detalhes e mais detalhes sobre o meu dia

no orfanato, e em algum momento da conversa falei sobre Bianca, do pedido dela para Otto, mas eu me contive, não queria que ela sentisse que eu estava obrigando-a, a ter interesse em adotar Bianca. Não quero que ela se sinta pressionada por mim.

— Faço parte de um grupo de mães que pretendem adotar. — Ela diz. — Na verdade, comecei a fazer parte depois de você. Posso falar sobre a Bianca para elas. Ou você tem interesse que ela venha para cá?

— Não, está tudo bem, só quero que ela encontre uma família boa.

— Você sabe que a adoção é algo muito especial, não posso fazer assim, sem interesse, espero que você realmente esteja me entendendo.

— Sim, estou. — Respondo, sem muito ânimo, só quero que a Bianca encontre uma família logo.

— Então por que você me parece tão triste?

— É só impressão, só estou cansada da viagem, muito cansada. Se a senhora não se importar, gostaria de ir tomar um banho e dormir.

— Pode ficar tranquila, querida, descanse o quanto achar necessário.



As cortinas estão abertas, o sol refletindo na vidraça, já são quase 16h00 quando acordo do que eu pensei que seria um cochilo, mas que durou horas. Meu estômago ronca em um aviso alto de que já passei da hora de comer alguma coisa, estou faminta, não como nada desde cedo. Deixo a cama e tateio o chão com os pés, em busca do meu chinelo, assim que eu os localizo calço-os e sigo para a cozinha.

Otto está lá, almoçando, parece que estamos em perfeita sincronia.

— Não esperava te encontrar aqui, almoçando a essa hora. — Digo, puxando uma cadeira e me sentando.

— Acabei de acordar. — Otto responde e corta um pedaço de frango. Ele levanta o olhar, olhando em direção a porta. — Estava morrendo de saudades de você. — Confidencia. — Que tal deixar a porta do seu quarto aberta hoje à noite. — Ele pede, com olhos suplicantes.

— Não sei se eu deveria. — Digo, pegando um prato no armário, vou até o fogão e me sirvo.

— A decisão é sua. — Ele responde, fazendo uma cara triste, querendo me comover a qualquer custo.

Ainda estou tentando assimilar tudo o que ocorreu entre a gente, e pensando em quando Otto vai dizer que novamente não passou de um mal-entendido. Então ele me surpreende.

— Ainda estamos juntos, não estamos? — Ele estica o braço, pondo a mão dele em cima da minha.

— Pelo menos é o que eu espero. — Digo e tiro a minha mão com delicadeza da dele. Pego o garfo e começo a comer.

— Posso te levar na sua entrevista de emprego amanhã? — Pergunta e apoia o queixo na mão, só para me olhar daquele jeito, que me faz derreter por inteira. Às vezes o olhar fala e ele nos condenaria agora mesmo.

Recosto-me na cadeira e deixo o garfo no prato, deixo a minha cabeça cair para o lado, fazendo com que alguns fios do meu cabelo, caiam em ondas em meu ombro. Já estou com saudades de tê-lo bem próximo a mim, então Otto se levanta, assim como pedi, com um meio sorriso no rosto, o meu olhar implorando para que ele se aproxime mais, sem me importar com a consequência disso. Um Otto bem obediente vem para mim, segura em minha nuca, me beijando, com maestria, seu beijo tem o gosto do refrigerante de guaraná diet que ele tinha acabado de beber. Uma de suas mãos, deixa a minha nuca e desce até a minha cintura, apertando-a, até que ele abre os olhos e eu suspiro, não

querendo soltá-lo. Ele faz menção que retornará para o seu lugar, mas o impeço, segurando em sua mão.

— Otto, você tem um cheiro maravilhoso, alguém já te disse isso?

— Digo e me coloco de pé, só para sentir mais de perto aquela maravilhosa fragrância. Inclino-me sobre meus pés, mordiscando de leve os lábios dele.

— É melhor pararmos. — Ele sussurra contra os meus lábios.

Inconformada, retorno para a minha cadeira e ele para a dele.

— Isso é loucura. — Ele diz.

— Essa é a melhor loucura que já fiz em minha vida. Bem, acho que foi a única. — Comento.

— Estou pensando seriamente em transferir a minha faculdade para cá. — Meu coração se enche de alegria ao escutar ele dizer isso.

— Você faria isso por mim?

— Sim, faria.

— Então, por favor, faça logo!

— Calma, — ele gesticula com as mãos, — também não é tão simples como parece. Tenho que pensar nos prós e contras.

— Não basta só pensar nos prós? Que sou eu. — Ele dá um sorriso malicioso.



À noite, Sophia veio aqui em casa, um dia, separadas foi o suficiente para ela me ligar aos prantos e dizer que estava morrendo de saudades, no momento que ela chegou, disse que já estava sabendo de tudo, Otto se adiantou em contar para ela sobre nós, mas ainda prefiro acreditar que Sophia deve ter usado alguma tática para arrancar isso dele,

então me lembro que eles são melhores amigos, e melhores amigos tem dessas coisas, contar segredos um para o outro.

O entregador de pizza toca o interfone, já tinha passado das 19h00, e estamos todos reunidos na cobertura. Vera também está conosco, portanto, eu e Otto preferíamos manter uma certa distância um do outro. Ele está no parapeito, enquanto estou com Sophia e Vera na mesa. Ele foi atender o entregador, e continuamos colocando o papo em dia.

Vera se delicia com uma taça de vinho, a única que ela irá tomar por essa noite, já que levantará cedo para trabalhar. Sophia já está na terceira taça, o que é um pouco preocupante, já que ela, já começou a rir alto.

Otto retorna alguns minutos depois com duas caixas de pizzas em mãos, enquanto Sophia está contando sobre a sua última viagem a Paris. Ele coloca as caixas sobre a mesa, me afasto um pouco para que ele faça isso, e seu antebraço encosta no meu, isso faz com que eu o olhe, mas ele não retribui o meu olhar. Sophia continua tagarelando, o que faz com que Vera mantenha sua atenção nela, assim não notando o quanto eu não consigo não olhar para Otto.

— Otto tem uma agência de turismo, mas quase não viaja para outro país. — Diz Sophia e cutuca a perna de Otto, com as pontas dos dedos, e o meu semblante fechado mostra o quanto eu fiquei com ciúmes, ela nota e dá uma risadinha, passa as pontas dos dedos novamente nele e gargalha, Vera se assusta.

— Qual a piada? — Vera pergunta.

— Só lembrei de um momento engraçado. — Sophia se inclina para frente. — Então, Otto, você poderia ir com a gente para Paris, o que a senhora acha, Vera?

— Por que você age como se eu não pudesse tomar as minhas próprias decisões? — Otto se estressa com Sophia.

— Eu não disse isso, senhor estressadinho.

— Deve ser eu, que quando estou nervoso atira as coisas contra a parede ou joga na piscina. — Otto devolve, carrancudo.

— Na próxima, eu mesma vou te jogar na piscina. — Sophia se põe de pé.

— Estou pagando para ver. — Otto diz e ergue suas sobrancelhas, então Sophia faz, leva as mãos até o peitoral de Otto, empurrando-o contra a piscina, a água espirra para todos os lados, molhando não só a mim, mas a Vera também.

— Nunca me desafie, Otto! — Diz Sophia, então pula na água também, e de repente os dois começam a rir descontroladamente, e eu viro a cara.

— Esses dois, nunca mudam. — Diz Vera, como se já estivesse acostumada com esse tipo de brincadeira entre os dois, mas eu não estou nem um pouco, e não sei se vou conseguir esconder o meu mau-humor em relação a isso por muito tempo. — Um dia pensei que eles seriam um casal.

— Oi? — Pergunto, indignada.

— Eles ficam tão bonitos juntos. — Olho de relance para os dois brincando na piscina.

— A senhora acha?

— Sim, acho, mas sei que eles são apenas amigos. E acho melhor que seja assim. Não se deve trocar uma amizade linda dessa por um amor que não se sabe se terá algum futuro.

Otto nada até a borda, Sophia vem logo atrás dele. Depois de deixar a água, Otto ajuda Sophia a sair.

— Acho que você vai ter que me emprestar algumas de suas roupas. — Diz Sophia para mim.

— Por mim, você pega um resfriado. — Murmuro.

— O que você disse? — Pergunta Vera.

— Que ela pode escolher a roupa que ela quiser. — Respondo. — Sinta-se à vontade, Sophia.

— Vou lá então. — Ela diz. — Otto, você não vem? Ou vai preferir ficar com essa roupa molhada.

Otto vai à frente, Sophia se pendura no pescoço dele, e eu, bem, pego a taça de vinho inacabada dela e bebo sem pensar no que estou fazendo, Vera me olha interrogativa.

— Senti vontade. — Digo referente ao vinho.

Sinto-me estranha aqui, e essa é a primeira vez que essa sensação realmente pesa no peito. A pizza foi servida. Eles contaram histórias onde todos estavam juntos, onde uma Cecília não existia, eles riram de piadas que eu não entendi. Seguraram suas taças com delicadeza, demoraram a terminar os seus pedaços de pizza, enquanto eu saboreava o terceiro, eles têm uma maneira diferente de se comportarem em algumas situações, enquanto eu sou apenas a Cecília, não visitei os lugares que eles visitaram, não tive oportunidade de comer muitas pizzas, não tive um melhor amigo de infância que levei para a vida adulta.

Vera se despediu há alguns minutos, já fora deitar. Otto e Sophia estão novamente rindo de algo, e eu estou no parapeito da cobertura, contemplando a paisagem noturna enquanto sinto a brisa em minha face, me sentindo solitária.

Alguém se aproxima, sei que é Otto, pois, sinto o cheiro do perfume dele, o mesmo que ele usou mais cedo. Ele afasta o meu cabelo do meu pescoço e funga a minha nuca. Estremeço, mas ainda não me viro para ele, ainda quero matá-lo por ter tanta intimidade com a Sophia, por que ele pode abraçá-la a qualquer momento e a mim não?

— Algum problema? — Otto pergunta, ao notar a minha falta de interesse nele. Não respondo. — Cecília, estou falando com você. — Diz e sai de trás de mim, vindo para o meu lado. — O que eu te fiz?

— O que você acharia se eu tivesse um melhor amigo e ficasse agarrando ele o tempo todo? — Meu tom de voz sai mais áspero do que eu esperava.

— Não acredito que você está com ciúmes de mim? — Pergunta Sophia, com a voz mole, ela está deitada na espreguiçadeira. — O Otto é muito feio. — Ela gargalha.

— Você realmente está com ciúmes da Sophia? — Otto reprime um sorriso.

— Sim, estou, e não tenho nenhum problema em admitir isso. — Digo, cruzando os braços.

— Você acha que se eu realmente quisesse alguma coisa com a Sophia eu não teria investido nela antes? — Ele segura meu rosto, fazendo eu olhar para ele. — Me diga por que eu faria isso agora? Sophia é louca.

— Eu estou escutando. — Sophia diz.

— Só acho que você não precisa ficar agarrando-a na minha frente.

— Se isso te incomoda não irei fazer mais. Mas quero deixar bem claro, eu e Sophia só somos amigos. Grandes amigos, nada mais, além disso.

— Agora eu também vou ser a madrinha de casamento de vocês. — Ela diz.

— Cala a boca, Sophia! — Eu e Otto dissemos em uníssonos.

— Senti-me um pouco solitária hoje, quero dizer, há alguns minutos. — Confesso.

— Você não precisa se sentir assim quando estiver com a gente.

— Não é uma coisa que se dá para evitar. — Digo, e Otto me toma em um abraço, relaxo e acabo cedendo e abraço-o também, descansando minha cabeça em seu peito.

Capítulo 31

A minha vida mudou drasticamente em alguns meses, literalmente. E hoje vai ser um dia muito especial para mim, assim como foi o dia da minha adoção. Para algumas pessoas podem ser uma obrigação ruim começar um novo emprego ou até mesmo ter que trabalhar, mas estou empolgada, é o meu primeiro dia na loja de sapato, passei na entrevista que fiz na segunda, apesar de todo o nervosismo que me fez quase surtar, às vezes temendo acabo falando demais, e às vezes travo e falo de menos. Lembro de que as minhas mãos estavam suando frias, enquanto a entrevistadora me fazia as perguntas, sentada em sua poltrona confortável do outro lado da mesa.

Mas aqui estou eu, trajando o uniforme branco e vermelho da loja e calçando um tênis, esperando ansiosamente um cliente entrar para eu atender. Só tenho coisas boas para esperar desse emprego e de tudo o que cerca a minha vida. Liguei para tia Luciana ontem à noite e contei sobre o meu emprego, ela recebeu muito bem a novidade e pediu desculpa pelo jeito que falou comigo no nosso último encontro.

— Eu poderia ter dito as mesmas coisas, mas de um jeito mais sutil. — Ela disse. — Peça desculpa ao Otto por mim. — Tia Luciana pediu quase como uma súplica, conhecendo-a muito bem sei que ela deve ter passado a noite toda se torturando pela forma que agiu, pensando em mil maneiras de pedir desculpas.

À noite, fiz o que ela pediu e fui falar com Otto, nesses últimos dias tenho invadido o quarto dele, mas na maioria das vezes ele que invade o meu. Apesar do meu receio em relação a Vera, sempre consigo relaxar na presença dele.

É com um sorriso bobo que vou ao encontro de Otto, assim que ele estaciona em frente da loja. Deslizo para o banco do carro e sou recepcionada com um beijo caloroso, para depois seguirmos para o restaurante aonde iremos almoçar.

— Então, como foi? — Pergunta Otto, os olhos ainda fixos na estrada, mas curioso com a novidade que estou vivenciando.

— Atendi um cliente. — Respondo, um pouco frustrada.

— Algum problema? — Otto faz uma cara genuína de preocupação.

— Ela não comprou. Acho que não fui convincente o suficiente. — Explico me recordando da cena, de como o meu sorriso caiu do rosto assim que ela disse que não ficaria com os sapatos.

— Tenho certeza que você foi ótima. Talvez ela não tenha gostado daquele sapato, outro cliente pode vir a gostar, você tem que ter paciência.

— Não posso ter paciência. Estou em experiência. Preciso vender.

— Cecília, você é muito ansiosa.

— Não, você que é muito calmo diante de desafios. — Insisto e encerro o assunto, não querendo prolongar e acabar discutindo com Otto, uma das pessoas que tem mais me dado apoio nesses últimos dias.

Almoçamos juntos no shopping e depois demos uma passadinha na agência de turismo para acertar os últimos detalhes da minha viagem.

Já no meu trabalho, não consigo mais uma vez fechar uma venda e isso acaba transparecendo na minha maneira de agir, na minha face, que está rígida, os lábios comprimidos na maior parte do tempo. Quero muito esse emprego e parece que a minha boa sorte ficou lá atrás, na entrevista de emprego.

Ohana, a mulher que trabalha comigo e que está me auxiliando tenta me animar, usando o mesmo argumento que Otto. Quero muito acreditar nesse argumento, mas é difícil quando tudo diz o contrário.

A pedido de Ohana, subo alguns lances de escada e vou até o estoque pegar dois pares de sapatos que ela me pediu. Fui apresentada a ele pela manhã, mas eu ainda não havia pego nada aqui ainda, olhar para todas aquelas caixas me dá náuseas, não sei se serei rápida o suficiente para achá-los, então uma das vendedoras entra e me salva, literalmente. Ela é rápida em achar as caixas com o número que Ohana havia solicitado.

Desço a escada apressada e quando chego no primeiro degrau me assusto, deixando uma das caixas que estavam em minhas mãos, cair. Recupero-me e me agacho para pegar, então Otto a pega primeiro, colocando-a em cima da outra caixa que eu carregava.

Não sei o que ele está fazendo aqui. Ele não deveria me visitar em horário de trabalho, ainda mais eu, que comecei hoje.

— Obrigada! — Digo e me afasto dele, indo até Ohana, entrego as caixas para ela, que me agradece.

— Aquele cliente está esperando para ser atendido. — Ela diz e aponta para Otto.

— Cliente? — Pergunto, surpresa. Ohana assente. — Mas aqui só tem sapatos femininos.

— Ele diz que é um presente para a namorada dele. — Engasgo com a minha própria saliva e começo a tossir. Otto não faria isso. — Cecília, você está bem?

— Sim, estou. — Digo, recuperando a compostura.

— Então vá atendê-lo, Cristiana não gosta de ver os clientes esperando. — Cristiana é a nossa gerente, ela está no escritório dela, provavelmente nos observando pelas câmeras, foi ela que fez a minha entrevista.

— Tudo bem, eu vou lá.

Caminho em passos curtos até Otto, mas nem isso impede que eu chegue o mais rápido possível até ele, já que a distância que nos separava é curta. Ele está observando as vitrines, então não vê quando me aproximo.

— Boa tarde! — Digo, chamando a atenção dele para mim, que se vira, com um sorriso maravilhoso no rosto, derreto ali mesmo, ao mesmo tempo que resisto a tentação de beijá-lo. Ele olha para o meu crachá e fingi que não me conhece. — Cecília?

— Sim. Está precisando de ajuda? — Entro no joguinho dele.

— Sim. Estou procurando um presente para a minha namorada, mas ainda não conheço o gosto dela por sapatos. —

Otto, por que você está fazendo isso comigo? Quer que eu tenha um ataque do coração em meu local de trabalho? Pergunto mentalmente para mim mesma.

— Ta-ta- talvez eu possa te ajudar em sua escolha. — Gaguejo e espero que essa namorada a quem ele esteja se referindo seja realmente eu, porque se não for, sou capaz de arrancar cada pedacinho dele por estar me fazendo passar por isso.

— Tenho certeza que você deve ter bom gosto. — Ele responde e um sorriso desponta de seus lábios.

Levo ele até alguns sapatos, que estão expostos na vitrine. Não sei exatamente o que ele está fazendo aqui, então dou uma espiadinha sobre os ombros, checando a área, as outras vendedoras estão longe o suficiente para que eu faça a pergunta:

— O que você está fazendo aqui exatamente? — Minha voz é um sussurro, mas carregada de emoção, não sei se eu o odeio por estar aqui ou se o amo, e isso vai depender da resposta dele.

— Você estava reclamando que não tinha vendido nada, e isso pareceu importante para você no seu primeiro dia de trabalho, só vim te dar uma forcinha. — Meu coração parece que vai explodir em meu peito, ele está aqui para me ajudar, é isso?

— Você não precisa gastar o seu dinheiro à toa.

— Não vai ser à toa, de qualquer forma vai ser um presente para você. Amo dar presentes para as minhas namoradas. — Não me contenho e fecho a cara. — No caso, você.

— É bom mesmo. — Respondo.

Otto vai até ao caixa com duas caixas de sapatos, um presente para mim e outro que ele dará para a mãe dele. Ohana

para ao meu lado e o observa, desvio meu olhar dele, prestando atenção nela, que tem um leve vestígio de um sorriso.

— Eu gostaria de ter atendido ele. — Diz ela, e um leve desconforto me atinge. — Ele é tão bonito, a namorada dele ser muito sortuda.

— Com certeza ela é. — Levo a mão ao meu pescoço, massageando, enquanto penso na palavra sortuda, é as coisas realmente ficaram favoráveis para mim.

Deixo a loja um pouco depois das 18h00, Otto está me esperando, dessa vez, como combinado, diferente de quando ele me pegou de surpresa hoje à tarde na loja. Deslizo para o banco do carona, estou feliz, depois do Otto consegui finalizar mais duas vendas, mas é claro que o meu cliente favorito de todos foi ele.

Já em casa Vera está nos esperando para jantar. Sigo para o meu quarto, preciso de um banho urgentemente.

Tomo banho de chuveiro mesmo, embora eu queira desfrutar da banheira, mas se Vera está esperando, eu tenho que fazer com que essa espera dure o mínimo possível.

Na cozinha, Vera e Otto já estão na mesa. Puxo uma cadeira e me sento.

— Como foi o primeiro dia de trabalho? — Vera pergunta e começa a se servir, faço o mesmo também, estou faminta.

— Foi ótimo, melhor do que eu esperava. — Respondo com um sorriso.

— Foi muito gentil da parte do Otto ter ido lá comprar os sapatos para te dar uma forcinha. — Sou pega de surpresa, eu não esperava que ele fosse contar a ela.

— Você contou? — Pergunto a ele.

— Era para ser um segredo? — Vera me pergunta, e eu abaixo a cabeça.

— Não, não era.

— Não teria como ele esconder isso de mim, a sacola que veio o sapato entregaria tudo.

— Não se preocupe, Cecília, minha mãe amou o presente. — Otto diz. — Foi ela que escolheu.

— Então é isso, você está com medo de que eu não tenha gostado, porque pensa que você não tem bom gosto para escolhê-lo para mim? Pois, fique sabendo que eu achei lindo!

— Fico feliz que a senhora tenha gostado. — Digo e corto um pedaço do bife, não sei o que pensar em relação a isso, pois, a escolha do sapato não era o que me intrigava nesse momento, mas sim o fato do Otto ter ido ao meu trabalho para comprar os sapatos apenas para me ajudar.

O que Vera realmente está pensando disso? Não tem como eu entrar na cabeça dela e arrancar a verdade de lá. Eu tenho que me afastar um pouco de Otto, mas como fazer isso, se a cada dia que passa eu o quero mais perto de mim?

— Atendeu muitos clientes, além do Otto, é claro? — Por que estou sentindo um certo tom de ironia na pergunta de Vera? — Engulo o pedaço de carne com uma certa dificuldade antes de responder.

— Alguns. Mas só consegui fechar duas compras, além de Otto.

— Por que o Otto foi no seu trabalho mesmo? — Ela pergunta, e depois dá um gole em sua taça de vinho. Olho para

Otto, pedindo uma ajuda mentalmente, o tom de voz de Vera está diferente, ela está desconfiando de algo.

— Eu comentei com ele no almoço que eu ainda não tinha fechado nenhuma venda.

— Vocês almoçaram juntos?

— Sim, mãe, aproveitei que fui à agência e levei a Cecília para almoçar, era o primeiro dia dela, pensei que ela estaria um pouco perdida.

— Acho que eu que estou ficando perdida nessa história toda. — Acho que é o efeito do vinho, por isso Vera está agindo assim, quero realmente acreditar nisso.

— Em qual parte a senhora está perdida, mãe? — Otto pergunta, com uma voz doce.

— Vocês parecem bem unidos. — Olho para o meu prato, sei que a partir de agora nada descera pela minha garganta, existe um enorme nó nela, enquanto eu me desespero, Otto ainda parece tranquilo. Como ele consegue ficar assim em uma situação dessa? Estamos sendo colocados na parede, será que ele ainda não percebeu isso?

— Como a senhora queria, mãe. — Por que às vezes Otto parece ser hostil com a mãe ao mesmo tempo que, não é? Há algo que irrita ele, eu não sei o que é.

— Certo, como eu queria. — Ela diz e toma mais um gole do vinho.

— Se a senhora quiser a partir de amanhã venho almoçar em casa. — Comento, tentando minimizar a situação ou a piorando um pouquinho.

— Por quê? Vocês tinham combinado de almoçarem juntos amanhã também?

— Não. — Otto mente. — Amanhã combinei de almoçar com o Pablo.

— Eu iria pedir alguma coisa e almoçar na loja mesmo. — Sou obrigada a mentir.

— E o seu presente, você gostou? — Ela pergunta e parece se lembrar de algo. — Otto quando namorava sempre tinha o costume de comprar um presente para a namorada dele e para mim. — Minha face enrubesce e um forte constrangimento se instala nela, só quero que Vera pare de falar.

— Eu disse a ele que não precisava. Ainda nem tive tempo de colocar nos pés, ainda dá tempo de devolver, Otto, não gosto de ficar ganhando presentes mesmo. — Sou um pouco rude intencionalmente.

— Não vou devolver. É um presente. Não se devolve presentes. — Ele parece ofendido.

— Você não precisa fazer isso. — Vera diz, encerrando o assunto.

O restante do jantar segue silencioso, com olhares estranhos de Vera, não quero decepcioná-la, não mesmo. E se no fim eu e Otto formos uma decepção para ela, com o coração sangrando terei que fazer uma escolha.

Capítulo 32

O meu terceiro mês na casa está sendo comemorado com um bolo, trazido por Vera, que está de folga.

Sophia está sentada na beirada da piscina, ela veste um maiô na cor nude, salto alto e tem uma taça de champanhe na mão. Ela já está um pouco eufórica, o que não me surpreende mais, quando ela começa a beber não para na primeira taça e muito menos na segunda. O que me preocupa mesmo é o fato dela ter a boca grande e não filtrar o que vai dizer.

Otto está na churrasqueira, Vera ao lado dele, lhe dando instruções de como assar a carne.

Sento-me na borda da piscina e enfio os meus pés na água, reclinando o meu tronco para trás enquanto sinto os raios de sol penetrarem os poros de minha pele. É um belo início de tarde, não tão quente como os tradicionais dias de verão, mas refrescante.

Divido meu olhar entre Sophia e Otto. Eu e ele estamos nos dando muito bem, embora tenhamos que nos esgueirar pelo corredor da casa durante as madrugadas para nos vermos. E apesar do medo que demonstro de ser pega, sinto que Otto tem

mais medo do que eu, embora ele nunca tenha dito isso em voz alta. Mas é só olhar a sintonia entre mãe e filho, que sempre estão dispostos a passar o tempo livre um com outro, que um nó se forma em minha garganta, o amor deles é grande e lindo demais, sinto um pesar em meu coração ao pensar na possibilidade desse sentimento ser destruído, e uma porcentagem da culpa também será minha.

Eles explodem em uma gargalhada sincronizada, me tirando do meu devaneio.

Entro na piscina, alcanço a boia, que está bem no meio, deixada ali por Sophia, que entornou mais um pouco do champanhe em sua taça. Não sei o que fazer com ela, ela vai começar a falar coisas que não deve, como sempre faz, mas dessa vez darei um desconto a ela.

Sophia terminou o seu romance de um mês, na verdade, Romeu terminou com ela. Como ele havia esquecido a data de aniversário de namoro deles, ela resolveu quebrar o vidro do carro dele, com o tijolo da construção ao lado da casa dela. Foi demais para o pobre Romeu, foi demais para Sophia, que no dia seguinte bebeu todas por não conseguir controlar esse seu gênio difícil.

O mês passado foi um tanto ruim para ela, e me senti mal por ele ter sido bom para mim, um pouco graças a ela, graças a Vera, graças ao Otto, enfim, todos tiveram uma grande participação. Ganhei o prêmio de funcionária do mês na loja. Sophia foi até lá três vezes, e nessas três vezes ela levou em cada uma delas dez pares de sapatos. Ela me disse que eu descobriria na marra as vantagens de ter dinheiro. Mas penso se realmente fui merecedora desse prêmio.

— O que você vai fazer com todos esses sapatos? —
Perguntei a Sophia, depois que ela me levou em sua casa, só para me mostrar todos eles arrumados em seu closet, que contém mais uns trezentos pares.

— Esses novos, usarei cada um em um dia do mês.

— E depois?

— Depois eu compro mais. — Ela piscou para mim.

Olhando para ela agora, vejo-a completamente desestabilizada. Ela realmente parecia estar gostando do Romeu, embora eles tenham ficado juntos, pouco tempo.

Deixo a água e pego uma toalha na espreguiçadeira e me enxugo.

— Você conseguiria namorar uma pessoa como eu? — Ergo as sobrancelhas. — Que se descontrola facilmente e não se importa em quebrar tudo o que vê ao redor?

— Você não tem culpa de não conseguir se controlar, o Romeu tinha que ter tentado entender o seu lado.

— Mostrei a minha verdadeira face cedo demais para ele, e ele simplesmente fugiu. Os caras sempre fogem de mim. — Ela diz e dá mais um gole na bebida. Se põe de pé sobre seus saltos, que é um dos sapatos que ela comprou na loja onde trabalho. Um pouco cambaleante encontra a espreguiçadeira e se senta. — Você é uma garota de sorte.

— Você sabe que isso não é verdade. A vida começou a sorrir para mim há alguns meses. Espere a sua vez, vai dar tudo certo.

— Você acredita realmente nisso?

— É claro. — O interfone toca neste momento, Otto deixa a churrasqueira e corre para atender, provavelmente deve ser o Pablo, fã número um de Sophia, que o considera somente um amigo e nada, além disso, apesar dele conhecer todas as faces dela e a aceitar como ela realmente é.

Três meses. Ainda estou em êxtase pelas coisas que conquistei desde então. Parece que foi ontem que eu não tinha mais esperança de um futuro melhor, e quando olho para os rostos de todos aqui reunidos, sei que eu não poderia ter ganhado uma família e amigos melhores.

Coloco um pedaço de bolo no pratinho e me enfio entre e Pablo e Otto. O amigo também não sabe que estamos juntos, pelo menos Otto me prometeu que ele não sabe e acho melhor assim. Os dois conversam sobre Sophia, ela dormiu na espreguiçadeira, depois de ter secado a garrafa de champanhe.

Pablo ainda não desistiu dela, se bem que ele também não tem tentado conquistá-la, só fica no eu deveria falar mais com ela. Atenta a conversa, decido me pronunciar.

— Acho que você deveria falar com ela. Não hoje, já que ela está bêbada, mas um dia desses, o mais breve possível. — O olhar de Pablo deixou Otto e veio até mim.

— Ela não está afim de mim. — Ele responde, já desanimado sem antes mesmo de ter tentado. — Ela já deixou bem claro que somos melhores amigos, apenas isso.

— Eu sou o melhor amigo dela. — Otto respondeu. — Vocês só são amigos. Se você fizer do jeito certo, tenho certeza que ela acabara te dando uma chance. Eu já te disse isso mais de mil vezes.

Enquanto conversamos, pego um pedaço de bolo com o garfo e levo em direção a boca de Otto, que balança a cabeça negativamente, recusando.

— Nem é tão calórico assim. — Comento e ele finalmente cede e come o bolo, para depois limpar com a ponta da unha, o glacê que estava no cantinho da minha boca.

Pablo olha para nós interrogativamente, e a mão que eu seguro o pratinho treme. Dou um sorriso forçado, mas sei que mil coisas devem estar passando na cabeça dele agora, por esse pequeno momento de intimidade entre nós. Ele está presenciando agora só a pontinha do iceberg, que fará com que o navio afunde. O olhar dele vai em Vera, que está na outra espreguiçadeira, comendo delicadamente o seu pedaço de bolo.

— Algum problema? — Pergunta Otto para ele, e não sei se ele está sendo irônico fazendo essa pergunta.

— Vejo que alguns já tomaram uma atitude, eu que devo ser um pouco lento mesmo para esse tipo de coisa. — Ele diz, com um sorriso, mas, ao mesmo tempo, lança um olhar para Vera, um olhar de pena. Se ele algum dia torceu para que ficássemos juntos, hoje olhando para Vera parece que ele mudou de opinião.

— Se você puder ser mais específico. — Otto diz, e Pablo balança a cabeça para o lado, um sorriso pairando nas extremidades aparece.

— É por causa da Olivia, não é? — De novo esse nome. Encaro Otto, mas ele não me encara. Quero saber quem é essa Olivia.

— Não seja otário, mas é claro que não. Por que eu faria uma coisa dessas? Não preciso disso, ninguém precisa disso.

— Você quer provar que ela não é a Olivia. — Sinto uma certa tensão no ar. A expressão de Otto é puro nervosismo, ele dá um passo para frente, encarando Pablo.

— Parem com isso, os dois. — Digo, dividindo o olhar entre eles e Vera, que acaba de deixar a espreguiçadeira, vindo para nós.

— Isso é tão errado. — Ele nos olha, como se fossemos sujos, não gosto desse olhar.

— Depende de cada ponto de vista. — Elevo o meu tom de voz. — Você não tem o direito de olhar para nós assim. Nem sabe o que está acontecendo.

— Sei muito bem o que está acontecendo. E sinto muito se um dia eu compactuei com isso, Otto, mas vendo a Vera tão animada em relação a Cecília, não sei mais se isso é certo.

— Pensei que você fosse um cara legal e o Thiago um idiota, acho que me enganei. — Exclamo.

— Está tudo bem com vocês? — Pergunta Vera, ao se aproximar de nós. Otto já se afastou, Pablo também nos deixa, o olhar de Vera está o seguindo. — Vocês estavam discutindo? — Ela pergunta.

— Não. — Respondo e abaixo a cabeça, não gosto de mentir para ela. — Vou pegar mais um pedaço de bolo. — Não espero ela dizer mais nada, me apresso em sair dali.

Otto está na mesa, ele pega uma taça e coloca um pouco de vinho nela. E eu ocupo a minha mão com um copo de refrigerante.

— Quem é Olivia? — Pergunto, sem rodeios. — Não é a primeira vez que eu escuto o nome dela.

— E nem será última. — Diz Otto, com uma carga a mais de emoção na voz. Ele tem o olhar triste, perdido.

— Por que não será a última? Quem ela é?

— Quem ela foi. — Otto me corrige e uma sombra de tristeza cobre suas feições. Quero abraçá-lo agora, mas me contenho. — Venha comigo. — Ele diz e segue em direção a porta, vou atrás dele.

Otto me leva até o quarto dele. Abre a porta do guarda-roupa e da parte mais alta tira uma caixa. Coloca-a sobre a cama, olho sobre o ombro dele, percebo que tem várias fotos dentro da caixa, todas espalhadas, como se ele não fizesse questão de colocá-las em um álbum de fotografia.

Inclino-me sobre Otto e pego uma foto. Essa deve ser a Olivia. Ela tem os traços bonitos e delicados. Seu cabelo é ondulado, na cor castanha, seus olhos são da mesma cor, seu rosto é fino e longo, tem um sorriso familiar. Então coloco o retrato ao lado do rosto do Otto, ela me lembra ele, cada traço dele. Eles têm o mesmo sorriso.

— Vocês são irmãos. — Concluo. — Por que vocês nunca me falaram sobre ela? — Pergunto, curiosa.

— Olivia morreu há três anos. — Fico em choque e um vazio toma o meu peito.

Meus pensamentos vêm em enxurrada. Penso no apartamento, quando Olivia esteve aqui, como era o relacionamento deles. O quanto isso dever ter abalado a estrutura da família. Pobre Vera. O quanto isso deve a ter machucado.

— Sinto muito. — Digo, levando minha mão até o rosto dele, afagando-o. — Mas por que vocês esconderam isso de mim? Por que não me falaram de Olivia, eu gostaria muito de saber sobre ela. — Paro ao ver lágrimas nos olhos de Otto.

— Mamãe não fala muito sobre ela. Ainda não caiu a ficha. É como se ela tivesse esperando que ela entrasse a qualquer momento pela porta da sala. Não acharam o corpo dela. Olivia se afogou na praia da Tijuca, no Rio de Janeiro.

— Ela não pôde enterrar o corpo da filha. — Sussurro. — Deve ser uma dor terrível. — Eu gostaria de carregar um pouco da dor de Vera.

— Cecília, você faz isso desde que chegou aqui. Mamãe melhorou muito. Só que às vezes eu me preocupo, por tudo que ela faz por você, a pressão que ela coloca para você fazer faculdade, tudo o que ela te dá, como se quisesse recuperar o tempo perdido com a Olivia.

— Por isso que você não gostava de mim. Achava que sua mãe estava substituindo a Olivia. — Semicerrou os olhos, pensativa. O sentimento de compaixão por Vera se esvai, sinto como se ela tivesse dado uma punhalada em meu peito e a sensação é a mais terrível de todas. — Sua mãe não me adotou só por compaixão, só por causa da história de vida dela. — Concluiu, me sentindo um pedacinho do nada.

— Não sei o que te dizer em relação a isso. Mas no dia que você estava fazendo aniversário, seria o mesmo dia que Olivia estaria completando dezoito anos. Vocês nasceram no mesmo dia, no mesmo ano. Acho que a minha mãe se sentiu ligada a você em relação a isso. Como se fosse o destino de vocês se encontrarem. — Sinto uma pequena náusea. Não foi por amor, não foi por compaixão. Foi por ela mesmo. Sou uma substituta para Olivia.

— Sua mãe não me ama.

— Eu não disse isso.

— Sua mãe queria que eu fosse a Olivia. — Digo em um misto de tristeza e raiva, querendo uma resposta urgentemente.

— Eu também não disse isso. — Otto pega a minha mão e a aperta, com delicadeza.

Solto a mão dele e sigo em direção à porta do quarto, passo por ela, escuto passos vindo para mim. Otto vem até mim, mas ele não vai conseguir me alcançar. Preciso de respostas, e não será ele a me dar.

— Cecília! Acalme-se! O que você vai fazer? — Ele pergunta, mas nem eu mesma sei ao certo, mas a sensação de traição, de engano enche o meu peito. Não sou nenhuma substituta. Não sou a Olivia.

Vera poderia ter sido sincera comigo. Não deveria ter escondido Olivia de mim. Poderia ter dito que era por ela que estava me adotando, não por causa da sua história de vida. Queria ser consolada pela dor da perda da filha, e estava me usando para isso.

Subo a escada, a foto ainda está comigo. Com o semblante fechado, vou até ela.

— A senhora deveria ter me falado sobre a Olivia! — Grito em uma explosão de raiva.

Capítulo 33

O nome Olivia parece ter trazido vários sentimentos adormecidos em Vera, e eu me arrependi completamente de ter falado daquela maneira com ela, assim que ela caiu em lágrimas à minha frente, ao ponto de seus ombros tremerem.

Vera parece estar atormentada com a foto em minha mão, com dedos trêmulos ela a puxa para si, encarando o retrato.

— Eu deveria ter falado sobre a Olivia para você, mas decidi não fazer. — Diz, com lágrimas rolando em sua bochecha.

— O seu maior erro foi ter escondido ela de mim. Não sou a substituta da sua filha. — O olhar de Vera deixa a foto e vem para mim, absorta em minha fala, ela balança a cabeça negativamente, mas não me convence, uma parte dela pode negar, mas a outra grita a verdade. — A senhora me disse que resolveu me adotar porque já estive no meu lugar, esse pode ser realmente um dos motivos, mas o maior deles é a sua filha, você viu ela em mim, se agarrou nisso, sem pensar o quanto a verdade poderia me magoar. Isso se algum dia a senhora fosse me contar a verdade.

Vera foca seu olhar em outro lugar, ela tem um olhar acusatório. Olho para trás, só para confirmar que Otto havia se juntado a nós. Ele parece estar arrependido de ter provocado esse pequeno caos entre a gente.

— Um dia ela teria que saber. — Ele diz para Vera.

— Não por você! — Vera responde, com um olhar decepcionado, como se ela fosse a traída aqui, e não eu. — Eu contaria a verdade para ela, no dia em que eu estivesse preparada.

— Mas a senhora nunca estaria preparada. Sempre que conversávamos sobre o assunto, a senhora dizia que não era o momento certo.

— Então você resolveu criar o momento certo, passando sobre a minha autoridade. — Vera diz, com a voz firme, ela seca os olhos com as costas da mão.

— A senhora poderia ter me falado sobre a Olivia no dia em que me falou da sua adoção.

— Você não entende o quanto falar sobre Olivia me machuca? — Diz Vera, com os olhos cheios de lágrimas, como se a qualquer momento ela fosse nadar nelas, só de falar o nome de sua filha em voz alta. — Eu não enterrei a minha filha. — Seus ombros caem e mais uma onda de lágrima rola pelo seu rosto, cortando o meu coração em pedaços, mas não consigo transmitir minha compaixão em palavras.

— Não sou a substituta dela. — Digo mais uma vez. — E eu nem poderia ser.

— Eu jamais quis que você fosse a Olivia, e muito menos a substituta dela. Ninguém jamais poderá substituir a minha filha. Eu

quero que você seja apenas a Cecília, somente isso, você está me acusando de algo que jamais passou pela minha cabeça.

— Não é verdade, a senhora sabe disso. A senhora me encheu de mimos, como se pudesse recuperar o tempo que não teve com ela, inclusive a insistência em relação à faculdade.

Otto vai até à mãe, mas ela recua um passo para trás, está muito magoada com o filho.

— Preciso de um tempo. — Digo a ela.

— Como assim? — Pergunta Vera, com olhos confusos.

— Preciso repensar a minha vida. A maneira como eu vim parar aqui. Se a senhora realmente quis me adotar por solidariedade ou por ela...

— Eu realmente te adotei porque tive uma conexão com você, com a sua história. Estávamos indo tão bem. Estávamos construindo uma história tão linda, juntas.

— Vou dormir na casa da Sophia hoje e não sei se volto. — Digo e Vera une as sobrancelhas, sua expressão está carregada, então ela passa as mãos pelos olhos, enxugando as lágrimas insistentes.

— Você não pode fazer isso comigo. — Ela diz, num tom de voz baixo e ansioso.

— Como eu disse preciso repensar a minha vida. Preciso ter certeza se a senhora realmente me quer aqui, ou quer uma substituta para a sua filha. A segunda opção você nunca vai ter, e eu sinto muito por isso.

— Mãe, dê um tempo a ela. — Pede Otto, pondo a mão no ombro da mãe, que o observa com um olhar desaprovador, ele não

parece se intimidar, está convicto que fez o certo, e foi mesmo, este é um segredo que Vera não poderia ter escondido de mim.

— Dê-me licença. — Digo, endireitando o corpo e afastando-me deles.

Depois de colocar algumas peças de roupas na minha mochila, eu tenho uma missão quase impossível de acordar uma Sophia bêbada, que concordou que eu passasse esses dias em sua casa. Ela tinha deixado a espreguiçadeira da piscina e tinha ido até o meu quarto para dormir novamente.

— Vamos ter que pegar um Uber. — Digo a ela.

— O Otto não pode nos levar? — Sophia pergunta, sonolenta.

— Ele tem que ficar com a mãe, ela está precisando dele. — Sophia assente, fazendo um esforço enorme para se colocar de pé.

No Uber, Sophia encosta sua cabeça em meu ombro, ela está cheirando a bebida e seu cabelo ao cloro da água da piscina, não tem ideia do que aconteceu ao seu redor enquanto dormia em um sono profundo. E depois de muita insistência da minha parte ela abre os olhos lentamente, sendo pega desprevenida quando toco no assunto, Olivia.

— Você, como a minha amiga, deveria ter me falado sobre a Olivia. — Ela me olha com olhos arregalados.

— Não falo na Olivia desde que Vera pediu chorando em sua casa uma vez. Nunca vi ela naquele estado. Então não pensei no assunto quando você chegou.

— Ela é a sua amiga e você resolve simplesmente não falar mais nela? — Pergunto, não convencida. O motorista para na faixa de pedestre para um casal de idosos passar.

— Eu sempre fui amiga do Otto. A Olivia sempre teve os amigos dela. É claro que quando eu ia à casa do Otto, ela também se reunia conosco, mas não erámos próximas. É lógico que sofri e chorei pra caramba com a morte precoce dela, ainda mais porque não encontraram o corpo. Mas é isso, não posso viver em um luto eterno por causa dela, sei que pareço fria ao dizer isso, mas é a verdade. E Vera mais do que nunca precisa viver a vida dela.

— Ela perdeu uma filha.

— Mas às vezes parece que esquece que tem outro.

— E colocou outra no lugar dela. — Suspiro, com um certo pesar.

— Você está viajando. A Vera não te colocou no lugar da Olivia. Ela realmente gosta de você. — Sophia diz, cheia de convicção.

— Ela me disse que aquele era o quarto de hóspedes, mas, na verdade, era o quarto da filha dela. Ela vive me comprando presentes um atrás do outro, e agora vejo que é para compensar o que ela não pôde dar para a filha nesses últimos três anos. Você sabia que eu faço aniversário no mesmo dia que a Olivia? — Sophia assente. — Você sabia que se a Olivia estivesse viva, ela teria a mesma idade que eu? — Ela assente mais uma vez, dessa vez pensativa.

— Pensando assim, é realmente estranho. Mas a Vera é uma pessoa boa, sei que ela te ajudou por amor. Acredite nisso.

— Sou muito grata pelo que ela fez por mim, mas preciso repensar tudo isso. Neste momento sei que fui um tanto egoísta, pois, tenho certeza que a cabeça dela deve estar um furacão, pensando na filha, mas eu precisava sair de lá.

Quando chegamos na casa de Sophia, seus pais não estavam em casa, e eu achei ótimo. Subi sorrateiramente pelas escadas, e notei que o corrimão era de um dourado lindo, Sophia ao perceber o quanto fiquei maravilhada com ele me afirmou que o corrimão é de ouro, e eu não duvido nada já que a mãe gosta de ser excêntrica.

O quarto de Sophia é um lugar agradável à primeira vista, um tanto exótico para alguém tão ligada a tendência da moda. Há alguns abajures espalhados em cada canto do quarto, eles são velhos e possuem algumas marcas de tempo, foram compradas por Sophia em um leilão de objetos de décadas passadas na internet. A cortina de seda azul possui alguns remendos feitos pela própria Sophia. A cama dela é enorme, com um colchão mil vezes mais macio do que o meu. As paredes são cobertas por adesivos de fotos antigas de Sophia, desde os seus primeiros meses de vida até os dias de hoje. Sento-me na cama macia e observo o local, onde nada combina com nada e ao mesmo tempo combina com a minha amiga.

Tiro os meus chinelos, afastando-os com os pés para o lado e sinto um estranho aperto no meu peito. Sinto falta da minha cama, sinto falta da minha casa, então a realidade caí como uma tonelada em meu ombro. Vera já ocupou um lugar em meu coração e é com ela que quero passar os melhores momentos em família da minha vida.

— Quero voltar para casa. — Digo, e Sophia me olha um tanto confusa.

— Sinto uma dor em meu peito, eu não deveria ter tratado a Vera daquela maneira, deveria ter deixado ela estar preparada para

falar da filha. Sou uma pessoa cruel. — Jogo-me na cama, abrindo os braços sobre ela, Sophia cruza os braços, ainda em pé.

— Posso te levar embora se você quiser.

— Não posso.

— Decida-se, você quer ficar ou não?

— Vou ficar. Preciso desse tempo, embora eu já tenha a minha resposta, mas preciso que Vera tenha a dela também. — Respondo.

A noite não foi tranquila, e tenho certeza que às 02h00 da madrugada Sophia se arrependeu, por não ter me deixado dormir no quarto de hóspedes quando eu pedi. Chorei muito, eu estava com medo, medo de perder tudo o que eu tinha construído até aqui e Vera não me aceitar de novo em sua casa.

— Veja pelo lado bom. — Sophia diz, com os olhos vermelhos de tanto sono. — Agora você tem um emprego. Se a Vera não te aceitar na casa dela, você se vira. E eu jamais vou deixar você na mão.

— O problema não é só esse. E se ela me odiar para todo o sempre? Não vou conseguir conviver com isso.

— A Vera não guardar rancor, pode ter certeza disso. Vai ficar tudo bem, você vai ver.

Às 03h00 da manhã, recebi uma ligação do Otto, acordando novamente a Sophia. Segui para o banheiro, fechando a porta atrás de mim. Sentei em cima da tampa do vaso, enquanto eu falava com ele.

— Como a Vera está? — É a primeira coisa que digo, e Otto dá uma risadinha do outro lado da linha.

— Chorou um pouco, tomou um remedinho e dormiu.

— Ela tomou remédio por minha causa? — Pergunto preocupada e com uma voz de choro.

— Não foi por sua causa, ela tomou para dormir mais rápido, na verdade, ela toma desde que a Olivia se foi. — Otto faz uma pausa no celular, o silêncio é perturbador, já que a única coisa que escuto é a respiração dele. — Fui infeliz ao te mostrar aquela foto e muito egoísta com a minha mãe. Eu queria adiantar a introdução de Olivia em sua vida enquanto ela me pedia um pouco de tempo, mas eu sentia que ela nunca iria te falar sobre, por isso fiz aquilo.

— Você realmente acha que ela me adotou como forma de substituir a Olivia?

— No começo eu não tinha dúvidas, por isso a minha ânsia por você, mas acredito nela agora, conversamos, e sei que foi por amor.

— Quero voltar para casa e pedir desculpas pelo que eu fiz.

— Desculpas pelo que, Cecília?

— Por ter deixado ela em um dos momentos em que mais precisou de mim.

Capítulo 34

Eu não sei o que seria do meu emprego na manhã do dia seguinte, mas não era muito nele que estou pensando quando pedi ao Otto que me buscasse às 05h00 da manhã. Sophia estava muito irritada comigo, pois, não a deixei dormir, e sei que terei que arranjar um jeito para recompensá-la por ter feito a noite dela ser tão difícil quanto a minha. Mas eu precisava urgentemente falar com a Vera, selar um pacto de paz, apesar de nunca termos entrado em guerra formalmente.

Assim que o sinal fechou, Otto deu mais uma golada em seu café, que está armazenado em um copo de isopor. Antes de vir me buscar ele passou em uma cafeteria, pois, precisava de uma boa dose de cafeína para se manter acordado enquanto dirigia, já que eu também não o deixei dormir, passei o restante da madrugada me lamentando com ele, que foi muito paciente ao me escutar, outro no lugar dele já teria me mandado calar a boca nas minhas primeiras repetições de frases, já que sou especialista em falar do mesmo assunto mais de três vezes quando ele abala todas as minhas estruturas.

A minha mochila intocável está sobre o banco de trás. Não pensei que a minha estadia na casa da Sophia seria tão curta.

Quando olho o prédio onde moro, uma sensação de estar em casa preenche o meu ser, é neste momento que sei que é pra cá que ainda

pretendo voltar, por vários anos da minha vida. Nunca tive essa sensação, quando passei pelas outras famílias, eu estava em uma casa, ao mesmo tempo, não sentia que ali era meu lar, havia um vazio em meu peito e agora parece que ele finalmente foi preenchido. Eu tenho um lar. Eu tenho uma família maravilhosa e nada poderá destruir o que construímos até aqui.

Otto traz a minha mochila, eu caminho sempre atrás dele. Meu coração teme pelo que vou encontrar atrás da porta que me leva para dentro do apartamento.

Quando entro meu coração parece que vai despencar do meu peito. Mas Vera não está. A sala está vazia sem a presença dela, hoje ela começará o seu plantão na parte da tarde, então provavelmente deve estar dormindo, o que me desencoraja um pouco, já que terei um tempinho a mais para pensar sobre o ocorrido enquanto ela não acorda.

Aproveito esse tempo que ela está dormindo e vou ao banheiro. Tomo um banho rápido, com medo de que Vera me escape. Quando saio do banheiro, finalmente me dou conta de que este quarto um dia pertenceu a Olivia. Todas as coisas que preservei nele desde que cheguei, pertencem a ela, sinto-me uma intrusa de repente, como se eu estivesse invadido o seu espaço e realmente tomado o lugar dela.

Um dia ela esteve aqui, tão viva quanto eu, suspiro ao pensar nisso e me sinto estranha.

Debruço-me sobre o parapeito da varanda e observo lá embaixo, o sol já ilumina o céu sem nuvens, naquela estranha, mas definitiva manhã de março.

Escuto o ranger da fechadura de uma das portas, corro em direção ao corredor, na esperança que seja Vera, sinto a decepção cair sobre meus ombros quando vejo Helena. Solto um suspiro pesaroso, fazendo com que ela arregale os olhos.

— Algum problema? — Pergunta ela, deixando o balde que carregava os produtos de limpeza no chão.

— Pensei que fosse a Vera.

— Ela acabou de sair.

— Como acabou de sair?

— Acho que ela foi caminhar.

Como eu deixei Vera me escapar quando passei a noite em claro remoendo este assunto? Se eu não resolver isso, o quanto antes, perderei toda a coragem que reuni para chegar até aqui.

Deixo Helena e sigo apressada para o elevador. Conheço o trajeto que Vera faz quando vai caminhar, já que eu também caminhei com ela por algumas manhãs, mas aproveitei a oportunidade do meu emprego para deixar esse hábito de lado.

Alcanço Vera no portão do prédio, ela ainda não havia dado início a sua corrida matinal, já que acabou de se despedir de Wanderléia, uma de nossas vizinhas.

— Deixa aberto! — Digo a ela, que faz o que pedi. Passo pelo portão em direção a Vera, que habilidosamente, já tinha alcançado a esquina.

Correr não é para qualquer um, e embora eu já estivesse me acostumado com isso, parece que esse tempo que fiquei parada, deixou-me mole de novo.

— Vera! — Chamo-a, ela olha para trás, com um olhar assustado, como se tivesse delirando. Então aceno para ela, que passa a toalhinha no rosto, limpando o suor. Ainda parece surpresa. Ela estreita os olhos como uma fenda conforme vou me aproximando, ela está me analisando, só para ter certeza que eu realmente estou aqui. Quando a alcanço ficamos por alguns segundos em silêncio.

Ela se livra da mecha de cabelo que caiu em sua face, colocando-a para trás da orelha. Ela tem a boca crispada, não sabe por onde começar, mas é eu que devo dizer alguma coisa, fui eu quem a procurei.

— Acho que eu não fui muito legal com você. — Começo, um pouco sem jeito.

— Eu que não deveria ter escondido a Olivia de você. Mas este assunto ainda é muito delicado para mim. Tento evitá-lo ao máximo para não doer, pelo menos mais do que dói normalmente. Sinto muito, Cecília, eu não queria que você pensasse que é uma substituta, se a Olivia ainda estivesse entre nós, eu teria feito o mesmo que fiz por você, sem mudar nada. Olivia teria recebido você de braços abertos, pode ter certeza disso.

— Vera diz e abre os braços para mim, caio em seu abraço de amor, sentindo o meu coração se encher de alegria. Tenho tantas coisas para dizer a ela.

— Acho que eu não tinha encontrado uma família ainda, porque meu destino era encontrar a senhora. Eu não poderia ter família melhor.

— Confesso, em meio as lágrimas.



Observo Vera despejar seu saquinho de açúcar mascavo em sua xícara de café expresso. Nem o toldo em frente à cafeteria deu conta de esconder o sol quente da manhã, que está pegando em um dos lados da mesa que estamos sentadas.

Vera tem os olhos inchados, assim como os meus, como se tivesse passado a noite em claro, chorando.

— Eu ainda me culpo pela morte da Olivia. — Diz Vera, pegando a xícara com às duas mãos e levando-a a boca.

— A senhora não deveria se sentir culpada. Foi uma fatalidade, que pode ocorrer com qualquer um. Não foi culpa sua. — Vera coloca a xícara sobre a mesa, contemplando com olhos tristes à rua, talvez ela tenha trazido a sua filha algumas vezes na cafeteria que nos reunimos hoje.

— Eu não deveria ter deixado ela entrar naquelas aulas de surfe, mas ela insistiu tanto. Olivia era uma excelente nadadora, tinha aula de natação por pelo menos três vezes na semana, mas era a primeira vez que ela entrava no mar. As ondas estavam muito agitadas naquele dia. Nós a perdemos de vista naquela imensidão. — Diz Vera, baixando a cabeça, como se a imagem do ocorrido tivesse tomando formas em seu pensamento. — Os salva-vidas entraram no mar, tentando achá-la, mas foi sem sucesso, a minha menina foi levada pelo mar e ninguém mais a viu. Eu queria ter tido um corpo para enterrar, talvez a dor tivesse sido menor. — Vera não parece estar convicta disso, pois, não teria jeito da dor ser menor. — Eu peguei-a no colo, cuidei dela durante quinze anos, e naquele momento eu não pude fazer nada por ela. O Otto tentou, tentou alcançá-la, mas foi derrubado pela água...

— O Otto estava com ela naquele dia? — Pergunto, com uma carga de emoção a mais na voz.

— Sim, estava. — Tento imaginar aquela cena, penso como deve ter sido horrível para Otto ver a irmã se afogando e não poder fazer absolutamente nada. — Ele ficou muito traumatizado, ele já surfava com o pai, às vezes viajava só os dois, e a Olivia queria tanto fazer parte daquele momento entre pai e filho, ela se sentia um pouco excluída, amava o pai de maneira incondicional, e queria ficar mais um pouquinho perto dele, assim como o irmão.

Dou uma mordida no meu misto quente, enquanto penso em tudo isso. Vera é uma pessoa tão boa, que jamais poderia imaginar que algo tão trágico aconteceu na vida dela.

— Há alguns anos eu pensava que eu já tinha vivido o pior da minha vida, que foi quando eu fui abandonada pelos meus pais naquele horrível orfanato e logo mais fugi e fui morar na rua, mas o pior da minha vida foi o acidente com a minha filha. Ela era uma menina tão doce, você não tem ideia do tamanho do buraco que ela deixou em meu coração com a sua partida. — Vera fica em silêncio e imóvel. Parece estar se

lembrando das feições da sua filha agora ou de algum momento que viveu com ela. Então sorri. — Você foi um grande presente em minha vida, não uma substituta para a minha filha. Mas sim uma esperança para mim, que já tinha perdido o sentido pela vida. Tem tantas coisas que eu posso fazer ainda, não só por mim, mas desde que te vi no clube do meu pai, desde que escutei um pedacinho da sua história, senti vontade de voltar a fazer o bem. — Estreito os olhos, confusa. — Não que eu fazia o mal, mas antes de Olivia falecer, eu fazia parte de alguns projetos que ajudavam pessoas de rua.

— Pensei que a senhora ainda os ajudava.

— Sim, mas eu só ajudo na questão financeira. Antes eu ajudava com ações. Ia para rua. Mas comecei a questionar porque eu sempre estava fazendo o bem e muitas coisas ruins aconteciam na minha vida.

— É uma pergunta difícil de ser respondida. Eu também pensava o mesmo antes de conhecer a senhora. Mas a sua recompensa por ser tão boa um dia vai vir. — Tento animá-la.

— A minha recompensa já veio. Você.

Retornamos para casa depois de mais de uma hora de conversa. Deparamo-nos com Otto no sofá da sala. Ele ficou de ir à agência hoje, mas parece que o assunto de ontem ainda estava atormentando-o. Um leve vestígio de um sorriso iluminou o seu rosto ao ver que eu e Vera estávamos conversando alegremente.

Vera fecha a porta e encara o filho, com olhos enigmáticos.

— Fico feliz que às duas se entenderam. — Ele diz, colocando-se de pé.

— Sim, e agora eu e Cecília vamos nos aprontar para um almoço. Consegui uma reserva de última hora em um restaurante japonês. Avisando que o almoço vai ser só para meninas. — Vera diz, indo para o corredor.

— Não me importo. O importante é que tudo terminou bem. — Otto olha para mim. — Pensei que você odiasse comida japonesa. — Dou de

ombros.

— Só quero agradar a sua mãe. Ela ama. E eu realmente nunca comi peixe cru, apenas acho que não gosto, vou poder tirar essa dúvida hoje. — Cruzo os braços rente ao meu peito, quando Otto dá um passo em minha direção, então ele recua. Às vezes ele é mais descuidado do que eu em relação a nós. — Ei, soube que você estava com a Olívia no dia do acidente.

— Sim, mas infelizmente não conseguir resgatá-la. — Otto diz, com um pesar na voz.

— A sua mãe é uma pessoa incrível, Otto. — Digo, baixando o olhar.

— Sei disso, Cecília.

— Acho que deveríamos repensar o que nós realmente somos.

Capítulo 35

A mulher nas casas dos trinta anos está me esperando em seu pequeno escritório, que fica em um espaço improvisado junto ao depósito da loja de sapatos. Cristiana, a gerente da loja onde eu trabalho pediu que Ohana me abordasse na entrada e que eu fosse direto para a sala dela. Então eu sabia que as coisas não estavam muito favoráveis a mim.

Senti um certo desconforto ao subir aquela escada de metal, sabendo que dessa vez não irei pegar caixas de sapatos para os clientes. Sei que a razão de Cristiana estar esperando a minha presença impaciente, é por não ter atendido ou pelo menos ter retornado uma de suas doze ligações do dia anterior.

Não sei se o meu drama familiar vai comovê-la, mas mesmo assim pretendo ser sincera em minhas palavras, e que ela faça o que quiser comigo, contanto, que não me dispense do serviço. Eu mal comecei.

Na última vez que estive nesta sala foi para a minha entrevista de emprego e agora ela parece mais assustadora do que antes. Por que, os chefes têm esse dom de nos deixar nervosos?

Cristiana está ao celular quando chego, está negociando a compra de sapatos. Timidamente, acomodo-me na cadeira, e os minutos de espera só me fazem ficar ainda mais nervosa. Quando a ligação finalmente termina, ela concentra toda a sua atenção para mim. Seus

olhos escuros me fitam de maneira interrogativa. Deixo minhas mãos caírem sobre meu colo, escondendo o tremor delas.

— Dê-me um bom motivo para eu não te mandar embora. — Cristiana diz de um jeito sério e intimidante. Endireito-me na cadeira, levantando os ombros. — Você sabe que se for faltar tem que avisar. Eu te liguei várias vezes ontem.

— Doze vezes. — Digo e me arrependo quando o semblante de Cristiana se fecha ainda mais.

— Então você contou, é? — Ela ajeita alguns papéis em sua mesa e arqueia as sobrancelhas.

— Está registrado nas minhas chamadas. — Digo, com o rosto em brasas, preciso controlar a minha língua.

— E por que não me atendeu?

— Eu estava com alguns problemas familiares.

— Eu também tenho problemas familiares e não falto ao emprego por isso. — Ela responde, com o cenho franzindo, comprime os lábios, não escondendo a sua fúria. Eu já sabia, desde que entrei aqui, que se tem uma coisa que Cristiana odeia com afinco são faltas, e mais do que isso, faltas sem justificativas.

— Os meus problemas são mais complexos.

— Explique-me esses mais complexos. — Diz, unindo as mãos sobre a mesa e inclinando-se para frente.

Se tem uma pessoa que não conhece a minha história aqui na loja, essa pessoa é Cristiana. As outras meninas conhecem o meu passado, pois, passamos mais tempo juntas. Então esse era o momento perfeito para contar um pouco mais sobre a minha vida à minha gerente. Mesmo escutando tudo com interesse em nenhum momento ela pareceu se comover, em um ponto do meu falatório, pensei que ela me mandaria calar a boca.

Como era a primeira vez que eu faltava, e o motivo não era doença, Cristiana apenas fez o que ela faz normalmente, descontaria no

meu salário e eu não achei de tudo ruim, já que a última funcionária que faltou sem ser motivo de doença (ela estava de ressaca), foi dispensada do serviço.

Nas noites seguintes eu e Vera gastávamos uma hora, juntas, apenas para falar de Olivia. Ela trouxe uma caixa de fotos para o meu quarto e em cada dia me contava a história de uma das fotos. Aprendi a amar Olivia só nas conversas que eu e Vera estávamos tendo, reservei um lugar especial para ela em meu coração. E naqueles momentos só nossos eu sempre desejava que Olivia estivesse aqui com a gente.

O meu relacionamento com Otto estava crescendo em uma proporção que eu não queria que acontecesse, ainda mais depois que eu disse a ele que deveríamos repensar o que nós éramos, e ao invés de pensar realmente nisso, eu estava cada dia mais caindo de amores por ele, e ele não facilitava as coisas para o meu lado quando cuidava de mim, daquele jeitinho tão especial dele.

— Você não acha que com o que estamos fazendo é uma traição com a Vera? — Eu lembro de ter perguntado depois de eu ter invadido o quarto dele em uma noite de chuva e relâmpagos.

— O que você sugere? — Perguntou Otto, com um semblante sério. — Que contemos a ela sobre nós?

Essa pergunta me atormentou durante meses, mas era completamente esquecida por mim quando eu caía de amores nos braços de Otto todas às noites. Mas parece que a distância colocará à prova o que sentimos um pelo outro. No final de semana, Otto vai morar no Rio de Janeiro para finalmente dar início aos seus estudos.



Saio do elevador completamente desanimada. Entro no apartamento e sigo direto para o banho. Hoje é quinta-feira e quanto mais o sábado se aproxima, o aperto no peito cresce. Não consigo acreditar nisso, Otto não vai estar mais aqui, não invadirei mais o quarto dele a noite, e nem ele o meu, e isso já está me causando um enorme vazio no peito.

Já não consigo nem mais esconder a minha tristeza de Vera, que passou a semana toda perguntando o que eu tinha, nesses momentos senti vontade de gritar para ela os verdadeiros sentimentos que eu tenho em relação ao filho dela, mas me contive.

O meu celular vibra em cima da cama, deixo o meu pente em cima da penteadeira e o pego. É uma mensagem de Otto. Ele está na piscina, já chegou da agência, onde ele estava acertando os últimos detalhes com Pablo.

Uma brisa morna sopra em minha face assim que abro a porta que vai para a área da piscina. As estrelas cintilam no céu escuro. Otto está esparramado na espreguiçadeira, ele tem uma taça de vinho na mão. Vou até ele, me aninhando em seus braços, que beija o topo da minha cabeça, e eu deslizo minha mão por seu peitoral.

— Sábado está chegando. — Balbucio, como se fosse um lembrete, que eu gostaria muito de esquecer.

— Se você quiser, podemos contar tudo para a minha mãe e você pode ir morar comigo. — Ele sugere, depositando um beijo em meus lábios, os dele tem gosto de vinho.

— Já conversamos sobre isso. Não vou abandonar a sua mãe. Ela precisa de mim, ainda mais agora que as lembranças de Olivia estão mais acesas na memória dela. Não seja egoísta.

— Não estou sendo. Só estou tentando pensar em uma solução para nós.

— A única solução não era ter começado. — Digo friamente, e saio dos braços de Otto, sentando-me no chão. Não quero olhar para ele

agora. Ele odeia quando eu falo assim.

— Às vezes penso que não deveríamos ter começado mesmo. Assim eu não precisaria ver o quanto você se arrependeu. — Otto diz, num tom de voz elevado, eu consegui irritá-lo.

— Eu não me arrependi. — Abraço as minhas pernas, apoiando o meu queixo em meus joelhos. — Só queria que as coisas fossem mais simples para nós, como é para qualquer outro casal.

— Um dia, quem sabe. — Responde e afaga o meu ombro, com seus dedos gelados.

— E quanto tempo teremos que esperar até esse dia chegar? — Pergunto, desanimada.

Otto se junta a mim no chão.

— Por que você me parece tão confusa? — Pergunta.

— Não sei se vou ficar bem longe de você. Estávamos indo tão bem. Vai ficar um pouco solitário aqui.

— Vamos conversar todos os dias.

— Não é a mesma coisa que ter você aqui perto. Já estou sentindo a sua falta antes mesmo de você ir, e você não parece sentir o mesmo que eu. — Confidencio, claramente emburrada.

— Só porque não falo com palavras, não quer dizer que deixar você aqui enquanto estiver estudando no Rio, não está doendo em mim também.

— Mas não faz nenhum esforço para mudar isso. Você poderia estudar aqui.

— Já estava tudo preparado lá, antes de você chegar.

— Então eu não sou nenhum empecilho para você não ir, é isso? — Encaro-o, com raiva nos olhos. Otto suspira.

— Estou vendo que você vai tornar a nossa despedida mais difícil que deveria ser.

— Vou fazer o possível. — Cruzo os braços, mais irritada do que antes.

— Cecília, você sabe que houve todo um planejamento antes, não posso mudar tudo agora. A minha mãe não entenderia. Você deveria tentar ser mais compreensível. Você estará livre para me visitar o quanto quiser.

— Eu trabalho. — Lembrei a ele.

— Pois, é. Já conversamos em relação ao seu emprego. Seria uma forma de você me ver mais, saindo dele. Mas você se recusou, assim como eu me recuso a mudar os meus planos, e fazer faculdade aqui. A única diferença é que eu compreendi o seu lado, você gosta de trabalhar, ter o seu próprio dinheiro, mas você não consegue compreender o meu. Eu quero estudar medicina no Rio de Janeiro.

— Então agora eu sou incompreensível.

— Eu não disse isso. — Otto afirma.

— Mas insinuou.

— Não. Só estou dizendo que nenhum dos dois quer abrir mão de algo para ficarmos juntos. Droga! E só nos resta dois dias para ficarmos juntos, não acredito que vamos passar brigando.

— Não estamos brigando.

— Mas estamos caminhando para isso. — Otto diz e passa o braço pela minha cintura, tendo me desviar dele, mas ele me aperta com um pouquinho mais de força, então eu cedo.

Giro meu corpo, ficando de frente para ele, que estica as pernas, e eu vou para o seu colo, entrelaçando meus braços em seu pescoço.

— Não quero que você vá. — Insisto mais uma vez, e o semblante de Otto se fecha.

— Sábado pela manhã eu vou embora — ele diz, colocando as mãos em minha cintura e apertando o rosto em meu cabelo recém-lavado — e quero que você passe a madrugada comigo.

— Não sei se você está merecendo a minha companhia.

— A decisão é sua, só não vai se arrepender depois. — Diz e tira uma de minhas pernas de cima dele, aproveito para deixar o seu colo,

pois, sei que é exatamente isso que ele quer que eu faça.

Otto recolhe a taça e a garrafa de vinho, seguindo com os dois em direção à porta.

— Onde você vai? — Pergunto a ele, que se vira para mim. Uma brisa sopra o cabelo dele.

— Dormir. — Responde. — Tive um dia cheio e você não está cooperando.

— Ótimo! Pode ir! — E ele foi mesmo, batendo a porta com força atrás de si.

Olho para o alto, contemplando a beleza das estrelas, pensando que Otto é um problema que eu não precisava ter arranjado. Foi exatamente essas palavras que tia Luciana usou para falar comigo, quando eu disse a ela que eu não sabia se aguentaria ficar longe dele.

— Pense no que Vera fez por você, mas pense a cada minuto do seu dia, quem sabe assim a sua consciência pesa.

Talvez a partida de Otto realmente seja boa, ela colocará o nosso amor a prova, decidira se continuaremos com essa relação ou não. Se continuar não sei quanto tempo eu poderei escondê-la de Vera, ainda mais com a mãe de Sophia a minha espreita. Alguns dias atrás Vera me convidou para um jantar com Franciele, eu queria ter recusado, mas gostava de ser gentil com as amigas da mulher que me estendeu a mão, mesmo se tratando da mãe de Sophia.

— Você é tão bonita, Cecília, já está aqui há alguns meses e ainda não arranhou nenhum namorado. — Ela disse, como se o fato de eu ser bonita era um motivo para eu estar namorando.

Senti meu rosto em chamas ao pensar em Otto, com um sorriso bobo no rosto.

— Você está namorando, Cecília? — Vera disse, ela já estava conhecendo o meu jeito, e mais um tempo juntas e eu não conseguiria esconder mais nada dela.

— Eu... eu? ... — Gaguejei... — Claro que não.

— Por que ficou tão nervosa? — Perguntou. Sophia deixou o celular de lado e finalmente veio em minha defesa, porque se eu continuasse gaguejando iria entregar a mim mesma.

— Mamãe! A Cecília não está confortável em falar sobre este assunto. A vida amorosa dela só interessa a ela.

— Então você sabe de alguém? Quem é o pretendente? — Insistiu, deixando-me ainda mais nervosa.

— Não existe pretendente. — Respondi. — Quando tiver não farei questão de esconder de ninguém. — A minha fala fez com que Sophia explodisse em uma gargalhada, fuzilei ela com o olhar.

— Desculpe. — Ela disse, tentando esconder o riso.

— Não entendi, qual é a graça. — Vera disse.

— É que eu me lembrei de uma coisa.

— E você, filha querida, qual é o namorado da vez? — Essa pergunta fez Sophia bufar.

É com esses pensamentos que deixo a área da piscina, e sei que essa noite, não dormirei nos braços de Otto, e reconforto-me com isso, sei que existirá mais noites como essa.

Capítulo 36

A festa de despedida de Otto já estava rolando quando cheguei do meu trabalho. Tive que ficar até mais tarde, na verdade, vi a oportunidade perfeita quando Cristiana pediu que alguém se voluntariasse para ficar no lugar de uma das funcionárias que havia faltado, eu queria me livrar de Otto hoje, dessa festa de despedida que eu tinha por obrigação participar. Já tive tantas despedidas em minha vida, várias crianças que deixaram o orfanato, mas ainda não me acostumei com ela, ainda mais agora que o sentimento está crescendo em mim com força.

Cabisbaixa, entro, pensando em quem eu poderei encontrar por aqui. As conversas que passam pela porta que dá acesso à área da piscina, indica que há muitos convidados, pessoas que provavelmente eu nunca vi na minha vida, já que os únicos amigos que conheço de Otto são Sophia, Pablo e Thiago, e eu espero que este último não esteja presente. E é em meio a falas e risadas que de repente me sinto pequena, como se esse lugar não me pertencesse, ou como se eu não pertencesse a esse lugar. Como se

eu fosse um peixe fora d'água. Tenho muito o que aprender ainda sobre este novo mundo, que me foi oferecido.

Balanço a cabeça negativamente e fecho a mão na alça da minha bolsa, indo para o meu quarto. Entro e fecho a porta com mais força do que o necessário. Antes dos meus dedos chegarem ao interruptor sou surpreendida com mãos em minha cintura, empurrando-me contra a porta, mas não preciso de luz para reconhecer esse toque e muito menos o seu cheiro. Ele inclina sua cabeça para baixo, deixando beijos em meu pescoço até que encontra a minha boca, permito-me relaxar em seus braços, sabendo que com ele eu pertenço sim a esse lugar.

— Nunca fui recebida tão bem em minha vida. — Sussurro contra seus lábios, que tem um leve gosto de chiclete de hortelã e vinho. Otto encosta sua testa na minha, ele tem um olhar travesso, como se tivesse há um bom tempo me esperando.

— Você não disse que iria chegar tarde. Estava me evitando? — Ele pergunta, brincando com uma mecha do meu cabelo.

— Agora, não mais. — Digo, enterrando minha mão em seu cabelo, enquanto tomo a sua boca para mais um beijo.

— Está preparada para a festa? — Pergunta, então saio dos braços dele e jogo a minha bolsa sobre a cama.

Acomodo-me no chão e tiro os meus sapatos, os olhos de Otto a todo tempo está sobre mim, analisando cada gesto meu.

— Não sei se estou afim de participar.

— Mamãe está esperando a sua presença. Ela está preocupada com a sua demora.

— Eu esqueci de avisá-la que eu chegaria tarde. — Digo, pensando que o fato de eu não ir lá para cima deixaria Vera triste. — Tudo bem. — Coloco-me de pé. — Vou fazer um esforço. Mas me responda se tem muitas pessoas lá em cima, tenho a sensação que há uma multidão lá.

— Só alguns amigos. — Otto responde, com um sorriso.

Depois de um banho, que eu fiz questão que demorasse mais do que o habitual, subi a escada sem pressa alguma para conhecer mais alguns dos amigos do Otto. Estou me sentindo um peixe fora d'água, ao mesmo tempo, que sei que posso contar com a companhia de Vera, e também tem a Sophia, se ela ainda estiver sóbria, com certeza não deixará com que me sinta sozinha.

Assim que aponto na porta, sou recepcionada por Vera com um abraço e um beijo no rosto como ela sempre faz.

— Por que não me avisou que iria chegar mais tarde? — Ela pergunta, segurando minhas mãos, com delicadeza.

— Esqueci. — Digo, lembrando que eu esqueci porque passei o dia todo pensando na partida de Otto.

Otto tem muitos amigos, pelo menos o que ele conseguiu colocar na cobertura, ele convidou. Pablo também está aqui, na última vez que o vi, foi exatamente na cobertura do meu prédio, e ele não aceitou muito bem o que estava acontecendo entre mim e o melhor amigo. Não ousei perguntar ao meu namorado secreto se ele tinha dito alguma coisa em relação a nós dois, depois daquele dia.

Timidamente, me aproximo dele, que tem um copo nas mãos. Ele está com um dos pés apoiado na mureta do parapeito enquanto o outro está no chão. Está bebendo algo enquanto seu

olhar está em um ponto fixo. Olho para trás só para confirmar mais uma vez que ele está babando por Sophia, que conversa com uma mulher que não conheço.

— Oi! — Digo a ele, que deixa Sophia, agora me encarando.
— Faz um tempinho que a gente não se vê.

— Acho que sim. E da última vez não fui muito legal. A vida é de vocês, eu não tinha que me intrometer, então, desculpe. — Ele diz, com olhos gentis.

— Não existe nada entre nós. — Minto, sabendo que provavelmente Otto realmente já tenha contado tudo para ele.

— Só um cego não vê.

— Está tão óbvio assim?

— Vocês nem disfarçam a forma que olham um para o outro. E se disfarçam, não estão empenhando bem o papel de vocês.

— Droga! Pensei que eu iria ganhar um Oscar pela minha atuação de como não demonstrar que estou apaixonada pelo meu irmão postiço. — Brinco e Pablo dá um leve sorriso.

Fui apresentada para alguns amigos do Otto pelo próprio, que se arrependeu quando um deles deu em cima de mim, deixando o meu namorado secreto enciumado. Thiago também está na festa, mas parece ter me esquecido, ele nem sequer falou comigo, e eu achei isso muito bom. Não quero confusão com ele, porque se ele continuasse agindo daquela forma comigo, é só o que ele teria de mim, o desprezo.

Estou tendo poucas interações com Otto, já que ele tem muitas pessoas para dar atenção. Vera foi dormir cedo. Ela tem plantão pela manhã.

A festa terminou depois das duas da manhã, mas não ficamos muito tempo na cama, já que teríamos que receber uma equipe de limpeza, assim não sobrecarregando muito a Helena.

Surpreendo a mim mesma não indo trabalhar, e isso me custaria uma advertência e alguns reais a menos no final do mês. Mas isso não é importante quando Otto está de viagem marcada para a manhã de sábado, eu só queria aproveitar o dia com ele.

Tento não falar muito na viagem, e sim falar de coisas boas, aproveitar o tempo que nos resta antes de ele finalmente ir. À noite, Vera cozinha para nós, é a primeira vez que ela faz isso desde que cheguei aqui, mas ela está fazendo isso pelo Otto. Deixo os dois a sós, sinto que eles precisam desse tempo, sozinhos, então aproveito a companhia da solidão para chorar as lágrimas que não chorei durante o dia. Não era em dor que eu pensei, quando um dia sonhei com o amor.

Quando Vera foi dormir, me esgueirei mais uma vez pelo corredor e bati de leve na porta do quarto de Otto. Ele nem perguntou quem era, logo abriu, já conhecendo a maneira como bato na porta. Passamos a maior parte na noite em claro, conversando, planejando a forma que nos falaríamos, os horários. Às vezes meu olhar cai sobre a mala dele, no canto do quarto, ela indica que é real, ele realmente está indo embora.

Quando o alarme do celular de Otto tocou, apresso-me em deixar o quarto, Vera poderá entrar por aquela porta a qualquer momento, principalmente porque essas são as últimas horas que ela terá com o filho antes de ele viajar, provavelmente eles só irão se ver pessoalmente no final do ano, deixando um enorme rastro de saudade.

Apresso-me em me arrumar, irei com Vera e Otto até o aeroporto antes de partir para o trabalho. Visto o meu uniforme e corro para a mesa do café da manhã, Vera já tinha preparado tudo, então acredito que ela tenha levantado muito antes de Otto e eu. Será que ela bateu na porta do meu quarto e recebeu como resposta o silêncio?

Ela está calada enquanto corta uma maçã em fatias. Acomodo-me na cadeira e me sirvo de um pouco de café. Otto chega alguns minutos depois, deixa um beijo na bochecha dela e os dois se juntam a mim, na mesa.

Otto parece tranquilo com a viagem ou ele é muito bom em controlar suas emoções, diferente de mim que sinto que a qualquer momento vou inundar essa mesa com lágrimas, e quando olho para a face de Vera, sei que ela está se contendo, seus olhos estão cheios de lágrimas também, e isso me quebra. Vera é boa demais, e odeio vê-la triste.

— Você poderia fazer a sua faculdade aqui se quisesse. — Vera finalmente diz.

— Mãe, já conversamos sobre isso.

— Você é um filho muito egoísta. — Essas palavras não foram nada agradáveis aos ouvidos de Otto, que fecha o semblante, desistindo de comer a sua batata-doce.

— Estou quase na hora de viajar e a senhora vem com isso. Não podemos ser felizes ao invés de ficar brigando por besteiras?

— Deixar a sua mãe sozinha é besteira? — Pergunta Vera, e eu congelo em meu lugar, acho que ela esqueceu de um pequeno detalhe nesta mesa: eu. Acho que esse é o momento que ela esquece que eu também faço parte da família, portanto, não ficará

sozinha. Mas o sangue sempre falará mais alto, é algo que eu tento lidar no dia a dia, tendo isso sempre em mente, mas quando essa realidade, caí de paraquedas em seu colo traz consigo uma dor na alma.

— Não vou deixar a senhora sozinha, vamos nos falar todos os dias, e a senhora tem a Cecília.

— Acho que não é a mesma coisa que um filho de sangue.
— Desdenho e depois sorriu sem nenhum humor.

— Cecília, eu não quis dizer isso. — Diz Vera, com um olhar de arrependimento por ter iniciado essa discussão.

— Tudo bem. Já tive outras famílias adotivas antes, e sei como elas sempre agem no final. — Sopro o meu café e dou um gole nele.

— Você está me comparando com os seus outros pais adotivos? — Não respondo, ela não precisa de uma resposta, pois, já sabe qual é. — Cecília amo você, assim como amo o Otto.

— A senhora sabe que não é verdade, mas acredito sim que a senhora me ama.

— Acho melhor pararmos por aqui. Já tornamos a minha partida trágica o suficiente. — Otto intervém.

No aeroporto, Vera desaba, jogando os braços no pescoço do filho, chorando amargamente a partida dele, sei que nesse momento ela está se lembrando de Olívia, e o medo de não ver o filho novamente está estampado em sua face.

Otto, o insensível, não derramou nenhuma lágrima, e enquanto Vera tenta secar as dela com um lenço, que ela trouxe porque já sabia que iria chorar, aproveito para me atirar nos braços de Otto, abraçando-o mais forte do que eu conseguia. Neste

momento me descontrolei e deixo as lágrimas rolarem livres pelas minhas bochechas, não me importando muito sobre o que Vera pensaria da minha reação. Otto me solta, passa a mão em minha face, limpando as lágrimas, depois aperta os lábios delicadamente em minha testa.

— Falo com você mais tarde. Te amo. — Sussurra a última frase com os lábios em meu ouvido e essa é a primeira vez que escuto ele dizer isso, e emocionada demais com as duas palavras não consigo nem dizer eu também.

Vera me puxa para ela, abraçando-me em um gesto reconfortante e cheio de ternura.

No carro, com as lágrimas já controladas, encosto a minha testa na janela e vejo um avião cortando o céu. Olho a hora no celular, é o avião com Otto partindo. Vera está em silêncio, seguro na mão dela e ela olha para mim.

— Desculpe pelo que aconteceu no café. — Digo.

— Não, eu que te peço desculpas por eu ter feito você pensar que não faz parte da família, mas quero que você saiba que você faz, e jamais quero que você pense que é diferente do Otto, amo os dois de forma igual, eu não estava aceitando a partida dele e falei de forma equivocada sem me dar conta de que eu poderia te ofender. Quando estamos com raiva dizemos coisas que não queremos. Eu não estava só triste pela partida dele, mas com raiva também, e ainda estou, na verdade, nenhuma mãe está pronta para ver o filho criar asas e voar.

— Será que a senhora vai agir assim também quando eu criar asas e voar?

— Para onde você está pretendendo ir, Cecília querida? Temos que nos conhecer um pouquinho mais ainda.

— Por enquanto, a lugar nenhum. Pretendo ficar um tempo com a senhora ainda, retribuir tudo o que a senhora fez por mim.

— Cecília, se você quer fazer algo, faça, não fique presa na obrigação de retribuir o que fiz por você, fiz por amor, nada, além disso, você não tem obrigação nenhuma comigo.

— Ok. Posso usar essas palavras contra a senhora em um futuro próximo. — Digo, deixando um sorriso despontar em minha face, depois de um tempo de lágrimas.

Capítulo 37

Os primeiros dias sem Otto em casa foram os mais difíceis. À noite era quando eu sentia mais falta dele, às vezes mesmo sabendo que eu não o encontraria lá, esgueirava-me pelo corredor e entrava no quarto dele, dormia algumas horas na cama dele e depois retornava para a minha.

Tive que arranjar maneiras de ocupar as minhas horas livres, já que ele não estaria aqui e contava com Sophia para isso, mas eu não gostava muito de passar horas em festas, gosto de ser caseira, então comecei a planejar algumas coisas para fazer com Vera. Um cinema era melhor para mim do que ir em um lugar com música alta, regada a cerveja.

Às vezes era difícil Otto atender uma chamada minha, a faculdade estava tomando muito o tempo dele, e eu queria realmente acreditar que era esse realmente o motivo, não que a nossa relação já estivesse esfriando com o tempo. Já fazia três meses que ele tinha ido, três meses que eu não sabia mais como era o toque de sua pele, que se tornou apenas uma lembrança.

Vera está mais animada, está deixando a tristeza com a partida do filho de lado, e isso me animou um pouco também, vê-la triste pelo canto da casa era uma coisa que tirava todo o meu ânimo, ainda mais quando

eu tinha certeza que na cabecinha dela estava se passando pensamentos relacionados a Otto e Olivia, principalmente Olivia.

Em outubro eu fui demitida do meu emprego, o que pegou de surpresa não só a mim, mas o restante dos funcionários da loja também. Eu podia não ser a funcionária perfeita, mas estava ali para fazer o que eu fui contratada: vender sapatos. E em setembro eu havia batido todos os meus recordes de vendas, e também fui a vendedora que mais vendeu naquele mês e no anterior também. Eu só tinha duas faltas, a que eu faltei quando tive aquela pequena discussão com Vera e o último dia de Otto na cidade, depois disso me empenhei ao máximo para que isso não ocorresse novamente. Não havia motivos para eu ser dispensada, e a loja não estava passando por nenhuma crise financeira.

Dois dias depois Ohana me ligou, convidando-me a ir tomar um açaí com ela, então me contou que eu fui demitida porque Cristiana estava com medo que eu tomasse o lugar dela como gerente. Dois dias antes da minha demissão, a dona da loja foi fazer uma visita, conversamos um pouco e nesse meio tempo descobri que Vera foi médica do pai dela, e ela também elogiou muito o meu desempenho nas vendas.

Isso só foi uma das coisas ruins que aconteceram comigo naquele período.

Otto estava me ligando com a mesma frequência, respondia as minhas mensagens com respostas curtas, não detalhando mais o seu dia a dia. Eu tentava ignorar, ele estava muito ocupado com a faculdade e era somente isso.

Troquei a viagem que Otto me deu para janeiro, já que eu não tinha mais emprego, pensei em convidá-lo, já que essa era a ideia inicial dele, mas meus planos mudaram novamente, e em dezembro, cinco dias antes do natal, eu e Vera pegamos o avião para irmos ao lugar onde tudo entre nós começou, para o clube do senhor Francisco.



A alguns dias de completar um ano que eu faço parte da família Cavalcante, essa é a primeira vez que eu participarei de uma data comemorativa como membro da família. Lembro de natais de anos anteriores, onde todas as crianças dos orfanatos se reuniam. Era a época do ano que o orfanato mais recebia doações, onde as crianças ao mesmo tempo que ficavam felizes pelos presentes recebidos, ficavam tristes por sentirem falta de uma mãe. Sei que a partir do dia primeiro de janeiro elas estarão aqui, sete delas já foram adotadas, e mais sete já entraram no lugar delas.

A área do clube é maior que eu tinha imaginado, e bem além de um enorme muro, com um portão tão grande quanto ele feito todo de metal sem nenhuma barra, está a mansão do senhor Francisco. É aqui que ficarei hospedada mais o restante da família, incluindo Henri, reviro os olhos só de pensar nisso.

O senhor Francisco parece mais debilitado do que da última vez que eu o vi, ele faz um esforço enorme para se levantar do sofá xadrez, apoiando-se em sua bengala. Vera corre para ajudá-lo.

— Eu só queria dar um abraço na mocinha ali. — Ele diz, com um enorme sorriso no rosto.

Vou ao encontro dele e o abraço, e nesse pequeno gesto sinto que não preciso temer, eu realmente estou em casa, e o senhor Francisco fará com que eu realmente me sinta assim.

O quarto que vou dividir com Vera é enorme, com uma cama que com certeza caberia umas três pessoas. O tapete persa é macio embaixo dos meus pés descalços. A cortina verde-sálvia está entreaberta. Inclino-me na janela e consigo ver o clube, meu coração se enche de alegria.

— E pensar que aqui que tudo começou. — Diz Vera, juntando-se a mim na janela. — Otto chega daqui a dois dias.

— Ele me falou.

Sim, ele também vai se reunir conosco, portanto, teremos finalmente alguns dias juntos depois de dois longos meses separados.



É no corredor da casa que eu me deparo com ele pela primeira vez. Henri não tinha mudado nada, me lançou um sorriso doce para depois revelar o seu verdadeiro lado, mostrando um olhar perverso.

— Então você ficou na família mesmo. — Diz ele, cheio de indiferença.

— Vai fingir que não sabia, é?

Ele entra em seu quarto, como se ficar em um mesmo ambiente que eu fosse lhe causar alguma doença.

No dia seguinte, Vera vai até à cidade e eu fico no clube. Aproveito para passar uma maravilhosa manhã na piscina da casa, que fica do lado direito do terreno, do lado esquerdo, fica o portão, avisto ele sendo aberto, me revelando Otto, trazendo uma mala. Estreito os olhos só para confirmar, ele não deveria estar aqui, só chegaria depois de amanhã.

Nado apressada até a borda e saio da água. Nem me preocupo em calçar um chinelo ao correr para ele.

— Otto! — Chamo por ele, que olha em minha direção, assustado com o jeito que eu corro em sua direção, mas não me importo, a saudade é tanto que o quero nos meus braços o mais rápido que eu conseguir.

Então ele deixa a sua mala e me recepciona com um abraço, não se importando nem um pouco com fato de eu estar molhando-o. Ele

inclina sua cabeça para baixo e me beija sobre o sol quente de verão.

— Que saudades! — Digo com toda a força do meu coração. — Pensei que você só chegasse amanhã. — Seguro em seu rosto com as duas mãos, depois o acaricio, só para ter certeza que ele realmente está aqui, mas o beijo já tinha sido o suficiente.

— Resolvi fazer uma surpresa.

— Para mim, ou para a sua mãe?

— Para às duas. — Ele responde, apertando-me contra ele, então me beija novamente.

— Pensei que você tivesse desistido de mim. — Digo.

— Nunca diga isso! — Otto me ergue no ar. — Eu estava louco para te ver.

— Mas parecia tão distante nas mensagens.

— Desculpe-me se eu aparentei isso, mas estudar medicina não é fácil, exige muito do meu tempo. Se eu não me dedicar a ela, com certeza ela não vai se dedicar a mim.

Otto pega a mala e segue em direção a casa, eu o acompanho.

— Onde está a mamãe?

— Ela foi na cidade. — Respondo. — Mas daqui a pouco ela estará de volta.

Ele passa o braço pela minha cintura e caminhamos assim até chegarmos à porta. Não há ninguém na sala para nos recepcionar e então o acompanho até seu quarto.

— Vou dividir o quarto com Henri. — Otto me alerta. Suspiro, raivosa.

— Que decepção. — Deixo os meus ombros caírem.

— Arranjarei algum jeito de ficarmos mais tempo, juntos.

— Não é só com isso que estou preocupada, mas você vai dividir um quarto com aquele cara. — Otto dá uma risadinha e depois acaricia a minha face.

— Eu sei lidar com o meu primo. Não se preocupe com o meu bem-estar. Vou sobreviver, já sobrevivi tantas outras vezes dividindo o quarto com ele.

— Promete-me?

— É sério que você está realmente com medo do que o Henri possa a vir fazer comigo? — Assinto e Otto ergue as sobrancelhas.

— Só estou brincando. Posso te ajudar a desfazer a mala?

— Sim. Assim poderemos colocar as novidades em dia.

Coloquei a última roupa de Otto na gaveta da cômoda. Ele acabou não fazendo nada, assim que recebeu a primeira mensagem no celular, o que me irritou ao extremo. Toda vez que eu olhava para trás o flagrava sorrindo diante da tela do aparelho.

— Terminei! — Digo e fecho a gaveta com uma certa brutalidade, atraindo finalmente o olhar de Otto para mim. — Obrigada por ter me ajudado. — Coloco as minhas mãos na cintura, só para eu exagerar no meu drama.

— O que eu fiz? — Ele pergunta, com um rosto cheio de confusão.

— O que você não fez, né?

— Dá para você ser mais específica — Ele pede.

— Com que você está trocando mensagens para te deixar distraído o suficiente a ponto de não me ajudar a desfazer a sua própria mala?

— Ciúmes, senhorita Cecília?

— Sim, senhor Otto. E muito ainda. Se está namorando alguém no Rio de Janeiro é a sua chance de falar. Não sou obrigada a ficar esperando por você e muito menos levar chifre.

Otto deixa a cama e vem até mim, segura com delicadeza em meus braços.

— A minha mãe não me criou para ser esse tipo de homem.

— Então prove. — Otto estende o celular para mim. Balanço a cabeça negativamente. — Não vou ler as suas mensagens.

— Estou falando com o Pablo. Nós damos muitas risadas quando trocamos mensagens ou quando conversamos pessoalmente, pensei que você já soubesse disso. — Ele coloca o telefone na minha cara, e sem opção vejo as últimas mensagens trocadas com Pablo, abaixo a cabeça, sentindo-me envergonhada.

— Como eu fui idiota. Desculpe.

— Não precisa desconfiar de mim. — Otto me puxa para ele. — Quando eu não quiser mais nada com você, não vou ficar te prendendo a mim e muito menos te enganando. Quero o seu bem, o suficiente para não te fazer sofrer. Quando lhe disse eu te amo aquela vez, não foi só no momento, porque eu estava eufórico demais ao me despedir de você. — Otto levanta o meu queixo. — Eu te amo mesmo, e a distância só me comprovou isso.

— Embora eu não tenha dado a você uma resposta naquele dia, só quero que você saiba que eu te amo também. — Finalmente tomo coragem para dizer o que sinto por ele, palavras que eu queria dizer há muito tempo, mas que nunca encontrei o momento certo para tirá-las de dentro de mim.

Otto me acompanha até a porta.

— Prometo que quando chegarmos em casa vou desfazer as suas malas só para te recompensar. — Otto diz, com um olhar cheio de ternura.

— Vou te cobrar. — Digo e inclino-me sobre as pontas dos pés para beijá-lo, e nesse momento alguém pigarreia a alguns centímetros de distância de nós.

Não, não, não, penso, mas essa palavra não vai desfazer o que foi visto.

— Pegando a irmãzinha, priminho querido.

Otto me deixa e se vira para um Henri com um ar de escárnio. O olhar de Otto fica sombrio de repente, como eu nunca tinha visto antes.

— Cecília, vá para o quarto eu vou resolver isso. — Apesar dele pedir, não movo nenhum músculo. Estou em uma enrascada e sei muito

bem o que Henri fará com o que ele viu.

— Cecília, acho que sua missão na família é passar pelas mãos de todos os herdeiros. — Ele tem um sorriso de escárnio no rosto ao soltar as palavras com tamanha maldade, mas Otto é o mais ofendido, ele me surpreende ao correr em direção ao primo. Ele fecha o punho e o soca no rosto.

— Cale a boca! — Otto esbraveja e o segura pelo colarinho de sua camisa caríssima.

— Ela é uma vadia! E está enganando todo mundo. — Mais um soco é desferido e estou sem reação.

— Otto, pare antes que você o machuque! — Peço e Otto parece voltar a si, sai de cima de Henri, mas ele não é do tipo que desiste fácil, vai provocar até quando decidir que já chega. Ele se põe de pé.

— O que titia vai achar disso? Irmão com irmã, isso é nojento! Mesmo que a vadia não seja sangue do seu sangue!

Um novo rompante de raiva passa pela face de Otto, que joga Henri para trás, com um soco no peito, ele cai, esbarrando na mesinha, que tem um jarro contendo algumas flores, que se espatifa no chão, fazendo barulho suficiente para chamar a atenção de quem estiver por perto. E é ela que chega. Vera.

Há lágrimas em meus olhos. Sinto frio até em meus ossos.

A mulher que me deu um futuro, está olhando horrorizada para a cena, o filho se preparando para dar mais um soco no primo, e ele faz, está tão furioso que nem mesmo viu a mãe ali.

— Otto! — Ela o chama, e ele finalmente parece voltar a si. — Sai de perto do Henri agora. — Ele a obedece. — O que está acontecendo aqui? Como vocês podem estar brigando? Por que vocês estão brigando?

— Ele ofendeu a Cecília. — Otto responde, sem nenhum arrependimento no olhar pelo que fez.

— E isso é motivo de socar a cara dele? Poderíamos resolver isso de outra maneira. — Então Henri gargalha e diz:

— Não há outra maneira de resolver uma ofensa referida a garota que estamos pegando, não é Otto? Como é estar apaixonado pela irmã postixa?

Capítulo 38

Meu estômago embrulha com a tamanha maldade que vejo no olhar de Henri ao entregar eu e Otto para Vera. Ele é perverso, cruel e mentiroso com as palavras. Ele está insinuando ou afirmando que está me pegando só para deixar a minha situação pior que já aparenta estar?

Vera tem o olhar mais duro que já vi. Ela endireita seu corpo e ergue o queixo, deixando a compaixão que sentiu ao ver o sobrinho ferido no chão de lado, e ele percebe isso, a tia está odiando-o, e esse não parece ser exatamente o resultado que ele estava esperando.

De repente os olhos de Henri ficam tristes, como se ele tivesse acabado de perceber que suas palavras não iriam prejudicar somente a mim, mas tinha deixado a tia em um estado deplorável de tristeza. Ele se retrai, olha para o primo, como se pedisse desculpas em silêncio pelo o que fez, porém, nada mais poderá ser feito, não se apaga palavras ditas.

— Acompanhem-me. — Diz Vera, seriamente, para mim e Otto. — Enquanto a você, Henri, acho que você pode cuidar de si

mesmo, você já fez o suficiente cuidando da vida dos outros. — Ele engole em seco.

Vera segue na frente, entra no quarto, Otto vai logo atrás dela. Olho para a extensão do corredor, pensando em fugir desta conversa que eu sabia que um dia aconteceria, mas nunca imaginei que seria nesse local e muito menos que Vera descobriria dessa maneira. Eu esperava que um dia a verdade sobre a minha relação com Otto tivesse saído da minha boca, não pela de terceiros, e muito menos pela de Henri.

Receosa, entro no quarto. Cruzo meus braços, encarando o chão, envergonhada. Sinto o olhar de Vera me queimando, quero localizar o olhar de Otto, mas não consigo erguer o meu. Não sei como ele está reagindo a essa situação, se tem tanto medo quanto eu, na verdade, da reação da mãe.

— Cecília, vista-se! — Manda Vera, autoritária, como ela nunca havia sido antes. Como se eu vestida de biquíni na frente de Otto fosse a coisa mais pervertida do mundo, o que neste exato momento para ela parece realmente ser.

Apressada, pego o puxador da gaveta da cômoda, abro-a e pego uma blusa e um short qualquer. Visto-os ali mesmo sobre o meu biquíni.

— Sente-se! — Ela aponta para a cama e vou até lá, obedecendo sua ordem. Ela olha para o filho, sugerindo que ele faça o mesmo. Otto suspira, irritado, mas obedece.

Ele tem um olhar cúmplice para mim antes de se sentar e encarar a mãe, que tem os lábios crispados e o olhar indecifrável, mas sei que beira a decepção, ela não está duvidando nem um pouco das palavras de Henri, então a opção aqui não é mentir.

— Nunca imaginei presenciar uma cena como aquela na minha vida. — Vera diz, lamentando. — Meu filho, não te criei para isso, sempre te disse que o uso da força física não resolve nada.

— Perdi a cabeça. — Diz Otto, mas ainda assim não parece arrependido, se ele pudesse, socaria mais um pouquinho a cara de Henri, se eu pudesse também faria o mesmo.

— E todas às vezes que perder a cabeça vai ser assim ou só quando se tratar da Cecília? — Meus lábios tremem, não gosto de indiretas, e essa parece ter o gosto mais amargo do que as outras.

— Então eu tinha que deixá-lo ofender a Cecília, e não ter mostrado nenhuma reação? — Pergunta Otto, com a voz firme, o olhar fixo na mãe.

— Você poderia ter resolvido conversando.

— Eu e a senhora, sabemos que com o Henri, nada se resolve conversando.

— Isso não te dá o direito de agredi-lo daquela maneira.

— Sei que os meus métodos não agradaram a senhora, mas sou grandinho o suficiente para ficar escutando seus sermões. — Uma sombra de tristeza cobre as feições de Vera, essa não era a resposta que ela esperava do filho.

— É dessa maneira que você fala com a sua mãe a partir de agora? Desde quando você fala assim comigo?

— Desculpe. Não quero chateá-la.

— Sim, você não quer, mas vai, se você conseguir com isso o objetivo de contornar a conversa principal. — Encolho-me no meu lugar, sinto náuseas. A palavra traidora está escrita em minha testa. — O que Henri estava insinuando relacionado a vocês? — Ela aponta para mim e Otto.

— Mentiras para prejudicar a Cecília. — Diz Otto, de uma maneira tão convincente que poderia convencer a ter a mim, que sou a conhecedora da verdade sobre o assunto, mas Vera está implacável.

— Não se sugere uma coisa dessa sem ter uma base. Algo o Henri viu para ter dito aquilo. O que ele viu, um de vocês dois vai ter que me dizer. Cecília! — Ela implora que eu diga a verdade, mas me faltam palavras, me falta coragem para dizer que eu estava ficando com o filho dela embaixo do teto que ela me acolheu como uma mãe. Então a decepção mais uma vez. — Certo.

Nervosa, Vera dá uma volta pelo quarto e retorna para nós.

— Cecília, quantas vezes você visitava o Otto escondido nas madrugadas? — A pergunta de Vera é uma pancada em meu peito. Solto um suspiro pesado, penso em mais uma vez em correr e fugir desta conversa. Ela realmente sabe. Sempre soube. Levo as mãos em minha face, querendo esconder a minha vergonha. Otto põe a mão em minhas costas, afagando-as. — Tire a mão dela! — Ordena Vera, e percebo que ela mais do que ninguém tem horror a nós dois juntos.

— Mãe, a senhora está exagerando. — Diz Otto, com a mão ainda em mim. Há lágrimas em meus olhos, e elas transbordam como um rio cheio em dia de tempestade.

— Como vocês dois conseguiram ser tão cínicos comigo durante todo esse tempo? — Há dor na voz de Vera, como se ela tivesse acabado de receber uma punhalada no peito. — Eu confiava em vocês, e o que vocês faziam pelas minhas costas não eram compatíveis para o que eu esperava da relação de vocês. Otto, eu esperava mais de você.

— Desculpe se eu te desapontei, mãe, mas não sou perfeito. E nada do que aconteceu entre mim e a Cecília foi intencional.

— Não foi intencional? — Finalmente levanto meu olhar, encarando uma triste e desapontada Vera. — Vocês tinham opções. Uma delas, era não seguir com isso. Vocês não pensaram em mim?

— Sim, pensamos. Mas a senhora já amou na vida, sabe que não é tão fácil dizer não, como a senhora está tentando fazer parecer.

— Tenho idade o suficiente para ter amado várias vezes e saber que dor de amor não mata. Não precisávamos estar passando por isso agora, um de vocês poderia ter dito não. Cecília?

Tenho que dizer alguma coisa. Vera espera isso de mim, algo que justifique o que está acontecendo, mas não existe nada que justifique o meu relacionamento com Otto, então eu peço desculpas.

— Desculpe-me por ter decepcionado a senhora, que depositou tanta fé em mim, e a minha forma de retribuição foi o erro que cometi ao me apaixonar pelo seu filho. — Vera tem um olhar frio.

— Se apaixonar pelo meu filho? Você não pode estar falando sério?

— Desculpe-me. — Peço mais uma vez, enquanto lágrimas pesadas rolam pelo meu rosto, ela não vai me perdoar nunca.

— Eu estava desconfiada de algo, não por sua parte, Cecília, eu te conhecia tão pouco, mas conhecia o meu filho muito bem para saber a diferença de como ele olha para uma amiga, e como ele olha para uma garota que está apaixonado. Conversei com ele uma vez, que disse que eu estava equivocada, acreditei em Otto, na

negativa dele, mas acho que eu deveria ter conversado mais, ter pedido que ele tivesse ido embora para o Rio antes dessa tragédia acontecer. As pessoas vão ficar falando.

— Sério, mãe, que a senhora está preocupada com o que os outros vão falar?

— Não levei uma namorada para você, quando levei Cecília para casa! — Vera aponta o dedo para face de Otto, de maneira acusatória.

— A senhora acha que eu a seduzi, é isso? — Agora quem está decepcionado é Otto.

— Otto não é o único culpado nessa história, nós dois somos culpados por isso. — Digo. — Poderíamos ter resistido mais, mesmo assim não fizemos. E eu deveria ter dito a senhora antes que alguém dissesse, mas é exatamente dessa reação que eu tive medo, por isso preferir manter o nosso relacionamento escondido.

— Relacionamento? — Vera uni as sobrancelhas. — Isso não é um relacionamento. Vocês estão confundindo as coisas. Estão deixando se levar pela imaturidade. Não posso deixar isso ir adiante.

— Mãe, a decisão não é sua. — Otto diz, e Vera coloca as mãos na cintura.

— Eu não vou permitir que essa relação vá adiante, não importa o quanto você queira.

— E o que a senhora vai fazer a respeito? — Pergunta Otto, e o olhar de Vera cai sobre mim. Encaro-a, conheço esse olhar, já vi ele nos rostos de cada pessoa das famílias que me adotaram e depois resolveram se livrar de mim, uma nova onda de lágrimas

transborda dos meus olhos, nunca pensei que Vera pudesse me olhar dessa forma.

Como se ela pressentisse que eu entendi o que se passava na cabeça dela, um lampejo de arrependimento passa pelos seus olhos. Então ela chora.

— Desculpe-me, desculpe-me. — Ela pede, mas não diz o motivo pelo que pede, mas sei qual é, mas seu pedido não vai mudar o que vi em seus olhos.

O silêncio invade o quarto e ele é perturbador. Vera quer uma solução para o que está acontecendo e, quer logo.

— Eu escutava passos no corredor de madrugada. — Ela diz. — Portas rangendo e depois se fechando. Risinhos. Sussurros. Às vezes eu fechava os olhos e fingia que eu não estava escutando. Eles estão apenas se entrosando. Sendo amigos. Não é nada de mais. Mas o segredo com que vocês se encontravam pela madrugada me intrigava, mesmo assim eu decidi continuar confiando em vocês. Depois eu relaxei, parei de prestar atenção em vocês. Otto iria embora, logo Cecília estaria namorando e iria ficar tudo bem. Nada aconteceria entre vocês, mas acho que não foi bem isso que aconteceu. — Vera suspira e segue em direção à porta, pega a maçaneta e a gira. — Preciso digerir tudo isso. — Diz e sai para fora. Fecha a porta e eu termino de derramar as minhas lágrimas.

— Ela me odeia. — Digo, sabendo o quanto isso de fato me machuca.

— Isso não é verdade. Ela só está nervosa, logo se acalmará. — Diz Otto, querendo me reconfortar, mas nada do que

ele disser vai devolver a minha paz de espírito. Ele se ajoelha em minha frente.

— Como vou olhar no rosto dela depois disso? Como conseguirei viver sobre o mesmo teto que ela sabendo que ela não confia mais em mim? Sua mãe me deu tudo e eu não dei o mínimo para ela, que é a confiança. — Otto segura as minhas duas mãos.

— Se você não quiser voltar para casa, venha comigo para o Rio. — Otto faz o convite.

— Otto, você não percebe o quanto isso vai deixar a sua mãe chateada? Não posso fazer isso com ela. Você não pode fazer isso com ela. Você não está pensando.

— Ela vai ter que se acostumar com a ideia. Não se manda nos sentimentos.

— Mas podemos esquecê-los.

— O que você quer dizer com isso? — Otto segura as minhas mãos e se coloca de pé. — Você está sugerindo que terminemos? É isso o que você quer?

— Não! Mas temos que pensar nessa possibilidade. O nosso relacionamento não pode ser uma opção de infelicidade para Vera.

— E a nossa infelicidade não pode ser a felicidade dela. Cecília, amo a minha mãe com todo o meu coração, faço o que for por ela, mas sentimentos não é uma coisa que ela pode impor limites. Eu jamais pediria a ela que ela terminasse um relacionamento, caso eu fosse contra ele.

— Como eu vou continuar encarando-a, sabendo que ela não nos aprova juntos? Vai ficar tudo estranho depois dessa descoberta. Não vou conseguir.

— Vai dar tudo certo. Amanhã ela estará mais calma, pensará em suas palavras e verá que está equivocada. — Diz Otto, inclinando-se para beijar o topo de minha cabeça.

Capítulo 39

Não sei se Vera fez propositalmente, mas ela só entrou no quarto para dormir depois que eu já estava na cama, provavelmente ela estava em algum lugar da casa vigiando a minha chegada. Mas eu não estava dormindo, pregar o olho durante a noite nunca foi tão difícil em minha vida.

Escuto ela fungando, como se estivesse chorando, um choro baixinho, mas alto o suficiente para que eu escutasse. Um peso de culpa cai sobre os meus ombros, uma parte de suas lágrimas, sou eu a causadora, outra parte é o Otto, seu amado filho, a quem ela confiava muito, e ela não era diferente comigo em relação à confiança, ela depositou uma tonelada dela sobre mim e eu não soube agir da maneira certa.

Quando os primeiros raios de sol oscilam através da janela aberta, levanto da cama. Tomo um banho rápido e deixo o quarto, com Vera ainda dormindo. Isso se ela realmente estiver dormindo, provavelmente estava esperando-me sair para então finalmente começar o seu dia.

Penso em que lugar eu posso ir. Estamos a dois dias do natal e nos reuniremos todos juntos para a ceia, mas como irei encarar todos? Como encararei a família de Vera? Henri já deve ter falado ao meu respeito para toda a família, e a forma que ele deve ter falado é a parte

que mais me assusta. Deparo-me com ele no corredor, que também levantou cedo. Debaixo do seu rosto e perto de sua boca está roxo, uma prova do que Otto fez com ele antes, uma prova do que ele viu antes de se iniciar a confusão.

Ele estufa o peito ao passar por mim, mas não diz nada, aproveito que ele saiu e bato na porta do quarto, estou preocupada com Otto, após ter dividido o quarto com um lunático como Henri.

— Ele não está aí! — A voz de Henri retumba pelo corredor, deixando-me sobressaltada. Viro em direção a ele. — Ele deve ter dormido em um dos quartos do clube.

Olho-o com indiferença, como ele pode estar agindo como se nada tivesse acontecido? Como se ele não tivesse colocado uma pedra na minha relação com Vera? Uma pedra que cabe apenas a mim, tirar? E a forma que eu terei que fazer isso é a parte que mais me machuca.

Não respondo a Henri, apenas saio apressada. Sigo em direção a porta que dá acesso ao quintal, de lá vou para o portão. Passo meu braço entre as barras e alcanço o interfone, com o braço livre aperto o botão, acionando algum empregado de dentro da casa. Isabel, a cozinheira, atende e abre o portão para mim.

Ligo para Otto, quero a localização exata dele, não sei o que fazer durante o meu dia, e a companhia dele é indispensável em um momento como este.

Atravesso a ponte de madeira, ele está em um dos quartos que fica próximo à floresta, ele está do outro lado me esperando. Otto me recepciona com um abraço caloroso.

— Ei! — Ele diz. — Dormiu bem?

— Não. — Respondo, com uma voz de choro. — A sua mãe está com raiva de mim. E isso está me matando.

— Ficar pensando nisso não vai resolver nada. Você precisa se acalmar.

— Não consigo parar de pensar nisso. Como você pode não pensar nisso?

— Eu penso, mas não me martirizo o tempo todo. — Diz Otto, com a voz suave. — Passe o dia aqui comigo.

— É o que eu vim te pedir. Não sei se vou conseguir ficar naquela casa, com aquelas pessoas, sem o apoio de Vera. Desculpe-me, sei que aquelas pessoas são sua família, mas o Henri é uma pessoa terrível. Ele é doentio. — Esfrego os olhos, que estão pesados pelo sono. — Eu o vi no corredor.

— Ele fez alguma coisa com você?

— Não. “Até que ele foi simpático”. — Faço aspas com os dedos. — Ele disse onde você estava. Achei estranho, não falou de um jeito maldoso.

— Ele deve ter se arrependido. — Otto olha de relance para o céu. — Nós nos dávamos bem, agora ele sabe que ao prejudicar você, me prejudicou também.

Otto pediu o nosso café no quarto, e eu tive que fazer um esforço enorme para conseguir comer alguma coisa, há um enorme nó em minha garganta, que não parece querer desaparecer de forma alguma. Passei o dia todo dividindo a minha atenção com Otto e o meu celular, eu tinha esperança que Vera me enviasse uma mensagem, iniciando uma conversa, mas a verdade é que ela está muito chateada, e a única forma de resolver esse assunto é acabando o meu relacionamento com o filho dela.

Olho para Otto ao pensar nessa possibilidade, ele está em um telefonema com Pablo, mas se incomoda com o olhar que lanço para ele, sorrio, tentando amenizar a situação.

Retorno para o meu quarto na casa à noite, Vera não está lá. Mas a sua mala ainda está no mesmo canto que havia deixado, então ela não abandonou o quarto como eu pensei que ela faria.

Ela entrou depois da meia-noite para dormir, nos dias antes da ceia do natal foi o mesmo processo, e eu não estava disposta a ir naquele jantar em família quando o grande dia chegou. Então optei por ficar no quarto de Otto. Ele estava se arrumando, enquanto eu estava deitada na cama dele, observando-o em silêncio.

— Tem certeza que você não quer ir? — Pergunta ele, enquanto borrifa um pouco de perfume em seu corpo.

— Absoluta.

— Se você quiser eu posso ficar aqui com você.

— Não, quero você lá, com a sua mãe. Vou ficar bem aqui.

Otto insisti mais um pouquinho assim que pega a maçaneta da porta.

— Vou falar cinco minutinhos com cada um deles e já volto para você, e isso é uma promessa, Cecília. — Otto diz, piscando para mim. Deixo a cama e vou até ele, beijando-o.



Eu já conheço o jeito de Otto bater na porta para saber que não é ele que está do outro lado, e isso me dá uma certa aflição. Estamos em uma área cercada por matas e embora tenha uma cerca elétrica em cima do muro temo pelo pior.

Respiro fundo e fico quietinha onde estou, sentada na cama. Nem ousa me mexer, pois, sei que se eu fizer qualquer barulhinho que seja a pessoa do outro lado vai concluir que tem alguém aqui. Eu deveria ter ficado em meu quarto na casa, mas é lá que a família se reunirá, ter pessoas zanzando no corredor o tempo todo só me deixaria desconfortável, ainda mais sabendo que elas devem estar falando de

mim, a tão ingrata Cecília, que deu uma punhalada terrível nas costas da mulher que a acolheu.

— Cecília, eu sei que você está aí! — Uma tonelada de medo sai dos meus ombros quando escuto aquela voz tão familiar, é Vera, e nunca fiquei tão feliz em escutar a voz dela.

Dou um pulo da cama e me apresso em abrir a porta. Surpreendo a mim mesma ao lhe dar um abraço apertado, que eu estava guardando em minhas entranhas, e não é pelo medo que fiz isso, mas sim pelo fato de Vera estar aqui, me chamando, como eu nunca pensei que ela fosse fazer novamente.

Ela retribui o meu abraço e sinto uma segurança nele, que reconforta a minha alma por todas as lágrimas que derramarei quando eu fizer o que eu tiver que fazer, vai valer a pena, esse amor que eu sinto nos braços de Vera não tem nada que possa substituí-lo.

— Que bom que a senhora está aqui. — Digo e me solto dela, só para observá-la usando seu elegante vestido vermelho. Ela está linda, trajando as mais belas joias, e seu cabelo arrumado em um ondulado perfeito feito com modelador de cachos. — Pensei que a senhora nunca mais fosse falar comigo. — Tenho lágrimas nos olhos, mas me contenho, não preciso chorar, Vera está aqui e é isso o que importa.

— Que isso, Cecília, eu só estava dando tempo ao tempo. — Ela diz, arrumando uma mecha solta do meu cabelo, colocando-o para trás da orelha.

— Assim como o Otto disse. — Digo, só para me arrepender depois de ter colocado o nome de Otto tão cedo na conversa.

— O meu filho me conhece muito bem e eu a ele.

— Vamos, entre. — Digo e ela me acompanha.

Vera se senta na beirada da cama.

— Cecília, — ela diz o meu nome com delicadeza. — Não fui muito legal com você.

— Isso não é verdade, a senhora foi ótima.

— Não, não fui. Eu não posso me opor a quem você namora, embora esse namorado seja o meu filho. — Vera diz, com a voz triste. — Não escolhemos por quem vamos nos apaixonar, e eu sei bem disso. Vocês dois são bonitos, sei que isso não é o mais importante em uma relação, mas ela sempre começa pela atração física. Acho que deve ter sido assim com vocês também, e quando se deram conta já estavam apaixonados um pelo outro, e a convivência diária tão próxima, contribuiu para que essa paixão acontecesse mais rápida.

— Eu não queria ter me apaixonado pelo seu filho, mas aconteceu. E te peço desculpas mais uma vez.

— Não me peça desculpas por uma coisa tão natural entre um homem e uma mulher. Eu deveria ter pensando nessa possibilidade antes de levar você para casa. Dois jovens desconhecidos. Juntos uma boa parte do tempo. Mas o que eu quero dizer mesmo, é que estou sendo hipócrita. — Estreito os olhos, querendo entendê-la. — Sempre pedi para você seguir o seu coração, e agora estou te impondo que deixe o meu filho, porque não consigo aceitar a terrível ideia de vocês juntos.

— A terrível ideia? — Repito, pensando se o nosso amor é tão sujo assim.

— Desculpe-me, Cecília, pela minha expressão. Hoje já me acostumei mais com a ideia. Vocês são ótimos juntos, e são felizes e isso é o que mais importa. O que as outras pessoas vão falar a respeito não tem importância alguma. Te trouxe para minha casa para te dar um pouco de alegria, não para tirá-la de você. Afastei-me de você durante esses dois dias porque eu precisava refletir. Vi que você fez o mesmo, e olha nos braços de quem você veio parar. Então como posso impedir o seu namoro, se é com o meu filho que você se sente tão segura?

— Mas, por que a senhora não me parece contente quando diz essas coisas? — Pergunto, cabisbaixa.

— Um dia eu vou ficar, Cecília, mas vamos dar tempo ao tempo. — Ficamos alguns segundos em silêncio, os olhos de Vera me sondando. —

Por que você não foi a ceia? Papai está perguntando por você, ele sentiu a sua falta?

— Estou com vergonha da sua família. Não sei o que eles estão falando ao meu respeito.

— Eles não estão falando nada. O Henri não contou, o que me surpreendeu muito. Se quiser ainda dá tempo.

— Não sei, nem me vestir apropriadamente, e de qualquer forma não estou afim. Prefiro ficar aqui.

— Tudo bem. — Vera se coloca de pé. — Eu tenho que ir, as pessoas já devem estar me procurando. Nos vemos amanhã? Para tomarmos aquele café juntas e depois aproveitar uma tarde na piscina?

— Vai ser um dos melhores dias da minha vida. — Respondo, com um largo sorriso no rosto.

A conversa de Vera tirou um certo peso do meu ombro, mas ainda não me sinto completamente em paz, sei que o apoio de Vera com esse relacionamento não é cem por cento sincero, ela só está fazendo o que sempre fez, está querendo agradar seus filhos, e eu estou incluída nesse meio.

Saio para fora e caminho sobre a ponte. É uma bela noite, onde as estrelas cintilam no céu e a lua exhibe seu brilho prateado. Está um friozinho agradável nessa região perto da mata, e não é necessário vestir um casaco. Inclino-me sobre o parapeito da ponte, observando o rio que passa embaixo dela. Um pouco distante há vagalumes, iluminando a noite escura com suas belas luzes.

Passos caminham sobre a ponte e olho na direção de onde eles vêm. Conheço aquela silhueta de longe, ele carrega consigo algo na mão, e ao passar sobre a luz do poste, vejo uma flor branca, na outra ele carrega uma sacola. Tem o sorriso mais lindo ao me ver, que lhe causam rugas nos cantos dos olhos.

Otto me toma pela cintura, coloca a flor em meu cabelo, para então depois me beijar, mas ele se contém ao perceber que eu não retribuo,

sabe que tem algo errado, então não há mais um sorriso em seu rosto ao ver a minha expressão de tristeza e dor.

— O que aconteceu, Cecília? Pensei que eu fosse te encontrar feliz. Mamãe disse que vocês fizeram as pazes. — Otto diz.

— Acho melhor nós terminarmos aqui. — Confesso, com uma voz carregada de dor e tristeza. Otto me olha atônito, como se o que eu acabei de dizer fosse a maior loucura que ele já me escutou dizer.

— Você só pode estar brincando.

— Não, não estou. E preciso fazer isso rápido.

— Isso não é o que você quer realmente. — Ele diz e seus olhos lampejam por debaixo das pestanas. — Mamãe disse que vai aceitar o nosso relacionamento, mas ela precisa de um certo tempo para isso acontecer. Por que decidiu terminar comigo agora? O que ela realmente te disse.

— O mesmo que disse a você.

— Então por que você não quer seguir em frente com o nosso relacionamento?

— Otto, antes de te conhecer o que eu sempre quis, foi uma família, não posso perdê-la agora por um namoro que nem sabermos se vai adiante. Prefiro perder o seu amor de homem, do que o amor de irmão ou amigo que eu poderia ter de você. — O rosto de Otto se cobre em tristeza, e me dói saber que eu estou causando isso nele.

— Sinto muito, Cecília, mas nunca vou te ver como uma irmã, você pode fazer o esforço que for para isso. Amo você demais para ter esses tipos de sentimentos por você, e tenho certeza que você também sente o mesmo por mim.

— Vou fazer um esforço para que isso aconteça. Pela felicidade de sua mãe, Otto. Tenta ver o lado dela. Ela está sofrendo, e essa dor nunca vai passar, mas a dor do nosso término sim. — Otto aperta os olhos como uma fenda. Nunca o vi chorar, mas vejo que ele quer chorar por nós.

— Eu tinha lindos planos para nós dois, Cecília. — Ele leva a mão ao meu rosto, afagando-o, suspiro ao seu toque. — Por favor, pense na sua decisão, você está se equivocando.

— Já pensei. E estou decidida a seguir com ela. A partir de agora, não venho mais te ver em seu quarto. Passei dias maravilhosos com você, e vou guardá-los com carinho em meu coração. Não me arrependo de nada que vivemos. Só quero que você saiba disso. Quero terminar bem com você. Ainda podemos ser amigos, mas te dou o tempo necessário para você aceitar essa ideia. — Tiro a mão de Otto do meu rosto e a seguro antes de soltá-la, no que parece ser para sempre. — Amo você, mas agora o melhor é eu ir. — Digo, dando o primeiro passo para longe dele.

Deixo Otto e caminho sobre a ponte com o meu coração em frangalhos. Apresso os meus passos e tenho uma leve esperança de que ele venha atrás de mim, mas os meus passos são os únicos que escuto nessa triste noite de dezembro.

Capítulo 40

Os dias que se seguiram foram estranhos assim como eu imaginei que seria. Otto ficou no clube até a véspera do réveillon. Nesses dias nos esbarramos duas vezes, apesar de ter feito o impossível para isso não acontecer, eu tinha medo de ter uma recaída assim que o visse. Ele me cumprimentou, com um semblante carregado de tristeza, perguntou se eu estava bem, minha resposta foi curta, e ele não quis prolongar o assunto. Ponderei em voltar atrás na minha decisão quando vi ele pela segunda vez. Tinha o rosto tristonho a conversar com o avô no sofá da sala. Distraiu-se quando me viu subindo a escada, parei no terceiro degrau, encarando-o, então ele sorriu, uma luz de esperança iluminando o seu rosto, mas eu mesma a apaguei, quando o senhor Francisco virou para trás, só para verificar para quem o neto estava olhando, corri para cima e me tranquei no quarto, a esperança no peito que a qualquer momento Otto iria bater na porta, mas esperei em vão.

Na véspera do réveillon fui surpreendida por Vera ao chegar no quarto e me perguntar porque Otto decidiu de última hora retornar para São Paulo e depois viajar com Pablo.

— Ele não está mais aqui? — Perguntei, com uma certa angústia no peito, eu não queria que ele tivesse ido. E algo me dizia que eu não o veria tão cedo.

— Você não sabia? — Perguntou Vera, com um lampejo de curiosidade em seus olhos.

— Eu e o Otto não estamos mais juntos. — O semblante de Vera é misto de surpresa e um certo alívio, mais alívio que surpresa.

— Mas o que aconteceu? Vocês estavam decididos a continuar com o relacionamento de vocês? — Ela parece refletir a respeito.

— Sim, estávamos, mas achei melhor terminarmos, não quero magoar a senhora...

— Não faça isso com medo de me magoar. — Vera me interrompeu, mas sei que ela estava me dizendo isso mais por conta da consciência pesada, que pelo desejo que eu fique com o filho dela.

— Está tudo bem. Vou superar isso, já superei coisas bem piores.

Eu gostaria que tivesse sido tão fácil como pensei que seria quando eu disse isso. Mas a verdade é que eu não superei muito fácil, bem, pelo menos não no início. Eu pensei que com a chegada das crianças do orfanato no clube alegraria os meus dias seguintes, mas a verdade é que eu estava incomodada com a ausência de Otto muito mais do que eu fiquei quando ele estava morando em outra cidade para estudar, mas é que dessa vez eu sabia que ele não estava mais esperando por mim, e a culpada era eu.

Quando retornei para São Paulo, aproveitei o meu tempo livre, antes de iniciar novamente uma busca de emprego para então finalmente usar aquela viagem que eu ganhei de presente daquele que eu estava tentando esquecer, provavelmente não era uma boa ideia de esquecimento, mas sei que a companhia esprevidada da Sophia resolveria os meus problemas, pelo menos por alguns instantes, antes de eu começar a lembrar dele de novo.



Quando retorno de Paris me surpreendo com a primeira mensagem que recebi de Otto depois do término. Depois de exatos cinquenta e nove dias, sem nenhuma palavra trocada depois daquelas na ponte.

“Ei, Ceci, soube que você finalmente usou a viagem que eu te dei, ocorreu tudo bem por lá? ”

— Traduzindo: Ceci, você arranjou um parisiense gato por lá? — Diz Sophia, inclinando para o lado em sua cadeira, só para xeretar a minha mensagem. Discrição não é o forte dela.

Arqueio as minhas sobancelhas.

— Ok. — Ela gesticula com a mão. — Só porque você conhecia a boca e o corpo de Otto que isso quer dizer que você o conheça completamente. Vai por mim, ele está com medo de te perder de vez.

— Eu terminei com ele. — Lembro a ela.

— E daí, só por isso ele deveria te odiar para sempre?

— É exatamente isso.

— Otto não é o tipo de cara que guarda rancor. Se você der algum sinal que o quer, ele volta para você em um piscar de olhos.

— Eu não vou dar sinal nenhum. — Digo e pego o meu milk-shake que está na mesa, aproveito para pegar a minha bolsa e a mala também. Coloco-me de pé, disposta a deixar a lanchonete que Sophia me obrigou a ir, antes de ir finalmente para casa.

— Você está traindo os seus próprios sentimentos.

— É melhor, do que eu trair a Vera.

— Ela não pode exigir isso de você. Eu jamais exigiria isso da minha filha, adotiva ou não, impedir que você namore quem você quiser.

— No caso, o filho dela. Se fosse a sua filha pedindo para namorar o irmão dela você iria querer?

— Não coloque palavras na minha boca, Cecília. Cada caso é um caso. E é isso que Vera tem que entender, você não chegou na casa dela sendo uma criancinha para pegar o amor genuíno de um irmão. Vocês

não têm nenhum laço sanguíneo. — Diz Sophia como se eu não soubesse disso. — Otto é um cara bonito, a maioria das mulheres se interessam por ele só de olhar...

— Obrigada por compartilhar esse detalhe comigo. É sério, eu nem tinha percebido.

— Só estou te dizendo isso porque isso também aconteceu com você, Vera deveria tentar compreender a situação.

— Ela está tentando. Da maneira dela. Mas é difícil para ela. Não aja como se ela fosse a vilã.

— Isso jamais passou pela minha cabeça. Amo a Vera, mas amo mais o Otto. Ele está sofrendo por sua causa. — Sophia tira a comanda do bolso e segue para o caixa.

Encaro-a enquanto ela paga a conta. Ela anda falando sobre mim para o Otto, é claro, eles são melhores amigos.

Vamos para fora, espero Sophia chamar um Uber. Teremos alguns minutos de espera, o trânsito hoje deve estar um caos.

— O Otto fala muito sobre mim para você? — Pergunto, sentindo o sol forte escurecer a minha visão, uso meu antebraço para proteger meus olhos.

— O quê? O cara parece o próprio Joe do seriado *You*, tirando a parte que ele é um assassino, é claro. Mas ele passa o tempo todo falando de você, perguntando como você está. Ele quer saber cada passo que você está dando.

— Mas você não está falando da minha vida para ele, está?

— O quê? É claro que sim. Eu tive que falar para ele que você foi do Brasil até a França chorando dentro do avião, literalmente.

— Sophia! Você não fez isso, fez?

— É claro que eu fiz. Eu jamais deixaria isso passar em branco. Ele está sofrendo, você está sofrendo, e se você continuar fazendo ele sofrer, eu vou te fazer sofrer. Otto é um cara especial, está jogando um ótimo partido fora, tudo por quê? Por medo. Medo de ser amada.

— Eu não tenho medo de ser amada. — Sophia assente. — Se Vera já disse que vocês estão livres para fazerem o que quiserem, façam o que quiserem. E não me venha com essa de que ela não está sendo sincera, ela disse e acabou, não vai poder argumentar mais tarde. E quando ela vê o lindo netinho que vocês vão dar para ela, vai esquecer essa picuinha de uma vez por todas.

— Não pretendo ter filhos por agora, então ela vai ter que esperar tanto tempo para esquecer essa picuinha?



A casa está solitária. Nem mesmo Helena está aqui, já que ela está de férias. Vera aproveitou que seria apenas ela no apartamento este mês e adiantou as férias dela.

Arrasto a mala até o meu quarto e a deixo no canto, penso em desfazê-la depois, só para lembrar que dentro dela tem um presente que eu comprei para Otto, sem ter certeza que um dia eu o entregarei.

E é com pensamentos voltados a ele que vou até o banheiro tomar um banho. Tenho as emoções a flor da pele e cada dia que passa penso que terminar com Otto foi um equívoco da minha parte. Estávamos indo tão bem. Vera não iria me odiar para sempre, e muito menos o filho.

Saio do banho e visto um robe, procuro o celular dentro da minha bolsa, a mensagem de Otto ainda está sem resposta, apesar dele ter a enviado há mais de uma hora, ainda não é tarde para eu respondê-la. Mas assim que a abro novamente eu travo. Fora tantos dias sem nos falarmos, sei que ele deve estar muito magoado comigo, apesar de não ter demonstrado em sua mensagem. Abandono o celular na mesinha de cabeceira e deixo me embalar por um sono profundo em plena manhã.

Acordo, molhada de suor. As janelas estão fechadas, esqueci de abri-las assim que cheguei, e o ar-condicionado está desligado. Vou para a varanda, tomar um ar, mas o dia está abafado, e o sol do meio-dia não deixa o lugar, propício para relaxar. Penso na cobertura, na piscina convidativa, mas todo aquele lugar me lembra muito ele, então desisto.

Olho para o celular, esquecido na mesinha de cabeceira, o alcanço rápido e não penso antes de digitar a mensagem com dedos ágeis.

“Sim, ocorreu tudo bem. Paris é linda assim como nos filmes, a companhia de Sophia foi muito agradável, mas a sua teria sido ainda melhor.”

Levo o celular ao coração, já arrependida. Como posso ignorá-lo por quase dois meses e mandar uma mensagem dessas?

Espero por uma resposta, mas ela não vem, acredito que Otto vai me dar um gelo, ele não tem que me responder tão rápido, pois, não fiz o mesmo com ele.

Depois de mais de uma hora de espera, desisto e sigo até a cozinha. Abro o congelador e pego uma comida congelada, o fricassê de frango servirá para preencher o buraco em meu estômago.

Na mesa, escuto o meu celular tocar. Meu coração martela fortemente em meu peito, corro para o quarto, na esperança de que seja Otto me ligando, e que depois de todo esse tempo eu escutarei sua voz, mas não é ele que está me ligando, mas sim Vera.

— Oi, Ceci, só tive tempo agora de ligar. Como foi a viagem?

Sento-me na cama e passo longos minutos, contando cada detalhe da viagem para Vera, em nenhum momento ela toca no assunto Otto, e foi assim nesses dias que se passaram. Eu também não demonstrei tristeza quando eu estava perto dela, mas fiz de tudo para que ela acreditasse que eu estava feliz e muito certa da minha decisão.

Somente a noite, quando me deitei, que escutei o toque de uma mensagem chegando, eu esperava que fosse Sophia, e jamais o Otto.

“Desculpe por ter demorado a responder, mas eu estava em aula, e também estava pensando se vale realmente a pena nos aproximarmos de novo, mas a Sophia insistiu tanto. ”

Meu coração quase despenca do meu peito. Sophia? O que Sophia tem a ver com isso? Ela convenceu Otto a me enviar aquela mensagem? Mas ela me disse que ele ficava perguntando por mim. Aquela Sophia! Por que ela tem que ser tão *trapaceira*?

“Então você só está falando comigo por que a Sophia te obrigou? Se não queria falar, era só não falar. ”

“Você terminou comigo. ”— Ele joga na minha cara.

“Pensei que não falar fosse uma coisa boa para você, e principalmente para mim, isso ajuda a lidar com a dor do término. ”

“Então você não estava realmente interessado em saber como foi a minha viagem? ”

“É claro que eu estava, eu dei de presente para você. Só que sei que se eu te enviasse uma mensagem querendo saber, detalhes de sua viagem, no dia seguinte eu enviaria mais outra, querendo saber como você passou seu dia e assim sucessivamente. ” — Bem, essa não era a resposta que eu esperava.

“Se quiser conversar comigo todos os dias, você tem total liberdade para isso. ”

“Não, eu não vou fazer isso. — Uma sombra de tristeza cobre minhas feições com a sinceridade de Otto, eu esperava outra resposta. Continuo lendo a mensagem só para me magoar mais um pouquinho.

“Não sou tolo para criar esperança, sei que o você quis a vida toda foi uma família, e se para ficarmos juntos você pensa que isso é um empecilho para você viver bem com a sua família, acho melhor deixar tudo como estava. Não precisamos nos falarmos por agora, o tempo apaga e cura tudo. Quem sabe no futuro poderemos nos ver em reuniões de família sem dor e sem mágoas? Por enquanto quero esse afastamento, vai ser bom para mim, vai ser bom para você. Não fica chateada se na

páscoa ou nas próximas datas comemorativas eu não estiver aí, com vocês, não pense que você é a culpada por isso. Estou apenas cumprindo o processo de esquecimento, um dia poderemos nos encontrar sem mágoa. Não brigue com a Sophia, ela só quer ver a gente bem. Boa noite.

”

Eu queria brigar com a Sophia agora e torná-la culpada por essa conversa, mas a única culpada fui eu, que causei toda essa situação.

Sinto-me mal. Leio e releio a mensagem de Otto e a dor é tão igual quando terminei com ele naquela madrugada de natal. Ele realmente está colocando um ponto final na nossa história e está determinado a seguir sem mim. Pensei que teríamos uma nova chance, mesmo sendo eu a culpada pelo término, mas parece que eu desperdicei a única que o destino nos deu.

Capítulo 41

Otto

Talvez ir até o clube do meu avô não tenha sido uma boa ideia, eu poderia ter optado por ficar no Rio de Janeiro ou até mesmo ter viajado para outra cidade, assim eu teria evitado tudo o que aconteceu desde que eu coloquei os pés lá.

E é com lembranças amargas do meu término com Cecília que retorno para a faculdade. Não estou no meu melhor dia, mas agora estou um pouco melhor, melhor do que quando acordei no dia seguinte que Cecília terminou comigo, eu estava em choque, ainda não conseguia acreditar que aquilo era realmente o que ela queria, no fundo, eu tinha esperança que ela voltasse atrás, e eu estava disposto a dar uma nova chance a ela, caso mudasse sua decisão, mas hoje não sei se estou mais.

Já se passaram dias, e ela nunca me mandou uma mensagem, só tenho notícias dela através de Sophia, que faz

questão de falar sobre Cecília todas às vezes que me liga, como se recordar dela, sozinho não fosse o suficiente, para a minha mãe evito perguntar dela, às vezes ela diz algo que estão fazendo, sempre com a voz cheia de remorso, mas acabo sempre mudando de assunto, não gosto de fazê-la culpada, mas às vezes é inevitável.

Retorno para casa de mais um dia exaustivo de aula, cursar medicina rouba quase todo o meu dia, não posso parar na faculdade, em casa tenho que cair nos livros, e isso não é ruim, ajuda a ocupar a minha mente, me ajuda a pensar menos nela. Mas ainda não tirei a foto de Cecília da mesinha de cabeceira, penso se esse pequeno objeto torna as coisas ainda mais difíceis. Um dia tudo isso vai passar, sei bem disso, mas esses últimos meses parecem ter passado em câmera lenta.

Cecília está viajando com Sophia, às duas foram à Paris, e é através de minha amiga que tenho o roteiro completo da viagem. Sophia é insistente quando quer algo, e ela quer que eu e Cecília fiquemos juntos, não importa a quem vá doer, mas não se pode obrigar a ninguém a estar com alguém contra a vontade.

Quando elas chegaram, depois de muita insistência da parte de Sophia, enviei uma mensagem para Cecília, mas as coisas não saíram como eu planejei, nunca pensei que eu colocaria um fim de vez na nossa relação, dias antes eu tinha planos de pedir uma reconciliação, sou um cara, teimoso, mas dessa vez o meu orgulho venceu a minha teimosia.

E em um barzinho próximo à faculdade que vou para passar boa parte da minha noite e esquecer o que fiz.

Jonas, o cara que mora no mesmo prédio que eu, me acompanha nesta jornada em prol de me ajudar esquecer de uma

vez por todas a Cecília, mas a bebida está causando o efeito contrário. Não consigo parar de falar nela. Como eu sou um idiota, pelo menos eu tenho a desculpa que ainda sou apaixonado por ela, para justificar a bebedeira.

— Então ao invés de você pegar a única chance que teve de falar e tentar uma reconciliação você acabou com todas as esperanças que poderiam existir para vocês dois? — Jonas coloca seu copo vazio sobre o balcão do bar, ele chama o garçom e pede mais uma cerveja.

— Eu sou um idiota, mas ela terminou comigo, eu não tinha e nem tenho que ficar me rastejando. — Digo, mas, na verdade, isso era realmente o que eu gostaria de ter feito.

— Essa é uma verdade que você deveria se agarrar. Se essa tal de Cecília te deu o fora e nem ligou mais para você depois do ocorrido, sinto muito cara, mas ela nunca gostou de você de verdade. — Estreito os olhos como uma fenda. — Desculpe, cara, mas essa é a verdade, eu queria ter dito ela há mais tempo.

— Mas encontrou a oportunidade perfeita somente agora. — Ironizo e Jonas assente, com um sorriso, que faz o canto de seus olhos se enrugarem.

— Você acha realmente que ela nunca gostou de mim de verdade? — Pergunto mais uma vez só para ter certeza, mas acho que eu deveria pergunta isso a ela.

— Ninguém desiste de um grande amor assim tão facilmente.

— Eu já te disse, tem toda a história da minha mãe envolvida.

— Mulher quando ama de verdade ninguém a impede de viver esse amor. Antigamente elas até fugiam de casa para ficar com o cara. Com a minha mãe foi assim, só que ela fez uma péssima escolha. — Jonas gargalha, a história dele com o pai é um tanto conturbada. Ele vive em um mundo completamente diferente do meu. Enquanto eu cresci em um lar cheio de amor ele cresceu em um cheio de ódio e rancor. — A sua mãe não é um empecilho para Cecília, ela é uma desculpa.

Peço mais uma bebida para o garçom, já vou para a terceira dose de uísque. Olho para o copo vazio na minha mão, enquanto espero o outro, mamãe não aprovaria esta minha atitude, de encher a cara para esquecer os problemas, então penso o que mais ela não aprovaria na minha vida, e até que ponto eu tenho que aceitar a aprovação dela.

Amo a minha mãe, e embora ela tenha levado Cecília para casa, não tinha o direito de se intrometer no meu relacionamento com ela. Mamãe não deveria impor qual tipo de sentimento eu devo sentir por Cecília. Tento tirar esses pensamentos da minha cabeça, não gosto quando a raiva coroe o meu ser.

Amores vêm e vão, e eu preciso me agarrar a isso. Cecília tem que ir um dia, deixar de vez minha mente e coração, mas parece que não estou decidido assim a deixá-la ir. Como eu sou idiota.

Sinto-me grogue.

Minha relação com mamãe mudou um pouquinho, me sinto mal por isso, mas enquanto eu a fizer culpada pelo fim do meu relacionamento com Cecília não tem como as coisas voltarem a ser

como antes. Sou um péssimo filho, meu subconsciente grita, eu não era assim antes.

Arrasto-me para fora do barzinho, cambaleante, sento-me no meio-fio da calçada. Meus pensamentos estão confusos.

Mamãe nunca me disse que queria ter um filho depois de Olivia, ela nunca demonstrou interesse em ter um. Cecília foi um acaso do destino que entrou em nossa família para bagunçar as nossas vidas, para minha mãe ela trouxe a felicidade de amenizar um pouco a dor causada pela perda de Olivia, para mim ela causou uma desgraça sem tamanho, e aqui estou eu, sentado nesse chão imundo, com uma calça branca, que mais cedo usei na faculdade, Beatriz, a minha lavadeira, vai me matar.

Preciso me erguer, me colocar de pé e voltar a viver. Tentar aceitar o fato de que Cecília realmente existe em minha vida, e que eu não conseguirei tirar ela de forma alguma, ela faz parte da família.

Arrasto-me até meu carro, deslizo para o banco e fecho a porta. Não vou dirigir, quero apenas descansar, mas ao invés de fazer isso meu dedo ágil clica no botão da chamada, e assim eu ligo para a minha mãe.

— A minha infelicidade não pode ser a sua felicidade. —
Digo.

— Otto, você está bêbado. — Ela não precisou me ver para saber que sim, minha voz mole me entregou tão rápido como eu esperava que acontecesse. — Precisou beber para me ligar? Quanto tempo você não me liga?

— Liguei para a senhora na semana passada. — Lembro a ela. — O bêbado sou eu. — Sorrio, sem nenhum humor.

— Você me ligou na semana passada, mas antes me ligava todos os dias. — Ela diz, cheia de acusação, eu realmente estou sendo um péssimo filho.

— A senhora sabe o que aconteceu.

— Sim, sei, mas você não pode me odiar a vida toda por isso.

— Eu não te odeio. Como pode pensar isso de mim? O que acontece é que a senhora acabou com o meu relacionamento. Eu tinha planos para mim e para Cecília.

— O que você quer dizer com isso? Que iria casar com ela?

— Sim. — Mamãe tem uma respiração pesada.

— Você tem ideia do que está me dizendo? — Ela está irritada. — Quantos anos vocês têm? Quantos meses de relacionamento vocês tinham? Eu não levei a Cecília para você casar com ela.

— E a senhora também não a levou para ser propriedade sua. A senhora a levou para casa porque ela precisava de ajuda, a senhora a ajudou, mas não pode cobrá-la para sempre.

— Eu não estou fazendo isso. Eu jamais faria uma coisa des... — A voz de mamãe falha, ela está prestes a cair em lágrimas e eu me odeio por isso, mas preciso dizer algumas verdades. Posso estar errado em ter escondido o meu relacionamento com Cecília dela, mas ela não tem o direito de decidir o futuro das pessoas.

— A senhora está quando se achou no direito de se intrometer no nosso relacionamento.

— Vocês se encontravam escondido debaixo do meu teto.

— E te peço perdão por isso, por ter sido tão cínico com a senhora, mas se a gente tivesse contado para a senhora no início,

teria reagido de outra forma? — Há uma pausa no celular, mamãe está pensativa. A resposta é óbvia: Não. Mas ela não vai dizê-la.

— O que você quer que eu faça?

— Não consigo ser irmão dela. E nós não somos, a senhora sabe disso. Ela é somente a moça que a senhora ajudou no momento que ela precisou, e ela é muita grata por isso, esse é o motivo dela ter preferido terminar comigo do que magoar a senhora, mas não pense que ela está feliz com essa decisão. Acredite, mãe, a senhora é a única que pode tirar esse fardo das costas dela. — Mamãe funga, ela está chorando. — Mãe, pense com carinho, Cecília não é a nora que a senhora um dia sonhou em ter? — Escuto uma risadinha baixa. É bom arrancar algo parecido dela, não gosto quando ela chora, ainda mais quando me lembro dos dias difíceis quando ela passava a maioria do tempo assim. — Vocês duas se dão bem, não teria aquele tradicional conflito entre sogra e nora.

— É assim que você vai tentar me convencer? — Assinto, apesar de ela não poder me ver. — Só quero ver vocês felizes, e é uma pena que eu tenha tirado uma parte da felicidade de vocês. — Ela faz uma longa pausa. — Otto, por favor, não quero que você fique se embriagando.

— Não estou, foi apenas hoje. Eu precisava de uma distração.

— E conseguiu?

— Não, estou aqui agora, falando com a senhora sobre ela.

Acordar com o sol cintilando em sua cara não foi o que eu esperava, mas o sol quente entrou com tudo pelo vidro do carro, indo direto em meu rosto. Levo o antebraço até os olhos, cobrindo a

minha visão, sinto um gosto amargo na boca. Varro com o olhar o espaço que eu estou, não consigo acreditar que dormir no carro. Minha cabeça lateja.

No banco, meu celular está esquecido sobre ele. Lembro-me de ter feito uma ligação para mamãe, e depois disso me vem um branco, deve ter sido nesse momento que apaguei.

Apesar de ser cedo, há um movimento grande de pessoas circulando pela rua. Na outra esquina está o bar que eu estava ontem à noite na companhia de Jonas. Mas onde ele está? Viemos juntos, não acredito que ele me deixou para trás. Alcanço o celular, há uma mensagem dele, saiu com uma garota, é realmente parece que um de nós dois se deu bem.

Com o corpo dolorido, me ajeito no banco. Quero sair o mais rápido possível daqui tomar um banho demorado, e tirar esse cheiro de bebida de mim. Ainda não acredito que passei a noite no carro. Eu poderia ter sido assaltado. Tenho que medir as consequências na próxima vez que eu for pensar em beber, pra não chegar no ponto que eu cheguei.

Dirijo até minha “casa”. Penso na conversa que eu tive com a minha mãe. Eu não deveria falado aquelas coisas. Não cabe somente a minha mãe tirar o fardo das costas de Cecília, cabe a ela também. O nosso relacionamento não pode ser um fardo pesado a se carregar.

Quando subo a escada e passo pelo corredor visualizo Beatriz, a minha lavadeira, que a primeira coisa que faz é olhar para a minha calça branca em um estado deplorável, mas não sei o que ela viu em minha face, que a fez ficar mais preocupada comigo do que com o estado que está a minha roupa.

— Otto, você está péssimo. — Ela diz, jogando seus cabelos longos e castanhos para longe de seu ombro. — Aconteceu alguma coisa?

— Não aconteceu nada. — Coloco a chave na fechadura, abro e porta e entramos. — Eu não sabia que você viria hoje.

— Hoje é terça.

— Ah, droga! Me esqueci.

— Esqueceu de mim, Otto? Como esquecer de uma pessoa como eu? — Beatriz sorri de uma forma que eu desconheço.

Realmente se fosse em outra época eu acharia Beatriz difícil de esquecer. Alta, ela tem belas curvas, covinhas em seu rosto, sobrancelhas grossas, mas bem-feitas, boca carnuda, e olhos grandes e pretos. Ela faz bico como lavadeira para pagar as despesas de seu apartamento, já que ganhou uma bolsa na faculdade.

— Você não vai para a faculdade hoje? — Ela pergunta, acreditando que realmente há algo de errado comigo.

— Vou me permitir uma folga.

— Então você poderia me levar à noite na faculdade. — Ela diz, e me sinto tonto, não sei se ainda é o efeito da bebida. Mas Beatriz realmente está dando em cima de mim?

— Não sei se eu vou estar disponível. Tenho algumas coisas para resolver.

— À noite?

— É o único horário livre que eu tenho.

— Onde estão as suas roupas? — Ela pergunta, seriamente.

— Acho que esqueci de fazer o pacote.

— Tenho todo o tempo do mundo. — Beatriz meneia a cabeça. — Na verdade, ainda tenho que passar em uma república para pegar mais algumas roupas, se você puder andar logo.

— E você faz tudo isso na sua bicicleta?

— Sim.

— Se você quiser, acho que posso te ajudar por hoje, não vou para a faculdade mesmo. — Beatriz parece pensativa.

— Não vou poder recusar, e o convite para hoje à noite ainda está de pé. Se não puder me dar carona para eu ir para a faculdade ainda tem a saída. — Deixo um sorriso despontar em meus lábios, Beatriz sabe muito bem o que quer, e eu pelo menos posso tentar.

— Por que não?

Capítulo 42

Vera

Deixo o prédio do hospital, com o celular em mãos enquanto chamo um Uber. Meu carro está na oficina para reparos, portanto, ficarei alguns dias sem condução própria. Já são 19h00 e tenho que passar no escritório do meu corretor. A inquilina desocupou um dos meus apartamentos e desta vez não o alugarei de novo.

Enquanto o motorista do Uber segue o trajeto, penso na conversa que tive com o meu filho há alguns meses. Ele estava um pouco afastado de mim, mas depois daquele dia, começou a me ligar com mais frequência, seu tom hostil mudou para seu tom de voz doce que eu conhecia, e confesso que eu estava sentindo falta desse Otto.

O motorista manobra para a esquerda e já consigo visualizar o prédio que fica em um bairro vizinho do meu. Já faz um tempo que não venho aqui, já que deixei toda a responsabilidade pela locação com o corretor, e isso já faz quinze anos.

Subo a escada de degraus de mármore, o meu apartamento fica no terceiro andar. Nunca cheguei a morar aqui, eu e meu falecido marido o compramos com o único intuito de locação, não só este, tenho mais

alguns apartamentos espalhados pela cidade também. Mas escolhi esse que é ideal para o meu objetivo, exatamente porque está localizado no bairro vizinho ao meu, e também por ter tido um pouquinho de sorte, já que a inquilina não renovou o contrato, pois, estava de mudança para outro país.

Abro as janelas, deixando o ar correr livremente. O sol está se pondo, deixando o céu em tons de laranja e amarelo, mostrando o quanto a natureza é radiante.

A vida é tão bela, tão curta. Sei que para alguns ela é mais cinza que para outros, e eu já ocupei essa posição há um tempo, na verdade, eu ainda tenho meus momentos cinzas quando lembro dela.

Olivia tinha tantos sonhos, mas também teve tão pouco tempo para realizá-los.

Quando olho para Cecília, às vezes penso se aquela dúvida que ela teve é realmente verdadeira, se eu tentei substituir Olivia. Balanço a cabeça em negação, só estou tentando achar uma solução para o problema. Eu não deveria vê-los assim, Otto e Cecília não podem ser um problema para mim. O que Olivia diria dos dois? Se ela ainda estivesse aqui quando levei Cecília para casa como ela reagiria? Tenho certeza que da melhor forma possível. Às duas se dariam bem, e algo me diz que ela seria uma das apoiadoras desse romance.

O tempo passa, lá fora as estrelas já cintilam no céu escuro, tenho decisões a tomar, mas não sei se existe mais alguma esperança para os dois. Já se passaram meses, já não vejo mais Cecília triste pelos cantos, talvez ela já tenha até superado, e tocar nessa ferida que já está cicatrizando não é a coisa certa a se fazer, mas preciso ficar com a consciência tranquila. Não teve um dia que eu não pensei neste assunto.

Vou até à bancada da cozinha, abro minha bolsa e de dentro dela tiro um bloquinho de notas e uma caneta. O apartamento já foi reformado, mas ele precisa se tornar habitável, então anoto tudo o que precisa para ele se tornar assim.

— Vera. — Lembro-me da conversa que tive com o meu pai nas férias. — Por que você parece tão distante? — Ele puxou uma cadeira e se sentou junto comigo no hall da casa.

— Alguns problemas familiares. — Eu disse, ajeitando os óculos na ponte do nariz.

— Se você quiser se abrir.

Papai é uma pessoa que eu realmente posso confiar, eu sabia que o segredo de Otto e Cecília estaria bem seguro com ele, então eu contei cada detalhe da história.

— Mas por que para você isso parece ser tão absurdo?

— Pai, o senhor tem noção, eu queria dar o meu sobrenome a ela? Como farei isso com ela estando com o meu filho? Não faz sentido.

— Então não dê o seu sobrenome a ela, deixe que o Otto dê no futuro se eles realmente ficarem juntos.

— O senhor está do lado deles? Cecília era para ser um membro da família.

— E ela vai deixar de ser se ficar com o Otto? — Papai inclinou-se para frente e apoiou o queixo em sua bengala.

— Eu não me conformo. Eu não levei para casa uma namorada para o Otto.

— Você queria uma filha, e em consequência disso uma irmã para o Otto?

— Não exatamente uma filha, eu queria ajudá-la...

— E não ajudou?

— Sim.

— Então sua missão já foi cumprida. Agora deixe ela ser livre, a vida ainda vai te agradecer pelo que você fez pela Cecília.

Alcanço o interruptor e apago a luz do apartamento. Tenho que ir para casa, provavelmente Cecília já chegou do trabalho. É a segunda semana dela, na loja de roupas. Mudou de ideia, e no ano que vem, vai fazer faculdade de pedagogia. Cecília está criando metas em sua vida e

eu gosto disso, nela, ela corre atrás dos seus objetivos, mas às vezes sinto que o verdadeiro motivo é que ela não quer ser muito dependente de mim, então resolvi dar uma forcinha ela para ela seguir seu próprio caminho sem mais intromissões minhas.



Não tenho plantão hoje. Consegui deixar o apartamento com a cara de sua nova moradora, mas não é com o coração cem por cento alegre que vou entregá-lo. Já faz quase dois anos, e não consigo acreditar que já tem todo esse tempo que Cecília entrou em minha vida, às vezes parece que foi ontem que a vi chorando no corredor do clube do meu pai. Ainda temos muitas coisas para vivermos juntas, e tento pensar que não é uma moradia diferente que vai fazer com que nos afastemos e esse vínculo que criamos se disfarça.

No banco do carona, Cecilia come seu almoço que trouxe de casa, já que disse a ela que no seu intervalo iria buscá-la para uma surpresa.

— Vera, a senhora me deixou curiosa a manhã inteira, uma cliente teve que repetir uma pergunta umas cinco vezes.

— Desculpe-me por ter deixado você com a cabeça nas nuvens.

Cecília tem olhos curiosos quando paro em frente ao prédio de doze andares. Ela desce do carro depois de mim, ajeita a alça de sua bolsa.

— O que estamos fazendo aqui exatamente? — Ela pergunta antes de me acompanhar.

— Lembra que eu te disse que também tenho alguns imóveis para alugar?

— Sim.

— Uma das minhas inquilinas desocupou esse há um mês. — Cecília parece estar confusa, mas não me pergunta mais nada.

Subimos a escada até chegar no meu andar, tenho as chaves do apartamento em mãos, e espero que Cecília realmente goste da surpresa.

Abro a porta e entramos. O local já está todos mobilhado e limpo. Ajeitei tudo para presenteá-lo a Cecília. Ela tira a bolsa e a joga sobre o sofá.

— A senhora já o aluga mobiliado? — Pergunta, com o semblante sério e vai até a estante, onde tem um porta-retratos sobre ela, nele uma fotografia que tiramos os três na cobertura do prédio onde moramos, eu, Cecília e Otto. — Uma foto nossa. — Ela diz, parecendo se recordar desse dia.

— Bem, acho que você já tem responsabilidade suficiente para poder se virar sozinha. — Cecília estreita os olhos, confusa, ela coloca o porta-retratos de volta no lugar. — Então pensei em te presentear com este apartamento. — Ela arregala os olhos, surpresa, mas não parece feliz, conheço essa cara, sei que ela vai recusar, assim como fez com tantos outros presentes caros que eu já dei a ela.

— A senhora está me dando este apartamento? — Ela passa uma olhada rápida para o local e me olha seriamente.

— Como eu sabia que você iria recusar, resolvi não te dar este apartamento, mas sim emprestá-lo a você o tempo que você quiser permanecer nele.

— A senhora está me expulsando de casa, é isso? — Cecília força um sorriso.

— Mas é claro que não, só estou te dando um pouco a mais de liberdade.

— Ainda não estou entendendo a senhora. — Ela cruza os braços rente ao peito.

— Não fui muito justa com você, com o Otto...

— E o que eu e o Otto temos a ver com este apartamento?

— Criei o meu filho para ser um homem livre e tomar suas próprias decisões, mas não foi bem isso que fiz quando envolveu você, me senti traída, era como se vocês tivessem me dado uma apunhalada pelas costas.

— E nós demos.

— Sim, Cecília, mas sentimentos não é algo que determinamos quando ou por quem vamos sentir. Eu queria te ajudar por bondade, por compaixão, mas acabei tomando você como filha, por isso o motivo da minha reação.

— E eu fico feliz que a senhora tenha me tomado como filha, eu nunca poderia ter tido uma mãe melhor. — Cecília diz, com olhos marejados.

— Quando você tomou sua decisão em relação ao Otto eu pude ver quão sortuda eu era, que não importa o que acontecesse você ficaria ao meu lado, que eu sempre poderia contar com você, mas os meses passaram, você não voltou atrás com a sua decisão, tive algumas conversas com o meu pai e percebi que eu sempre poderia contar com você, não importa se você estivesse com o Otto ou não. Só quero que vocês fiquem bem. — Lágrimas rolam pelas bochechas de Cecília.

— Acho que é um pouco tarde para mim e o Otto.

— Acho que eu sou um pouquinho culpada por isso.

— Eu também tenho uma parcela de culpa, enquanto ele estava disposto a lutar por nós dois, eu não fiz nada. — Ela limpa as lágrimas com as costas da mão.

— Sinto muito, Cecília, mas se for o destino de vocês ficarem juntos, nada poderá impedir.

— Mas, por que o apartamento?

— Porque quero que você se sinta realmente livre, que trilhe seu próprio caminho, tome suas próprias decisões, morar sozinha traz responsabilidades, mas sei que você se dará bem com ela. Não estou te

expulsando, se não quiser, você pode continuar lá em casa. — Aproximo-me de Cecília e coloco uma mecha do seu cabelo para trás da orelha.

— Pensei que o caminho para o prédio de casa fosse um caminho que eu fosse trilhar por um bom tempo. Mas entendo a senhora, sua intenção é que se caso eu e Otto reatemos, que não seja no seu apartamento. — Engulo em seco com a sinceridade de Cecília, que tem uma expressão vazia.

— Você não acha que seria estranho casar um Cavalcante com uma Cavalcante?

— Então esse realmente é o motivo. — A expressão vazia de Cecília desaparece, sendo substituída por um sorriso. — E o que essa ideia te traz agora? Tristeza, amargura, decepção?

— Hoje eu penso que Otto não teria uma esposa melhor. — As bochechas de Cecília coram.

— Ainda não estou entendendo porque a senhora está falando de casamento. É muito cedo para pensar nisso. Só tenho dezenove anos.

— Não existe idade para casar Cecília, mas sim o tempo certo para encontrar o amor verdadeiro.

— E a senhora acha que o Otto é realmente o meu amor verdadeiro? — Cecília ainda não está convencida de que eu realmente estou torcendo para os dois.

— Hoje não me resta mais dúvidas. Agradeça ao meu pai por ter aberto os meus olhos. Ele é um homem sábio.

— O senhor Francisco é um ótimo ser humano. Ele sempre fez coisas maravilhosas pelo orfanato. — Há um certo silêncio de repente. — E o que eu tenho que fazer? Aceitar essa maravilha? Porque está tudo tão lindo que acho que vou ter que dizer sim. — Cecília abre os braços, e nos abraçamos por um longo tempo, e com esse abraço percebo que mais um dos meus filhos está criando asas e partindo. — Muito obrigada, não só pelo apartamento, mas por tudo que fez por mim até aqui. Não existem

palavras suficientes para eu agradecê-la. A senhora merece todo o amor do mundo. Eu te amo.

— Pode ter certeza que eu te amo muito mais. Vai ser difícil ver você saindo de casa.

— Pense pelo lado positivo, vai ser ótimo para a senhora e o doutor João.

— Pare de chamá-lo de doutor, ele já disse para você apenas o chamar pelo nome. — Cecília assente e saltita feliz em direção a outro cômodo da casa. Ela passeia pelo apartamento conhecendo sua nova moradia que ela irá chamar de lar.

Capítulo 43

Cecília

Abril de 2020

O ano de 2020 era um ano de muitos planos e realizações de sonhos para muitas pessoas, e não era diferente para mim, mas a pandemia do Covid-19 veio para roubá-los ou talvez paralisá-los temporariamente. E aqui estou eu, sentada no parapeito da janela, com o celular na orelha direita, enquanto eu o aperto com o ombro, tentando ver algum movimento além do silêncio constante que virou a rua do meu bairro.

Tenho conversado com tia Luciana todos os dias desde que a pandemia começou, me preocupo com ela, e me preocupo com as crianças também. Com as crianças passando o dia todo no orfanato tem deixado a diretora Giselda com os nervos ainda mais aflorados, e isso atinge todos no orfanato.

O dia amanheceu nublado, uma brisa suave toca o meu rosto nessa mais uma manhã de abril sem muitas expectativas. Passo praticamente o dia todo com os pensamentos focados em Vera no hospital, tão exposta ao vírus. Não nos vemos mais desde que tudo

começou, não por opção minha, mas ela achou melhor assim, mas a solidão às vezes é gritante. Há meses moro sozinha no apartamento que Vera me deu de presente, mas sempre pude contar com a companhia dela ou de Sophia. Às vezes algumas das meninas que trabalham na loja vinham aqui também. Mas hoje estou só, completamente isolada, cumprindo a quarentena, e tendo uma médica na família tenho que seguir à risca todas as recomendações.

Deixo o parapeito da janela depois que a ligação termina e vou para a geladeira. Fiz compra no final de semana, o único lugar que vou, é ao supermercado, mas parece que não comprei o suficiente, já que passei a comer mais desde que me trancafiei dentro de casa.

O celular toca no balcão, não é mais com um sorriso no rosto que recebo as ligações de Vera, pois, sempre acabo pensando no pior. Atendo-a mais rápido que posso, fecho a geladeira com o pé e sigo para sala, acomodo-me no sofá de couro e relaxo quando a voz de Vera sai suave, me transmitindo a paz que ela sempre transmitiu.

— Preciso que você me faça um favor, Cecília. — Ela diz, em um tom de voz receoso.

— Mas é claro, o que a senhora precisar. — Digo, realmente disposta a ajudá-la no que for.

— O Otto deixou o Rio e está vindo para cá. Ele vai cumprir a quarentena dele aqui, é claro, depois de ter implorado muito para que ele faça isso. — Otto, eu queria não sentir nada quando escuto esse nome, mas a verdade é que ele ainda mexe comigo, não mais como antigamente, mas ele ainda consegue abalar as minhas estruturas.

— Mas o que a senhora quer que eu faça? — Digo, sem entender o que ela realmente quer de mim.

— Você sabe que eu passo muito tempo no hospital, tenho contato com pessoas infectadas, por isso pedi que você não fosse lá pra casa enquanto a pandemia não acabar, e também não quero que o Otto tenha

contato direto comigo. — Engulo em seco, por já imaginar o que Vera quer de mim.

— Eu e o Otto mal nos falamos, não posso dividir um teto com ele assim.

— Cecília, eu nem disse o que eu queria.

— Mas é isso, não é? — Pergunto, já imaginando Otto aqui em casa, seria no mínimo constrangedor, quase não nos falamos no natal passado, nos esbarramos algumas vezes no clube, e o clima era tão tenso que até o nosso bom dia saiu bizarro.

— Sim. Eu tenho medo de acabar contaminando-o sem saber que estou com o vírus. Pense com carinho.

— Não é uma coisa a se pensar. O apartamento é da senhora.

— Não, nada disso, enquanto você estiver morando aí, ele é seu.

Encolho-me no sofá e aperto os olhos, não sei se quero ter Otto zanzando pelo apartamento com todo aquele charme, eu já tinha até o esquecido, não é saudável para mim, trazê-lo para cá agora, mas tenho que pensar nele também, em todos os riscos que ele pode correr dividindo o apartamento com Vera, apesar dos cuidados que ela toma. Nervosa, levo o dedo mindinho a boca, tirando uma lasca de esmalte.

— Tudo bem, Vera. — Suspiro. — Quando ele virá?

— Bem, ele chega às 13h00, hoje.

— Às 13h00 de hoje. — Repito, dando um pulo do sofá. — E a senhora só me avisa isso agora?

— Desculpe, mas se eu tivesse contado para você dias antes, você teria mais tempo para pensar e acabaria desistindo.

— Eu tinha que me preparar mentalmente para isso primeiro.

— Dividir o mesmo teto com o meu filho de repente ficou tão ruim assim para você? — Pergunta Vera, com a voz tristonha.

— Não é nada disso, mas a senhora sabe que envolve um misto de sentimentos. É complicado. E o que ele disse a respeito disso? Ele sabe que terá que vir para cá?

— Sim.

— E ele aceitou assim de boa? — Pergunto surpresa, já que ele sempre aparentou querer manter distância de mim.

— Otto não guarda rancor.

— Acho que vou preparar alguma coisa para a chegada dele. Ele ainda segue à risca com a dieta?

— Ele não mudou nada, Cecília. E tenho certeza que qualquer coisa que você preparar para ele, vai receber de bom grado. Não se preocupe com a dieta dele.

— Eu vou desligar.

— Ok. Acho que você tem que se preparar para a chegada dele.

— Assinto, sabendo que eu tenho que fazer isso mesmo.

Eu e o Otto dividindo o mesmo apartamento mais uma vez. Vinte e quatro horas por dia. Isso não vai me fazer bem, definitivamente não vai me fazer bem.

Depois que Vera desliga, ligo para Sophia, ela me atende um pouco sonolenta.

— Você sabia que o Otto estava vindo passar a quarentena em meu apartamento?

— Oi, Sophia, tudo bem com você?

— Sophia...

— Sim, eu sabia, e não estou nem aí para o que você acha. Agi pelas suas costas, agi mesmo, mas vocês têm que voltar a se entender.

— Eu e ele já nos entendemos.

— Sim, é claro, bom dia, boa noite. A interação de vocês é ótima.

— Por que ele aceitou a proposta de Vera?

— Ele quer fazer as pazes com você de uma vez.

— Nós não brigamos, apenas terminamos. — Lembro a ela.

— O que dá no mesmo. Você mal olha na cara dele.

— É complicado.

— Por quê? Vera já aceitou.

— Ela aceitou tarde demais. O nosso relacionamento já estava quebrado.

— Mas dava para ter consertado, mas nenhum dos dois tentaram.

É verdade, nenhum de nós dois tentamos depois que recebemos a aprovação de Vera, ficamos cada um, no seu canto, apesar de ter morrido de saudade dele esse tempo todo. Foram tempos difíceis, que eu superei, e agora ele está retornando para mexer novamente com os meus sentimentos.



Depois de preparar o almoço, sento-me no sofá, com os pés sobre ele, os braços abraçando as pernas, e o queixo sobre o joelho, estou há mais de uma hora encarando a porta, sabendo que a qualquer momento Otto vai entrar por ela.

O interfone toca.

Checo a hora, já passou das 13h00, sei que é o Otto, desde que começou a pandemia ninguém mais tocou o meu interfone. Tiro o aparelho do gancho, com mãos trêmulas.

— Otto? — Sou a primeira a falar.

— Sim.

— Já vou abrir. Você sabe como chegar ao meu apartamento?

— Sim. Eu sei. — Otto responde, e eu coloco o aparelho de volta no gancho.

Ansiosa, esfrego minhas mãos. Não espero ele chegar, já deixo a porta aberta. Quando ele aponta no corredor meu coração bate forte em meu peito, uma sensação que há muito tempo eu não sentia invade o meu ser, tenho as pernas bambas, e um friozinho no estômago, tento lembrar a

mim mesma que é apenas o Otto que está chegando, mas falho miseravelmente.

Vamos dividir o apartamento. Somente eu e ele. Isso é loucura.

Não sei qual o próximo passo que eu devo dar, se eu o abraço, se eu sorrio, opto por ficar apenas com o sorriso.

Otto o retribui, sei que sim, apesar dele estar usando máscara, pois, seus olhos se enrugaram no canto. Ele leva a mão ao pescoço, massageando. Seu rosto tem um leve rubor, como se de repente tivesse ficado tímido com a minha presença. Ele traz consigo apenas uma mochila, pendurada em seu ombro por uma alça só. Deixo-o passar, que corre os olhos rapidamente pela sala.

— Preciso tirar essa roupa de viagem e tomar um banho. Regras da dona Vera. — Ele diz, seriamente.

— Você vai ficar com o quarto do lado direito do corredor. — Otto assente, e segue para lá, e eu solto um longo suspiro.

Enquanto Otto toma banho, arrumo a mesa do almoço, que esteve um tanto solitária até ontem.

Os minutos vão passando, até que se transformam em horas, Otto ainda não deixou o quarto. Ele não pode estar me evitando. Ele aceitou vir. Tento me agarrar a isso, então sigo até a porta do quarto dele, fecho a mão em punho e dou duas batidas nela, quando me preparo para a terceira, ele abre a porta. Tem o cabelo molhado e desarrumado, veste uma camisa preta e bermuda, está cheirando a sabonete cítrico.

— Estou te esperando para almoçar e você não apareceu.

— Eu já tinha almoçado em um restaurante no aeroporto. — Não consigo fingir satisfação com o que Otto diz, e ele percebe.

— Eu preparei um almoço para você as pressas e você almoça fora? — Zangada, sorrio sem nenhum humor.

— Tudo bem, se for para não te tirar do sério eu posso almoçar de novo. — Cruzo os braços e bato o pé freneticamente no chão, Otto acompanha o meu movimento com o olhar.

— Você não almoçou no aeroporto. — Concluo. — Está me evitando.

— E, por que eu faria isso? — Pergunta Otto, dando um passo à frente, ele segura em meus braços, descruzando-os, surpresa com o toque dele, dou um passo para trás. — Desculpe, eu não deveria...

— Eu só estranhei. Vamos almoçar.

Otto tem o olhar indecifrável do outro lado da mesa. Sua face está tão séria, que me pergunto se há algo de errado com as almôndegas e o macarrão que eu fiz.

— Sophia disse que o Pablo está surtando. — Digo, querendo quebrar o clima estranho.

— O setor de turismo foi um dos grandes prejudicados pela pandemia, não sei se vamos conseguir continuar funcionando, mas não quero ficar me preocupando com antecipação. E você, soube que começou um novo emprego e que está na faculdade?

— Não sei se vou continuar com o emprego quando as lojas reabrirem, mas a faculdade quero continuar.

— Mamãe disse que você pretende abrir uma ONG para crianças carentes.

— Ainda estou juntando verba para isso acontecer.

— Posso ser voluntário na sua ONG, acredito que até o seu projeto se tornar palpável, eu já terei passado por todos os processos para ser um médico. — Meu coração se aquece com a proposta de Otto, de repente o vejo como o Otto que eu conheci, e relaxo em sua presença.

— Pensei que você fosse exercer sua profissão no Rio.

— Não. Pretendo exercê-la aqui.

— Você é adorável, Otto. — Digo.

— Pensei que nunca mais escutaria um elogio seu. — Ele diz, deixando um sorriso despontar.

— Quando envolve crianças carentes e você estiver disposto a ajudar, sempre vou te elogiar.

Os primeiros dias de Otto no apartamento foram arredios, tínhamos que nos acostumar um com o outro novamente, e isso parece que vai ser um processo lento.

Dividimos a tarefa do apartamento, mas não poderíamos dividir de quem seria a vez de usar a sala. No quinto dia dele, no apartamento, dirigi-me até a sala, louca para assistir um filme no Telecine, que ainda não tinha sido lançado em nenhuma plataforma de Streaming que eu tinha assinatura, mas Otto já estava lá. Penso em dar meia-volta e retornar para o quarto, frustrada, mas assim que giro meu corpo, Otto me chama, viro-me para ele, que tem a cabeça pendida para o lado.

— Está fugindo de mim? — Pergunta ele, com a expressão do rosto suave.

— Não tenho motivos para isso. — Ele dá duas batidinhas no sofá, insinuando que eu me sente ao lado dele. Para provar que eu não estou fazendo isso, sento-me, mas mantenho alguns centímetros de distância.

— Por que estava retornando para o quarto?

— Porque eu vi que você já está usando a televisão. — Otto pega o controle no braço do sofá e o estende para mim.

— Não vamos brigar por coisas mínimas. — Não peguei o controle.

— Eu não iria brigar com você por causa disso. E de qualquer forma, você já está assistindo, não quero te atrapalhar. — Coloco-me de pé, mas sou pega desprevenida por Otto, que segura minha cintura, gira meu corpo, e me traz para o colo dele, coloco minhas mãos em seu ombro largo. — O que você está fazendo? — Pergunto, chocada com tamanha aproximação, nossos rostos estão a centímetros um do outro, nossas bocas estão tão próximas uma da outra, que penso que é isso que ele queria o tempo todo, uma maneira de me agarrar de surpresa, deixando-me sem reação, e provar o quanto seu toque ainda mexe comigo.

— Essa forma que você me olha ainda é tão familiar. — Ele diz, antes de deslizar suas mãos pelas minhas costas, para depois alcançar o

meu pescoço e inclinar sua cabeça para baixo, só para sentir o meu cheiro, que é o mesmo perfume que eu usava quando eu estava com ele, e que eu sei que ele adora.

— Não sei, do que você está falando.

— Você sabe sim. — Ele sussurra e deixa um beijo em meu pescoço, meus pelos se arrepiam. — Tentei te esquecer, mas falhei miseravelmente. — Ele confessa.

— Sei disso, você não conseguiu ir adiante com uma tal de Beatriz, soube que ela nunca mais falou com você.

— A língua de Sophia ainda vai me matar. — Otto brinca e acaricia a minha face com o dedo polegar.

— Por que você está aqui, Otto? — Seguro nas mãos dele, parando suas carícias, coloco-as sobre meu colo.

— Você sabe o porquê.

— Não, não sei, e preciso que você seja sincero comigo.

— Usei a quarentena como desculpa para ter a oportunidade de dar em cima de você. — Ele sorri de um jeito provocante, não resisto e sorrio também.

— Fui muito infeliz em terminar com você. Eu deveria ter lutado mais.

— Deveria, mas superei essa fase. Você só agiu com o coração. E naquele momento ele pediu que você ficasse ao lado da minha mãe, não compreendi no início, mas agora sei que o que você fez foi certo. E esses meses afastados só serviram para provar quem eu quero ter ao meu lado pelo resto da minha vida. Não quero outra, apenas você.

— Otto, não estou preparada para esse tipo de declaração. — Digo, com lágrimas nos olhos. Escondo meu rosto no ombro dele, que me abraça. — Foi um tempo difícil, sofri muito, mas a dor se amenizou, mas isso não quer dizer que eu me esqueci de você, de tudo o que a gente viveu. Só quero que você saiba que pensei em várias vezes em ir até o Rio te encontrar.

— Eu sei.

— Você sabe? — Pergunto, deixando o ombro dele para encará-lo.

— Sophia disse que você até chegou a comprar a passagem uma vez.

— Sophia, sempre a Sophia.

— Ei! — Otto segura em minha face com às duas mãos. — Eu fiquei te esperando, por que você não apareceu? — Olho-o, com olhos enigmáticos.

— Você ficou me esperando mesmo? — Otto assente. — Eu não tive coragem de ir. Pensei que você não iria me receber. Já fazia um tempinho.

— Eu ainda estava te esperando quando mamãe me deu a oportunidade. Então eu pensei, é agora ou nunca, preciso tentar mais uma vez. Vamos recomeçar, Ceci? — Ele me pede.

— É o que eu mais quero desde que eu recebi aquele telefonema da sua mãe.

— Eu sei. Você nem sabia disfarçar. Só faltava me despir com o olhar. — Ele diz e me toma para um beijo cheio de sentimentos, me derreto em seus braços, onde sempre foi o meu lugar, e nunca deveria ter deixado.

— E agora o que iremos fazer?

— Por enquanto vamos viver intensamente, daqui a alguns meses, quero te esperar no altar.

Passei longos dezoito anos da minha vida procurando uma família, procurando um lar, foi uma procura que valeu a pena. Encontrei tudo o que eu esperava de uma mãe e um pouco mais, na tão compreensível e amável Vera. Mas eu ainda não estava completa, não sabia disso até acabar me apaixonando pelo filho dela, e embora naquela época eu pensasse que o meu amor por ele era mais forte e maior do que eu sentia por ela, eu precisei viver tudo o que eu vivi para compreender que era apenas amores diferentes, eu encontrei a mãe que eu sonhei, mas existe

um momento que o filho precisa deixar a casa da mãe e caminhar por si só, construir o seu próprio lar, ou encontrá-lo, e é no amor de Otto que encontrei finalmente o meu lar.

Capítulo 44

Otto

Talvez a máscara em meu rosto não mostre o meu nervosismo, diante de toda aquela situação que estava prestes a se formar, é com esse pensamento que desço do Uber em frente ao apartamento de Cecília.

Quanto tempo não nos víamos mesmo? Há alguns meses. E eu aproveitei esses meses para tentar esquecê-la, mas quando eu achava que finalmente tinha conseguido, algo me fazia lembrar dela, ou alguém fazia isso por mim, e não estava mais sendo diferente com a minha mãe, que insistiu muito que eu voltasse para São Paulo e passasse a quarentena aqui, já que as faculdades estão sem aulas.

Optei em ficar no Rio nos primeiros dias, mas mamãe é insistente quando quer algo, e naquele momento ela queria muito que eu me acertasse com Cecília, era como se ela ainda estivesse com a consciência pesada sobre o nosso rompimento, e quando eu finalmente disse sim, o tom de sua voz mudou, era como se eu tivesse tirado um fardo de suas costas, e parece que eu também tinha tirado do meu, finalmente estava disposto a me acertar com Cecília, dessa vez sem nenhuma mágoa ou rancor.

Subo a escada sem ânimo nenhum, depois de apertar o interfone e escutar a voz dela, tenho medo da recepção de Cecília, principalmente porque sei que Sophia contou a ela sobre Beatriz. Então provavelmente não estou com a moral em alta, apesar que foi ela quem terminou comigo.

Acerto a máscara no nariz e continuo subindo, estive nesse apartamento apenas uma vez, mas ainda sei como chegar até ele.

Olho adiante e vejo uma porta aberta, alguém me espera, é a Cecília. Meu coração dá um pulo, e me surpreendo com essa sensação depois de ter se passado tanto tempo, mas é isso que ela faz comigo desde que eu a vi pela primeira vez, mexe com o meu coração, com os meus sentimentos, e olhando para ela me esperando, algo se acende dentro de mim, tenho plena certeza que vamos nos acertar.



Daqui a alguns meses te espero no altar, lembro de ter dito a Cecília logo depois da nossa reconciliação, mas eu não imaginava que alguns meses depois eu realmente estaria no altar a sua espera.

O cerimonial estaria lotado se não fosse a pandemia, tanto da minha parte quanto da Cecília, principalmente da Cecília, já que um dos sonhos dela era trazer todas às crianças do orfanato para assistir ao nosso casamento. Mas Sophia cuidou para que esse sonho se tornasse realidade, com os equipamentos certos, e uma boa câmera em mãos ela está fazendo uma verdadeira *live* do nosso casamento para todos do orfanato.

E quem diria que eu veria a diretora Giselda derramando litros de lágrimas enquanto o pastor realizava a cerimônia.

Tia Luciana estava o tempo todo com a cara fechada, sei que, no fundo, ela ainda não concordava com o meu relacionamento com Cecília, mas quando viu a mulher que ela acompanhou durante praticamente toda a vida, vestida com um dos mais elegantes vestidos de noivas seu sorriso se alargou, confesso que o meu também.

Sem cumprir às tradições, mamãe a entrega para mim no altar, sob os olhares atentos dos poucos convidados, que são apenas Pablo, Sophia, seu pai e a sua mãe, que já deu seu palpite sobre a decoração simples do casamento, algo bem formal para alguém que gosta de ostentar a riqueza que tem, deveria ter mandado ela guardar a opinião para si, já que nada aqui foi feito com o dinheiro dela. E além do mais, estávamos aqui apenas para realizar uma comemoração íntima pela minha união com Cecília, não poderíamos fazer algo grandioso enquanto o mundo está em colapso.

Trocamos nossos votos no altar improvisado no cerimonial. Sophia entrega o celular na mão de Pablo, e ela tira outro de dentro de sua bolsinha de mão que estava sobre a mesa. Não permite que descemos do altar, e começa a disparar seus *flashes* sobre nós, apesar de ter um fotógrafo profissional para fazer isso.

Vou ao encontro do pai de Sophia para cumprimentá-lo, o homem de meia-idade bebe seu *whisky*, sentado solitário em uma das mesas. Ele sempre foi um homem reservado, o que me faz sempre questionar, o que fez com que a união dele e de Franciele desse certo.

Observo de soslaio, Cecília conversando com minha mãe e Franciele, ainda não me acostumei com sua beleza, e como hoje ela está ainda mais radiante está difícil tirar meus olhos dela, que vêm ao encontro

do meu, assim que percebe meu olhar intenso sobre ela, mas de um jeito bom, muito bom.

Acompanho Cecília até uma sala, ela trocará o vestido de noiva por outro, e assim nos reuniremos para jantarmos. Levo minhas mãos as suas costas, guiando-a.

Seu sorriso largo e gentil se sobressai diante de todas às joias com brilhantes que ela está usando.

Há dois vestidos estendidos sobre duas cadeiras, um dourado e um rosa-clarinho. Sei que o dourado deixará a mulher à minha frente ainda mais radiante, e o rosa destacará ainda mais seu lado delicado.

— Esse ou aquele? — Pergunta Cecília, com os dois vestidos em mãos.

— Por mim você continua do jeito que está. Quero guardar ainda mais lembranças de você vestida assim. — Digo e a tomo para um beijo apaixonado.

— Certo, mas acho que vou sentir um certo incômodo em me sentar à mesa vestida assim. — Então a viro de costas, abrindo o primeiro botão.

— Quer ajuda? — Pergunto, à minha esposa Cecília Cavalcante.

— Sim, senhor. — Ela responde, com um sorriso despontando no rosto.

Enquanto seguimos pelo corredor tenho uma sugestão para Cecília, antecipar a nossa lua de mel.

— Não podemos deixar todo mundo na mão. Temos que ser cordiais com todos.

— Até com a Franciele? — Brinco.

— Até com ela. — Cecília dá um *tapinha* em minha barriga e gargalha.

— Ai estão vocês! — Diz Sophia, apontando para nós dois. Pela sua voz mole, tenho certeza que ela já bebeu algumas doses. — Vocês sumiram.

— Eu estava trocando de roupa. — Cecília responde.

— Mas com a ajuda do Otto? *Ah*, deixa para lá. Você está arrasando, minha amiga, aliás, vocês dois estão. Otto, você está lindo nesse terninho, quem diria que um azul-marinho iria cair tão bem em você. — Sophia se aproxima, ajeitando a minha gravata, seu hálito só confirma às minhas suspeitas, ela realmente bebeu.

— Sophia, não era melhor você ter começado a beber depois. — Diz Cecília, já conhecendo muito bem a Sophia bêbada.

— Por quê? Você não está pensando que estou bêbada, está? Aliás, eu só queria dizer para você, Otto, que você não poderia ter escolhido um lugar mais romântico para passar a lua de mel com a Cecília. Você vai amar a Holanda, Ceci. — Sophia diz, pegando na mão da amiga.

— Países Baixos. — Corrijo-a. — É assim que a Holanda se chama agora.

— Não importa. Só sei que aquele país de flores é lindo. Você vai se encantar.

— Só as fotos daquele país, já me tiram o fôlego, não sei como vai ser quando eu estiver lá.

— Vai ser lindo. E não vim aqui somente para dizer isso. Eu torci muito para vocês.

— Você sempre deixou isso bem claro. — Cecília responde, tomando Sophia para um abraço. — Obrigada por tudo o que você fez pelas minhas costas. Você foi muito importante para o nosso pra sempre.

— Olha, achei que ela nunca fosse reconhecer! — Sophia brinca. — Otto, você é o meu grande irmão e você já deve estar cansado de saber disso...

— Sophia, isso não é uma despedida.

— Eu sei, mas preciso dizer. Você é um irmão para mim, mas Cecília me conquistou, e vou estar sempre do lado dela, então não faça nenhuma besteira. Trate-a como você gostaria de ser tratado, jamais ao contrário. Sempre tenha em mente esse amor do início, nunca deixe que ele esfrie, e que conforme o tempo vai passando não a trate com indiferença, como se ela não fosse mais aquela Cecília de antes, aquela Cecília que você tanto lutou para ficar junto, ou não, acho que eu fiz mais do que vocês dois para que esse relacionamento desse certo. Enfim trate-a sempre com amor, paixão e respeito, principalmente respeito. Isso vale para você também, Cecília.

— Quem vê você dizendo essas coisas, até acredita que você leva esses conselhos para sua vida amorosa. — Cecília diz, com olhos brincalhões.

— Falando em vida amorosa, vocês viram como o fotógrafo é bonito? — Diz Sophia, inclinando-se para Cecília.

— O Pablo não tira os olhos de você e você está dando bola para o fotógrafo? — Comento.

— Já disse, não misturo namoro e amizade.

— E quem está falando de namoro? Estou falando de dar uma chance a ele. Pablo já conhece todas as suas faces...

— O que você está querendo dizer? Que o fotógrafo gato vai cair fora assim que ver o meu lado ruim? — Há um tom de hostilidade na pergunta de Sophia.

— Você tem medo de se apaixonar pelo Pablo. — Concluo.

— Não, eu tenho medo de estragar uma bela amizade.

— Sophia, você se intrometeu tanto no meu relacionamento com o Otto, que agora eu te peço, dá uma chance ao Pablo. — Cecília pede, como uma súplica.

Sophia reflete a respeito, que um silêncio se faz entre nós.

— Vocês querem que eu vá lá falar com ele, tipo agora? — Assentimos em uníssonos. — Ok, vou tentar. — Sophia respira fundo, gira seu corpo e segue marchando em direção ao Pablo, que está conversando com o pai dela, observo-a puxar pela mão, levando-o para um lugar mais reservado.

Demos mais um passo e mamãe vem ao nosso encontro. Ela deixou o seu namorado na companhia de Franciele.

— Eu nunca pensei que eu diria isso, que dia maravilhoso! — Mamãe diz, com um sorriso encantador. — Estou tão feliz por vocês dois. Que bom que está tudo certo agora. — Ela diz, com lágrimas nos olhos. Coloca uma mão em minha face e outra na da Cecília. — É errado eu dizer meus filhos depois de vocês estarem casados? — Ela pergunta, olhando diretamente para Cecília.

— De forma alguma. A senhora sabe que é uma honra eu ser chamada de filha pela senhora. E é assim que eu espero que continue sendo por longos anos.

— Eu nunca pensei que estar feliz, fosse me fazer chorar tanto. — Mamãe chorou muito durante a cerimônia, que por um momento pensei se ela realmente estava feliz com o nosso casamento, ou se já tinha se

arrependido em ter o apoiado — Espero tanto que a união de vocês dê certo e que vocês envelheçam juntos e que nunca se tornem inimigos um, do outro.

— Já está dando certo, mãe. Vou fazer a Cecília ainda mais feliz.

— E eu o seu filho. — Cecília diz, com um singelo sorriso.

— Amo vocês! E não há preço que pague a felicidade de um filho. Espero que vocês realizem todos os sonhos de vocês.

Mamãe pega as nossas mãos e as unem, deixando-nos logo em seguida.

Puxo Cecília para mim, ela fecha os olhos, e abre a boca para receber a minha, e prometo em silêncio um amor eterno e cheio de cumplicidade para o belo futuro que está a nossa espera.

Epílogo

Cecília

12 anos depois

Nas férias de janeiro a ONG Coração Nobre sempre está mais cheia, esse é o mês onde os pais não têm com quem deixar seus filhos, já que eles estão em período de férias escolares. A ONG é um lugar que apoia e ajuda crianças carentes. E pensar que estamos funcionando apenas há cinco anos e que milhares de pessoas já passaram por aqui, é um sonho realizado.

No começo do meu sonho, eu só imaginava esse lugar como algo impossível, assim como um planeta distante e inabitável. Vera me apoiou a todo momento, desde que eu expliquei a minha ideia para ela, Otto também me ajudou, e eu pude contar com a ajuda de Sophia também, que já tinha se tornado uma das maiores *influencers* digital do nosso país.

Com seus milhões de seguidores ela criou uma vaquinha online que conseguiu pagar o valor do terreno. Com o dinheiro que eu juntei trabalhando, já que eu não precisava dele, Vera me dava uma grande quantia mensalmente, consegui adiantar um pouco da obra, e quando o dinheiro acabou, Vera e Otto entraram com o dinheiro deles. Então eu posso dizer que a ONG é de todos nós, mas principalmente das crianças, elas são as mais importantes em todo esse projeto.

Aqui temos diversos profissionais envolvidos, desde professores até médicos, a maioria, voluntários. Trabalhamos na área da educação, esportes, e recebemos famílias que estão sem um lar para morar, devido algum acontecimento trágico, muitas delas fugindo da violência doméstica, elas ficam nos dormitórios no fundo da ONG por um período até se estabilizarem.

Hoje é terça-feira, o dia que Otto fecha seu consultório para fazer consultas gratuitas para as crianças carentes. Ele se especializou em pediatria, e disse que uma boa parte foi por influência minha, na verdade, trinta por cento, e os outros setenta por cento, ele garante que foi por vontade própria.

Deixo a quadra de esporte onde todas às crianças que são cadastradas no projeto estão jogando uma partida de vôlei. Antes que eu saia a bola vêm em minha direção, sou rápida o bastante para pegá-la, antes que ela atinja a minha cabeça.

— Obrigada, tia Cecília! — Pedro diz, uma das crianças com um passado de abusos, e que já está conosco, há mais de um ano.

Sigo meu trajeto, e encontro com Luciana — há onze anos não a chamo mais de tia Luciana depois de várias vezes ela me pedir isso. Ela está com conosco desde o início. Seu marido fora morto na prisão, e disposta a esquecer aquele seu passado trágico, decidiu deixar o Espírito Santo e vir para São Paulo à procura de um recomeço. E eu não

poderia deixá-la na mão, depois de tudo o que ela fez por mim no orfanato. Dei um emprego a ela na ONG, nem todos os funcionários são voluntários, precisamos de pessoas fixas para trabalhar e Luciana é uma delas. Ela ajeita seus óculos na ponte do nariz, e me olha com um olhar pesaroso.

— Bianca está causando problemas de novo.

— Vou falar com ela. — Afirmo.

Bianca era uma das crianças do orfanato, Coração Nobre, na segunda vez que eu fiz uma visita a eles depois que sai de lá, Otto e eu tomamos a decisão de adotá-la, mas acho que eu não estava preparada para se mãe, ou talvez às adversidades da vida seja a razão dela ter ficado tão rebelde.

— Bianca! — Chamo-a, ela está sentada no parapeito da janela de uma das salas, tem um dos pés na cadeira, e usa fones de ouvidos, ela encara o lado de fora. — Bianca! — Chamo-a de novo, mas não me escuta, então me aproximo, tirando seu fone. Ela me olha um tanto assustada.

— Você me assustou.

— Você puxou o cabelo da Andressa? — Pergunto, cruzando os braços rente ao peito.

— Ela me irritou.

— E toda vez que alguém te irritar você vai puxar o cabelo dessa pessoa?

— Ela disse que eu me acho porque sou sua filha, mas que, no fundo, todos sabem que você não é a minha mãe de verdade.

— Andressa tem inveja de você. — É a única coisa que eu tenho a dizer, e odeio quando falo assim de um adolescente, mas não

consigo lidar com os conflitos de Bianca, que um dia também foram os meus, ela tem curiosidade de saber quem são seus pais verdadeiros, e quando alguém lhe diz que eu e o Otto não somos realmente os pais dela, isso a irrita, criando uma ira interior ainda maior.

— Ai estão vocês! — Diz Vera, entrando à sala, com um enorme sorriso no rosto.

— Vovó! — Bianca deixa o parapeito, indo de encontro a Vera para um abraço caloroso. Seu semblante carregado se transforma em alegre assim que ela vê Vera, é sempre assim, e às vezes fico me perguntando se o interesse dela era ter sido adotada por ela também. Então me lembro que foi Bianca quem demonstrou interesse em ter Otto como seu pai nas duas vezes que ele foi no orfanato.

— Algum problema, Cecília? — Vera pergunta, assim que me vê um pouco tristonha.

— Bianca bateu na Andressa de novo. — Respondo.

— Você não deveria ter falado. — Bianca fecha a cara novamente.

— Temos que sentar e conversar, entrar em um consenso, eu, você, Bianca e Andressa. — Vera diz.

— Eu não quero conversar com ela.

— Você vai, e vai ter que ser agora, e tem que ser rápido, pois, só me resta uma hora e meia de almoço.

A conversa foi na minha sala, ela foi toda conduzida por Vera, e sei que não poderia ser diferente, ela sabe lidar com Bianca, há coisas que não devem ser ditas e também coisas que não se deve fazer, Andressa e Bianca aprenderam isso hoje, e espero sinceramente que essa conversa não acabe nesta sala.



O sol está se pondo lá fora, jogo-me na cadeira e me espreguiço, pensando o quanto esse dia foi longo e proveitoso. Daqui a duas horas fecharemos a porta da ONG e aproveitarei as horas que me resta do dia para descansar. Há um apartamento em cima da ONG, optamos por fazê-lo em cima porque caso alguma família bata em nossa porta procurando ajuda, não teríamos que nos deslocar de outro lugar para chegar aqui, porque sempre quando alguém bate em nossa porta com ela já estando fechada, a história que eles têm para contar nunca é bonita.

Já vi muitos casos de cortar o coração, e sei que infelizmente ainda verei mais, mas o que me conforta é saber que eu tenho o apoio da minha família para seguir em frente.

— Mãe! — Bianca me chama, às vezes ela usa a palavra mãe, mas na maioria das vezes ela me chama de Cecília, nos conhecemos assim, então é um pouco complicado para ela usar essa palavra sagrada, já com o Otto ela tem mais facilidade de chamá-lo de pai. Ela enfia a cabeça pela porta entreaberta. — Já vou subir.

— Assim que eu fechar te encontro lá em cima.

— A Andressa não é tão ruim assim. — Ela diz, e um certo alívio cresce em meu peito, uma parte dessa reação de Bianca, sei que é o efeito, Vera.

— Eu já lhe disse, você tem que abrir espaço para conhecer as pessoas.

— Mas ela não facilitava.

— Sei disso, querida.

Verifico todas as portas da ONG, está tudo trancado, Luciana já foi dormir em seu quarto, assim como às outras duas funcionárias. Arrasto-me pelo corredor e me deparo com Otto, sentado no topo da escada, ele tem os olhos fechados, parece estar dormindo. Ele está cansado, começou o atendimento às 07h00 e só parou agora no final da tarde.

— Otto! — Chamo-o, tocando em seu ombro. Ele parece atordoado, esfrega os olhos, sonolento.

— Acho que peguei no sono. — Ele diz, se espreguiçando. — O dia hoje foi cheio, mas de um jeito bom. Nunca pensei que pudéssemos ir tão longe.

— Confesso que no início eu também pensava assim.

— Eu sei disso, eu estava ao seu lado quando você entrava em desespero e pensava que nada iria dar certo.

— As pessoas não viam até a ONG. Eu precisava ver o projeto funcionando. — Recosto-me no ombro dele. — Sua mãe esteve aqui.

— Não a vi. Mas vou passar no hospital amanhã.

— Acho melhor irmos descansar. Amanhã o dia começa bem cedo para nós. — Digo a ele, como um lembrete.

Colocamo-nos de pé, seguindo para o andar do nosso apartamento.

— Bianca e Andressa se acertaram.

— Ah, finalmente. — Diz Otto, com uma cara de alívio, já que Bianca recorria a ele toda vez que ela e Andressa brigavam, e ele era obrigado a tomar um partido.

Abro a porta e entramos. Sinto um cheiro de peixe, frito. Bianca provavelmente deve estar preparando alguma coisa, o que me preocupa já que faz um tempinho que ela não nos recepciona assim. Ela ama cozinhar, e para alguém tão jovem cozinha muito bem, um dom que eu não ganhei de presente.

— Estou preparando o jantar! — Ela grita da cozinha.

— Vamos tomar banho e já nos unimos a você! — Otto diz.

— Acho que a aproximação com a Andressa fez realmente bem a ela.

— Sim, Bianca só quer ser amada, não gosta de ser rejeitada, não importa quem seja a pessoa.

— Eu a entendo, um dia eu fui assim, carente, até que, encontrei uma família muito especial. E ganhei um marido maravilhoso para construir uma família comigo.

— E você não acha que já está na hora de termos um membro a mais nessa família. — Otto me puxa pela cintura, guiando-me para dentro do nosso quarto.

— Sim, e eu estou pronta para essa conversa.

Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer a Deus que nunca me deixa faltar inspiração para escrever, obrigada por esse dom maravilhoso que é criar histórias. E um muito obrigado aos meus leitores queridos, vocês fazem parte desse sonho que é continuar escrevendo. E o meu muito obrigada a revisora Patrícia Suellen, espero realmente continuar minha parceria com você.

Bjs e até a próxima!

Redes sociais:

Siga a autora no Instagram para mais novidades:

Instagram: tinna938

Outras obras da autora:

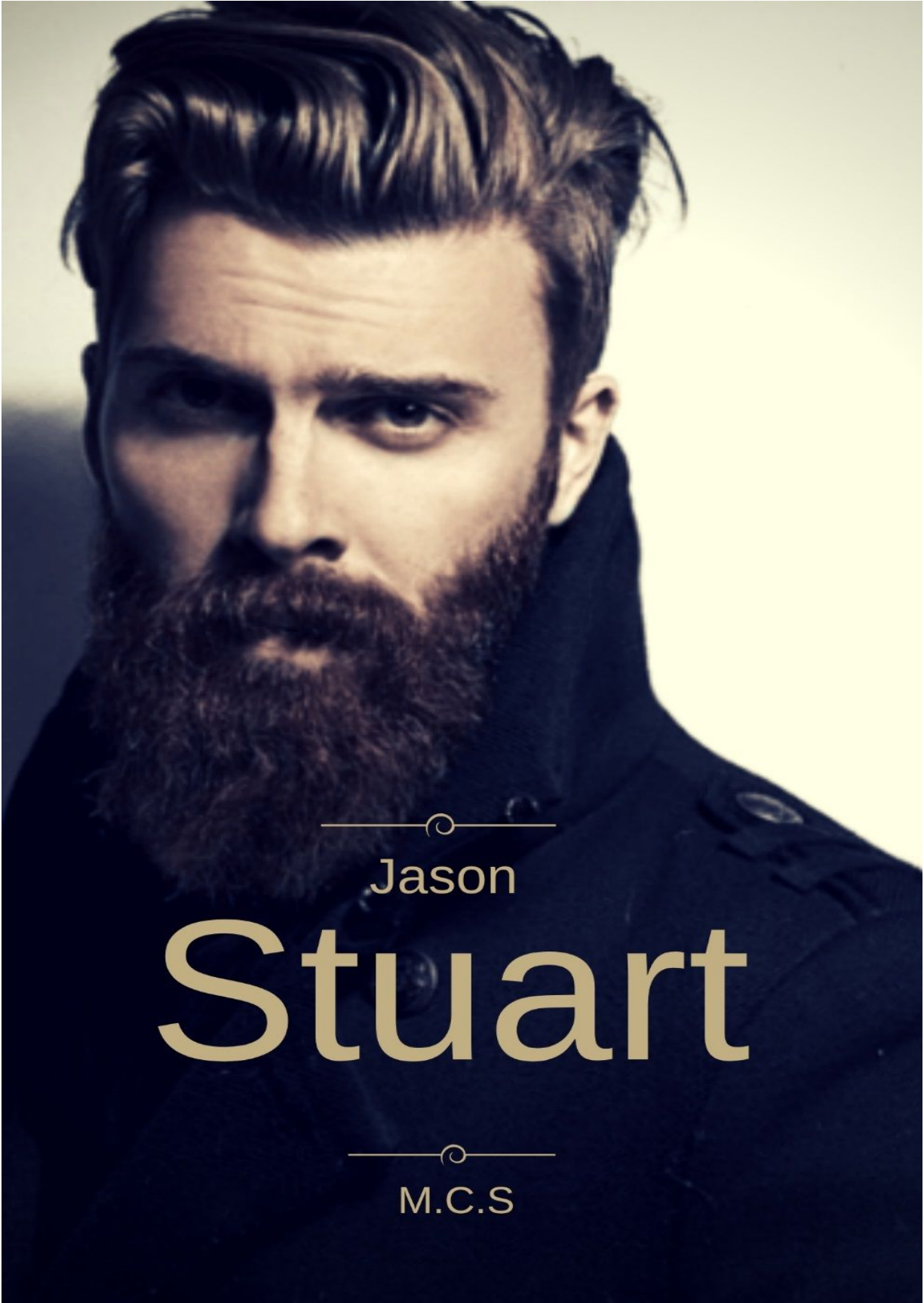
A woman in a light-colored lace dress stands in a field of pink cherry blossoms. The background is a soft-focus field of pink blossoms. A large white circle is centered over the image, containing the title text. A gold banner is at the top, and a black banner is part of the title design.

M.C.S

TUDO O

AMOR QUE EU

PERDI



Jason

Stuart

M.C.S



♥ O despertar ♥
da Bela
M.C.S



**Garotos
bonitos não se
apaixenam por
garotas feias**

M . C . S